O RECREIO, JORNAL DAS FAMILIAS



O RECREIO,

JORNAL DAS FAMILIAS.

ANNO DE 1842.



LISBOA
NA IMPRENSA NACIONAL.

1842.

Janeiro. 1842.



O RECREIO.

JORNAL DAS FAMILIAS.

Heroinas Portuguezas.



SENDO Capitão de Alcacer, em Africa, D. Duarte de Menezes, mandou vir de Portugal a sua mulher a Senhora D. Isabel de Castro; e chegando ella a tempo em que aquella Praça estava cercada por ElRei de Fez, com duzentos mil homens, tão pouco a intimidou um tal apparato bellico, que sem fazer caso delle, logo que vio a seu marido, lhe deo signal de que era vinda. Veio-a elle buscar com igual animo, e as primeiras palavras que ouvio de sua esposa, forão estas: *Folgo muito de vir em tão boa occasião para vos ajudar*. Apenas disse isto, entrou na Praça, e começou logo a conduzir pedra, cal, agua, &c. E quando havia alguma suspensão de armas, voltava-se a tratar dos feridos, ministrando-lhes os refrescos de que necessitavão. Moveo tanto este exemplo ás mulheres da terra, que determinando-se a imita-lo, forão grande parte com a sua diligencia, para que a Praça se defendesse com todo o vigor, retirando-se os inimigos tão confusos como envergonhados.

*

Na Villa de Aveiro, estando vivendo com uma sua irmã certa moça, aquella a tratava com tal descomedimento, que não podendo já aturar as insolencias, em uma noite secretamente se ausentou de casa, vestida em trajes de homem. Logo com algum dinheiro que pôde haver embarcou para Marzagão. Alli assentou praça de Soldado, com o nome de Antonio Rodrigues; e portou-se tão dextra nas armas, tão destemida nos assaltos, e nas resistencias tão animosa, que dentro de um anno subio a posto mais eminente. Deste passou a outros maiores, até que passados cinco annos, em que obrou prodigios de valor, ella mesma se descobrio, e tomando o proprio traje de mulher, casou com um moço principal da terra. Passado algum tempo, veio a Lisboa, e apresentando a ElRei Filippe (que então possuia estes Reinos) os seus serviços, elle a despachou com muitas mercês, assim de honra, como de proveito; admirando-se aquelle Monarca, não

só do valor daquella mulher, como tambem da sua virtude.

*

Barbara Fernandes ostentou no cerco de Diu o maior valor, pois recebendo em seus braços a um filho morto, nem uma só lagrima derramou, mostrando a mesma, ou maior constancia com a noticia da morte de outro, que tambem morrêra no conflicto. E enterrando a ambos, disse para os circumstantes: Não resta mais que morrer a mãi; e dito isto tomou armas, e com ellas foi ajudar os combatentes, militando com tal distincção, que, a seu exemplo, os mesmos covardes obravão proezas singularissimas. Vendo a necessidade que havia de Soldados, formou um luzido esquadrão de mulheres, com as quaes fez acções tão illustres, que nellas poucos a imitárão, nenhum a excedeo.

*

Do primeiro cerco de Diu, passemos ao segundo. Este (que sustentou com valor digno da sua pessoa o famoso e esclarecido Capitão D. João Mascarenhas, no tempo do memoravel D. João de Castro, um dos maiores homens, que com grande credito seu, e igual gloria de Portugal, governou os Estados da India) foi certamente pelas circumstancias que se lhe juntárão muito mais formidavel que o primeiro. Por este motivo se formou uma grande Companhia de mulheres, para que unido um e outro esforço, masculino e feminino, pudesse mais fortemente resistir á furia dos inimigos. Entre aquellas ficárão em memoria os nomes de Garcia Rodrigues, Isabel Dias, Catharina Lopes, e Isabel Fernandes, governando a todas como Capitão Isabel Madeira. Estas, de tal sorte se houverão neste memoravel cerco, que não só acodião aos reparos dos muros e baluartes, senão que, ajudando aos mesmos Soldados, a ellas se deveo o não ser rendida aquella Fortaleza.

*

No referido cerco de Diu, deo uma mui distincta prova do seu valor Catharina Lopes. Foi o caso, que querendo ella rechaçar o orgulho de um combatente inimigo, que se tinha avançado aos muros, cahio delles abaixo juntamente com o Soldado. Quiz este fartar a sua ira, empregando todas as suas forças para supprimir as da valorosa Matrona. Esta porém, depondo a fraqueza natural, se revestio de um tão varonil espirito, que vindo com elle á lucta, o derrubou em terra, e não tendo arma alguma com que o ferir, se valeo das que o proprio furor lhe ministrava (porque como lá disse um Poeta: *Furor arma ministrat*. Virgil.) E assim mettendo-lhe os dedos nos olhos, lh'os arrancou; e depois soccorrida dos seus escapou á raiva dos inimigos, que já com mão alçada corrião a vingar o insulto commettido.

EDIFICIO DE MAFRA.

eo motivo a esta obra um voto que o Sr. Rei D. João V havia feito de edificar um Mosteiro aos Religiosos Capuchos da Provincia da Arrabida, em honra de Santo Antonio, se, pelos seus rogos, alcançasse a desejada successão que, havia mais de tres annos, se esperava depois do seu Augustissimo Consorcio. — Vio pois S. M. cumpridos os seus desejos, no dia 4 de Dezembro de 1711, com o nascimento da Princeza D. Maria Barbara, e successivamente em 19 de Outubro de 1712 com o do Principe D. Pedro, o qual, poucos dias depois de haver completado dois annos, voou á eternidade, deixando por successor na Corôa a seu Irmão o Principe D. José.— No dia 17 de Novembro de 1717 se lançou a primeira pedra, que foi benzida pelo Em.^{mo} e Rev.^{mo} Patriarcha, assistido de Dignidades e Conegos da Igreja Patriarchal; ceremonia esta que foi feita com admiravel magnificencia, e um dos actos mais publicos em que brilhou a piedade daquelle grande Monarca, porque não se satisfazendo em conformar-se com o que costumava praticar-se em similhantes occasiões, pegou n'um cesto com uma pedra dentro, a qual lançou no alicerce, fazendo outro tanto os Infantes D. Francisco e D. Antonio, cujo exemplo foi seguido pelos Grandes e Officiaes da Casa Real para sobre estes fundamentos se levantar aquelle maravilhoso templo. — Progredio a obra, e dentro em poucos annos se achou a Igreja em termos de se poder celebrar nella os Officios Divinos e o Mosteiro de ser habitado. — Sagrou a Igreja o mesmo Patriarcha, em 22 de Outubro de 1730, assistindo á sagração ElRei, a Familia Real, e a Côrte, e executando-se aquella funcção com pomposa magestade.

É esta Fabrica sumptuosa, não só pela sua Igreja, mas pelo magnifico Convento, em que habitavão mais de trezentos Religiosos, e pelo modo com que erão celebrados os Officios Divinos na Igreja, aonde tudo é magnifico no delicado e perfeição das finissimas pedras, bronzes, estatuas, ornamentos e o mais pertencente ao Culto Divino, sem que ElRei quizesse que se alterasse o Estatuto da Arrabida. — Finalmente tu-

do é magestoso, a grandeza dos sinos, a harmonia dos sons, que repetem nas horas agradavel consonancia, os jardins, fontes, officinas. Toda esta grande Fabrica do Convento e Igreja é cercada por um Palacio, que, unindo-se por uma e outra parte com o frontispicio da mesma Igreja, com dois soberbos pavilhões nos angulos, fórma a maior e mais bella frontaria, que se póde vêr, a que se seguem dilatados bosques; finalmente tudo nos está ainda mostrando a incomparavel grandeza de seu Fundador.

FATALIDADES DE HOMENS CELEBRES.

A morte prematura e desgraçada que tiverão muitos escriptores da antiguidade é summamente notavel. Menandro morreo affogado no Pireu; Euripides e Heraclito forão despedaçados por uma matilha de cães; Empédocles precipitou-se na cratera do Etna; Hesíodo acabou ás mãos de um assassino; Archîloco e Ibico forão mortos por um bando de salteadores; a celebre Sapho despenhou-se de uma rocha; Eschyles foi morto por uma tartaruga despedida das garras de uma ave de rapina; Anacreonte (ainda que não foi o unico no seu genero) levou-o uma tremenda embriaguez; Cratino e Terencio acabárão em um naufragio; Seneca foi condemnado á morte por um tyranno; Lucrecio falleceo em um frenesi de amor; Socrates e Demosthenes forão envenenados; Cicero morreo degolado.

Sobre a estatua equestre achada na Ilha do Corvo (1).

A molestia que mais estragos tem feito neste seculo é o prurido de escrever. Não ha ninguem que se não julgue com direito de fazer gemer os prelos; e muitas vezes com tal resultado, que mais serviço terião feito a si e ao publico estes pruriginosos escriptores, se nada tivessem dado á luz.

O Sr. Conde Vargas de Bedemar é um geólogo Dinamarquez, que se lembrou de fazer uma viagem scientifica aos Açores. Gastou por lá dois annos, e no fim delles veio a publico com uma obra de 14 paginas de extensão, na qual affirma que tudo quanto havia de maravilhoso e de obscuro na historia das ditas Ilhas ficou, ou removido, ou aclarado por meio das suas profundas observações. Daremos neste artigo uma amostra da profundidade do Sr. Conde.

É tradição immemorial entre os Portuguezes que logo que aquellas Ilhas se descobrírão, isto é, em 1431, se achou na do Corvo, apezar de deshabitada como as outras, uma estatua equestre de pedra, collocada sobre um rochedo, com um braço estendido, e apontando com o dedo na direcção da America: o Sr. Conde Vargas de Bedemar, porém, trata isto de historia da carochinha, sem outro motivo que o de não ter encontrado o minimo vestigio de tal estatua, nem quem della lhe desse noticia, na occasião da sua scientifica viagem áquella Ilha. Se S. Ex.ª, em lugar de andar pedindo aos cabreiros da Ilha do Corvo noticia daquelle monumento, se lembrasse de consultar qualquer pessoa mediocremente instruida na historia de Portugal, seria mais bem succedido, e não se exporia a ser tratado de superficialissima pessoa por qualquer leitor sensato, em cujas mãos vier a cahir a sua grande obra de quatorze paginas.

Differentes historiadores Portuguezes fallão daquella estatua, e a descrevem com muita miudeza e individuação; porém um, cujo testemunho póde valer por todos, é Damião de Goes, que escreveo a Chronica d'ElRei D. Manoel. Por elle se sabe que aquelle monumento representava um cavalleiro montado n'um cavallo em osso com a mão esquerda agarrada ás clinas, e com o braço direito estendido, tendo a mão do mesmo braço fechada e apontando com o dedo index para o noroeste. A estatua estava collocada sobre um rochedo em uma especie de taboleiro feito na rocha para que sobre elle pudesse assentar. ElRei D. Manoel, tendo noticia desta curiosidade, mandou de proposito um seu criado ao Corvo para lhe fazer o desenho da estatua que, por consequencia, ainda existia no seu tempo; e tendo-o visto, tornou a mandar á Ilha um homem natural do Porto, que tinha viajado longo tempo em França e em Italia, com ordem de tirar o monumento inteiro do sitio onde estava, e de o transportar para Portugal. O commissario, porém, deo pessima conta do recado que lhe fôra encommendado; porque tendo ído ao Corvo, voltou dizendo que achára a estatua quebrada, por ter cahido em consequencia de um grande tremor de terra que tinha havido na Ilha. Mas a verdade é, diz Damião de Goes, que foi elle quem por falta de habilidade a quebrou. Assim mesmo trouxe comsigo differentes pedaços della, como a cabeça, o braço com a mão direita, e uma perna do cavalleiro, a cabeça do cavallo, e parte das pernas, todos os quaes fragmentos o Chronista vio na guarda-roupa de El-

(1) Para corroborar o que neste artigo se avança, appellamos para outro lançado na *Revista Litteraria* de 30 de Novembro de 1838, N.º 10, pelo Author das Reflexões sobre o artigo *Fernão Mendes Pinto*.

Rei, de que seu irmão era Administrador, onde se conservárão muito tempo.

Tudo isto poderia ter sabido o Sr. Conde sem mais trabalho que o de consultar a Chronica de Damião de Goes, ou pessoa que a tivesse lido; porém achou que era mais commodo negar o facto, e attribuir tudo á superstição, ou mesmo estupidez dos Portuguezes, que vião neste facto mais uma prova de que muito antes da viagem de Colombo, já em Portugal havia noticia da existencia da America.

O motivo da viagem do nobre geólogo Dinamarquez aos Açores, tinha sido o desejo de encontrar neste archipélago alguma prova da existencia da antiga Atlantida; porém todo o proveito que tirou dos seus dois annos de peregrinação, foi o achado de algumas camadas de schisto argilloso primitivo na Ilha Graciosa; e esta mesma descoberta com tão infeliz resultado, que os mineralogistas a quem forão apresentadas as amostras do supposto mineral, recusárão reconhece-lo por tal.

E nada mais se contém na relação da viagem scientifica em quatorze paginas do Sr. Conde Vargas de Bedemar, que digno de mencionar-se seja. *[J. do C. — Communicado.]*

Decreto do Sr. Rey D. Manoel sobre se não pagar aos Moços Fidalgos sem certidão do Mestre da Grammatica.

Mayordomo Mor — Amigo avemos por bem que nehum moço fidalgo não seja apontado nem paga sua moradia salvo per certidão de Diegalveres Mestre da Gramatica notificamovolo asi e mandamovos que asi se cumpra salvo naquelles que nós especialmente vos apontarmos e declararmos escrita em Lisboa a 22 de Janeiro de 1500.

REY.

[P. da H. G. da C. R. P. Tomo II, pag. 381.]

A NOIVA E A LETRA DE CAMBIO.

Um negociante, que se tinha transportado de Inglaterra para uma das Ilhas da America, adquirio uma fortuna consideravel; porém julgou que não poderia ser venturoso se a não partilhasse com alguma mulher de merito; e como não achasse na dita Ilha pessoa alguma do seu agrado, resolveo-se a pedir uma mulher *exotica* a um dos seus correspondentes em Londres, homem de reconhecida probidade. Eis-aqui um extracto da sua carta, que nos parece assaz curioso. Depois de tratar de varios negocios, encommendava assim o artigo *Esposa*:

« Item. Estando resolvido a casar, e não achando aqui quem me convenha, sirva-se V. S.ª mandar-me, pela primeira occasião que houver, uma joven esposa com as qualidades e circumstancias seguintes: quanto ao dote, não exijo nenhum: deve pertencer a familia honesta, ter de 20 até 25 annos de idade, estatura mediana e proporcionada, gentil semblante, bom genio, reputação illibada, boa saude e compleição assaz robusta, para poder supportar a mudança de clima, e eu me não ver obrigado a procurar outra mulher, se esta me vier a faltar repentinamente, o que teria graves inconvenientes, attenta a grande distancia, os riscos maritimos e o custo do transporte. Se ella chegar bem acondicionada e acompanhada de letra, endossada por V. S.ª, obrigo-me a satisfazer a sobredita letra, e a desposar a portadora a 15 dias vista. Em fé do que assigno a presente, &c. »

O correspondente leo e tornou a ler este paragrafo singular, em que se tratava a futura esposa do mesmo modo que os fardos que tinha que expedir ao seu amigo. Admirou a prudente exacção e o estilo laconico do Americano, e cuidou em servi-lo conforme o seu gosto. Muitos dias andou em busca do desejado objecto; até que julgou te-lo achado na pessoa de uma donzella amavel, porém sem fortuna, que se não fez rogar. Acceitando pois a proposta, embarcou-se a gentil passageira, bem provida de attestados passados com todas as formalidades, e da letra endossada pelo correspondente: na factura ía comprehendida nestes termos:

« Item. Uma menina de 21 annos de idade, a qualidade, fórma e condição exigidas, como consta dos attestados que leva comsigo. »

Antes da sahida do navio, mandou o correspondente ao noivo uma carta de aviso, mencionando a preciosa mercadoria que comprára por sua conta e risco, a fim de que o Americano estivesse prevenido, quando a letra lhe fosse apresentada.

Tudo chegou a salvamento. O Americano, foi logo a bordo, e vio uma senhora muito amavel, que, ouvindo o seu nome, lhe disse: Senhor, sou portadora de uma letra sacada sobre V. S.ª, e espero que lhe faça honra. Apresentou-lhe ao mesmo tempo a letra do correspondente, no reverso da qual havia escripto: — *Pague á ordem de M.lle C...* — Senhora, disse o Americano, nunca deixei protestar as letras sobre mim sacadas, e por certo não ha de ser por esta que principiarei. Julgar-me-hei o mais venturoso dos homens se V. S.ª me permittir satisfaze-la. A esta primeira entrevista seguírão-se logo as nupcias; e este casamento foi um dos mais felizes da colonia.

REGRAS DE BEM VIVER.

Um Principe de Allemanha, que acaba de publicar um jornal da sua viagem a Inglaterra, nos informa que as tres maiores faltas de aceio aos olhos de um Inglez são: levar a faca á boca em lugar de garfo, pegar no assucar ou azeitonas com os dedos, e sobre tudo escarrar diante de gente. Sem duvida as faltas de aceio devem ser proscriptas em toda a parte onde houver civilisação; mas, ainda assim, algumas nações differem em varios pontos a este respeito; pois lemos que o Marechal de Richelieu reconhecêra um impostor, que queria passar por fidalgo, só pelo ter visto comer azeitonas com o garfo, e não com os dedos. O ridiculo do objecto é a importancia que na Inglaterra se dá a similhantes cousas, a ponto tal, que em uma cidade como Londres talvez se não possa achar um *escarrador;* porém taes trivialidades devem ser conhecidas de todos, para não soffrerem o vexame por sua ignorancia. Eis o que a este respeito diz certo escriptor, aconselhando um sujeito que se propunha viajar: «Em Napoles trata o povo com desprezo; em Roma com igualdade, e sê devoto; na Austria abstem-te de fallar em politica; em França não te mettas a fanfarrão; na Allemanha mostra-te taful; e em Inglaterra não escarres: com estas instrucções irás bem em toda a parte.»

EFFEITO DA DESESPERAÇÃO E VINGANÇA DE UM NEGRO.

Em um periodico dos Estados-Unidos se lê o seguinte: — Um proprietario de escravos de Withes ville (Harris county), chamado M. Sabdler, havia castigado successivamente a dois rapazes negros. Foi tal a ira que se apossou do pai daquelles infelizes, á vista do segundo castigo, que, agarrando n'uma machadinha, cortou, de um golpe, a cabeça de um de seus filhos: de outro, a do segundo; e depois lançando-se sobre seu amo, lhe partio o craneo com tal violencia, que immediatamente morreo. Depois deste triple crime, proprio da desesperação de um selvagem, quiz o negro evadir-se, mas foi preso, depois de varado com uma bala, e posto em uma prisão, aonde é tratado com todo o cuidado, a fim de que, depois de curado, possa soffrer a pena da lei.

BOTAS Á PROVA D'AGOA.

Os pescadores da Nova Inglaterra sabem tornar impermeavel o calçado pelo seguinte methodo, que elles conhecem, segundo se diz, ha mais de cem annos. Pôem a ferver meia canada de oleo de linhaça, obra de meia libra de cebo de carneiro, seis onças de cera branca, e quatro onças de resina. Este mixto dá-se nas botas e sapatos novos, ainda quente, mas não tanto que queime o couro. Estende-se bem com uma escova; e tem esta graxa a virtude de deixar o couro tão macio como dantes. Os pes-

cadores podem estar horas e horas mettidos n'agoa, sem que lhes chegue aos pés a menor humidade, em tendo calçadas botas assim preparadas.

[Do Jorn. do Com.]

Regras de proceder do Conde d'Atouguia, João Gonçalves de Athaide.

Gorra descoberta
Ganha vontades:
Bolsa aberta
Conquista cidades:
Amor não concerta
Com desigualdades.

RUAS E CALÇADAS.

Os passeios e lagedos constituem a belleza das Cidades de Inglaterra. Na parte chamada a Cidade, onde existe o centro do commercio, são as ruas geralmente estreitas, não muito direitas, e os passeios tão estreitos que alguns delles não tem mais de meia vara de largura. Abrírão-se ultimamente dez ou doze ruas mui espaçosas, e com particularidade a de Farringdon, cujos passeios são de mais de seis varas de largo. Para o lado do Oeste, ou Westminster, onde existe a parte mais extensa da Cidade de Londres, encontrão-se passeios magnificos, pelos quaes transitão milhares de individuos sem perigo de encontrões ou atropelamentos. A largura destas ruas varia muito: Pothland Place tem quasi quarenta varas; Regent Street, a mais soberba rua da Europa, conta umas trinta varas de largura e obra de um quarto de legua de cumprimento; Oxford Street tem meia legua de comprimento em linha recta, e vinte e cinco ou trinta varas de largura; as outras ruas contão ordinariamente vinte varas de largo.

Em París achão-se poucas ruas com passeios, falta que Bonaparte tencionava remediar, devendo-se a elle os que alli existem. As de Madrid são mui limpas e bem calçadas, porém os passeios mui estreitos e incommodos.

As ruas de Lisboa são em geral mui transitaveis; e ás da denominada Cidade Baixa, não se lhes exaggera o merito, chamando-lhes magnificas. Desde 1833, em que a Municipalidade electiva substituio o antigo Senado da Camara, tem a Capital recebido consideraveis melhoramentos, assim no que respeita aos edificios, como no tocante ás ruas e sua limpeza, de que n'outro tempo se não curava. As differentes Camaras Municipaes, eleitas desde aquella época, tem á porfia desenvolvido o mais desinteressado e louvavel zelo por tudo quanto póde concorrer para o aformoseamento do Municipio. As ruas achão-se calçadas de novo, e sem os pejamentos que outr'ora tornavão desagradavel, se não difficil, o transito: os passeios de lagea, até aqui só privativo das ruas da Cidade Baixa, encontrão-se hoje em muitas outras dos diversos bairros da Capital, com grande commodidade dos viandandantes. Lamentamos todavia que ao systema de arborisação a que a Municipalidade de Lisboa deo começo em 1834, que tanto concorreria para a purificação do ar, attracção dos miasmas e outras vantagens de salubridade publica, se não desse maior extensão. Esperamos, comtudo, que este importante objecto venha a dever-lhe o mesmo zelo e actividade que lhe mereceo a abertura de novas ruas, o que muito facilita as communicações da Cidade, e o alinhamento de outras que bastante a aformosea. Do systema de Mac-Adam já se fez ensaio na bella estrada que vai de Lisboa a Cintra, e ultimamente na que se estava construindo desde o sitio da Madre de Deos até Sacavem.

As Cidades de Allemanha estão pessimamente calçadas. Em Berlim, posto que haja magnificas ruas por serem mui planas, achão-se comtudo mui desigualmente empedradas, e sem passeios. Até a celebrada Linden, com as suas cem varas de largo, e os seus magnificos palacios, soffre tanto daquelle mal, que apenas se póde transitar por uns pequenos passeios de pedra, com excepção do sitio junto á porta de Brandeburgo; mas, em compensação, tem o viandante o desafogo de poder caminhar pelo meio de quatro formosas ruas de tilias que a ornão. Em Munich só são calçadas em quadrado as ruas de Ludwig Strasse e outras modernamente construidas. As de Dresde tem um empedrado muito inferior ao de Lisboa e Madrid. Darmstad é a unica Cidade de Allemanha aonde se vêem ruas magnificas a todos os respeitos: é uma Cidade de dez mil habitantes, porém de maior extensão que outras de duzentas mil almas. Em quanto a ruas, assegurão-nos que as de Petersburgo são as mais explendidas da Europa. As das Cidades de Hollanda sendo, como são, empedradas de tijolo de extraordinaria dureza, não carecem de passeios; e além disso, a fórma da sua construcção concorre muito para que se conservem em bom estado. Nas ruas de Amsterdam é raro ver uma carruagem; e posto que seja Cidade de mais de 200,000 habitantes, apenas se encontrará alli um ou outro cavallo; mas em frente de cada casa está sempre meia duzia de barcos para facilitar as communicações. Com tanta agoa e tão pouco transito, que admiração póde causar acharem-se as ruas de Amsterdam sempre limpas e em bom estado?

Na America, assim do Norte como do Sul, o risco das Cidades é mais regular que na Europa, sendo em geral as ruas do Mexico, Lima, Chili e Buenos-Ayres mais bem dispostas e elegantes que as do velho mundo: muitas dellas tem excellente empedrado; e ainda que as casas se-

jão baixas, nada isso diminue a belleza das mesmas ruas.

A Cidade de Havana foi singular a respeito do assumpto de que tratamos: — as ruas não erão calçadas, mas de madeira, o que formava um solo mais firme e igual do que se fôra de pedra, havendo além disso mais facilidade de repara-las. Transitar pelas ruas de Havana era o mesmo que andar sobre as pontes do Rheno ou de Sevilha, sem o incommodo de movimento de trepidação: presentemente são em geral *macadamisadas*. *[D.]*



Dito chistoso de D. Lucas de Portugal a respeito do dia de Reis.


Vendo D. Lucas de Portugal em um dia de Reis que se fizerão varias mercês, e que nenhuma lhe chegava, disse, com muita graça: Que os Reis para os mais trazião ouro, e para elle myrrha.

O Cura e o Patrono da sua Igreja.

Perguntando-se a certo Cura quem era o Patrono da sua Igreja, respondeo que o não conhecia senão de vista.

O gosto de ter hospedes.

Gonçalo Vaz de Castello Branco dizia que não havia gosto maior do que ter hospedes, pela alegria que deixavão quando se despedião.

O homem de cabello preto e a barba branca.

Perguntando-se a um sujeito a razão porque outro, já bastantemente idoso, tinha a barba branca de neve, e o cabello muito preto, respondeo: que era porque podia tingir este, e não podia fazer outro tanto áquella.

Perigo de brincar com os grandes.

Dizia um gracioso que as burlas com os Principes costumavão ter o fim que tem os brincos de um leão com uma lebre, ou de um gato com um rato.

Le charlatan ou le remède universel.

Le soi-disant docteur, debout dans une calèche découverte, au milieu d'une place publique, et entouré d'admirateurs, s'écrie:

Admirez ce spécifique
Unique
Qui guérit les maux
Passés, présens, futurs, nouveaux.
Il est stomachique,
Odontalgique;
Je le cède a tous,
Pour combien, Messieurs? Pour deux sous!

Sucs des plantes les plus rares
Que le grand Roi Xico-go
Fait pêcher par ses Tartares
Dans les marais du Congo,
Admirez, &c.

Je n'en fais point de commerce
C'est un bas et vil métier;
En plein air, Messieurs, j'exerce
Pour le bien du Monde entier.
Admirez, &c.

C'est la guérison certaine
De tous les estropiés,
Il enlève la migraine
Rien qu'en se frottant les pieds
Admirez, &c.

Est-il besoin qu'on le prône?
Lui seul guérit... sans douleurs,
Fièvre rouge, fièvre jaune,
Fièvres... de toutes couleurs...
Admirez, &c.

J'y mets de l'eau d'arquebuse,
Qu'Archimède de ses mains
Composait quand Syracuse
Lavait la tête aux Romains,
Admirez, &c.

Excellent pour les malaises
Et la gourme des enfans,
Il fait crever les punaises
En raffermissant les dents
Admirez, &c.

Ce trésor de la nature
Employé chez les colons,
Fait croître la chevelure
Et tomber les durillons,
Admirez, &c.

C'est le vrai parfum des bouches,
Flattant tous les odorats.
Il tue à dix pas les mouches,
Et donne la mort aux rats.
Admirez, &c.

Tenez !... dans sa double espèce,
A deux fins il peut servir:
Pris en liquide il engraisse,
Pris en poudre il fait maigrir !...
Admirez, &c.

C'est le roi des antidotes !
Par un prodige nouveau,
Il sert à cirer les bottes
Et même à blanchir la peau !
Admirez, &c.

Par ses vertus admirables,
(Ceci n'est point fabuleux)
Il rend les maris aimables
Et guérit les chiens galeux,
Admirez, &c.

Dans l'Afrique... à *Terre Neuve*,
J'ai guéri vingt rois en bloc,
Et j'en rapporte pour preuve
La peau du roi de Maroc
Admirez, &c.

Quand l'humanité l'ordonne
L'intérêt a le dessous;
Aussi, Messieurs, je le donne,
Je le donne... pour deux sous.

Acceptez ce spécifique
Unique
Qui guérit les maux
Passés, présens, futurs, nouveaux,
Il est stomachique,
Odontalgique.
Je le donne à tous.
Pour combien, Messieurs? Pour deux sous!!!
[M. Paulin.]

Epitaphe d'un célèbre danseur.

À peine de ses pas il effleura la terre.
Il était si léger !... qu'elle lui soit légère !

ANNUNCIO.



O AUTHOR da Corographia do Reino do Algarve tem prompto para lithographar o Mappa topographico do mesmo Reino, dividido em Concelhos, e enriquecido com as sondas da costa; no formato de quatro palmos de comprido, e dois e meio de altura.

Subscreve-se, na loja da Viuva Henriques, Rua Augusta N.° 1, por 1$000 réis cada exemplar em papel velino, pagos na occasião da entrega; para o que são convidados os Srs. Subscriptores a declarar a sua morada. — Se a subscripção porém subir de 200 a 250 exemplares, será o preço de 800 réis, e finalmente de 600 réis se exceder a 350.

Aos nossos Assignantes.

Não nos tendo sido possivel dar neste numero a continuação da Descripção das Armas das Familias deste Reino, debaixo das condições, indicadas no N.° 12 do nosso Jornal pertencente ao anno passado, fa-lo-hemos para o seguinte numero, ou talvez antes. — O preço de cada folha será pois o de 40 réis para os Assignantes do *Recreio*, e de 60 réis para os que o não forem.

 A este N.° vai junto um agradecimento ao CORREIO DAS DAMAS.



Janeiro de 1842. *Nº 1*

O Recreio, Jornal das Familias.

Vestido de cassa da India guarnecido de renda de ouro — Vestido de setim.

Lith. de A. C. de Lemos. Largo do Quintella Nº 2



Fevereiro de 1842. N.º 2

O Recreio, Jornal das Familias,

Lith. de A. C. de Lemos Largo de Quintella N.º 1



O RECREIO.

JORNAL DAS FAMILIAS.

Heroinas Portuguezas.



Henrique de Macedo, Capitão de um Galeão, tendo certo encontro com cincoenta fustas e tres galeotas de Mouros, foi tão renhida a peleja, que a não ser uma mulher (por nome Manoela Coelho) que dava a polvora e ministrava tudo o mais, sem duvida seria rendido o Galeão. E quando já o inimigo se ía retirando, persuadia a valorosa Matrona que se lhe fosse no alcance. Tão grande era o seu esforçado animo! E porque o Capitão prudentemente rejeitasse este conselho, o começou ella a motejar de fraco e covarde.

*

D. Isabel da Veiga, no primeiro cerco de Diu, sendo Capitão D. Antonio da Silveira, foi grande parte para que esta tão importante Praça ou Fortaleza se não perdesse, pois, ajudada de outras mulheres que com o seu exemplo convocou, conduzia terra, pedra, e acodia a todos os mais reparos que erão necessarios.

Anna Fernandes, no mesmo cerco de Diu, não sómente reparava os estragos feitos pelo inimigo, mas no mesmo acto da peleja se envolvia com os combatentes, animando-os com palavras e lembrando-lhes o premio; e se via a alguns pelejar com menos esforço, reprehendia-os da covardia. Em uma occasião, vindo uma bala de mosquete direita a um Soldado, estendeo animosamente a palma da mão, servindo esta de escudo ao mesmo Soldado. Visitando um baluarte, accommettido repetidas vezes dos Mouros, achou morto a um filho seu, de idade de dezoito annos; e sem a menor demonstração de sentimento, pegou nelle e o sepultou, admirando a todos tão valoroso animo.

*

Na memoravel batalha de Aljubarrota, em que com tanta gloria triumfárão dos Castelhanos as armas Portuguezas, obrou Maria de Sousa tão grandes façanhas, que a ella coube uma parte desta celeberrima victoria. Com o seu esforço e valentia, prostrou a mais de vinte inimigos, e com a es-

pada ferio um numero consideravel. Sempre foi vista na frente do exercito, e no accommetter portava-se tão intrepida, que a seu exemplo se animavão os mesmos Soldados covardes. Quando se via com as forças atenuadas, retirava-se um pouco, e neste breve intervallo ministrava aos Soldados armas, polvora, e até o mantimento. Outras vezes sahia para os animar com palavras, e com a lembrança do premio e da gloria que os esperava. Em fim os mesmos vencedores chegárão a confessar, que sendo este triumfo para si de tanto credito, todavia muito lh'o ecclipsava o valor desta Heroina, cuja memoria será eterna no templo da fama, para que em todo o tempo seja celebrado o seu nome com os elogios que soube merecer tão nobre, tão illustre e tão varonilmente.

*

Michaela Martins de Aguiar, no dia da fausta e gloriosissima acclamação do Senhor Rei D. João IV, obrou proezas em defeza da nossa liberdade. Ella foi dos primeiros que derão os vivas ao novo Rei, ameaçando com uma faca a todos os que não reconhecessem ao Serenissimo Duque de Bragança por verdadeiro e legitimo Soberano de Portugal. Deste modo discorreo pelas principaes ruas de Lisboa, e encontrando um Castelhano, lhe perguntou quem vivia, e respondendo este «que *Filippe*» ella, arremeçando-se a elle com furiosa raiva, lhe fez muitas feridas, e não obstante ficar muito maltratada, teve a gloria de o fazer reconhecer como legitimo Rei ao sobredito Serenissimo Duque, e de o obrigar a acclama-lo em altas vozes.

*

No bairro de Alfama mostrou igual valor Bernarda Soares, viuva de Pedro João, Marinheiro de officio. Esta, congregandose com outras, e todas armadas em tom de guerra, vierão ao Terreiro do Paço a offerecer-se, dizião ellas, para matar os Castelhanos; e todavia foi preciso supprimir-lhes o seu furor, para que não commettessem alguma desordem. Tal era o seu valor! Tão destemido o seu animo!

*

Custodia Sanches obrou tambem acções, dignas de memoria, nesta mesma occasião, porque tanto que ao Algarve chegou tão alegre noticia, a começou logo a applaudir com muitos vivas, dando com muita graça os pezames a todos os Castelhanos que encontrava. Alguns destes, levando a mal o motejo, intentárão maltratar a Portugueza, porém achárão nella uma tal resistencia e valor, que houverão por melhor conselho disfarçar o caso. Não o fez assim um destes, pois não tendo paciencia para tanto, com uma bengala tratou de se vingar. Enfureceo-se a valorosa Portugueza, e arremeçando-se a elle sem arma alguma, lhe ganhou a bengala; e indo á lucta, o derrubou em terra, onde infallivelmente o matára, se a muita gente que acudio a não embaraçasse.



MODO DE DISCORRER ÁCERCA DOS ESTUDOS.

Achando-se dois amigos em familiar conversação, louvava um delles com exaggeradas expressões a utilidade dos estudos, e mais em particular o da Poesia e Bellas-Letras.

O outro, tendo-o ouvido com grande attenção, disse: É excellente e mui judicioso tudo quanto tendes discorrido; as Artes devem, por certo, considerar-vos como o seu Apollo. Acaso quererá vossa sobrinha a Sr.ª Agueda ser tambem uma das suas Musas?

Não, respondeo o tio: minha sobrinha é uma estouvada, que sempre me tem mostrado desgosto e repugnancia quando lhe fallo de qualquer genero de estudos, ou pretendo inculcar-lh'os. Uma vez que lhe offereci alguns livros de historia, tornou a entregarmos desdenhosamente, dizendo: «*A historia não merece ser lida: eu não acho nella, em todos os tempos, senão uns poucos de atrevidos velhacos, ou de illustres e felizes doudos, zombando de uma grande e infinita multidão de nescios e basbaques.*»

Outra vez (continuou o tio) quiz tentar, se ella gostaria mais do estudo da eloquencia; mas respondeo-me mui sêcca e desabridamente, que *Demosthenes, Cicero, e outros que taes não erão mais que habeis charlatães; porque* (dizia ella) *quem tem boas razões para allegar, não necessita de empregar tanto palavreado.*

Ácerca da moral, teve um dia o desfastio de dizer-me, que *a sabia toda de cór*, e que o marido da sua ama de leite, o Sr. Lucas, era tão sabio como Socrates. Cuida ella, que a moral se encerra toda naquelles dois principios, que muitas vezes repete «*faze aos outros o que queres que elles te fação a ti; não faças aos outros o que não queres que elles te fação.*»

Em fim só com a Poesia se diverte algumas vezes; mas dizendo sempre, que prefere as fabulas aos mais sublimes poemas; e que gosta mais de ouvir fallar e discorrer os animaes de La Fontaine do que os heroes de Homero e de Virgilio. *[Communicado.]*

Encarniçamento excessivo do P.e D. Rafael Bluteau contra os homens de pequena estatura.

Encarecimentos metaforicamente enigmaticos, em zombaria de homem extraordinariamente pequeno. (1)

Este que tu vês, ou não vês, que te parece? Apenas o enxergas, e é duas vezes creatura. É uma criança mais pequena que seu nome. É mais embrião que homem. É um fragmento do microcosmo. Para o medir, um dedo geometrico é descompassado. Em nesga de sol, insinuada por uma greta, se sustentão corpusculos mais corpulentos: muitos delles amontoados em uma ampulheta, bellamente distribuirião o tempo por momentos.

Ainda de perto não devisarás as partes que o compõem. Está o pé embutido na cabeça; quasi com ubi definitivo, por onde começa acaba o composto. A sua figura parece linha reconcentrada em um ponto, ou ponto de uma breve linha compendio. Aonde brincos e obras minusculas se estimão, cousas maiores se poderão apreçar, menores não. Na terra dos anãos não tem parelha. É o fenix dos argueiros.

Fallando com elle, não o toques com o bafo, que o derrubarás; mas caindo, não receberá, nem fará damno, porque não peza. Mal poderás julgar se é feio, ou bonito; se alvo, ou pardo; nenhuma côr se póde embeber em tão tenue substancia. Ainda assim na sua delgadeza verás uns vislumbres de fio, ou daquelles parchesinhos, com que mulheres vãs salpicão o rosto.

É milagre, que bichinho tão pequenino tenha voz; é casta de mosquito, que de noite zune, e não é visto. Não o enfades, nem o tires a terreiro; é uma viva faisca; pequeno sim, mas todo fogo.

Uns dizem, que nascêra do ôvo de Leda; tem para si outros, que este rico feitio é ridiculo parto do monte Esopico; mas uns e outros andão errados, porque um rato a par delle é um elephante; e um ôvo de lagarticha, uma montanha.

Das formigas mirmidonias sabem umas muito maiores. A mãi deste monstrinho foi a unica em que não fez volume o feto; ella o trazia já maduro, sem faltar-lhe a roupa do chão; nem quando o pario, entendeo que era mãi.

Que será se elle casar. Casando com igual, ajuntará hymeneo um atomo com outro; e se com prole os allumiar, de dois nadas sahirá menos que nada.

Tornou-se menina a natureza; para brincar fez este boneco; ou para ostentar a sua habilidade, epilogou em um bonifrate o Mundo. Cansou-se Callicrates em fazer uma formiga, que sem se bulir, fugia á vista; armou Mermecides uma carroça, que cabia debaixo da aza de uma mosca; de um e outro vencedora a Natureza, conseguio toda a gloria da arte com um escorço.

Não se divisa bem se é de marfim, se de carne. Na imperceptivel da materia se equivoca a vista; seja o que fôr; no seu tanto, ou tantito, de homem perfeito tem tudo, e não tem nada. Parece materia sem fórma, ou fórma sem materia; corpo incorporeo, espirito organisado, entidade a que os philosophos chamarião ente da razão, invento da fantasia, e opprobrio da existencia.

Que forças poderá ter este humano nonnada. Não tem vigor para se atrever a uma mosca; e se a mosca vencer, que fructo levará da victoria, donde não ha gota de sangue que chupar. Tem elle um bem, que assim como não póde fazer cousa alguma, tambem não póde padecer nada; não é capaz de rarefacção, condensação não admitte, logo não teme fogo, nem frio. Em batalhas e luctas é invencivel, a sua miudeza é o seu defensivo; nella não podem fazer móça punhadas, nem espadas. Sitiado, se rirá de quem pertender rende-lo á fome; um

(1) Veja-se no Recreio de 1841, pag. 76, a definição de *Anão* dada pelo mesmo Bluteau.

grão de trigo lhe dará espaço de um anno copiosa vitualha.

Só não o poderá adiantar com honras a fortuna; porque dos grandes do Reino naturalmente fica excluso; nem é possivel que tenha grande pé na Côrte. Nas artes mecanicas, com qualquer instrumento lhe cahirão os braços; e se se applicar ás letras, será o Omicron dos Letrados.

Mas em annos vencerá a Nestor, porque a morte, que com grandes anda á mira, cousas tão pequenas não registra. Só nos invernos lhe receio algum fracasso, porque é o tempo em que os grous perseguem aos pigmeos. Se por algum crime o levarem ao patibulo, excusados são algozes; será Arachne o seu verdugo, e um fio da sua têa o baraço. Da postura com que está, não posso formar juizo, não sei quando está em pé, nem quando está sentado, ou deitado, qualquer geito que tome, em um ponto mathematico toca a superficie. Espetado na ponta de uma agulha, não fará a ponta obtusa. Na Agatha de Pyrrho, maior vulto fazia entre as nove Musas Apollo. Posto a cavallo, o não sobreleva; bichos mais apessoados tira a almofaça do couro de um jumento.

Não nos dê cuidado a sua pousada. Na concha de um caracol teria um palacio; em uma colher de qualquer licor poderia navegar, e naufragar; em um folelho de cevada, jogará a pella, e pelo fundo de uma agulha andaria em triumfo.

Se as partes o perseguirem, quem lançará mão delle? Não achará a Justiça em que fazer preza; sem romper os ferros d'ElRei, romperá por ferros; não o guardarão os guardas, irá, virá, passará, correrá o campo do inimigo, em toda a parte occulto e manifesto; no meio das turmas ignorado e patente, e sem risco de ser doscuberto, será o explorador de tudo.

Com que roupas se cobrirá este corpinho? Para gibão, com mangas, calças e opa roçagante, sobejará um córte de bago de uva, ou de bagulho vasado. Se o quizeres com habito militar, a pellicula de um oução lhe servirá de rodella; a ponta de uma aresta de lança; e de cota de malha, quatro bem juntos biquinhos de ouriço de castanha.

Chamão-lhe alguns migalhinha de bolo esmiuçado, esquirla da unha do dedo meminho, lasquinha do ossinho do pé, *Astralogos* em Grego; mas estes são nomes enfaticos, e altitonantes epithetos. Com mais acerto lhe chamaremos semente de cominho, granito de arêa, cabecinha de alfinete, pó de limadura, olhinho de pulga; mas tambem isto é lisongea-lo e engrandecê-lo. Em materia como esta, quem diz menos, mais diz; logo digamos, que é um dos apices do alfabeto, um adarme de botica, um dos atomos de Democrito, um pezo impalpavel, o indivisivel dos Mathematicos, o zero dos Arithmeticos. Ainda assim não ferimos o ponto. Quereis vós saber, que cousa é um homem pequenino? é um mal muito grande.

Escudos que existem no tecto de uma sala no Real Palacio de Cintra.

De mandado d'ElRei D. Manoel, foi o Rei d'Armas Antonio Rodrigues ás Côrtes de França e de Allemanha colher informações sobre as obrigações e usos que os Officiaes da Nobreza tinhão; e voltando a este Reino, deo aquelle Soberano um Regimento aos Officiaes da Armaria para a conservação da Nobreza, e armas das Familias, de modo que não houvesse mais a confusão antiga; e mandou ao mesmo tempo fazer um livro com os desenhos das armas de algumas, que se guarda na Torre do Tombo, ainda que nelle faltão as de muitas outras.

Foi tal a sua curiosidade que n'uma formosa sala que para esse fim fez edificar no Real Palacio de Cintra, mandou juntar, com suas cores e timbres, os escudos que descobrio pelos arquivos, capellas e sepulturas, das Familias que então parece andavão no serviço da Côrte, não pondo os das de varias outras por não caberem em tão curto espaço.

No meio do tecto da dita sala estão as Armas Reaes de Portugal, ao redor as do Principe, Infantes D. Luiz, D. Fernando, D. Affonso, D. Henrique, D. Duarte, D. Isabel, D. Brites.

Em baixo se vêem setenta e quatro Brazões com o que está sobre a porta, de diversos Appellidos, pendurados cada um no collo de um veado, que nos páos tem o timbre; estão em dois circulos, que por o serem não ha nelles precedencia, e por isso vão aqui pela ordem das letras.

Abreu, Aboim, Aguiar, Albergaria, Albuquerque, Almada, Almeida, Andrada, Arêa, Azevedo, Ataíde.
Barreto, Betancor, Borges, Brito.
Cabral, Carvalho, Castelbranco, Castro, de seis arruelas, Castro de treze, Coelho, Côrte Real, Costa, Coutinho, Cunha.
Eça.
Faria, Ferreira.
Gama, Goes, Gouvêa, Goyos.
Henriques.
Lemos, Lima, Lobatos, Lobeiras, Lobo.
Malafaya, Manoel, Mascarenhas, Meiras, Mellos, Mendonça, Menezes, Miranda, Moniz, Motta, Moura.
Nogueira, Noronha.
Peçanha, Pacheco, Pereira, Pimentel, Pinto.
Queirós.
Ribafria, Ribeiro.
Sá, Sampayos, Sequeira, Serpa, Serveira, Silva, Silveira, Souto-Maior, Sousa.
Tavares, Tavora, Teixeira.
Valente, Vasconcellos, Vieira.

Por baixo, ao longo da aba do forro deste tecto, estão escriptos estes quatro versos nos quatro lados das paredes da Casa com letras palmares de ouro.

Pois com esforço, e leaes
Serviços forão ganhados
Com estes, e outros taes
Devem de ser conservados.

Desta Casa faz menção Damião de Goes na Chronica d'ElRei D. Manoel, quarta parte, cap. 86, fol. 112, com estas palavras: *Mandou vêr todalas sepulturas do Regno, para dellas se notarem as armas, e insignias, e letreiros, que nellas havia, das quaes armas mandou no Paço de Sintra pintar todolos Escudos com suas côres, e Timbres em uma fermosa Salla, que para isso mandou fazer, além do que mandou fazer um livro muito bem luminado, em que estão pintados os mesmos Escudos da linhagem da Nobreza destes Regnos, &c.*

A EXCEPÇÃO HONROSA.

O *Freyschutz* de Hamburgo relata assim um facto curioso que ha pouco teve lugar em uma pequena cidade da Suabia.

Entrando um viajante n'uma estalagem, pedio de comer, e servírão-lhe salmão. Ao despedir-se do estalajadeiro, e querendo gabar o excellente peixe que lhe havia apresentado, disse-lhe que a ninguem neste Mundo podia ter sabido melhor do que lhe soubera o tal salmão. « *Exceptuando o Sr. Juiz de Direito* » observou o dono da estalagem. « Não exceptuo ninguem, tornou o viajante, soube-me muito melhor do que poderia saber ao proprio Sr. Juiz de Direito se elle o tivesse comido. »

Insistindo ambos, cada qual na sua opinião, altercárão a ponto que o estalajadeiro o mandou agarrar por quatro criados, e levar á presença do referido Juiz de Direito.

Inteirado este do motivo da disputa, disse para o viajante: Saiba vm.ᶜᵉ que é costume immemorial nesta cidade exceptuar sempre o Juiz de Direito em tudo quanto se affirma, seja o que for; e visto vm.ᶜᵉ não se querer conformar com um uso tão antigo como sagrado e respeitavel, condemno-o na mulcta de um Florim, que deverá satisfazer immediatamente.

Tenho entendido, respondeo o viajante. Eis-aqui o Florim; porém fico igualmente entendendo que aquelle que acaba de me fazer experimentar este dissabor, por um tal motivo, é o maior patife que tenho visto, *exceptuando o Sr. Juiz de Direito.*

Resolução tomada por ElRei D. João II, em consequencia de haverem uns corsarios francezes tomado uma caravella portugueza.

Andando a corso alguns Navios Francezes nos nossos mares, tomárão uma caravella, que vinha da Mina com uma preciosa carregação de fazendas e muito ouro. Apenas esta noticia chegou ao conhecimento d'ElRei, mandou a Vasco da Gama (depois descobridor e primeiro Almirante da India, e Conde da Vidigueira, de quem muito se confiava), com ordem para fazer embargar todas as Embarcações Francezas surtas nos portos destes Reinos; achando-se, só no de Lisboa, dez navios de grande lote e varios outros menores. Esta não esperada medida poz em consternação aos donos dos mesmos navios, que a final recorrêrão a França a sollicitar com o seu Rei o modo e brevidade da composição, porque ElRei de Portugal não deferia nem fazia caso das queixas, com que os interessados reclamavão e protestavão contra os damnos; estando tão constante nesta deliberação, que reprehendeo os Ministros que em uma Consulta lhe insinuárão, que primeiro devia dar conta á França do que passava, antes de tomar uma tal resolução, para que, no caso de não receber uma condigna satisfação, pudesse fundar os motivos da quebra de duas Corôas sempre amigas, e até alli tão alliadas. Carlos, Rei de

França, a quem não faltava brio, nem valor, o satisfez sem dilação, ou porque se achava empenhado na Conquista de Napoles, e embaraçado com Castella sobre outras dependencias, em que entrava a restituição do Condado de Roussillon; ou porque não ignorava o caracter d'ElRei, que conhecia ser summamente pontual e algum tanto desconfiado. Ordenou pois que fosse restituida a Caravella com toda a sua carga, mandando ao mesmo tempo castigar severamente os authores daquelle attentado; e escreveo a ElRei em termos taes que S. M. não só se deo por satisfeito, mas tambem por obrigado. Referem alguns Authores, tanto Nacionaes, como Francezes que, informado ElRei de que na restituição que se fizera, faltava um papagaio, mandou que se não levantasse o embargo dos navios Francezes em quanto não fosse restituido o dito papagaio; querendo mostrar que a grandeza do seu Real animo se não empenhava pelas riquezas, mas pelo respeito com que devia ser attendida a sua bandeira.

NOVO GENERO DE CHARLATANISMO.

O Dr. F... costumava, logo que chegava a uma cidade aonde não era conhecido, queixar-se de haver perdido um excellente cão no seu transito para a hospedaria, e mandava annunciar por um pregoeiro em todas as esquinas, que o Dr. F... promettia 20 moedas de alvíçaras a quem lhe levasse o seu cão. O pregoeiro tinha todo o cuidado em enumerar os titulos academicos do Doutor, e o nome da hospedaria em que morava. Nos primeiros dias não se fallava na cidade senão no Dr. F... Acaba de chegar um Medico de grande nomeada á hospedaria de... dizião as comadres umas ás outras; e deve ser muito rico para offerecer 20 moedas a quem lhe achar o seu cãosinho! E em quanto este boato corria de boca em boca, não via o Doutor apparecer o cãosinho á sua porta, mas sim grande numero de doentes, illudidos com um tal annuncio.

[Magasin Pittoresque.]

DUELO ENTRE DOIS AMERICANOS.

Dois viajantes Americanos, Vynce e Browne, achando-se sós em uma diligencia que ía de Pera para Chicego, nos Estados de Illinois, travárão ao principio conversação amigavel, mas desgraçadamente veio esta a recahir em politica. Um queria a abolição, e o outro a conservação do trafico da escravatura nos Estados meridionaes. A disputa foi tomando calor, a ponto tal, que julgárão que a devião decidir pelas armas. Apeárão-se pois da diligencia, apezar das instancias do conductor, cada um com sua pistola na mão, e, fazendo fogo ao mesmo tempo, cahírão ambos mortos. Um delles recebeo a bala na cabeça, e o outro, no coração.

DESCRIPÇÃO DA GUERRA.

É a guerra aquelle monstro que se sustenta das fazendas, do sangue e das vidas; e quanto mais come e consome, tanto menos se farta. É a guerra aquella tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as villas, os castellos, as cidades, e talvez em um momento sorve os Reinos e Monarquias inteiras. É a guerra aquella calamidade composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum que, ou se não padeça, ou se não tema, nem bem que seja proprio e seguro. O pai não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem segura a honra, o Ecclesiastico não tem segura

a immunidade, o Religioso não tem segura a cella, e até Deos nos templos e nos sacrarios não está seguro.

[Vieira, Tomo 14. N.° 7.]

ANECDOTAS

A sentinella e a alma do outro Mundo.



ICANDO de sentinella a um defuncto certo soldado, quizerão os seus camaradas metter-lhe medo, e para isso cobrio-se um delles com um lençol, e dirigio-se para a sentinella, em cima de umas andas.

O soldado, imaginando que vinha o morto acarretar com elle, apontou-lhe a espingarda, e exclamou: *Da parte de Deos te requeiro que te retires, se não queres morrer outra vez!*

Desejos de um guardador de porcos

Dizia muitas vezes um guardador de porcos: *Oh! se eu fôra Rei, se eu fôra Rei!* Perguntando-lhe a final os seus companheiros: *Então se fosses Rei, que havias de fazer? O que havia de fazer,* respondeo elle ingenuamente: *Havia de guardar os porcos a cavallo, porque a pé canso muito.*

Justa reciprocidade.

Instava um Hermitão com um Estrangeiro para que este beijasse um Santo que trazia em um nicho, com a esperança de que elle lhe daria alguma esmola; porém o Estrangeiro, beijando a imagem com affectada devoção, correo á cabeceira da cama, e pegando n'um crucifixo que alli costumava ter pendurado, deo-o tambem a beijar ao Hermitão, dizendo-lhe: *Meu amigo, estamos pagos.*

Inconveniente de ter muitos criados.

Dizia um gracioso, que quem tinha um criado só, o tinha todo inteiro; quem tinha dois, tinha só a metade; e quem tinha tres, não tinha nenhum; porque em quanto um se fia em que o outro serve, nenhum faz a sua obrigação.

LE PARADIS.

Madame la Duchesse d'O... se plaisait quelquefois à déposer sa dignité, pour se confondre dans la foule. S'étant un jour placée au spectacle dans un coin des quatrièmes loges appelées *Paradis*, elle y fut accostée par un jeune homme qui, après lui avoir tenu quelque propos en harmonie avec le lieu, s'invita, sans cérémonie, à aller souper chez elle. La princesse accepte, prend son bras, et descend avec lui. Apeine sont-ils au bas de l'escalier, qu'on crie: La voiture de son Altesse Madame la Duchesse d'O... En même temps deux écuyers se présentent respectueusement pour offrir la main à la personne que le jeune homme accompagnait. Il s'apperçoit de son erreur et veut s'enfuir. La Princesse, l'arrêtant: Monsieur, lui dit-elle, vous m'avez promis de venir souper chez moi. — Est-ce que vous ne voulez pas tenir votre parole? — « Madame, répondit-il, c'était au Paradis, où tout le monde est-égal; mais ici bas, ce n'est plus la même

chose. » Et après un profond salut, il se perdit dans la foule.

Profession de foi.

Je dois, disait un jour un noble personnage
Qui de ses sentimens faisait publique foi,
Je dois à Dieu respect, obéissance, hommage;
Je dois à mon pays fidélité, courage;
Je dois encor mon bras et mon épée au Roi;
Je dois enfin... — O ciel! quelle noirceur profonde!
Interrompt un quidam: sycophante maudit!
Quand vous vintes hier me demander crédit
Pourquoi donc ne m'avoir pas dit
Que vous deviez à tant de monde?

LE POÈTE DE VILLAGE.

Un poète de village vient de placer sur la porte du cimetière de sa commune l'inscription suivante:

Tous tes pas sont faux pas; tu ne fais pas de pas
Que tes pas, pas à pas, ne mènent au trépas.

L'ordre bien exécuté.

Chez mon tailleur, va bien vite, Lucas,
Me chercher mon spencer. S'il pleut, par aventure,
En revenant, ne manque pas,
Pour ne point le mouiller, de prendre une voiture.
— Cela suffit; je vous assure
Que tout ira selon votre souhait. »
Le voilà parti comme un trait.
Une heure après. Lucas rapporte
Le spencer tout trempé; la maîtresse s'emporte:
« Pauvre cervelle, imbécile maudit!
Tu n'as pas, je le vois, fait ce que je t'ai dit:
Ma bonne dame, ah! point, point de colère!
Mon zèle fut toujours pour vous des plus ardens;
J'ai pris un fiacre; mais ainsi qu'à l'ordinaire,
Aulieu d'occuper le dedans,
Je me suis tenu par derrière.

[Justin Cabassol.]

LE PORTEUR D'EAU.

Barbeau, porte bricole, hier à la rivière,
Eut à se plaindre d'un bourgeois;
On alla chez le Commissaire,
'Afin de discuter ses droits.
Après le long narré d'une histoire succinte,
L'homme de paix dit à Barbeau:
— Eh bien! l'ami, *portez-vous plainte?*
Non pas, dit l'Auvergnat, *moi je porte de l'eau.*

[Justin Cabassol.]

ANNUNCIO.



Na loja da Viuva Henriques, Rua Augusta N.° 1, se acham á venda Collecções dos sete annos do *Recreio.*—Tambem se vende cada anno separado, á excepção do de 1835, primeiro da publicação deste Jornal, por isso que apenas possuimos um diminuto numero de exemplares, que servem para completar as Collecções dos ditos sete annos.

Advertencia.

☞ Com este N.° acharão os Srs. Assignantes a 4.ª folha da *Descripção das Armas das Familias deste Reino*, de que fizemos menção no fim do folheto de Janeiro, e pela qual deverão satisfazer 40 réis, além do preço do Jornal, uma vez que pertendão ter completa a mesma Descripção.

Na conformidade do que advertimos no N.° 12 do Recreio do anno passado, convém que as pessoas que possuirem a Collecção do mesmo Jornal pertencente ao referido anno, separem as ultimas folhas dos folhetos de Outubro, Novembro e Dezembro, que tratão das Armas das Familias deste Reino, para as poderem mandar encadernar juntamente com as que formos publicando.

Março. 1842.



O RECREIO.

JORNAL DAS FAMILIAS.

Heroinas Portuguezas.



Quando Filippe o Bom, Duque de Borgonha, partio com outros Principes para a restauração de Constantinopla, sua esposa a Serenissima Infanta D. Isabel, filha d'ElRei D. João I, revestida de um varonil alento o acompanhou naquella militar expedição, servindo-o, e achando-se sempre ao seu lado nas occasiões mais perigosas, acção tão heroica, que por tal a menciona Blondo na sua Roma triumfante; e a applaude em verso bem elegante Ambrosio Panucci no seu livro, que intitulou = *Mulieres fortes* = impresso em Roma no anno de 1594.

*

Gervasia Antunes, natural da Villa de Almada, filha de Manoel Antunes e de Maria de........ pessoas de honesto trato, foi mulher de tão prodigiosas forças, que sobrecahindo estas em um animo intrepido, justamente a appellidavão *Mulher forte*. Bem o mostrou ser nos casos seguintes. Abalando uma oliveira, a quebrou pelo meio, sendo que havia mais de vinte annos que fôra enxertada. Arrancou da terra com as raizes inteiras uma grande pereira. Com os dentes levantava e sustinha no ar por largo tempo um sacco de cinco e seis alqueires de trigo. Chegou a quebrar uma moeda de prata de valor de trezentos réis, ganhando outra de quatro mil e oitocentos. O seu animo foi tão destemido, que dizendo-se-lhe que em certo lugar ou sitio da sobredita Villa de Almada apparecião de noite fantasmas formidaveis, passou uma noite inteira sem outra mais companhia, no mesmo sitio, para averiguar aquelle ponto; e como nada visse, assentou ser falsa a noticia, porém intimando-lh'a, por certa, pessoa fidedigna, repetio a diligencia por mais vezes, e em uma destas, depois da uma hora da noite, divisou um vulto branco, e il-

luminado. Foi caminhando para aquelle lado levando na mão um páo de boa grossura, e estando já perto, notou que o vulto começava a mover-se, dirigindo os passos para ella. Finalmente avistárão-se, e a animosa e destemida mulher, levantando o páo, lhe disse, que declarasse quem era, se não que lh'o descarregava. Sabido o caso, era um ladrão, que usava daquella traça, para lucrar melhor no seu officio. Ella então lhe disse, que se o tornasse a ver naquelle sitio, tivesse por infallivel um bem rigoroso castigo. Assim todas as demais historias de almas do outro Mundo.

*

No tempo d'ElRei D. João III, cercando o de Marrocos, com mais de cem mil homens a praça de Çafim, seu Capitão, obrigado da falta de gente, ordenou que as mulheres tomassem armas, mais para entreter o inimigo, em quanto lhe não chegava soccorro, do que por esperar dellas grandes façanhas. Porém ellas, depondo a fraqueza do sexo, revestírão-se de animo tão varonil, que, quando o soccorro chegou, já os inimigos tinhão desamparado o campo, porque aos mesmos o forão buscar e desafiar estas Bellonas, pelejando com tal ardor, que os fizerão vergonhosamente fugir; e ainda lhes irião no alcance a não as embaraçar o preceito do Capitão, que ordenou se recolhessem. Depois se soube que tinhão morto a mais de setenta inimigos, e por este numero se poderá suppôr qual fosse o dos feridos. Dellas nem uma só morreo, ainda que muitas ficárão gravemente maltratadas, assim do ferro, como do fogo.

*

Na Cidade de Lisboa, uma viuva nobre, vendo levar prezo com tratamento menos decoroso a um sobrinho seu, rogou instantemente ao Ministro que fizesse justiça não se portando com insolencia a respeito daquelle prezo, pois merecia, pelas suas qualidades, ser tratado com mais attenção. Desprezou o Ministro a supplica, do que ella indignada, lhe tirou da cinta a sua mesma espada, e com ella lhe descarregou em um hombro uma boa cutilada; e depois virando-se para o beleguim lhe deo outra na cabeça; e nesta revolta teve o prezo occasião de fugir; e a mulher igualmente livrou pela muita gente que acudio, e se poz da sua parte.

*

Em Mombaça, Cidade na India, ostentou briosamente, no tempo de D. João de Castro, o seu valor Margarida Nunes, a quem por antonomasia chamárão a *Valorosa*. Tinha esta por officio vender comestiveis, de que tirava os ganhos com que se amparava e a uns sobrinhos seus. Aconteceo em uma occasião, ser-lhe necessario sahir fóra da Cidade, e indo por um campo solitario, deo com ella um ladrão de tão má consciencia, que não só intentou furtar-lhe algum dinheiro que levava, como tambem offender a sua honra. Rogou-lhe a mulher que a deixasse, e fosse proseguindo o seu caminho, porém elle, desprezando a supplica, puxou de uma faca, e a ameaçou de morte. Não póde a mulher soffrer tal insolencia, e dando-lhe um empurrão o fez cahir em terra, e promptamente saltou nelle, e com uma thesoura lhe penetrou os peitos. Levantou-se o ladrão, e ella ás seixadas o maltratou de sorte, que elle deixou de a perseguir, cahindo quasi morto.

FORÇA EXTRAORDINARIA DE AUGUSTO II, REI DE POLONIA.

Desferrando-se o cavallo em que este Monarca ía montado, chegou ao banco de um ferrador, e sem se dar a conhecer, pedio-lhe uma ferradura, e pegando nella, fe-la em pedaços, dizendo que não prestava. Admirado o ferrador, trouxe-lhe outra muito mais grossa, a que ElRei fez outro tanto; pedio-lhe a final terceira, com a qual mandou ferrar o cavallo. Antes de partir, pagou as ferraduras com dois florins, moeda de prata mui grossa e forte. — Achando-se presente uma filha do ferrador, e recebendo a moeda, partio-a ao meio, com a mesma facilidade com que teria quebrado uma linha, dizendo a S. M. que lhe pagasse com

outra, porque aquella não era boa.— Julgou o Rei que a primeira moeda estaria já algum tanto çafada, e tirou outra da algibeira, examinando primeiro se era bem forte, porém a rapariga quebrou-a da mesma maneira, dizendo-lhe que toda aquella prata era falsa; o que vendo o Soberano, não pôde deixar de reconhecer que ficára vencido pela força e dextreza de uma mulher.

Traslado da Sentença de Pedro de Alcaçova dada por ElRei D. Henrique depois da perda d'ElRei D. Sebastião.

Vistos estes Autos, apontamentos, que se derão contra o Réo Pedro de Alcaçova, contrariedade, e defensa do dito Réo, que em parte lhe foi recebida, prova dada, e como se mostra por elles, e presumpção de Direito em tal caso, sendo o dito Réo do Conselho de elRei D. Sebastião, que está em Gloria, e tendo obrigação de aconselhar bem, e como devia, e trabalhar de o tirar de todas as cousas, que quizesse fazer, de que pudesse resultar perigo á Pessoa do dito Senhor, e a seu Estado; o dito Réo o fez pelo contrario, e o aconselhar que em Pessoa (sem ter Filhos) fosse sobre Larage, sendo a dita jornada notoriamente perigosa á Pessoa do dito Senhor, e á Nobreza, e Estado destes Reinos, e Fazenda delles, e contra meu parecer, e da Rainha sua Avó, e delRei de Castella seu Tio, e da Cidade de Lisboa, e sem parecer dos Grandes, e Prelados, por respeitos seus particulares, e o dito receber do dito Senhor muitas Mercez, e honras, lançando de si o dito Senhor, e desfavorecendo os que lhe contradizião fazer a dita jornada em Pessoa, e o dito Réo buscar meios para haver dinheiro, e gente para a dita jornada, e por elle lha facilitar, e outros dar á execução, havendo porem respeito á qualidade da prova, que não he para maior condemnação de Direito, em tal caso o condemno, que não seja mais do meu Conselho, e que perca todas as Mercez, e o Officio de Vedor da Fazenda, que do dito Senhor houve depois que agora tornou a servir, e tratou os negocios da dita Fazenda, excepto as Mercez de dinheiro, que lhe foram feitas por respeito do caminho, que por mandado do dito Senhor o dito Réo fez a Castella, e que seja em quanto o Eu houver por bem, e não mandar o contrario, por vinte legoas, donde a Côrte estiver, degradado.

NOVA ESPECIE DE CHARLATANISMO.

Se o leitor ainda não está cansado de viajar, venha comnosco a Choisy-le-Roi, em França, e presenciará um exemplo de charlatanismo tão curioso, que difficilmente achará outro mais interessante em toda a historia dos charlatães.

Chegou a uma estalagem daquella terra certo viajante, que logo no dia seguinte cahio doente. Dentro em pouco tempo, aggravou-se de tal modo a molestia, que o pobre homem não podia mover-se, e apenas podia fallar. Por cumulo de desgraça, era pobre, e não tinha com que pagar a medico que o tratasse.

Dalli a dias, passou um Nayler Bey. Vinha n'uma riquissima carruagem, com seu caçador de bigode, e um cocheiro elegantemente vestido. Fez logo apregoar ao som de trompa, que trazia comsigo alguns milheiros de frascos de *balsamo homogenio sympathico*, com o qual se curavão todas as molestias possiveis e impossiveis, e quando muito se demoraria duas horas na cidade, e por favor até tres, em beneficio das pessoas que quizessem comprar o precioso remedio.

O estalajadeiro, que era bom homem, lembrou-se logo do seu doente, e quiz ver se o caritativo Doutor lhe valia. Manifestou ao medico o seu desejo, e com seu consentimento, mandou vir o moribundo, (que já não parecia outra coisa), á sua presença.—«Quanto tempo ha que se acha doente?» perguntou o Doutor ao enfermo. Nada de resposta.—«Está bem mal!» disse o medico. Proferindo estas palavras, lançou-lhe na lingua duas ou tres gotas do elixir, e lhe disse:—«*Surge et ambula.*» —«Não posso.» (Já se vê que ambos entendião latim). Nova dose do remedio: o doente move os braços. Terceira: o doente move as pernas. Quarta dose: o doente salta ao pescoço do medico, grita, cho-

ra, abraça-o e desfaz-se em agradecimentos.

O medico era homem caritativo. Promoveo alli mesmo uma subscripção para o doente, e juntou quinhentos francos. Quanto ás garrafinhas do *balsamo homogenio sympathico*, vendêrão-se todas, e mais que fossem.

Passados mezes, foi o estalajadeiro a Sceaux, onde, com grande espanto seu, foi testemunha de uma scena igual: porém desta vez o medico era o doente, e o doente o medico.

Comprehendeo então a velhacaria. Deo parte á policia, e os dois industriosos de nova especie forão continuar as suas curas em uma casa de correcção.

Qual é a parte do corpo humano, que pelo espaço de muitos seculos foi pouco util á Republica, e depois chegou a ser utilissima?

Perdoai, se nesta occasião me enfureço; perde a minha paciencia o sizo; não posso mais dissimular a temeridade de um atrevido, tão antigo como Adão e Eva, tão moderno como qualquer de nós, e com a boa fortuna que teve, e tem, sempre levantado a maiores, sem admittir companheiros na preeminencia. Os Hebreos lhe chamão *Aph*, os Gregos *Rin*, os Canarins *Nagua-a*, os Negros *Malufo*, os Allemães *Nasen*, os Inglezes *Nose*, os Francezes *Nez*, os Italianos *Naso*, e nós, com toda a reverencia, *Nariz*.

Com evidente e manifesta presumpção, no frontispicio do Microcosmo, e entre dois arcos, debaixo dos quaes despede amor suas settas, se foi este atrevido pôr a cavalleiro das explanadas das faces, do fosso da bocca, e da barbacan da barba. Nenhum Monarca se vê tão patentemente em tantas partes entronisado; nenhum Potentado é tão bem servido como elle; pelos ares lhe vem, sem cobradores, os tributos; para elle suão os lambiques, e evaporão os perfumes; para elle compõe o Oriente seus aromas; em deliciosas fragrancias todo o Imperio de Flora para elle suavemente se exhala.

Tomára eu saber com que licença se constituio este temerario superintendente de toda a fabrica do corpo humano, explorador de todas as qualidades, e juiz de todos os cheiros? — Em que escola aprendeo elle cosmographia, para dividir em dois hemisferios o rosto? — Quem lhe deo confiança, para se plantar no meio da cara, criar raizes e crescer, e ás vezes subir a tão exorbitante magnitude, que o ponto vertical da sua altura póde competir com a elevação do Pólo no Horisonte?

Sim, sem encarecimento, vemos no Mundo narizes sesquipedaes, narizes preternaturaes, narizes hyperbolicos, immensos, incircumscriptos, narizes, que a modo de montes, ou promontorios, occupão espaço consideravel do pequeno mundo, sem outra serventia, que a de assombrar as gentes com sua vasta, estupenda, enorme, e (fallando com Terencio) heutontimerumenonica grandeza. Se a natureza quiz assentar este soberano juiz, e arbitro de toda a odorifera substancia, na parte mais conspicua do theatro da formosura, parece o devia obrigar a exercicios dignos da magestade do assento; nem havia de permittir, que ficasse toda a vida inflexivel na parte superior; e quasi sempre ocioso, excepto quando com improvisa altisonancia, irritando-se a membrana inferior das ventas, trabalha em desembaraçar o cerebro do vapor que o molesta; e ainda nesta breve convulsão é tão bem afortunado, que como se o expulsivo estrondo fosse operação divina, todos os circumstantes com *Dominus tecum* o reverencião, não sendo outra cousa todo o ruido do seu imperio, que um espirro.

Esta é a parte do corpo humano, que pelo espaço de mais de seis mil annos esteve quasi inutil aos Principes e Magnates da terra. Fallemos claramente, desde a creação do Mundo até estes ultimos annos, não era o nariz de proveito algum á Republica. De todas as mais partes do corpo humano, tiravão os Reinos e Imperios singulares utilidades. Defendião os braços as Praças, e os Exercitos, obravão as mãos engenhosos artificios; guiavão os dedos as pennas dos Letrados; levavão os pés a differentes partes do Estado os caminheiros; dobravão-se os joelhos em veneração das Magestades; declamavão contra os vicios as boccas dos oradores; descobrião os aproches do inimigo os olhos das sentinellas; nos Juizes estavão os ouvidos attentos ás razões das partes; e na cabeça dos Ministros carregava todo o pezo do Governo. Só no meio da cara estava o nariz inerte, ocioso e descançado, mas muito authentico, e senhor de si, sem nunca se dobrar mais para uma parte, que para outra, senão quando para risos e irrisões levanta e encrespa as ventas, como adverte Persio nas suas satyras:

Multûmque torosa juventus
Ingeminat tremulos naso crispante cachinnos;

finalmente sem outra industria que a de attrahir para si volateis fragrancias, e sempre tão inutil á Republica, como patente á vista. Passados da creação do Universo mais de sessenta seculos, passou dos campos da America para outras partes do Mundo o tabaco, e com elle pouco a pouco se fez o nariz tão proveitoso que encheo o Erario dos Principes, e com um pouco de pó enriqueceo as Monarquias.

Dizem que Amurath, quarto Imperador dos Turcos, e um Rei da Persia, prohibírão aos seus subditos o uso do tabaco, sob pena de cortamento de nariz. Na sua Côrte não tiverão es-

tes Principes um João Antonio de la Concha, nem um Pedro Gomes, para lhes darem a conhecer a prodigiosa chimica com que pó e fumo se podem converter em montes de ouro.

Concluamos, que sendo o nariz de sua natureza uma das partes do corpo humano mais inuteis para a prosperidade dos Reinos, bem considerado, é utilissimo; porque para o Monarca, narigadas de tabaco são ouro em pó, e cinzas de prata. Tambem aos subditos aproveita; porque para os que moderadamente o tomão, as narigadas delle, particularmente nas manhãs, são despertadores do cerebro; e quando é fino e fresco, feitiços do olfato.

[D. Rafael Bluteau.]

O ESPELHO.

Sou um Pintor maravilhoso,
Faço retratos em um instante;
Sou Escultor e Architecto,
Com successo tão singular,
Que sem saber estas artes,
Faço estatuas e edificios.
Grandes e pequenos me consultão;
Sem lisonja, e sem engano,
O bem, e o mal a todos digo,
E o que emendão, emendo:
Singularmente agradecido,
No mesmo instante que recebo,
Restituo;
E tão fóra estou de reter o alheio;
Que de tudo o que me vem,
Nada reservo.

[D. Rafael Bluteau.]

Quando ElRei D. João III começou a usar dos caxetes ou a assignar de chancella.

Um anno ou anno e meio antes do fallecimento d'ElRei D. João III, achandose Sua Alteza mui cançado dos negocios, e ameaçado de algumas indisposições, que lhe ameudavão e causavão aborrecimento grande aos mesmos negocios, para mais descanço e allivio seu delles, ordenou que se fizessem dois caxetes (ou chancellas), um do seu signal pequeno, e outro do signal grande, os quaes ambos erão de prata, e de um e outro usava; do pequeno, em Cartas missivas e Provisões, que começavão: Eu ElRei, e do grande, em aquellas Cartas, que começavão por Dom João, etc. como Doações, e outras desta qualidade, assim nas Cartas, que ſão para fóra do Reino. Tinha no assignar dellas este modo: Lião-lhe, nos dias da assignatura, em que Sua Alteza estava presente, todas as Provisões e Cartas, e depois de lidas mettião-se em uma boceta, de que lhe ficava a chave na mão, dava a boceta e chave della á Rainha, a qual a abria perante Pedro d'Alcaçova Carneiro, do Conselho do dito Senhor, e seu Secretario: abria depois a outra boceta, em que estavão os caxetes, da qual tambem o mesmo Senhor lhe dava a chave, e Pedro d'Alcaçova, assentado em uma cadeira junto á mesa em que a Rainha estava, e em que havia a tinta e ballas necessarias, com a sua propria mão, e na presença da dita Senhora, punha os signaes nas Cartas e Provisões. Convém saber, pequeno, nas que requerião signal pequeno, e o grande nas que requerião signal grande, e depois de assignadas, se davão as ditas Provisões e Cartas aos Officiaes, que as fazião, e a quem pertencião, e os referidos caxetes tornava a Rainha, presente Pedro d'Alcaçova, a metter na mesma boceta, e ella e a chave della entregavão logo a ElRei, praticando-se assim até ao dia de seu fallecimento, o qual quiz e mandou, que esta Ordem se cumprisse no assignar com os ditos caxetes, e que Pedro d'Alcaçova, pela muita confiança que delle tinha, fosse o que isto fizesse perante a dita Senhora. Estes caxetes se quebrárão e desfizerão perante a Rainha, tanto que ElRei falleceo, não se usando mais delles.

[Extrahido das Memorias de Pedro d'Alcaçova.]

LUCTO SINGULAR.

Uma Senhora de distincção da Cidade de Londres tomou o lucto singular, que passamos a descrever, para patentear de uma maneira nada equivoca o seu sentimento pela morte de seu marido.

Vestio-se de crepe preto dos bicos dos pés até á cabeça, tomou duas criadas pretas para a servirem e acompanharem, não comeo senão podim preto, nem bebeo senão aguardente de cerejas pretas pelo espaço de um anno.

Factos da Historia de Portugal comparados com outros da Historia Romana.

Recolhendo-se os Romanos ao Capitolio, e achando-se cercados pelos Gallos que se havião apoderado de Roma á viva força, esperavão estes rende-los á fome. — Supportárão os sitiados com valor todos os rigores de um apertadissimo cerco, porém vendo-se a final exhaustos de viveres, lançarão mão de um ardil, que os salvou do furor dos inimigos, e foi o seguinte : Restando-lhes apenas uma mui diminuta porção de trigo, que, quando muito, chegaria para dois dias, lembrarão-se, no meio da sua desesperação, de atirar com todo o pão que delle fizerão ao campo dos sitiantes ; os quaes, pensando que os Romanos tinhão tão grande porção de mantimentos, que até lhes arrojávão com elles, como dando-lhes a entender que pelas armas e não pela fome se decediria a contenda, perdêrão a esperança de os submetter pela fome, e levantando immediatamente o cerco, deixarão os Romanos livres dos seus oppressores.

Um caso quasi similhante teve lugar por occasião do cerco que o Infante D. Affonso, Conde de Bolonha, (depois D. Affonso III, Rei de Portugal) poz a Celorico da Beira que Fernão Rodrigues Pacheco, Alcaide Mór do Castello da mesma Villa, não queria entregar, respondendo que só o faria a ElRei D. Sancho II de cuja mão o recebera. Convem advertir que o Pontifice Innocencio IV havia deposto do throno a ElRei D. Sancho II, revestindo dos poderes Magestaticos a seu Irmão, o referido Conde de Bolonha, que então se achava em França, e isso em consequencia da nimia frouxidão de D. Sancho no governo do Reino, e da oppressão que no seu reinado experimentara o Clero. O Conde, vendo que não podia entrar no castello á força d'armas, determinou sitiar e sujeitar pela fome seus defensores. No apuro em que estes se achavão, succedeo um caso que talvez se não repita, e foi, que voando por cima do castello uma aguia, deixou cahir das garras uma truta muito grande, que acabava de apanhar no Rio Mondego. — Fernão Rodrigues mandou logo cozinhar aquelle peixe e pôr em pão de milho (como diz o chronista Ruy de Pina) por não ter outro, e enviou tudo por um filho seu ao Infante, ponderando-lhe, com toda a civilidade, que não seria facil render-se uma praça, onde havia tão valorosos soldados, e tão bem providos de viveres como aquelle mimo indicava. — Vendo isto o Infante, teve conselho com os que o cercavão, e o resultado, foi assentarem todos, que persistir no cerco, era perder tempo, e retirando-se com as suas tropas, ficarão os sitiados triumphantes ; sendo tão terrivel a situação em que se achavão por falta de mantimentos, que, a não lhes valer o estratagema que empregarão, não poderião por certo resistir muito mais. *[Veja-se Ruy de Pina, na chronica d'ElRei D. Sancho II; Duarte Nunes de Leão, idem ; Corte Real no naufragio, cant.* 13 *folhas* 132·*]*

Cayo Attilio e Gaspar Dias.

Cayo Attilio, valeroso soldado de Julio Cezar na batalha naval contra os Massilienses seus inimigos, foi o primeiro que saltou armado na náo adversaria, e assim como saltou, lhe cortárão a mão direita cerce, que cahio dentro na náo ; e sendo com presteza soccorrido, foi a dita náo entrada, ganhada, e os inimigos mortos. *Plut. in vit. Cæsar.* O mesmo aconteceo a Gaspar Dias (muito bom homem d'armas, natural de Alcacere do Sal) em o porto da Cidade de Ormuz na India, quando o grande Affonso de Albuquerque destruio a poderosa armada que o Rey tinha no porto para sua defensão. Entre as náos, estava uma de grande lote delRei de Cambaya, denominada = *Meri* = com muita gente, e artilheria, a qual sendo dos nossos investida, o primeiro que nella armado saltou, foi este Gaspar Dias, que para se assemelhar tambem na sorte com o Romano Attilio, logo na entrada, e salto lhe cortárão a mão direita, que dentro na náo cahio apertada com a espada, e sendo socorrido, a náo foi rendida, e os Mouros mettidos a cutello. Por este esforço, ou desgraça (para melhor dizer), deu Affonso de Albuquerque a Gaspar Dias dez mil reis de tença cada anno á custa de sua fazenda. *Vide Comment. de Albuq. p.* 1. *c.* 32. *Goes na Chron. del Rey D. Manoel. p.* 2. *c.* 33. *Osor. lib.* 5. *f.* 218.

ANECDOTAS

Dito de um sujeito ácerca da grandeza dos Principes.

M sujeito, fallando dos Principes, dizia que a grandeza destes não consistia na grandeza do corpo senão na nobreza do espirito, porque do contrario, mais respeitado seria um elefante do que um Principe.

Comparação exacta feita por Diogenes.

Perguntando-se a Diogenes o que lhe parecia uma mulher mui bella, mas de pessimos costumes, respondeo: As casas são lindissimas, porém o inquilino é infame.

A Rainha Isabel d'Inglaterra e o seu bobo.

A Rainha Isabel d'Inglaterra tinha um bobo para se divertir; e usando este da liberdade que lhe dava a Soberana, lhe dizia em tom de graça quanto tinha ouvido murmurar do seu procedimento, que era assaz affrontoso á sua dignidade e sexo. — A Rainha, a quem não agradava a linguagem do bobo, mandou-o pôr fóra do Paço; porém passado tempo, parecendo-lhe que elle já estaria emendado, ordenou que fosse novamente admittido, e na primeira occasião que fallou com elle, lhe disse, como admirada: Que é isto! Vens outra vez criticar as minhas acções? Não, Real Senhora, respondeo o bobo, eu nunca mais terei a confiança de referir em Palacio as cousas que publicamente se dizem por toda a cidade.

O Musico e a casaca nova.

Achando-se um sujeito, que pertendia passar por grande Musico, na presença de varios curiosos, fallou-se da excellencia desta arte, e pondo estes em primeiro lugar uma bella voz, encareceo elle a sua a ponto tal que teve o arrojo de dizer que fazia della quanto queria. — Um dos curiosos, já enfastiado de tanta vaidade, e reparando que elle trazia uma casaca muito velha e cheia de remendos, lhe disse: Pois bem, como vm.ce faz da sua voz quanto quer, parece-me que já se deveria ter lembrado de fazer uma casaca nova, pois creio que bem necessitado está della.

EXPLICAÇÃO DE UM PARADOXO.

doecêrão da mesma molestia dois amigos: um delles fez-se tratar pelo medico mais afamado da terra, e o outro só quiz dieta e agasalho. Passado algum tempo sarou o que não usou de remedios, e apenas pôde sahir, foi logo visitar o seu amigo, que ainda se achava em grande perigo de vida. «Como é isto, perguntou o doente? Já tu andas a pé, que não tomaste remedios, e eu, assistido pelo melhor facultativo que temos, ainda se não sabe se escaparei!?» — «Não te admires disso, respondeo o outro. Eu tive unicamente contra mim a molestia, e tu além da molestia tens o medico.»

Esta anecdota faz lembrar o seguinte epigramma de Bocage:

«Um homem rico, outro pobre,
De grão molestia enfermou:
Qual delles morreo? O rico,
Que mais remedios tomou.»

Le chien et le Procureur Normand.

Un vieux procureur Normand qui s'occupait de tout, excepté de la procédure de son cabinet, allait à sa campagne. Le chien d'un fermier l'apercevant, s'élance sur lui et le force à faire retraite sur un immense tas de cailloux, où il se défend courageusement. — A peine une grêle de pierres eut mis le chien à la raison, que notre Procureur, fier de sa victoire, et encore tout hors de lui-même, s'écrie d'une voix terrible : c'est affreux ! c'est abominable ! de lancer de pareils carnivores sur les innocens voyageurs ! Moi aussi j'ai un chien, mais il ne *voit le jour que la nuit*.

UNE RÉVUE MUNICIPALE.

Des bouchers, ayant exposé au Maire d'une petite ville que l'on n'amenait pas assez de bœufs ou de moutons à un marché que l'on venait d'instituer, ce Magistrat dressa un procès verbal dans le quel on lisait : « Sur la plainte à nous faite par les bouchers de la Commune, qu'il n'y avait pas assez de bêtes au marché, nous avons ordonné *que nous nous y transporterions*.

QUELS SOTS PROPOS.

Comme le monde est malhonnête !
Et comme j'en fais peu de cas !
Madame, ne disait-on pas
Que vous aviez perdu la tête ?
— Qui l'a pu dire ? quelques sots,
Sans nul doute... Mais à propos,
On m'en a bien donné d'un autre :
Voyez un peu comme l'on ment !
Ne m'a-t-on pas dit hardiment
Que vous aviez repris la vôtre !

Le mort parlant.

Mon brave homme, aujourd'hui comment va la santé ?
— Très-doucement, Monsieur, en vérité ;
Mon état tellement empire,
Que si quelqu'un allait tout à l'heure me dire :
« Vous venez de passer de la vie au trépas, »
Jé répondrai : « Vous ne m'étonnez pas. »

ADVERTENCIA.



O REDACTOR do RECREIO julga dever declarar aos seus leitores que se pertendeo continuar este anno a DESCRIPÇÃO DAS ARMAS DAS FAMILIAS DESTE REINO, foi *unicamente* por condescender com os desejos manifestados por um grande numero de assignantes, de terem completa uma obra tão curiosa. — Havendo porém occorrido varias duvidas na occasião da entrega da quarta folha da mesma DESCRIPÇÃO, que acompanhava o N.° do Recreio pertencente ao mez de Fevereiro ultimo, previne os Srs. Assignantes de que não publicará mais folha alguma daquella obra, nem apresentará os desenhos dos Brazões como tencionava, em quanto as pessoas que a pertenderem, não forem ou mandarem inscrever seus nomes e moradas na loja da Viuva Henriques, rua Augusta N.° 1 (aonde d'ora em diante as mandarão receber, satisfazendo a sua importancia no acto da entrega de cada uma dellas), a fim de poder calcular o numero de exemplares que convirá tirar, uma vez que o mesmo Redactor não venha a soffrer prejuizo em seus interesses. — Quanto aos Srs. Assignantes das Provincias, deverão encarregar pessoa na capital que satisfaça na sobredita loja a importancia das folhas que forem sahindo.



Março de 1842. — *Nº 3.*

O Recreio, Jornal das Familias.

Lith. de A. C. Lemos Largo do [illegible] N.º 1

Abril. 1842.



O RECREIO.

JORNAL DAS FAMILIAS.

Heroinas Portuguezas.



Em tempo d'ElRei D. Manoel, de boa memoria, era Capitão de Cafim em Africa, Nuno Fernandes de Ataíde. Este sendo morto em um conflicto militar, juntamente com grande numero de soldados, imaginárão os Mouros ser-lhe facil o rendimento da Cidade, e com effeito derão sobre ella com todo o calor e ancia que lhes offerecia tão boa occasião. Porém as mulheres observando a sua determinação, vestírão-se de armas, fazendo-lhe uma tal resistencia, que os obrigárão a retirar com bem vergonhosa fugida, e indo-lhe no alcance, obrárão proezas dignas do seu valor e animo.

*

Joanna de Gouvêa, na batalha de Aljubarrota, ostentou um animo tão valoroso como esforçado, pois valendo-se de pedras e seixos, os arremeçava com furor incrivel aos inimigos; e não ha duvida que com esta obra rebatia em parte o seu orgulho. Outras vezes os confundia e revolvia entre si, jogando com elles o entrudo, não zombando, sim de veras, porque tomando agoa fervendo em um esguicho lh'a lançava pelo rosto e mãos. Esta terrivel perseguição amofinou e impacientou tanto aos Castelhanos, que para a obviarem fizerão muitas vezes tiro a quem lh'a occasionava, mas com tanta desgraça sua, como fortuna della, a qual proseguindo a empreza não cessou, até que a victoria lhe fez pôr termo nella. Foi esta illustre mulher natural da Villa de que tomou o sobrenome, e filha de Amador Freire, e de Joanna de.... Em Aljubarrota servia a um Cavalheiro, por nome Manoel de Castro de Sousa, em cuja casa se criou desde a idade de dez annos, e quando morreo contava mais de oitenta. Teve um irmão por nome An-

tonio Fernandes, que tambem se achou neste glorioso conflicto.

*

Pelos annos de 1533 vivia em Lisboa uma mulher, por nome Thomazia Nunes, natural de Vianna do Alemtejo, dotada de um animo tão esforçado e destemido, que nem ainda nos maiores perigos mostrava o menor receio. Estando uma vez em casa, e sentindo na rua o estrondo das armas, pegou de uma lança, e com ella se sahio a apasiguar o tumulto; e não ha duvida que ao seu valor cedeo a porfia e contenda dos combatentes. Em outra occasião, sendo maior o risco, não foi menor o alento, pois com um dardo na mão se lançou no meio de seis guerreiros, que se combatião a ferro e fogo, sahindo tão gloriosa da empreza, que assim como elles havião sido os arbitros da contenda, ella o era agora da paz, que lhes fez guardar.

*

Possuindo estes Reinos Filippe II de Castella, vivia na Villa de Peniche uma mulher, por nome Joanna da Silva, já de idade de cincoenta annos, mas nas forças tão vigorosa como se estivera na flor delles. Juntamente com as forças, era dotada de um animo tão alentado, que o mais varonil lhe cedia, sem controversia, a primasia toda. Envergonhava-se de pelejar com um só inimigo, e ainda com dois não admittia paralello o seu brio. Combater com quatro e cinco aspirava o seu animoso espirito, e todavia para muito mais mostrava tanto valor como animo. Tendo um choque com tres Castelhanos (a quem muito aborrecia), maltratou-os de maneira, que forão necessarios muitos tempos para se recobrarem. A outro que intentou offender a sua honra, deshonrou com uma grande bofetada, e porque este se quiz vingar da insolencia, ella o tratou de sorte, que esteve arriscadissimo a perder a vida. Outras muitas acções notaveis obrou esta illustre guerreira, que omittimos por serem quasi identicas.

*

No tempo d'ElRei D. Pedro I houve uma mulher chamada por alcunha a *Valentona*, de tão esforçado animo, que por muitas vezes foi vista combater com touros e outros animaes ferozes, obtendo sempre de todos uma grande victoria. Em forças poucos a igualárão e nenhum a excedeo. Luctava muitas vezes com os mais robustos soldados, e sempre os vencia, e occasião houve em que prostrou a dois juntos. Finalmente ella mesma dizia que lhe pezava de ser mulher, só para poder, no exercicio militar, ajudar ao seu Principe, empregando no seu serviço as forças e o animo de que a dotára a Natureza.

CARTAZ MONSTRO.

Quem poderá neste seculo de progresso marcar o limite onde irão parar as engenhosas invenções dos especuladores? O que são os cartazes dos livreiros, pregados nas esquinas das ruas de Londrés, em comparação da novissima imvenção dos seus collegas de París? «O panno da boca do theatro do Gymnasio, diz o *English Chronicle*, foi substituido ha dias por um *rideau annonces* (panno de annuncios), composto de immensos cartazés de côres variadas, indicando em letras gigantescas os nomes e moradas de certos livreiros e logistas da capital; as authoridades porém prohibírão esta nova especie de exhibição theatral.»

PENETRAÇÃO DO DOUTOR DONNA.

Logo que este estimavel ecclesiastico tomou posse do seu primeiro curato, foi ao cemiterio, onde nessa occasião se achava o coveiro fazendo uma cova: desenterrou uma caveira, pegou nella, e examinando-a, achou um preguinho sem cabeça cravado no lugar de uma das fontes: tirou-o, sem que o coveiro o visse, e atou-o na ponta do seu lenço d'assoar. Depois perguntou ao coveiro se sabia de quem era

aquelle craneo, e elle lhe respondeo que era de um homem que tinha um armazem de aguardente, bebado, mas homem honrado, que, tendo uma noite tomado uma dóze maior daquelle liquido, fôra achado no dia seguinte morto na cama. «Era casado? — Sim, senhor. — Que dizem de sua mulher? — Muito bem; os visinhos só notárão o ter ella tornado a casar no dia seguinte ao do enterro de seu marido.» Foi o que o Doutor quiz ouvir, e com o pretexto de visitar os seus parochianos, foi a casa dessa mulher. Fez-lhe diversas perguntas, e entre outras, a de que molestia tinha morrido seu marido, ao que ella respondeo o mesmo que o coveiro. Então o Doutor desatou o lenço, e, gritando com um tom de authoridade: «Desgraçada! conheces este prego!» Ferida de horror por uma accusação tão imprevista, confessou o seu crime immediatamente.

INDICAÇÃO DE ALGUMAS DAS MINAS DE PORTUGAL (1).

Minas d'ouro.

As Minas d'ouro mais remotamente conhecidas em Portugal são as da antiga *Adiça*, Termo da Villa de *Almada*, perto do Cabo d'*Espichel*. ElRei *D. Diniz* lhes deo privilegios, e os mais Reis seus Successores até ElRei *D. Manoel*: cessárão estes trabalhos no anno de 1506, e quando continuárão, foi em 1814, abrindo-se em differentes lugares. O seu Inspector *José Bonifacio d'Andrade* fez muitos ensaios por toda aquella Costa, e de todos elles tirou resultados interessantes, como mostrou em uma Memoria, que dirigio á Academia das Sciencias de Lisboa, á qual juntou uma conta da receita e despeza, que fez nas suas operações.

Os Montes de Góes e Serra da Estrella tem muito ouro, o que comprovão as arêas que sahem desses sitios. Junto da Villa do Rosmaninhal na Comarca de Castello-Branco, ha uma terra, a que chamão os moradores *Folha d'ouro*, a qual jámais se agriculta sem que appareção algumas folhetas deste metal. Ha poucos annos, um Pastor de Monforte descobrio uma, que *João de Macedo Pereira Forjaz* vio que pezava uma oitava, passando por certo que tem apparecido de muito mais pezo: o ouro é purissimo, o que tornaria a sua extracção summamente vantajosa.

Muitas são as Minas d'ouro e prata por todo o Reino, como se tem observado na Villa de *Borba*, *Béja*, *Evora*, *Barcellos*, *Thomar*, e outras partes conhecidas, as quaes não se explorarão até agora, por certas razões d'Estado, que apontão *Duarte Nunes*, *e as Memorias Instructivas de um viajante em Portugal T.* 1.° *pag.* 210.

Minas de Prata.

No Lugar de *Paramio*, tres legoas da Cidade de *Bragança*, descobrio-se uma rica Mina de prata no anno de 1628: contém por quintal de materia mineral tres arrobas de prata fina: o Superintendente promettia, livres para ElRei, oito arrobas por dia.

A Mina de *S. Miguel d'Axa*, tão conhecida, contém prata, zinco e chumbo: muitas mais são as Minas que se conhecem no Reino.

Minas de Estanho.

Temos Minas d'Estanho em *Vizeu* e em *Monforte*, seis legoas de Portalegre, e outras em *Amarante*, *Bouzella*, *S. Pedro do Sul*, *Belmonte*, descobertas pelas diligencias de Mr. *Damy* no anno de 1736.

Minas de Cobre.

Na Serra de Grandola descobrio-se em 1620 uma Mina de Cobre muito boa. Junto da Cidade *d'Elvas*, apparece outra, da qual *Domingos Vandelli* extrahio, por ensaio, trinta e dois arrateis e uma quarta, por quintal de materia mineral. Em *Botoens*, perto de Coimbra, apparecem signaes de Mina de Cobre, além de outras, descobertas pelo Bacharel *Joaquim Pedro Fragozo* em *Portalegre*.

Minas de Chumbo.

Em *Monforte* ha Minas riquissimas de chumbo, como se vê pelo ensaio que se fez na do *Pereiral*, que contém um quintal de materia mineral, quasi oitenta arrateis de metal purissimo, e tem em pouca distancia muitas lenhas para a fundição.

Nas margens do rio *Pisco*, perto da Villa de *Marialva*, no sitio de *Marrão*, descobrio-se uma Mina de chumbo no anno de 1740, donde se extrahio por alguns annos; e no de 1770 fez-se delle um ensaio no Laboratorio da Universidade, onde se conheceo que correspondia a noventa e dois arrateis por quintal de mineral que se fundia, e duas onças e dois grãos de prata. Em *Lamego* temos uma boa Mina de chumbo que rende sessenta arrateis por quintal, além da prata, como observou *Domingos Vandelli*. A Mina de *Céja*, acima da Cidade de Coimbra, rende

(1) Veja-se o *Recreio* de 1836 a pag. 285.

quarenta e oito arrateis por quintal: apparecem outras em *Aramenha* e *Vimeiro*.

Minas de Ferro.

Junto da Villa de *Figueiró*, achão-se duas Fabricas em que se purificou ferro por muitos annos, extrahido das Minas dos seus contornos: nellas se fundião peças d'Artilheria, e fazião prégos e ferragens para o commercio, e para os navios. A conducção era dispendiosa por *Tancos*, nove legoas distante, donde as vinhão embarcar no Tejo: temos outras Minas deste metal em *Coimbra*, *Costa de Cão*, *Bussaco*, *Carvalhos*, *Pernes*, *Cintra* e Termo de *Moura*, no Alemtejo. Junto da Mina de carvão de pedra em *Buarcos*, acha-se descoberto um banco d'arêa de ferro conglutinado, de que *Domingos Vandelli* extrahio optimo ferro. Em *Penella e Thomar* achão-se tambem boas Minas deste metal; e muitas mais por quasi todo o Reino.

Minas de Carvão de Pedra.

A Mina de carvão de Pedra de *Buarcos*, quanto mais profunda, mais bituminosa é, e por consequencia melhor. Por toda a Costa que se segue até á *Figueira* apparece em grande quantidade este mineral. Junto de *Leiria* encontrão-se tambem algumas vêas.

As Minas de *S. Pedro de Cóva* estão actualmente em grande laboração; o seu carvão, é preferivel a todo quanto se conhece para o uso das cozinhas, pela sua grande duração e simplicidade de materia.

Em *Porto de Mós*, temos uma rica vêa descoberta pelo Doutor *Joaquim Velloso*, d'excellente carvão de pedra: na Serra da Estrella foi descoberta outra pelo Bacharel *José Alves Maciel*, temos mais Minas no Cabo d'*Espichel*, *Setubal*, *Carvoeira*, *Cintra*, *Cartacho*, *Cascaes* e outras, assim como os Páos bituminosos da Louzã, Aveiro, Carapinheira e Ourem. Temos a Turfa da *Comporta*, e outros lugares paludosos do Reino, que nos offerece um combustivel muito barato, do qual os Hollandezes e Allemães se servem em lugar de lenha e de carvão. — *J. A. Silva Lisboa*.

[Revista Universal Lisbonense.]

CHÁ BRAZILEIRO.

Do *Weekly Herald* de New-York traduzimos o artigo abaixo transcripto, que merece a attenção dos nossos leitores, não só porque nelle se vê o grão de conceito que começa a grangear o chá do Brazil, como porque nos parece um incentivo para animar os agricultores a fazerem experiencias. Por certo ociosas serião quaesquer reflexões que a esse respeito fizessemos, pois que a todas as luzes são evidentes as immensas vantagens que do aperfeiçoamento da cultura do chá resultão ao Brazil:

«Parece, pelas noticias que temos, que o Imperio do Brazil breve competirá com o da China. Ha alguns annos a esta parte, começárão varios agricultores a cultura do chá. O anno passado remettêrão-se amostras ao mercado de Londres, para se compararem com o melhor chá da China. O gosto, cheiro e qualidade em nada differem do chá do Imperio celeste: unicamente se exige mais algum cuidado na manufactura ou preparo, e a diminuição do preço, pois que o da China é mais barato. O Brazil deste modo cedo fornecerá o Mundo com chá, como actualmente o faz com o café.»

TESTAMENTO SINGULAR.

Achão-se no testamento de Sir Gilbert East de Firfield, cuja fortuna conhecida subia a 300,000 lib. est. (2.400:000$000 rs.), as seguintes deixas: — Deixo a Maria East todos os cães de que por minha morte me achar senhor, em qualquer parte que estejão. A legataria deverá alimenta-los com o mesmo desvelo com que eu os tratava; dar-lhes-ha leite, farinha de cevada ou de aveia, bolacha, tripas, etc. A legataria receberá 7 schillings por semana por cada cão. Procurará uma pessoa honrada e de confiança para trata-los. Em caso de enfermidade, dar-se-lhe-ha um auxilio pecuniario para remedios. Quero que nunca matem cão algum dos meus, por mais velhos e achacados que fiquem. Disposições similhantes e mui minuciosas achão-se consignadas no testamento para os cavallos e papagaios do testador. A legataria encarregada do papagaio valido de-

verá cada anno comprar-lhe uma gaiola nova de ferro. Quanto aos cavallos, deverá deixa-los em liberdade nos prados que pertencião ao testador, e no inverno terá cuidado de mandar aquecer os telheiros em que se tiverem de abrigar: o legado para cada cavallo anda por 8 schillings por semana.

NOVO COLLETE DE SALVAÇÃO.

Lê-se no *Pilote du Calvados*:

« Acaba de fazer-se em Dunkerque a experiencia de um collete de salvação, inventado por um Hollandez, o qual, sem impedir os movimentos do corpo nem a manobra nos navios, faz boiar qualquer homem, ainda o mais enroupado, que venha a cahir ao mar.

« As conclusões do relatorio feito em consequencia das experiencias a que se procedeo, são:

1.° « Que em todos os casos, o collete sustentará em cima d'agoa a pessoa que o tiver vestido, ainda mesmo que essa pessoa esteja muito enroupada.

2.° « Que não impedirá aos homens que o trouxerem de manobrar, tanto sobre o convéz como nos mastros, e que por consequencia uma tripulação em risco de naufragio poderia vesti-lo por precaução, e continuar igualmente as manobras que lhe fossem ordenadas. (É tambem para notar que o collete contribuiria para manter o calor natural).

3.° « Que, em um naufragio, livraria a pessoa que o tivesse vestido (pelo menos o tronco) de ser ferida pelos destroços do navio, e que, tendo o naufragio lugar sobre uma costa de rochedos, elle a livraria de ser lacerada no momento de chegar á terra, como tantas vezes tem acontecido. »

Factos da Historia de Portugal comparados com outros da Historia Romana.

Lucio Paulo Emilio, Consul Romano, sendo na batalha de Cannas por Annibal desbaratado, vencido e mal ferido, e vendo-o Lentulo Cornelio, Tribuno dos ginetes, com poucas esperanças de escapar, aconselhou-lhe que fugisse n'um cavallo que lhe offerecia. O nobre Consul porém não quiz acceitar aquelle offerecimento, e antes estranhou o conselho, mostrando preferir morrer com honra no campo da batalha, do que, sendo Capitão, pôr-se a salvo, desamparando os soldados e amigos, que por seu serviço offerecião as vidas.

Um facto similhante podemos citar: D. Lourenço de Almeida, sendo desbaratado e mal ferido na batalha de Chaul, e não lhe restando outra esperança de salvar-se senão escapando em o esquife da náo, conselho que todos lhe davão, attendeo mais á perda da honra, do que da propria vida, e não quiz acceitar o esquife (como fez Emilio com o cavallo), dizendo mui encolerisado, que tal lhe não repetisse ninguem, porque lhe daria com uma alabarda. E pondo logo em ordem a sua gente para se defender e morrer antes pelejando, começou de novo a batalha, em que com effeito morreo, por não manchar a sua honra desamparando aquelles que por seu serviço sacrificavão com tão boa vontade suas vidas. *Chron. delRei D. Manoel p.* 2. *cap.* 26. *Osor. na mesma lib.* 5. *Mariz Dialog.* 4. *c.* 15.

O mesmo fez o Capitão João Pereira em uma galé, no cerco que os Achens e Jaos puzerão á Cidade de Malaca, de que era Capitão Tristão Vaz da Veiga, em tempo de Antonio Moniz Barreto, Governador da India. Sendo pois João Pereira desbaratado pelos Achens, e correndo o maior risco de cahir em poder dos inimigos, lhe aconselhárão os seus, que se metesse n'um balão (embarcação da India) e se salvasse nelle: João Pereira não só não quiz admittir o conselbo que lhe davão os seus, mas respondeo com um coração mui isento e livre de medo, que havia de defender a galé até o ultimo suspiro. E assim o fez, pelejando esforçadamente com grande estrago e perda de seus inimigos, achando por venturosa sua sorte perecer em companhia dos seus, e por pouca honra sua abandona-los para salvar a sua vida, bem similhante a Paulo Emilio, como diz *Jorge de Lemos nos Cercos de Malaca, p.* 2. *cap.* 16. *fol.* 41.

Paulo Emilio, Consul Romano, de dois filhos que comsigo trazia, vio um delles morto antes que entrasse em Roma triumfante quando vencêra a ElRei Perseo.

Uma tal desgraça para um Pai carinhoso necessariamente lhe havia de ser sensivel ao ultimo ponto, porém o nobre Consul Romano bem mostrou a paciencia que seu generoso animo dentro em si encerrava. — Não deo pois a conhecer a sua magoa, e entrando com o outro filho pela cidade em seu carro triumfante, com um ramo de louro na mão (simbolo da victoria), e na cabeça uma corôa do mesmo, soberbamente vestidos com os despojos de seus inimigos, que adiante de si levava manietados, foi esta a mais famosa entrada de triumfo que até áquelles tempos em Roma se havia feito.

Um facto similhante aconteceo com o grande D. João de Castro, Vice-Rei da India, que de dois filhos que tinha, teve a desgraça de ver um delles, D. Fernando de Castro, morto em Diu em uma mina de polvora, a que os Mouros (que havião cercado a Fortaleza) derão fogo; porém o nosso heroe occultando a dôr que dilacerava seu coração, entrou com o outro filho, D. Alvaro, rica e galhardamente pela cidade de Goa, triumfante de ElRei de Cambaya e de seus alliados, a quem vencêra em batalha campal em o segundo cerco de Diu, levando um ramo de palma na mão (simbolo da victoria), e na cabeça corôas da mesma palma, e adiante de si os prisioneiros, armas, bandeiras, artilheria, munições e todos os despojos dos inimigos com grande magestade de folias, festas e ricos toldos pelas ruas. — Assim renovou aquelle benemerito Portuguez os triumfos dos antigos Romanos. — *Chr. delRei D. João III. P. 4. C. 19. Corte Real no Poema deste cerco.*

Resposta do Infante D. Pedro a alguns cidadãos de Lisboa que lhe querião levantar uma estatua.

Querendo os cidadãos de Lisboa ordenar uma estatua de pedra, sobre a porta dos Estáos, ao Infante D. Pedro, em memoria da mercê e liberdade que, em nome e na menoridade d'ElRei D. Affonso V, fizera de lhes tirar as aposentadorias; e perguntando-lhe em que fórma a haveria por melhor, o Infante com o rosto carregado de tristeza os dissuadio, dizendo-lhes: — *Se a mynha ymagem ally estevesse esculpida, aynda viram dias, que em gallardam dessa mercêe, que vos fyz e doutras muitas, que com a graça de Deos espero de vos fazer, vossos Fylhos a derrybaryam, e com as pedras lhe quebrariam os olhos. E por tanto Deos por ysso me dê bom gallardam, cá de vós em fym nam espero outro se nam este que digo, e por ventura outro pior.* — Com estas palavras se forão os cidadãos muito maravilhados, sendo depois certificados, que dizia verdade, quando assim o vírão cumprir (1).

[Chr. do Sr. Rey D. Affonso V.]

TRATADO CELEBRADO EM 1353 ENTRE EDUARDO III D'INGLATERRA, E OS HABITANTES DE LISBOA E PORTO.

Em 1353 fizerão os moradores de Lisboa e Porto um Tratado, de commercio reciproco por 50 annos, com Eduardo III de Inglaterra, pelo qual se estipulou que poderiam ir pescar ás costas e portos d'Inglaterra e da Bretanha.

(1) O tempo que este infeliz Infante governou Portugal na menoridade d'ElRei D. Affonso V, seu sobrinho, é tido por um dos melhores de governo que houve neste Reino. Pôde depois tanto a ambição e odio de seus inimigos, que o malquistárão com ElRei; e valendo-se dos poucos annos do Monarca, o declarárão seu inimigo tão inconsideradamente, que posto em campo o buscou, como se lhe não devêra a criação e a felicidade em que se achava o Reino. Infelizmente aquellas discordias forão a causa da sua morte naquelle recontro, chamado batalha da Alfarrobeira, em que foi morto o mesmo Infante aos 20 de Maio de 1449; chegando a tanto o odio dos mesmos que lhe erão obrigados, e pouco antes o querião lisongear levantando-lhe uma estatua, que aconselhárão a ElRei que o privasse da sepultura que ElRei seu pai lhe mandou lavrar no Mosteiro da Batalha; e assim, sem distincção, foi sepultado na Igreja d'Alverca, para onde foi conduzido n'uma escada, depois de ter estado tres dias no campo. Este facto foi estranhado pelo Papa e mais Principes Soberanos que com expressões de sentimento o representárão a D. Affonso V. Finalmente, a rogos da Rainha D. Isabel, foi o cadaver trasladado para Abrantes; d'alli para Santo Eloi de Lisboa por ordem da Rainha sua filha, e depois para o Convento da Batalha para uma das sepulturas que estão na Capella d'ElRei D. João I.

AS QUATRO COUSAS QUE O HOMEM CUIDA QUE TEM, E NÃO TEM.

D. João de Menezes, cavalleiro mui discreto que vivia no tempo d'ElRei D. João III, costumava dizer que quatro cousas cuida o homem que tem, e não tem; a saber: muitos amigos — muito sizo — muita sciencia — e muita paciencia.

Calculo curioso sobre o transporte de cartas e exportação de metaes preciosos na Grã-Bretanha.

As cartas transportadas pelos correios da Grã-Bretanha no anno de 1839, anterior ao da reducção do porte, forão 75,469,000; em 1840 subírão a 168,768,000; e em 1841 a 196,500,000.

A exportação de metaes preciosos do porto de Londres, durante o anno de 1841, chegou a 6,544 onças de dinheiro em ouro; 7,871,363 onças de dinheiro em prata; e 1,963,726 onças de prata em barra.

Quasi todo o dinheiro em ouro foi exportado para as Colonias Inglezas nas Indias Orientaes, e para a America do Norte; sendo a exportação para a Europa de 7,295,011 onças de dinheiro em prata; e 1,963,726 onças de prata em barra. *(Le Précurseur.)*

FALLIBILIDADE DO SYSTEMA DE GALL.

Os partidistas do systema de Gall, que pertendem que cada qual tem no craneo protuberancias que indicão as suas inclinações, vírão-se obrigados a confessar a fallibilidade do tal systema, pois examinado o craneo do assassino Granier, condemnado á morte, e que se deixou morrer á fome, depois de 65 dias d'abstinencia, reconheceo-se que tinha a protuberancia caracteristica *da bondade, da piedade e amor de Deos.* — Accrescenta o Redactor do Jornal donde transcrevemos este artigo, que seria ainda mais singular se se lhe tivesse achado a protuberancia *do amor do proximo.*

ANECDOTAS

Definição da Medicina dada por um Medico.



O CELEBRE Vesange, renunciando á prática da Medicina que elle havia exercido com bastante successo pelo espaço de trinta annos, dizia: *Retiro-me, cansado já de me deitar a adivinhar.*

A multiplicidade de Leis.

Certo Legislador (lê-se n'um apologo oriental) pretendeo dar nova fórma aos seus Estados, e tira-los da crise em que se achavão, por meio da multiplicidade de Leis. — Neste commenos adoeceo, e o seu Medico receitou-lhe grande copia de remedios, que devião ser tomados uns após outros sem interrupção. — Então para que me applicão tanto remedio ao mesmo tempo? perguntou o Legislador muito admirado. — Senhor, respondeo o Medico, é para restabelecer mais promptamente a vossa saude. — Mas, entre tantos remedios, replicou o enfermo, alguns haverá por certo que empeção e até destruão o effeito de outros. — Isso é verdade, concluio o Facultativo, e reconheço que andei errado, do que lhe peço mil perdões; porém quiz tratar a vossa molestia como vós haveis tratado a dos vossos Estados.

Conselho de um pertendente.

Pedindo Luiz d'Antas uma mercê ao Mestre de Santiago, allegava, como exemplo, o haver S. A. feito outra igual a certo homem de muito infe-

rior merecimento; e respondendo-lhe o Mestre de Santiago, que por isso mesmo muito se arrependêra, acudio elle: Pois faça-me Vossa Alteza o que eu imploro, e depois arrependa-se.

O capellista e o ladrão de gravata lavada.

Indo certo sujeito de distincção com varios amigos á loja de um capellista comprar meias de seda, um delles escondeo um par na algibeira, porém não com tanta destreza que o dono da loja o não visse. — Este comtudo fingio que o não tinha percebido, e não o querendo vexar diante dos outros, lhe disse ao sahir, chamando-o de parte: — Sinto muito, meu senhor, não lh'as poder dar por esse preço. — Sendo assim, respondeo então o outro sem se perturbar, ahi as tem Vm.ce

---

Temor de Deos de um salteador.

Encontrando um salteador a um pobre n'uma estrada, e pedindo-lhe a bolsa ou a vida, respondeo-lhe este que no misero estado a que se achava reduzido, mal podia ter real, quanto mais bolsa. — Enfurecendo-se o ladrão com uma tal resposta, matou-o, e achando vinte moedas em ouro cosidas nos remendos da capa do mendigo, exclamou, apoderando-se dellas: *Olhem a alma deste aonde irá parar!*

CALEMBOURG.

Une Dame, qui avait des prétentions au chant, ne pouvant finir un air sur le ton qu'elle l'avait commencé, dit à son voisin: *Je vais le prendre en mi.* — Non, Madame, répondit-il, restez-en *là*.

FACÉTIES.

On lit ce qui suit, sur les *Petites Affiches de Paris:* — Il a été perdu dans les voitures dites *Béarnaises*, un chien qui a les oreilles coupées, et la queue longue depuis la Place de la Bourse jusqu'à saint Sulpice.

Une nouvelle société de placement dit, dans son prospectus, qu'on ne recevra que l'argent des personnes dont la probité *sera bien reconnue*. C'est la premiére fois que les débiteurs s'avisent d'aller aux renseignemens sur les créanciers.

On vendait au rabais sur les Boulevards un énorme volume, intitulé: *l'Art de gagner sa vie*. Le crieur ajoutait, comme notice biographique, que l'auteur était mort de faim.

Un libraire de Paris a écrit à un Patissier de Chartres: Je vous prie de m'envoyer deux exemplaires de vos meilleurs patés, afin de me mettre à même de juger de leur superiorité sur ceux d'Angoulême, et je m'expliquerai franchement à cet égard dans l'ouvrage que je publie sur la *Statistique de la France*.

Un Journal anglais dit que sept femmes, qui ont voulu se suicider, ont tenté cet acte de désespoir *avec plus ou moins de succès*. — Un officier s'est étranglé hier: on attribue sa mort à un *suicide*.

Un Journal américain contient ce singulier avis d'un dissipateur au public: Il est positivement défendu de me faire crédit, sous aucun prétexte que ce soit, attendu qu'à partir de ce jour, je n'acquitterai aucune dette contractée par moi. — Signé John *Hewit*.



Abril de 1842. *N.º 4*

O Recreio, Jornal das Familias.

Lith. de A. C. Lemos Largo do Quintella N.º 1

Maio. 1842.

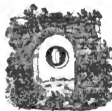


O RECREIO.

JORNAL DAS FAMILIAS.

Batalhas mais memoraveis dadas pelas armas portuguezas, desde o Conde D. Henrique até 1710.

Artigo extrahido das Obras de Damião Antonio de Lemos Faria e Castro.



O Conde D. Henrique, tronco dos Reis de Portugal, ganhou aos Mouros dezesete batalhas campaes, de que a Historia não nos individúa as circunstancias.

1139 Batalha do Campo de Ourique, aonde ElRei D. Affonso Henriques, com poder muitas vezes inferior, ganhou completa victoria de Ismar, ou Ismael, acompanhado de outros vinte Reis Mouros.

1166 Batalha de Palmella, na qual ElRei D. Affonso Henriques, com sessenta soldados, desbaratou a ElRei de Badajoz, que com sessenta mil infantes, e quatro mil cavallos marchava em socorro de Cezimbra.

1179 Batalha de Badajoz, em que D. Fernando, Rei de Leão, venceo e fez prisioneiro a ElRei D. Affonso Henriques, seu sogro, por haver quebrado uma perna no ferrolho da porta ao sahir da Cidade.

1181 Batalha de Santarem, aonde ElRei D. Affonso Henriques derrotou com grande estrago a Albojaque, Rei de Sevilha.

Batalha de Sevilha, na qual o Infante D. Sancho, mandado por seu Pai, desbaratou aos Mouros muito superiores em forças.

Batalha do Porto de Moz, aonde o valoroso D. Fuas Roupinho venceo a Gami, Rei de Valença.

1184 Batalha naval na Costa de Lisboa, na qual as Galés dos Mouros forão desbaratadas pelo mesmo D. Fuas, que poucos annos depois perdeo a vida em outro combate naval.

1185 Batalha de Santarem, na qual ElRei D. Affonso Henriques, e seu filho o Infante D. Sancho fizerão em postas o exercito de Miramolim de

Marrocos, e de outros treze Reis, que o acompanhavão, com morte do mesmo Miramolim.

1217 Batalha de Alcacere do Sal, em que o Bispo de Lisboa Matheus, ajudado das Nações Septentrionaes, que passavão á Terra Santa, desbaratou aos Reis de Cordova, de Sevilha, de Jaem e de Badajoz, com morte de trinta mil Mouros.

Batalhas de Elvas e de Serpa, nas quaes ElRei D. Affonso IV de Portugal e seu genro D. Affonso II em pessoa derrotou com grande mortandade os exercitos dos Reis de Sevilha e de Jaem.

1340 Batalha do Salado, na qual os Reis de Portugal e de Castella, passárão á espada o formidavel poder de Alli Boacem, Rei de Marrocos, que perdeo, como dizem, quatrocentos e cincoenta mil homens nesta derrota.

1384 Batalha dos Atoleiros ganhada sobre os Castelhanos pelo grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que seguia a voz do Mestre de Aviz (D. João I.)

1385 Batalha de Trancozo, na qual João Fernandes Pacheco com trezentos Portuguezes derrotou um exercito Castelhano com morte de todos os seus homens de armas, sem que faltasse algum dos Portuguezes.

Batalha famosa de Aljubarrota, na qual ElRei D. João I de Portugal com seis mil homens venceo a D. João I de Castella, e lhe matou doze mil soldados dos trinta e seis mil de que se compunha o seu exercito.

Batalha de Valverde, em que o Condestavel D. Nuno Alvares derrotou trinta mil Castelhanos, commandados pelos Grão Mestres das Ordens.

1449 Batalha fatal de Alfarrobeira, em que ElRei D. Affonso V com armas injustas e resolução escandalosa, venceo e matou a seu tio e sogro o Infante D..Pedro, que havia sido Regente do Reino.

1475 Batalha de Toro, na qual o Principe D. João de Portugal triumfou de D. Fernando o Catholico, ao mesmo tempo que os seus Capitães vencião a D. Affonso V, Rei de Portugal.

1578 Batalha de Alcacere em Africa, aonde ElRei D. Sebastião se perdeo com a flor do seu Reino, sendo vencido por Mulei Maluco depois da victoria se haver declarado a seu favor.

1580 Batalha da ponte de Alcantara em Lisboa, na qual o Senhor D. Antonio, Prior do Crato, que por morte do Cardeal D. Henrique se havia feito acclamar Rei, com desacordada temeridade investio com quatro mil homens, sem ordem, nem armas, o exercito de Hespanha, mandado pelo Duque de Alva, que teve pouco que fazer em derrota-lo.

1582 Batalha Naval das Ilhas Terceiras, em que o Marquez de Santa Cruz, General da Armada de Filippe II, venceo a de Portugal e França, que conduzia ao Senhor D. Antonio.

1644 Batalha de Montijo, na qual o General Mathias de Albuquerque, que mandava o exercito Portuguez, depois de ter desordenadas e postas em confusão as suas tropas, ganhou do Barão de Molinguen, General de Castella, uma gloriosa victoria, reinando D. João IV.

1658 Batalha do Forte de S. Miguel, em que Joanne Mendes de Vasconcellos, General das Armas de D. Affonso VI, derrotou ao Duque de S. German, que governava as de Castella.

1659 Batalha das Linhas de Elvas, na qual o grande D. Antonio Luiz de Menezes, Conde de Cantanhede, depois Marquez de Marialva, conseguio levantar o sitio daquella Cidade com ruina total do exercito Castelhano, que commandava D. Luiz de Haro, e o Duque de S. German.

1663 Batalha do Ameixial, em que os Generaes D. Sancho Manoel, Conde de Villa Flor, e o Conde de Schomberg, derrotárão a D. João de Austria, filho natural de Filippe V.

1664 Batalha de Castello Rodrigo, na qual Pedro Jaques de Magalhães, Governador das Armas da Beira, venceo ao Duque de Ossuna, que governava as de Castella.

1665 Batalha de Montes Claros, em que o Marquez de Marialva, Capitão General das Armas do Alemtejo, e o

Conde de Schomberg, Governador da mesma Provincia, ganhárão completa victoria do Marquez de Caracena, que com o exercito Castelhano sitiava Villa Viçosa.

1705 Batalha Naval no Estreito de Gibraltar, na qual as Armadas Portugueza e Ingleza, mandadas por Gaspar da Costa de Ataíde, e pelo Cavalleiro Leake, derrotárão a Franceza, que governava Monsieur de Pointis ou de Points, obrigando os Hespanhoes a levantar o sitio da Praça.

1707 Batalha de Almansa, em que o Duque de Berwich, General das tropas das duas Coróas, venceo o exercito dos Alliados, que governava o Marquez das Minas, e o Conde de Galloway.

1710 Batalha de Çaragoça, na qual o Conde de Staremberg venceo o exercito de Filippe V.

Batalha de Villa Viçosa, em Castella a Nova, na qual o mesmo Staremberg, com as forças dos Alliados, combateo as de Filippe V, sem se declarar a victoria; mas aquelle Principe antes da batalha aprisionou em Brihuega ao General Stanhope com cinco mil soldados.

O SOL.

Este astro é, de todos quantos se achão disseminados no espaço, o mais digno da nossa admiração.—O calor e a luz que derrama sobre o nosso Globo organisão, desenvolvem, e fazem que tudo chegue ao estado de perfeição.—Por isso, os povos da mais remota antiguidade, levados de um sentimento natural de reconhecimento, erigião altares a este astro bemfazejo.—Em todos os tempos emittírão os Philosophos diversas opiniões ácerca da natureza do Sol.—Segundo os antigos, taes como *Platão*, *Zeno*, *Pithagoras*, *&c.* é um globo de fogo; entre os modernos, forão da mesma opinião *Kepler*, *Kircher e Ricciolli*.—*Descartes*, pelo contrario, e alguns outros depois delle, pensárão que era composto de uma materia muito subtil, capaz d'excitar em nós a sensação de luz e de calor.

Outros considerárão o fogo e a luz que emanão do Sol como sendo a mesma materia, porém diversamente modificada.—Este astro, visto ao telescopio, e por meio de vidros de cores que diminuem o seu esplendor, apresenta muitas vezes umas manchas negras e irregulares, com uma cercadura menos escura, e dotadas todas de um movimento commum.—Este phenomeno, cuja descoberta pertence á Astronomia moderna, e que fez conhecer a rotação do Sol operada sobre aquelle mesmo astro, explica-se, segundo Mr. de Laplace, suppondo-o uma massa abrazadora que experimenta immensas erupções, e apresenta, por intervallos, vastas cavidades; e segundo Herschell, suppondo-o, pelo contrario, um corpo solido cercado de uma atmosphera luminosa, na qual fluctuão nuvens inflammadas, que, separando-se algumas vezes, descobrem o centro obscuro: opinião com effeito concorde com as observações de Wilson sobre os diversos aspectos sob os quaes essas manchas se apresentão.—O Sol é o centro de nosso systema Planetario: as suas revoluções diurnas e annuas determinão a duração dos dias e das Estações.

CORRIDAS DE TOUROS.

No Domingo, 4 de Janeiro de 1573, foi ElRei D. Sebastião a Beja, aonde se corrêrão touros já com as pontas cortadas, o que d'antes se não usava; sen-

do estes os primeiros que se corrêrão em Portugal depois da prohibição do Pontifice S. Pio V, porque o successor Gregorio XIII tornou a permittilos, a instancia d'ElRei, mas com duas condições; a primeira a das pontas cortadas; a outra, que só os correrião na presença do Soberano. *[H. S.]*

A ROSA DE OURO.

Constando ao Papa Julio III que o Principe D. João, filho d'ElRei de Portugal D. João III, e de sua mulher a Rainha D. Catharina d'Austria, era a delicia de seus Pais, e que já mostrava na tenra idade haver de imitar varonil as heroicas virtudes dos gloriosos Monarchas seus ascendentes, mandou-lhe por Balthazar de Faria, Ministro d'ElRei na Curia Romana, a Rosa de Ouro, que os Summos Pontifices costumão benzer na quarta Dominga da Quaresma, e com ella um Breve dado em Roma no 1.° d'Abril de 1551, e dirigido ao Principe, do qual baste a seguinte clausula:

Suscipe itaque tu illam, dilectissime Fili, qui secundum sæculum nobilis, potens, ac multa virtute præditus, et clarissimorum Regum parentum tuorum, ac regni istius, spes unica existis; ut amplius omni virtute in Christo Domino augearis, tanquam Rosa plantata super rivos aquarum multarum, &c.

Traduzido quer dizer: «Recebei por tanto «esta Rosa, muito amado Filho, pois que sois «neste seculo nobre, poderoso, e adornado de «muitas virtudes, e a unica esperança dos «preclaros Reis Vossos Augustos Pais, e desse «Reino, a fim de que cresçais com maiores «virtudes em Christo Senhor Nosso, como a «Rosa plantada na margem dos rios de perennes e copiosas agoas.»

No anno em que o dito Breve foi dado tinha o Principe quatorze annos de idade, e já estava tratado o seu casamento com a Infanta D. Joanna d'Austria, filha dos Imperadores Carlos V e D. Isabel de Portugal, que se effectuou no mez de Janeiro de 1552, por procurações; e tendo a Princeza chegado a Lisboa na Segunda feira 5 de Dezembro forão os dois Principes na Quarta feira seguinte á Igreja Cathedral receber as benções nupciaes.

Conformavão-se os dois Esposos nas prendas pessoaes, e nas inclinações do animo, amando-se sobre modo; porém pouco depois enfermou o Principe, e morreo no dia 2 de Janeiro de 1554, deixando gravida a Princeza sua mulher, a qual na madrugada do dia 20 do mesmo mez deo á luz um filho varão, que no oitavo dia do nascimento foi baptisado na Real Capella do Paço por seu Tio o Infante D. Henrique; e a quem se poz o nome de *Sebastião*, em obsequio do Santo, que lhe deo o seu dia para nascer. *[H. S.]*

Havendo Sua Santidade acceitado o convite que Suas Magestades Fidelissimas lhe fizerão de ser Padrinho do Serenissimo Senhor Infante D. João, e querendo dar a Portugal, á Europa, e ao Mundo Catholico um Solemne Testemunho da Alta Consideração em que Sua Santidade Tem a Nossa Augusta Soberana, Resolveo enviar a Sua Magestade a Rainha a *Rosa de Ouro*, que os Romanos Pontifices desde o seculo 8.°, ou desde muito antes, segundo alguns Escriptores, costumão benzer e consagrar na Dominga *Lætare*, quarta da Quaresma, e que Sua Santidade Havia consagrado na mesma Dominga da Quaresma, a 6 de Março de 1842.

O Santo Padre por Seu Breve Apostolico de 14 de Março deste anno, dirigido a Monsenhor Vizzardelli, o authorisa e constitue com plenos Poderes, seu Delegado para entregar e apresentar a Sua Magestade a Rainha a *Rosa de Ouro*, que com o mesmo Breve lhe enviou. S. Ex.ª Monsenhor Capaccini, Delegado e Internuncio Apostolico nesta Côrte, recebeo por esse mesmo tempo as Instrucções necessarias, que teve a honra de participar verbalmente a Sua Magestade, tendo para isso pedido licença e dia; e esta noticia de Sua Santidade Mandar á Nossa Augusta Rainha a *Rosa de Ouro*, que havia tres seculos não se offerecêra aos Senhores Reis destes Reinos, deo grande jubilo aos Portuguezes, fieis subditos da Rainha, e devotissimos filhos da Santa Igreja de Nosso Senhor Jesus Christo.

A apresentação da *Rosa de Ouro* a Sua Magestade a Rainha teve lugar no dia 24 d'Abril ultimo, na Real Capella das Necessidades, com a maior solemnidade possivel, como se vê do *Diario do Governo* de 27 do mesmo mez.

Eis-aqui a traducção do Breve de que acima fizemos menção.

Gregorio, Pontifice Papa XVI.

Para constar perpetuamente. Movidos por um singular sentimento de benevolencia para com a Nossa dilectissima Filha em Jesus Christo a Rainha de Portugal e dos Algarves Dona Maria da Gloria, Resolvemos dar a Sua Magestade um testemunho perenne da nossa vontade muito propensa em Seu favor. Por isso Resolvemos Mandar a Sua dita Magestade a *Rosa de Ouro*, que, a exemplo dos Pontifices Romanos Nossos Predecessores, consagramos na quarta Dominga da Quaresma do corrente anno; e por isso Ordenamos ao nosso querido filho o Presbytero Estevão Vizzardelli, nosso Camarista particular e supranumerario, pelas presentes Letras Apostolicas, que em Nosso Nome apresente e entregue á Mesma Serenissima Senhora Dona Maria da Gloria, Rainha Fidelissima de Portugal e Algarves, a mencionada *Rosa de Ouro;*

e pelas mesmas Letras Apostolicas Constituimos e Declaramos ao mesmo Estevão, nosso Delegado, com todas as faculdades necessarias. Jesus Christo, Nosso Salvador, a Quem esta flor de ouro figura e representa, juntamente com a Santissima Virgem Maria, Sua Mãi, que á maneira de rosa enche o Ceo e a terra do cheiro de angelica suavidade, annua aos nossos ardentes votos, para que esta Rosa seja para aquelles Reinos precursora de toda a prosperidade, e que nelles a Santa Religião Catholica vigore, floreça, e tenha cada dia maior incremento. Dado em Roma sob o Annel do Pescador aos 14 de Março de 1842. =(Assignado) *A. C. Lambruschini.*

(Extrahido, em parte, do Diario do Governo N.° 98)

EMBAIXADA SEM PÉS NEM CABEÇA.

Em 6 de Março de 1493, tendo arribado a Restello (hoje Belém) Christovão Colombo, de volta dos seus primeiros descobrimentos, e julgando ElRei D. João II que estes ficavão dentro dos termos de seus senhorios de Guiné, determinou mandar commissarios para tratarem sobre este negocio com os Reis Catholicos, os quaes enviárão a sua resposta por D. Pedro de Ayala, que era manco de uma perna, e D. Garcia de Carvajal, que tinha mui pouco sizo : o que junto a não ter tido bom exito a negociação, fez dizer a ElRei D. João, que aquella embaixada dos Reis seus primos *não tinha pés nem cabeça.*

[Chron. d'ElRei D. João II.]

OS RELOGIOS HISTORICOS.

Napoleão ainda possuia em Santa Helena o relogio de que se servíra nas suas campanhas de Italia e do Egypto. Era um sabonete de ouro com a letra *B* gravada na caixa. Queixandose de que não andava ou não regulava, quizerão, mas debalde, faze-lo concertar. Um dia, examinando um relogio que o General Bertrand acabava de receber do Cabo de Boa Esperança, lhe disse : « Fico com elle e douvos o meu: não regula agora, porém marcava 2 horas quando eu na planicie de Rivoli ordenei as operações da batalha. »

O *Novo Tcherkask*, Gazeta Russa, narra o seguinte:

Achou-se entre os bens do fallecido Coronel Tchernozoubof um relogio de ouro com repetição, em cuja caixa estava gravado o letreiro = *Joaquim Murat, capitão de caçadores a cavallo.* =Um sinete tem a seguinte inscripção: = *Leonor a Joaquim.* = *Não te esqueças de mim.* =Tchernozoubof, em 1812, simples Cossaco do regimento de Jelovajski, havia recebido esse relogio da propria mão do Rei de Napoles, na vespera da batalha de Borodino.—Murat, á frente de alguns esquadrões, reconhecendo a estrada de Mejaisk, expedio uma nuvem de Cossacos. Seu ardor o precipitou e levou a meio tiro de pistola perto de um grupo inimigo: íão os Cossacos fazer fogo, quando Tchernozoubof, que o reconhecêra pelo pennacho, bradou : — Apresentar armas! Hurrah! viva o rei dos bravos! — Os Cossacos, pasmados, obedecem á sua voz. O Rei de Napoles mette esporas ao cavallo, e dirigindo-se a Tchernozoubof, com sua propria mão lhe dá o seu relogio. O hetman Platsf, inteirado desta occurrencia, conferio a patente de official a esse soldado, e o fez seu ajudante de ordens. O hetman interino, Vlassof, quiz comprar esse relogio para presentear com elle o herdeiro do throno imperial, e offereceo 20,000 rublos; nada porém decidio a familia a ceder essa gloriosa reliquia.

[Moniteur Parisien.]

EMPREGO SINGULAR.

Alexandre, Imperador de todas as Russias, trazia sempre, durante as suas campanhas, e longas e numerosas viagens, um

empregado encarregado unicamente de lhe aparar as pennas, pelo que recebia 8,500 francos por anno, ou rs. 1:360$000. Este artista, munido de um arsenal de canivetes, e de consideravel provisão de pennas, devia ter constantemente um cento dellas promptas sobre o bofete imperial, cujo numero se julgava ser absolutamente indispensavel, porque o Autocrata não pegava nunca duas vezes na mesma penna, ainda que fosse para fazer uma simples assignatura. Em quanto durou o reinado de Alexandre, exerceo esta maquina vivente as suas funcções.

[Magasin Pittoresque.]

A Santa Sé.

O Almanach Official Romano ultimamente publicado contém as seguintes informações relativas á Santa Sé : « O actual Papa Gregorio XVI é o 258.° na lista dos que tem occupado a Cadeira de S. Pedro. Sua Santidade nasceo em 18 de Setembro de 1755, foi eleito em 21 de Fevereiro de 1831, e investido com a tiara quatro dias depois. Do numero dos actuaes Cardeaes, nove forão creados por Pio VII, doze por Leão XII, e trinta e um por Sua Santidade actual, sem contar mais seis *in petto*. Pio VIII creou mui poucos Cardeaes, e todos elles já morrêrão. Muitos dos Cardeaes que existem forão elevados nos ultimos dez annos. Tem morrido quarenta e dois ou quarenta e quatro durante o presente Pontificado. Dos que vivem, cincoenta são Italianos, sendo trinta subditos dos Estados da Igreja, nove da Sardenha, quatro das Duas-Sicilias, e quatro da Lombardia. Ha sómente seis que não são Italianos. O Papa e os Cardeaes Mai e Mezzofante são homens celebres em litteratura. Ha só duas familias de Principes que tem membros no Sacro Collegio, a de Giustiniani e a de Barberini. O mais velho dos Cardeaes tem 85 annos, e o mais moço, 39. Dos dezeseis Bispados novos, creados por Gregorio XVI, a maior parte são na America, alguns na Sicilia e Sardenha, e um em Argel. Foi sómente neste anno que os Vigarios Apostolicos recebêrão suas missões. Ha tres em Inglaterra, uma em Gibraltar, uma na Suecia, quatro na Hollanda, duas na Allemanha, quatro na Turquia, onze na China, quatro em Africa, duas na America, tres nas Indias Orientaes e tres na Oceania, destas ha uma na Australia. As missões asiaticas são, pela maior parte, preenchidas por Francezes. As Nunciaturas da primeira ordem em París, Madrid e Lisboa, estão vagas (1); só a de Vienna é que está preenchida. Entre as de segunda ordem, Munich e Florença estão vagas; porém as de Napoles, Lucerna e Turin, estão completas. »

[J. do C. 5 Abril 1841.]

CONSELHOS DO REI DE PRUSSIA FREDERICO GUILHERME III A SEU FILHO.

Sua Magestade ElRei dirigio a carta seguinte ao Conselho dos Ministros :

« Mando que se publiquem dois documentos preciosos, que, conforme a vontade do finado Rei, Meu Augusto Pai e Soberano, Me forão entregues no dia de sua morte. Estes dois documentos, um dos quaes tem por epigrafe = Minhas ultimas vontades = ; e outro começa por estas palavras : = És tu, meu caro Frederico = são datados do 1.° de Dezembro de 1827, e escriptos por seu proprio punho. Esse Rei, esse heroe de nossa grande época, já não existe ; descança em paz ao lado daquella que tanto tem sido chorada, e cuja lembrança se conservará sempre viva. Praza a Deos, Senhor Soberano dos corações, que esse amor do povo, que sustentou a Frederico Guilherme III nos dias de perigo, que lhe aformoseárão os annos da velhice e adoçárão as amarguras da morte, me seja agora retribuido, a mim, seu filho e successor, que está firmemente resolvido (e Deos sabe se é verdade o que digo) a seguir as pisadas de Meu Augusto Pai ! Implore o meu povo comigo a misericordia de Deos, e peça-lhe a manutenção da paz, esse precioso thesouro que o augusto defuncto nos adquirio com tanto custo, e que soube conservar com tanta facilidade ! Se esse thesouro viesse a perigar (do que Deos nos guarde), estou certo de que, assim como o seu povo se levantou á sua voz, tambem á minha se levan-

(1) Esta ultima acha-se já preenchida.

taria o meu povo como um só homem. Bem digno é um tal povo de ouvir as palavras reaes, que se seguem, e esse mesmo povo verá que eu não podia assignalar o principio do meu reinado por acto mais bello do que publicando o seguinte documento.

Sans-Souci, em 17 de Junho de 1840.

Frederico Guilherme.

MINHAS ULTIMAS VONTADES.—Quando as minhas ultimas vontades, aqui escriptas, chegarem ao conhecimento de meus queridos filhos, de minha cara Augusta e de meus amados parentes, já não serei contado no numero dos vivos. Praza a Deos que então, á vista do preceito que tão conhecido lhes é: «Pensai naquelles que já não existem!» pensem tambem em mim com saudade! Deos seja para mim um Juiz Misericordioso e Clemente, e receba o meu espirito, que entrego em suas mãos. Sim, Pai celeste, entrego o meu espirito em tuas mãos. Tu nos reunirás todos além do tumulo. Oxalá, em tua graça, nos julgues dignos desse favor, por Jesus Christo teu caro filho, nosso Salvador! *Amen!* Em sua eterna sabedoria, quiz Deos que eu passasse por acerbas e dolorosas provas, não só em minhas relações pessoaes, quando, ha 17 annos, me privou do que tinha de mais caro no mundo, como tambem nos acontecimentos de que foi victima a minha querida patria. Porém, em recompensa, esse Deos, cheio de bondade, graças eternas lhe sejão rendidas, permittio que eu fosse espectador de acontecimentos consoladores e caros a meu coração. Em primeiro lugar, vem as gloriosas guerras de 1813, 1814 e 1815, ás quaes a patria deve a sua restauração. Os outros successos, que me commovem o coração, são o amor que me tem meus filhos queridos, os beneficios de que Deos os encheo, e em fim, a felicidade preciosa e inesperada de eu, graças á Providencia, achar ainda na decadencia dos annos uma companheira, que é dever meu citar publicamente como um modelo de amor terno e fiel.

Dou os meus sinceros e derradeiros agradecimentos áquelles que com fidelidade e talento me servírão e ao Estado. Dou igualmente os meus sinceros e derradeiros agradecimentos a todos os que me mostrárão sentimentos de amor, fidelidade e dedicação pessoal. Perdôo a todos os meus inimigos, até áquelles que, por discursos, escriptos, ou factos acintemente desfigurados, procurárão, graças a Deos, muitas vezes mas debalde, tirar-me a confiança do meu povo, que é o thesouro mais precioso que possuo.

Berlin, em o 1.º de Dezembro de 1827.

Frederico Guilherme.

És tu, meu caro Frederico, que carregas agora com o pezo dos negocios publicos e de sua terrivel responsabilidade. O lugar que até agora tens occupado para isso te dispoz mais do que a outros muitos herdeiros de qualquer corôa. A ti pertence justificar as minhas esperanças e da patria. Teus principios e sentimentos são um penhor de que has de ser o pai de teus subditos. Guarda-te dessa mania de innovações, que se tem tornado universal; guarda-te dessas numerosas theorias actualmente existentes, que se não podem pôr em prática; porém guarda-te tambem de cahir em outro excesso, que poderia ser igualmente funesto, quero dizer, de um amor exclusivo ás instituições antigas. Evitando esses dois extremos é que poderás fazer melhoramentos verdadeiramente uteis. O exercito está perfeitamente organisado; fiz o que delle esperava tanto na paz como na guerra. Queira Deos que elle não perca nunca de vista a sua alta missão! Queira Deos que a patria nunca se esqueça do que lhe é devedora! Faze, quanto de ti depender, para estar em boa intelligencia com as Potencias europeas. Oxalá a Prussia, Austria e Russia se conservem sempre unidas! Tal união é a salvaguarda da paz europea. Meus queridos filhos me dão a suave consolação de que sempre se distinguirão por uma conducta util, activa, prudente e religiosa; porque só de similhante procedimento é que se podem esperar os beneficios do Ceo, e essa idéa consoladora suavisará meus derradeiros momentos. Deos proteja e abençoe a cara patria! Abençoe-te, meu filho, a ti e a teu reinado! Digne-se o Ente Supremo conceder-te a força e o talento precisos para reinar, e dar-te conselheiros e servidores cons-

ciencIosos e leaes, e subditos obedientes, *Amen*.

Berlin, em o 1.° de Dezembro de 1827.

Frederico Guilherme.

[Constitutionnel.]



Ditos judiciosos.



IZIA certo sujeito muito engraçado que tratar a todos igualmente sem fazer distincção de pessoas, era comer e beber pela mesma tijela, e cortar pão e cebola com a mesma faca.

Dizia Seneca, que assim como aquelle que tem um espinho no pé em toda a parte piza espinhos, assim tambem ao entendimento esteril, toda a materia é esteril.

Os Mattos e os Lobos.

Pedia um criado a ElRei D. João III uma mercê; porém aquelle Monarca, antes de lh'a conceder, perguntou-lhe qual era a razão porque elle se chamava *Lobo*, quando seu pai e seus irmãos tinhão o appellido de *Mattos*. — Ao que o criado respondeo immediatamente, entendendo a malicia da pergunta: Pois, Senhor, não queria Vossa Alteza que de tantos *mattos* sahisse um *lobo?*

Utilidade da forca.

« O nosso officio é muito bom, dizia um ladrão a outro; mas o peor é a forca. » — « És um asno, respondeo o companheiro; porque a forca é realmente o que fez com que elle seja tão bom. Se não houvesse forca, serião tantos os officiaes do nosso officio, que ás duas por tres, teriamos que nos roubar uns aos outros. »

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

SAHIO á luz o 4.° Tratado (dos Jardins) do **Curso d'Agricultura e d'Economia Rural** de M. Raspail, traduzido e annotado pelo Dr. *A. J. de Figueiredo e Silva*.

Este curso é composto de cinco Tratados especiaes: 1.° Lavoura, 2.° Hortas, 3.° Arvores e Arbustos, 4.° Jardins, 5.° Economia Rural.

Publica-se em cinco volumes de 12.° francez, contendo cada um seu Tratado separado. Toda a obra terá cinco ou seis estampas. — Preço, 320 réis por cada um dos ainda não publicados; paga-se adiantado um volume: a assignatura é para toda a obra.

Assigna-se em Lisboa em casa da Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1, — de Plantier, rua do Ouro, — e em casa do Traductor, rua nova do Almada n.° 47, 3.° andar. — No Porto em casa de Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho, travessa dos Caldeireiros. — Em Coimbra em casa de Orcel.

As pessoas das provincias, que quizerem subscrever, dirigir-se-hão ao Traductor em carta franca, remettendo uma cautela do seguro pelo preço de todos os cinco volumes (1$520 réis). Mandar-se-lhes-ha immediatamente o 1.°, 2.°, 3.° e 4.°; e o 5.° logo que sahir; ou se entregarão á pessoa que designarem em Lisboa. — A remessa dos volumes será franca de porte, em virtude das ordens do Governo. — O preço de toda a obra, depois de publicado o 5.° Tratado, ha de ser 1$600 réis.

Publicar-se-ha no ultimo volume a lista dos novos assignantes.



Maio de 1842. Nº 5

O Recreio, Jornal das Familias.

Chapeo de castor, fraque de panno verde, colete de acolchoado, calça de cazemira côr de semea — Chapeo de setim guarnecido de flores, veo de blonde, romeira de renda de frança, vestido de tafetá de furta cores, com um enfeite de setim azul.

Lith. de A. C. Gomes Largo do [illegible] Nº 1

Junho. 1842.



O RECREIO.

JORNAL DAS FAMILIAS.

GOVERNO D'ELREI D. JOÃO IV.

Na Instrucção secreta que ElRei D. João IV deo ao P.e Antonio Vieira, mandando-o a Roma em Outubro de 1649, vem este artigo.



A dez annos que estou de posse desta Corôa, e tendo em quasi todos elles guerra com Castella, e com Hollanda, achando o Reino e suas Conquistas tão exhaustas de tudo, como o mundo sabe, não só me conservei no Reino sem perder uma ameia, mas estendi e dilatei seus limites, tomando praças em Castella, umas que mandei arrazar, outras que conservo; e nas Conquistas cobrei muita parte do que os Reis de Castella perdêrão com todo o seu poder. Tive-o para mandar soccorro a França uma e outra vez: tambem o tive para mover, e tenho-o para conservar Napoles; e estão os grandes daquelle Reino tanto á minha devoção, que não conhecerão jámais ElRei de Castella. Tenho uma Armada Real no Brasil das mais fortes e poderosas, que se vírão no mar: estou fazendo aqui outra, e tenho mais a da Companhia do Commercio, que se formou com obrigação de me valer della, se a houver mister, que partio daqui ha poucos dias tão poderosa, que passou de setenta navios, os mais delles de muita força. Accrescentei o commercio de maneira, que sendo poucos os annos, antes da minha restituição, que as alfandegas rendessem o necessario para pagamento dos juros, e mais obrigações, com que as carregárão os Reis

de Castella no tempo da sua intrusão, hoje não ha anno nenhum, em que os rendimentos de pouco mais de meio anno não bastem para inteirar a satisfação de tudo, ficando tudo o demais livre para dispender: e o que mais é, que sendo nos annos passados incognito neste Reino o commercio de Suecia, hoje tem os homens daquella Nação feito uma Companhia de Commercio, e com ella navegando as drogas de Suecia em frotas, costumão vir duas vezes cada anno, em que não vem nenhum navio, que não seja de força.

Tenho celebrado Acordos com aquella Corôa, com a de França, com a de Inglaterra, com os Estados do Duque de Saboya, com os de Hollanda, e se os quizera com os Mouros, como ElRei de Castella os quer com os Turcos, tambem os tivera, pois dois são já os enviados dos Reis de Fez e Marrocos, que aqui vierão com cartas suas.

Tenho o Reino fortificado, bem provido de armas e munições, e com taes Cabos, pelas experiencias destes dez annos de guerra, de mais das que muitos delles tinhão dantes, que lhes não fazem inveja os maiores do mundo. A união e conformidade de meus vassallos para o fim da sua conservação, é a que o mundo vio nas occasiões que se offerecêrão, e tambem o muito amor e lealdade, com que me servem: estando mui certos que não durão mais suas vidas e suas honras, que em quanto tem valor para se defenderem de seus inimigos, cujas promessas experimentárão tantas vezes fallidas em cabeça propria, e experimentão agora na alheia dos Napolitanos, a que não valeo o perdão, com que os enganárão, sendo tanto menor a offensa, que delles recebêrão, do que é, na sua opinião, a que tem recebido dos Portuguezes, etc. *[Communicado.]*

UMA ALMA DO OUTRO MUNDO.

Eis-aqui finalmente a apparição de uma alma do outro mundo, revestida de taes circumstancias, que ao menos desta vez não ha remedio senão dizer que *spiritus qui valit, redit.*

« Na Villa de Valpo na Sclavonia (diz a Gazeta de Presburgo, copiada pelo *Freyechutz*) acaba de passar-se um acontecimento notavel, sobre o qual o Reverendo Bispo da Funlkirchen está procedendo a rigoroso exame.

« Havia tempos que o castello de Valpo era infestado de apparições. Cinco vezes successivas, e com intervallos mui curtos, havia apparecido ao Coronel Von Koeth, uma e a mesma visão. O phantasma apparecia sempre á meia noite em trages de mulher, com um vestido á turca de setim côr de rosa, e um longo véo que lhe descia até aos pés. A sua exigencia era que o dono do castello mandasse desenterrar os seus ossos, e que os fizesse depositar em sagrado. Com isto designava o sitio em que o cadaver tinha sido enterrado, dizia onde havia sido assassinada a pessoa a quem o dito cadaver pertencia, e concluia dizendo que mais vezes se tinha apresentado já a diversas pessoas, mas que a nenhuma tinha podido dizer o que queria, porque todas ellas fugião.

« Como a relação era tão circumstanciada, mandou o Coronel Von Koeth cavar no sitio designado, e achou effectivamente, a dois pés de profundidade, um esqueleto feminino, ferido com seis balas no peito. No dia 14 de Dezembro passado, foi o dito esqueleto depositado na capella do castello; mas o phantasma voltou na noite do dia 19 pedindo que, depois de se lhe terem feito as exequias do costume, o transportassem para o cemiterio publico e o depositassem n'um tumulo que para esse fim indicou.

« Assim se cumprio. O phantasma voltou ainda uma vez para agradecer este notavel serviço, e nunca mais appareceo. Este facto acha-se confirmado com attestações das Authoridades territoriaes. » *[Do Diario do Rio de Janeiro.]*

N. B. Muito civil era esta alma do outro Mundo!

O MARQUEZ DE WATERFORD.

O Marquez de Waterford, tão conhecido em Inglaterra pelas suas singularidades, apostou com alguns amigos seus que havia de rapar os bigodes a Mr. Muntz, Membro da Camara dos Communs, que os trazia de um comprimento extraor-

dinario. — Quando o Jornal, donde extrahimos este artigo o transcreveo de outro Jornal Inglez, havia duas semanas que Mr. Muntz não sahia de casa senão armado de uma bengala com uma enorme bola de chumbo, em lugar de castão, e um par de pistolas carregadas.

Que tal era a moeda para pagar ao Barbeiro!

Extracto da conta apresentada á Camara dos Communs de Inglaterra, comprehendendo o numero de viuvas, victimas da mais barbara superstição, que se entregárão ás chammas no Districto da Presidencia de Bengala, desde 1815 até 1823.

Annos.	*Numero de viuvas queimadas.*
1815	378
1816	442
1817	707
1818	839
1819	650
1820	597
1821	654
1822	583
1823	575

Da mesma conta dada á Camara consta que nos quatro annos de 1819, 1820, 1822 e 1823, se prevenio a execução de 163 victimas: mas em 1821 não se salvou nem uma só. Admira que a filantropia do Governo Inglez não tenha abolido esta prática deshumana nos Estados da India, aonde dispõe de forças tão consideraveis! A vida das mulheres asiaticas não vale menos que a liberdade de um africano.

SUBLIME RASGO DE NOBREZA, VALOR, E AFFEIÇÃO CONJUGAL.

A historia de Hespanha, tão fecunda em todos os tempos em actos de nobreza e valor, acaba de se enriquecer com um novo facto, que por seu caracter e pelos accidentes que o acompanhárão, não duvidamos que excitará vivamente o interesse de nossos leitores, assim como estamos certos de que occupará depois um lugar distincto nos tristes annaes das discordias civís daquella desventurada nação.

D. Eulogio Barbero Quintero, secretario que foi da Junta do armamento e defeza da provincia de Alava, e empregado immediato de Montes d'Oca, durante os poucos dias de seu commando, acaba de chegar a esta cidade (Bayona), fugido das prisões de Victoria, ante cuja commissão militar devia ser julgado.

O modo porque pôde evadir-se este infeliz, segundo elle mesmo o refere, e já antes o tinha annunciado a voz publica, é quasi romantico. Vamos referi-lo aos nossos leitores com as mesmas impressões vivas, que em nós causou a sua relação.

D. Quintero é um mancebo de uns 24 annos, pequeno de corpo, figura engraçada, fisionomia expressiva, e ar de grande resolução. Tinha-o prendido o partidario Elorrio ao tocar terra de França, e de S. Sebastião tinha sido trasladado para as prisões de Victoria, aonde, como dissemos, se lhe formava causa, e devia ser julgado por uma commissão militar. O joven Quintero não tinha sido chefe, nem caudilho, e por conseguinte não devia ser castigado com a pena ultima; porém o achar-se sujeito a um tribunal excepcional, dos quaes fez uma exacta qualificação Mr. Guizot, em um dos seus folhetos, o fez recear, e não sem fundamento, por sua vida. Isto fez conceber á infeliz esposa do preso uma arriscada e heroica resolução: porque devemos advertir que Quintero era casado havia pouco mais de um anno, com uma senhora de Eibar, que o amava extremosamente, e de quem tinha uma menina de mez e meio.

A prisão de D. Eulogio era summamente apertada, tinha uma sentinella á vista no seu quarto, outra na porta exterior, e outra na da rua. Para chegar a elle, era necessario passar tres portas, e uma dellas com alçapão levadiço. Não se deixava que communicasse com pessoa alguma, nem mesmo com sua mulher, e só podia, alguma vez por acaso, ver e fallar com a criada que lhe levava a comida. Pelas seis e meia da tarde do dia 21 de Novembro, a mulher de D. Eulogio se disfarçou com o trage desta criada, e serena e resoluta conseguio penetrar no calabouço de seu esposo, levando a menina em seus braços. Porém não bastava estar alli, era necessario vencer outra difficuldade, a da sentinella á vista. Teve meio de illudir esta ultima, e estando sós, despio rapidamente o seu fato, com o qual vestio seu marido, e lhe disse: « Anda, Deos te salve com minha filha, eu soffrerei de bom grado qualquer pena, ainda que seja a de morte, com tanto que tu vivas e ella!! »

Era já noite. A sentinella á vista acabava de chegar ao seu posto. O preso (que remedava bem uma linda criada) o saudou naturalmente, fez outro tanto ás outras sentinellas, e em meio quarto de hora já estava fóra da povoação, e correndo aos montes, depois de ter entregado a sua menina a uma velha, ignorante inteiramente da aventura, que a cauta e precavida esposa tinha tido o cuidado de pôr de atalaya a uma das portas, com o pretexto de introduzir um contrabando.

Oito dias gastou este infeliz no caminho: só, de monte em monte, atravessando um paiz cheio de tropas, tendo que andar 20 leguas de perigos ainda para chegar á terra hospitaleira de França. Tudo venceo e superou á força de energia e de presença de espirito. Chegando com mil trabalhos á passagem do Bidassoa, tropeçou com outras difficuldades: todos os pontos e barcas estavão occupados pelas forças hespanholas de linha. Não vacillou em atirar-se ao rio em lugar que lhe pareceo vadiavel, e atravessou o Bidassoa com agoa pelo peito, beijando depois com lagrimas copiosas de agradecimento o terreno, que lhe dava vida e hospitalidade.

Esta aspera e longa jornada a fez com umas calças e uma camisa, que foi com o que chegou a Bayona; sem colete nem vestia, nem chapéo, tal como ficou á sahida de Victoria despido de seus postiços atavios de mulher. Não passou por povoação alguma, e só pedia pão e agoa em alguns casaes. Em honra do paiz vascongado, devemos dizer, que por toda a parte onde passou, a todas as portas aonde bateo, achou acolhida compassiva, e não teve delator algum.

Os nossos leitores nos desculparão esta longa narração, que não póde deixar de interessar a todas as almas sensiveis e generosas.

A sublime e heroica mulher que repetio em Victoria o famoso feito da esposa de Antonio Perez, e de Madame Lavallette, chama-se D. Joanna de Arestio, de 21 annos de idade, natural da Villa de Eibar em Guipuzcoa, e uma das que em 1834 defendêrão aquelle povo liberal contra as forças de Zabala.

[O Pharol dos Perynéos.]

Estatistica da população de Londres publicada em 1827.

Londres continha em 1826 oitenta praças publicas — nove mil ruas — cento e sessenta e cinco mil casas — treze mil e duzentas vagas, e tres mil e duzentas em construcção.

Em 1821 contava Londres um milhão, duzentos e setenta e quatro mil e oitocentos habitantes, que perfazião trezentas e vinte e cinco mil quinhentas e noventa e nove familias.

Destas, oito mil oitocentas e cincoenta e tres se empregavão na agricultura; — cento e noventa e nove mil novecentas e doze, no commercio.

Nas cento e dezeseis mil oitocentas e trinta e quatro, que não pertencião a nenhuma daquellas duas classes, contavão-se cento e dezesete mil individuos sustentados pelas Parochias — quatorze mil mendigos — cento e quinze mil ladrões, ou ratoneiros — tres mil receptadores de furtos — trinta mil mulheres prostitutas.

A povoação de Londres (em 1827) era, segundo o menor calculo, de um milhão e trezentos mil individuos.

Leigh's new picture of London.

FACTO SINGULARISSIMO.

Assumpto de meditação para os phisiologistas e curiosos.

Muitos são os casos que se contão e publicão de homens dotados de faculdades extraordinarias e virtudes especiaes de organisação, taes como a de demorar-se sem perigo, por largo espaço debaixo de agua, de supportar um ferro em brasa, de entrar em um forno quente e sahir illeso, de conhecer os lugares em que ha mineraes ou correntes subterraneos, etc.; mas esses factos muitas vezes são falsos, outros não passão de actos ordinarios das faculdades humanas, de uma constituição um ponto mais forte que a commum, exagerados pelo charlatanismo e pela credulidade do vulgo; porém, ha no Brasil um exemplo de similhantes especialidades, tão extraordinario como verdadeiro, pois que é comprovado pela existencia actual do individuo que goza de uma faculdade singularissima, e pelo testemunho de talvez mais de cincoenta pessoas do maior credito, que o tem observado, e que residem nesta côrte.

Na provincia do Rio Grande do Sul ha um homem muito conhecido, Claudio José de Almeida Cruz, natural da freguezia de S. Anna do Rio dos Sinos, terá de idade 46 a 47 annos, é casado, tem filhos, e é estabelecido com estancia, ou fazenda de criação em Vacacahy, municipio de S. Gabriel, onde consta que reside actualmente. Este homem é o que goza da faculdade extraordinaria de que temos fallado, que vem a ser, de contar quasi instantaneamente, em um rapido lançar de vista, um grande numero de objectos, ainda que sejão muito miudos, taes como um sacco de moedas espalhadas, uma porção não pequena de grãos de milho, as letras de um longo periodo, em um livro, e outros similhantes.

Um dos factos desta natureza que elle praticou é o que se segue: tendo de receber uma quantia avultada de dinheiro em patacões, foi rogado para que os contasse; mas elle, mandando despejar o sacco sobre o balcão, e lançando a vista sobre os patacões, separou um que disse excedia a conta, e passando-se a fazer a contagem, achou-se exacto o que elle affirmára. Esta e outras similhantes acções do homem de que fallamos poderião attribuir-se a uma combinação entre elle e alguma das pessoas presentes, se fossem praticadas por outra pessoa, em um só lugar e ajuntamento; mas, além do credito de probidade e seriedade de que elle goza, accresce o ter repetido esses actos em diversos lugares e concursos de pessoas, e de serem as experiencias feitas por quaesquer sujeitos que as desejavão fazer, e com o maior criterio: um dos lugares onde se fizerão foi a casa do Sr. Commendador João Francisco Vieira Braga, na cidade do Rio Grande, na presença de toda a familia, da do Sr. Commendador Antonio José Affonso Guimarães, do Sr. José Maria de Sá, e de outras muitas pessoas respeitaveis, ora estabelecidas nesta côrte.

Tem havido quem convidasse o homem que possue esta faculdade para ir mostra-la pelas cidades da America e Europa, asseguraudo-lhe que faria grandes interesses, e offerecendo-lhe mesmo a promessa e segurança de uma quantia avultada, se se prestasse a esta solicitação em proveito do offerente; porém elle, não tendo grande ambição de riquezas, amando a sua familia, os seus habitos e o lugar do nascimento, e julgando aviltar-se, dando-se em espectaculo por dinheiro, tem-se sempre recusado a estas solicitações.

Questionado sobre a maneira como percebeo e sentio desenvolver-se-lhe esta faculdade especialissima, responde que, sendo rapaz, e estando para se contar uma grande porção de gado de seu pai no rodeio, e lançando elle a vista, como costumava fazer em casos similhantes, sobre a multidão dos animaes, comprehendêra logo o numero exacto, e o dissera a seu pai; e, tomando este por uma extravagancia similhante asserção, depois de contado, se admirará de que o numero coincidisse com o que elle havia indicado, e fôra então que elle percebêra que tinha em si uma faculdade que não tinhão os outros homens.

Varias são as conjecturas sobre a maneira por que procede o homem para chegar com tal promptidão a similhante resultado. Ha quem conjecture que é fazendo muitos grupos de numeros iguaes, multiplicando-os mentalmente, e ajuntando a fracção quando existe; mas, por este modo a difficuldade, se não augmenta, tambem não desapparece, pois que a formação desses grupos e todo esse processo complica ainda mais a operação. Alguem a tem querido tambem explicar por um calculo fundado na proporção de um dos volumes com o espaço occupado por todos; mas esta conjectura, além da mesma difficuldade, encontra outras maiores ou antes uma verdadeira impossibilidade. para todos os que souberem o que é já em si o calculo da grandeza de uma superficie de figura irregular como é sempre a que occupão objectos assim lançados, e sobre tudo não occupando elles espaços iguaes, e não ficando em iguaes distancias. E a isto accresce ainda a instantaneidade da operação, e a ignorancia absoluta do homem a respeito de taes calculos. Demais, as unicas condições que elle exige são que os objectos pertenção á mesma especie, e que não estejão amontoados, mas sim expostos individualmente á vista. É pois forçoso desistir de toda a idéa de calculo, e ajuntar este facto, que aliàs é incontestavel, á infinidade de outros cujas causas e razões são e serão talvez sempre desconhecidas. *(Despertador.)*

Alturas de alguns pontos notaveis comprehendidos entre Lisboa e Cintra contadas desde o nivel do Tejo.

	Palmos.
A summidade da torre que servio de observatorio no Castello de Lisboa	462
Monte de Santa Catharina	410
Aqueducto das agoas livres	570
Alto da serra de Monsanto	880
Bemfica	400
Queluz	760
Alto do Cacem	900
Alto de S. Pedro	1 360
A Pena (na serra de Cintra)	2 540

(Cintra pittoresca.)

Dadivas feitas ao extincto Mosteiro da Pena pelos nossos Monarcas.

ElRei D. Manoel e a Rainha D. Maria fizerão presente á Senhora da Pena de uma corôa do primeiro ouro que veio da India, ornada com uma grande esmeralda; a Rainha D. Catharina, de umas contas de ouro com uma cruz de rubins trabalhada na India. — A Rainha D. Maria, mais uma alampada de prata. *[Idem.]*

Mantimento que ElRei D. João II ordenou que fosse pago pelo Almoxarifado a Thomé Rodrigues, a quem nomeou Capellão da Capella do Paço de Cintra.

Lançamos aqui esse mantimento, como documento curioso, por nos dar noticia dos preços correntes daquelle tempo, e vem a ser 10$000 réis para elle e um moço, da maneira seguinte: 2$580 réis por 83 alqueires de trigo para elle e para o dito moço a razão de 7 alqueires por mez a 30 réis o alqueire; 1$920 réis por 48 almudes de vinho a razão de 40 réis o almude; 1$584 réis por 18 arrobas de carne a razão d'arroba e meia por mez, e de 80 réis a arroba. E 520 por quatro duzias de pescadas por mez, e de 130 réis a duzia. E de 1$200 réis para o dito a razão de 100 réis por mez, e 2$000 réis que valem 10 covados de bustol para se vestir, e 600 réis que valem 6 varas de Galles (1). *[Idem.]*

Carta de Muley Maluco a ElRei D. Sebastião dissuadindo-o da sua viagem a Africa.

Hum só Deos seja em toda a parte louvado como aquelle, a quem se deve tudo. Muito, alto e muito poderoso Rey de nome, que o mais estará naquelle, que tiver virtude, Justiça, e Razão. Não sey qual foy a causa, e razão, Rey D. Sebastião, que te moveo a quereres guerra comigo tão injusta, pois a Deos desprazem sem razões, quando muito se queres conquistar-me para me tomar o meu Estado, que hum só Deos com o favor dos bons me deu, e delle me empossou, e de que o perro Xarife me tinha usurpado contra toda razão, e contra toda a justiça, e verdade, e hum só Deos, que toda a boa cousa quer me deu; menos culpa te déra, posto que nisto assim ser não te podes escuzar de culpa; porque mostrame cá, que aggravo, tu, ou os teus tendes recebido de mim, ou em que te quizeste servir de mim, que achasses menos esta verdade, ou que perdas de mim, ou dos meus, ou por meu respeito, ou mandado recebeste? E pelo contrario, a ti te deve lembrar com quãta mais verdade te tem esse traidor dado muita perda no Cerco de Mazagão, e te matou Ruy de Souza de Carvalho, que mandaste a Tangere por Capitão, e outras cousas que devião com verdade lembrar-te para que te não fiasses delle, e sabe Deos com quanto amor e verdade isto te digo: mas vires-me a tirar da posse do meu Reyno, e Estado para o dares a outro Mouro por meyos, e interesses, que te promete para isso, metendo-te em cabeça, que te dará o que dezejas, e elle não tem: não lo dará em quanto a vida me durar; porque o heide fazer escravo dos meus escravos, que nesta conta o tenho, e tu com todo o teu poder, e Estado não lhe has de valer; e para saberes Rey, e Senhor, com quanta justificação isto he, o prometerey eu a ti como Senhor delle, e se mo atribuires, a medo, ou a cobardia, isso será o principio e meio da tua perdição.

Promete-te esse perro o que não te pode dar, a saber os Lugares maritimos com mais tres legoas para dentro do Certão, para provimento desses teus moradores. Isso, que elle te não pode dar por ser eu Senhor de tudo, em quanto me a vida durar, eu to quero dar com mais amor, e verdade, do que ha nesse perro pagão, e desleal, como foi nos seus, que os entregou todos a Christãos; que verdade te parece pode ter quem tanta perda te tem dado; e alem disso terei pazes comtigo toda a minha vida. Dizemme, que trazes Bandeira de Emperador do meu Reino de Marrocos, e que vens com Coroa para cá te coroares, não sei quem te engana. Ora mais quero a tua amizade, e a tua visinhança, que a desse perro; vejamo-nos eu, e tu irmãmente, onde mais seguro quizeres, e entregame a tua Bandeira, que eu te certifico pela Ley que sigo, que por minha mão a ponha nos pomos mais altos dos muros, que as torres da minha Cidade de Marrocos tem para te confirmar por esse Emperador, que tu dezejas ser. Tudo isto farei por excuzar a tua perdição, a qual tenho por muy certa, de que estou certificado, pelo que disso me tem desenganado: por que de tal maneira venho armado, que cá quizera ver toda Castella, e Franca; porque tudo nesta occazião houvera de ser meu. Toma Rei, e Senhor, o meu conselho, e aceita o partido comigo para escuzar tanta perdição como está aparelhada; e mais te quero, Senhor, fazer, se queres favorecer a esse cão, digote, que por aqui entenderás quantos dezejos tenho de servirte, que tirando o assento de Marrocos, do mais escolha elle, que lho darey a esse cão, e entregarey, e demarcarey, e se quizer o Cabo de Gué eu lho ajudarey a tirar. Socega-te a ti, e ao teu

(1) Juntando todas estas parcellas, achamos 10$404, differença que é muito de suppor provenha de algum erro typographico.

Reino, e Estado, e repousa, que assás he de mal feitor se meteres todo o teu resto em favorecer hum Mouro, contra outro Mouro, sem interessares cousa alguma para ti, nem para o teu Estado. Olha, Senhor, o que fazes, não te metas donde te não has de poder tirar quando quizeres, isto he meu, e eu o possuo por meu, e com verdade, e esse cão me desapossou, e me tirou do que era meu; e como mordido dos caens me acolhi a Argel, donde me cazey, e o dote que me derão em cazamento, foy o favor do Grão Turco que me empossou do meu, e isto foi determinado na Corte do Grão Turco por meu, e por meu estou empossado; e vendo tu Senhor, minhas cousas, por mim julgarás tudo; e porque me não fique nada por fazer, dizem-me que no teu Reino tens Meza da Consciencia, onde se dá, e não tira o seu a seu dono, digo a cujo he, havendo tu, Senhor, por bem, eu quero lá mandar julgar minhas cousas, e sou contente, que de novo se determinem lá, e quero, Senhor, que tu sejas o Juiz, e sou contente de estar pelo que se determinar nella. Lança bem, ó Rei, a conta quantos homens se haverão mister para lançar hum morador fora de sua caza, e patria, e quanta mais ventagem tem o morador, e o natural, que os Estrangeiros; não trazes a decima parte da gente que eu trago, a fora a que espero, e isto só te houvera obrigar a recolher-te quando mais não fora. Olha Senhor, que Deos he verdadeiro; e eu com tudo quero seguir tua tenção injusta, sendo a minha verdadeira, senão queres nenhuma cousa destas, que te digo, a tempo te aconselho, e admoesto, e entre mim, e ti seja Deos testemunha, que elle sabe a quem hade ajudar, que será a quem anda com verdade. Tu me vens buscar sem razão, e queres guerra comigo injusta, que a Deos não apraz, nem he disso contente, nem servido. Sabe, que isto ha de custar mais vidas, do que pode caber de grãos de mostarda em um grande soco. E és moço, e Cavalleiro, tens com quem te aconselhar, faze-o para tua segurança. Deos, entre mim, e ti seja a Justiça. Feita a 22 de Julho de 1578.

[Portugal cuidadoso e lastimado, etc.]

Conselho de cautela para os innocentes.

«Se eu for accusado de ter furtado as torres da cathedral, *fugirei immediatamente; e depois de estar bem longe, cuidarei em justificar-me*, allegando, e provando, que nem eu podia com o pezo das torres, nem tinha aonde as esconder.»

Attribue-se este dito ao illustre D'Aguesseau, Chanceller de França. Nós entendemos que elle póde servir de aviso em todas as nações, e em todas as épocas.

[Communicado.]

Soneto feito pelo Conde da Ericeira em que recopila a sua vida.

Vi que o favor da Côrte era vaidade:
Achei no Amor desdens, sustos, e enganos:
Gastei no estudo a vista, o gosto, e os annos:
Encontrei inconstancias na amizade.

Astucias me offendêrão a bondade,
Ao beneficio ingratidões, e damnos:
Teve o valor por premios desenganos;
O Conselho queixosos da verdade.

Julgou-se a cortezia abatimento;
E chamárão lisonja ao que era agrado;
Dissipou-se no gasto o luzimento.

Cortou-me a inveja o espirito elevado,
Não sei se me ficou entendimento
Só para conhecer-me desgraçado.

ANECDOTAS

O Juiz e os ladrões.

De certo Juiz pouco limpo de mãos dizia um amigo seu para o elogiar: não cessa de prender e castigar ladrões. Ouvindo-o o Padre Vieira, retorquio: Isso não é zelo da justiça, senão inveja; pois quer tirar os ladrões do Mundo para roubar elle só a seu salvo.

Ha males que vem para bem.

Quando D. Luiz de Menezes, 3.º Conde de Tarouca, foi por Governador de Tanger, ao embarcar do fato, lhe furtárão a pouca prata que tinha para seu serviço, e recahírão as suspeitas, bem ou mal fundadas, do roubo em um criado de D. Thomaz Jordão de Noronha, Fidalgo mui pobre, e com quem o Conde, que tambem não era rico, tinha amizade. Escreveo-lhe D. Thomaz para Tanger, e dizia assim a

carta: — «Por aqui se diz que furtá-
«rão a V. S.ª a sua prata, e dão a «um criado meu por author do furto; «se foi grande o damno que V. S.ª «recebeo do successo, o sentimento que «delle me coube não é menor; mas, «acho eu que deste mal tamanho re-«sultou um bem para ambos, com que «nos podemos consolar; e foi saber-«se que V. S.ª tinha prata, e que eu «tinha criado.»

As lagrimas e os suspiros.

Virgilio tinha por costume andar suspirando, e achando-se Augusto Cesar um dia sentado entre elle e Horacio, que padecia dos olhos, lhe perguntou um dos seus favoritos o que fazia elle alli. — Ao que Augusto Cesar respondeo: Estou sentado entre lagrimas e suspiros.

Adulação e finura.

Certo lapidario portuguez apresentou a Philippe, cognominado o *Prudente*, um annel com um tal brilhante que admirou a toda a Côrte. — Perguntando-lhe aquelle Monarca, quanto lhe havia custado, e sabendo, que setenta mil cruzados, ficou pasmado de ouvir que um lapidario tivesse animo para comprar um brilhante por tão alto preço, e lhe disse: Então, em que cuidaveis quando desteis setenta mil cruzados por aquelle brilhante. — Senhor, respondeo elle immediatamente, cuidava que havia um Philippe II a quem o offerecer. — ElRei ficou tão lisongeado com uma tal resposta, que lhe mandou pagar o annel muito além do seu valor.

Os merecimentos dos passados, e dos presentes.

Queixando-se a certo Monarca, um joven fidalgo de que sendo filho de um homem que tanto se havia assignalado pelos seus serviços ao Estado, o não premiavão, respondeo-lhe o Monarca: Pois saiba que eu não premeio os merecimentos e as virtudes dos que forão, mas sim os dos que são.

O facultativo intolerante.

Um celebre Medico de Florença, tendo sido chamado para tratar de uma enferma, tomou-lhe o pulso, e como lhe achasse grande febre, perguntou-lhe, entre outras cousas, que idade tinha, e respondendo-lhe a doente, que oitenta annos, empurrou-lhe o braço, e disse-lhe muito encolerisado: Então a Senhora, assentou de nunca sahir deste mundo? E retirou-se sem lhe receitar cousa alguma.

As aranhas e as paredes velhas.

Estando um gracioso fallando a umas Religiosas pela grade, chegou uma senhora bastante idosa, com um vestido de setim coberto de aranhas bordadas. Uma das freiras que o quiz ouvir, lhe perguntou o que tinha elle que dizer a tanta aranha? — Nada, minha senhora, respondeo elle, pois taes insectos são proprios em paredes velhas.



Junho de 1842. *N.º 6*

O Recreio, Jornal das Familias.

Lith. de A. C. Lemos. Largo do Quintella N.º 1.



Julho de 1842. N.º 7.

O Recreio. Jornal das Familias.

Lith. de A. C. Lemos Largo do Quintella N.º 1

Julho. 1842.



O RECREIO.

JORNAL DAS FAMILIAS.

Factos da Historia Romana comparados com alguns da nossa Historia.

De Regulo e o Infante D. Fernando e Nuno Gonçalves.



Consul Atilio Regulo, estando preso em Carthago, foi enviado a Roma pelos Carthaginezes a persuadir ao Senado, que entregasse os captivos que lá tinhão; o qual chegado a Roma, aconselhou com instancia ao Senado, que nem captivos entregasse, nem a paz se consentisse; para o que soube dar taes razões, que o Senado movido dellas, adoptou no parecer de Regulo, por o qual tendo-se os Carthaginezes por escarnecidos, o matárão cruelmente. *(Apian. Alex. in Afric. Plin. de Vir. illust. cap. 40.)*

Não menos o fez o Infante D. Fernando, filho d'ElRei D. João I, que no cerco de Tangere, por salvação dos seus, se deo em refens aos Mouros, os quaes, vindo em concerto com ElRei D. Duarte seu Irmão (que neste tempo reinava) que se entregasse Ceuta pela liberdade do Infante, este jámais o consentio, antes da mesma prisão, e captiveiro escrevia a ElRei seu Irmão que tal não fizesse, nem consentisse; desviando-o sempre com muita instancia de similhante trato, dizendo, que nunca Deos quizesse, que por uma Cidade que tanto sangue de Christãos tinha custado, e tanto importava ao bem da Christandade, elle fosse solto, e assim escolheo este Santo Infante viver antes em tão vil e baixo captiveiro e morrer miseravelmente nelle por salvação dos seus, e de Hespanha, que dar-se Ceuta aos Mouros, que ElRei D. João, seu Pai, comprára com sangue de tantos, e tão bons Cavalleiros e Fidalgos Portuguezes, que na empreza se achárão; e por ella ser chave e segurança de Hespanha. Pelo que escarnecidos os Mouros de suas pertenções, lhe apertárão a prisão, em que morreo, depois de ter admirado com a sua resignação a toda a Mauritania. *(Fr. Hyeronimo Romano, na vida deste Infante, cap. 14. e cap. 17. Diogo de Torres na hist. dos Xarif. cap. 94.)*

Outro tanto tinha dantes feito Nuno Gonçalves, Capitão do Castello de Faria, em tempo das guerras d'ElRei D. Fernando de Portugal com ElRei D. Henrique de Castella, Conde de Trastamara, o qual sendo em um recontro com os Castelhanos vencido e preso, foi por elles levado em ferros, e com homens d'armas ao pé do muro do Castello de Faria, para persuadir ao filho, que o entregasse aos Castelhanos: elle todavia vindo á falla com o filho, com animo seguro e esforçado, cheio de lealdade e honrosa ousadia, estimando mais perder a vida, que ver menoscabada sua honra, e ser desleal a seu Rei e patria (qual Atilio Regulo) aconselhou e disse ao filho, que sob pena de sua benção, elle não entregasse o Castello, senão a ElRei seu amo, e o defendesse até morrer por elle: E ditas estas ultimas palavras, havendo-se os que o levavão por zombados de seus intentos, em presença do filho, o matárão ás punhaladas. *(Chron. d'ElRei D. Fernando cap.* 79. *Duarte Nunes na mesma, fol.* 206. *Hyeronimo Corte Real no seu naufragio, canto* 23. *fol.* 145.*)*

De Regulo e Belchior do Amaral e outro Portuguez.

Já fica dito, como Regulo fôra enviado a Roma sua Patria, pelos Cathaginezes, dando sua palavra de voltar á sua prisão, ou aviasse ou não. — Como se vio em Roma, e nada negociasse, em cumprimento de sua palavra, posto que lh'o contradissessem os seus efficacissimamente, deo sentença contra si, tornando a entregar-se aos Carthaginezes. *(Vol. Max. Lib.* 1. *cap.* 1. *Cic. offic.* 3.*)*

O mesmo fez Belchior do Amaral, Fidalgo nobilissimo (segundo Duarte Nunes de Leão nos Elogios dos Reis de Portugal), do Conselho d'ElRei D. Sebastião, Desembargador do Paço e Corregedor Criminal do Exercito, o qual, na infeliz jornada de Africa foi captivo, e sendo-lhe permittido pelo Xarife que viesse a este Reino a procurar o resgate dos Fidalgos, que ficárão igualmente captivos, deo sua palavra, e ficou por fiador de si mesmo, que ou achasse resgate ou não, se tornaria á sua prisão. — E assim o fez, que chegando a Portugal, e aviado do que lhe cumpria, em desempenho da sua palavra, deo voto contra si, posto que lhe não faltárão (como a Regulo) alguns conselhos em contrario, tornando-se (similhante ao Romano) á sua prisão de Berberia, havendo por mais honra sua expôr-se a morrer do que a quebrar a promessa que fizera. *(Hyeron. de Mend. na Jornada d'Africa, Liv.* 2. *cap.* 4. *fol.* 65.*)*

Outro tanto praticou um mancebo Portuguez na India, onde, sendo, com outros Portuguezes, captivo dos Mouros do Reino de Calecut, e enviado por elles com cartas a Lopo Soares de Albergaria a Cananor, onde elle então chegára com uma poderosa armada, nas quaes lhe pedião paz e amizade, o mancebo, por não quebrar a palavra que aos Mouros dera, de se volver com resposta ou sem ella, e por não ser causa (como elle dizia) da morte de seus companheiros, posto que o Capitão Lopo Soares o quizesse reter, e insistisse sobre isso muito com elle, não quiz annuir, antes se foi (como o fez Regulo) metter outra vez na sua prisão, com imminente perigo de sua vida. *(Osor. de rebus Emmanuel. lib.* 3. *ad Calcem.)*

Como se ha de haver com as mulheres?

Com as mulheres, dizia um cortezão, não sabe o homem como se ha de haver, porque, se as não ama, temno por nescio; se as ama, por leviano; se as deixa, por cobarde; se as segue, por perdido; se as serve, não o estimão; se as não serve, o aborrecem; se as quer, não o querem; se as não quer, o perseguem; se as frequenta, é mais que louco; se as não frequenta, é menos que homem.

[Do Despertador.]

MONTE-PIO GERAL.

Consta-nos que no Rio de Janeiro existe um Estabelecimento desta natureza, tão util e tão conveniente aos chefes de familia que, não sendo Em-

pregados publicos, desejão assegurar a subsistencia de suas familias.

Muito será pará desejar que nesta parte sigamos o exemplo dos Brazileiros.

N. B. Com summo prazer houveramos publicado em nossas columnas os Estatutos desta filantropica associação, se houvessemos deparado com elles.

ANNUNCIOS CURIOSOS.

De um periodico de Pernambuco transcrevemos os seguintes annuncios, por nos parecerem curiosos, sem que com uma tal publicação pertendamos censurar seu digno Redactor, que, assim como os de outros Jornaes, nada tem com o estilo dos annuncios.

*

Um cavallo russo bastante corpolento, optimo para carrinho, por já ter puchado carroça, esquipa em dous trupeis, carrega baixo mui macio, e bom passeiro, e uma porção de semente de macaxeira; na estrada de João de Barros na venda da quina do beco do espinheiro.

*

Um aparelho completo para official de guarda nacional; na praça do Commercio no botequim do Almeida.

*

4 cabras muito boas para criação por darem bastante leite quando estão de cabrito, nas 5 pontas loja de fazendas D. 24.

*

Uma cabra bicho muito boa leiteira, por preço commodo; na rua do sebo casa de José Francisco de Souza Lima.

*

Um cavallo muito novo, bom carregador, e de boas marchas; na rua nova Decima 25.

*

Um escravo de nação, he padeiro, entende tanto de massa como de forno, e he canoeiro, uma negrinha de idade de 10 annos, cose e faz todo o serviço de uma casa, vellas de sebo feitas no paiz, e abanos em maior e menor porção; em fora de portas n.° 214.

*

Um selim novo com todos os pertences, para montaria de senhora, e uma escrava para o matto; nas 5 pontas D. 9.

*

Um moleque doente por preço commodo; na praça da Independencia loja n. 1.

*

Uma casa meia agoa sita na rua das Carvalhas D. 1; a tratar na mesma.

*

Um escravo de nação optimo para todo o serviço, e tem principios de cozinha, e um relogio para cima de mesa; na rua do Fagundes D. 18 defronte do sobrado do Snr. Antonio Annes.

*

No dia 25 de Março de 1840 desappareceo um escravo de nome Felis, cabra a cabocolado, baixo, grosso do corpo, cabeça grande, cabelos a proporção da cor puchando a pichaim, boca regular, falla a modo do sertão por ser filho dos reconcavos do Ceará, tem alguns vergoens no corpo que diz ser de relho; quem o pegar leve a rua da Cruz n. 8, que receberá 100,000 de gratificação, e se for pegado no Cerá a Martinho de Borges, que dará a mesma gratificação.

*

Um bonito moleque, e um cavallo bom carregador baixo; na praça da boa vista D. 21.

*

Bichas pretas muito boas, e por preço commodo; e milho alpista a 960 o quarteirão; no pateo do Carmo venda de Narciso José da Costa.

*

Duas pretas moças, de boas figuras e habelidades, uma dellas cose bem, borda, e faz lavarinto, não se vende por defeito, dous pretos para todo o serviço, tres moleques de idade de 12 a 16 annos, duas

molecas de idade de 12 annos, um molatinho de idade de 16 annos, sapateiro, bom pagem e boleeiro, e um preto bom cozinheiro; na rua de agoas verdes casa terrea D. 37.

*

Uma parelha de escravos de nação moçambique, de idade de 20 annos, 3 lindos molecotes ladinos de idade de 12 a 14 annos, 6 escravos de idade de 18 a 20 annos, um he bom carreiro, 6 lindas molecas recolhidas, com habelidades, uma escrava que faz todo o serviço de uma casa por 350,000, 3 ditas, engommão, cozinhão, e lavão roupa, um pardinho e uma pardinha de idade de 9 annos; na rua de agoas verdes D. 38.

*

Pentes de marrafa de cocó e de alisar tudo de tartaruga, dous cauarios de imperio, dous bicudos, e um chechéo todos bons cantadores, e por preço commodo; na rua direita D. 22.

*

Uma escrava de idade de 20 annos, boa cozinheira, e vendedeira de fazenda, por querer a senhora ir para o Ceará e ter precisão de dinheiro; na rua do Padre Floriano casa aonde mora o Padre Marinho.

*

Um quartáo de ambas as sellas, e em boas carnes; atraz dos Martiros casa de 3 rotulas verdes.

*

Uma preta por precisão boa lavadeira, cozinheira, e quitandeira que dá 400 rs. por dia; quem quiser annuncie.

*

Sexta feira 30 de Abril proximo passado, pelas 8 horas do dia, desappareceo do patio do Hospital do Paraizo, até a rua do Rangel, uma moleca, por nome Maria, idade 15 a 16 annos, secca do corpo, cara comprida, olhos pasmados, com uma marca na fonte direita; levou vestido de metim verde, camiza de algodãozinho, pano da costa já uzado, anda meia bruta; sabese aonde está escondida: a pessoa que a tem queira vir entregar no patio do Terço, sobrado da casa D. 1, segundo andar, que será bem justificado, e no caso de não a trazer, passará pelo desgosto de ser tirada a vista do publico com as Authoridades competentes.

*

Fugio no dia 29 do passado uma negra creoula, de nome Perigrina, he conhecida por pinguinho, baixa, muita magra, cheia de sarnas, pés inchados, quando risse entorta a boca, por ser doente do vento, levou vestido branco, e panno da costa, desconfia-se que está occulta em certa casa, roga-se a essa pessoa de a mandar levar na rua dos Martirios casa defronte da Igreja, do contrario se uzará de todo o rigor da lei.

*

Ainda resta para se vender um fogão da util invenção, proprio para casa de grande familia, em razão de com um só fogo poderem-se cozinhar 7 panellas, e um só forno partido onde ademette diversas peças, pois a limpesa e discanço deste fogão tem merecido bastante attenção, as quaes tem concorrido para a sua extração; na rua nova loja de ferragens D. 13.

*

Duzentos palmos de terra, com 600 e tantos de fundo, na ponte de Uchoa, pegado a Manoel José da Silva Motta, amurado, com formidavel caes, toda arruado de larangeiras, jaqueiras, e cajueiros; na rua da Florentina sobrado novo ao pé da maré.

*

Um molato bom pagem, de bonita figura, optimo mestre de alfaiate, um negro de bonita figura, optimo mestre de sapateiro, cozinheiro de forno e massa, faz todas as qualidades de podins, e um caxorro de fila, filho das ilhas, adverte-se que o negro he para fora da provincia; na rua de agoas verdes D. 12. *[D. de P.]*

O CASTIGO POR CONSEQUENCIA.

Passando pela praça publica de Toledo um Corregedor, vio um peixe que lhe despertou o appetite; mas deixou-o, porque era muito caro. Ordenou porém a um criado que ficasse alli até ver quem o comprava. Veio um al-

faiate e comprou-o. Mandou-o chamar o Corregedor, e perguntou-lhe quanto tinha de rendimento e cabedal; respondeo-lhe que nenhnm outro mais do que aquillo que ganhava pela sua agulha. Perguntou-lhe mais se tinha filhos, e dizen-do-lhe que sim, o condemnou em duzentos açoutes.

ÁS SENHORAS.

As senhoras devem ser como o Sol, porque aquece e dá vida; porém não devem ser como o Sol, porque se notão nelle mil manchas.

As Senhoras devem-se parecer com a Lua, porque é companheira inseparavel da terra; porém não se devem parecer com a Lua, porque faz no mez trinta caras.

As Senhoras devem ser como os balões aerostaticos, porque sempre se elevão para o Ceo; porém não devem ser como os balões aerostaticos, porque se lhes não póde dar direcção.

As Senhoras devem ser como as obreias, porque servem para guardar os segredos; porém não devem ser como as obreias, porque andão nas linguas do mundo.

As Senhoras devem ser como as harpas, porque são o symbolo e o emblema da harmonia; porém não devem ser como as harpas, porque a cada momento se desafinão.

As Senhoras devem ser como o vidro, porque nada do que tem dentro encobre; porém não devem ser como o vidro, porque é de natureza mui fragil.

As Senhoras devem ser como os espelhos, porque dizem sempre a verdade; porém não devem ser como os espelhos, porque nem todas as verdades se dizem.

As Senhoras devem ser como a arêa, porque é subtil e mui fina; porém não devem ser como a arêa, porque não póde servir de base para edificio duravel.

As Senhoras devem-se parecer com o vinho, porque é todo cheio de espirito; porém não se devem parecer com o vinho, porque tira o juizo á gente.

As Senhoras devem cultivar a leitura, porque lhes orna o espirito; porém não devem cultivar a leitura, porque quasi sempre escolhem novellas que lhes derrancão o gosto, e lhes estragão os costumes.

As Senhoras devem todas ler este artigo, porque lhes dá bons conselhos; porém não devem ler este artigo, porque hão de dizer muito mal do Author.

Carta do Imperador de Allemanha José II, escripta de seu proprio punho.

Pedindo os Magistrados de Buda em Hungria ao Imperador a permissão de lhe levantarem uma estatua em memoria sua, deo elle a seguinte resposta, que o honra mais que mil outros soberbos monumentos.

Quando os prejuizos cederem ás noções mais sãs sobre o sincero amor da patria e o bem geral da Monarquia; quando cada um contribuir com prazer ás necessidades do Estado, á segurança e prosperidade geral; quando os espiritos estiverem todos illuminados, e se espalharem solidos conhecimentos sobre as verdades religiosas, e leis civis; quando os progressos da Agricultura trouxerem ao Estado uma numerosa povoação; quando a emulação communicar dobrada actividade a todas as classes dos Cidadãos; quando as manufacturas florecerem; quando todas as producções circularem com sobeja facilidade por toda a extensão da Monarquia, e nella espalharem avultadas riquezas, levantem-me então uma estatua, e não agora em que a cidade de Buda nada mais tem de mim recebido senão maior extracção dos seus vinhos, a mudança dos

Tribunaes de Presburgo transportados para o recinto dos seus muros, e um aluguel mais subido das suas habitações.

José.

QUANDO TEREMOS NÓS ESTRADAS DE FERRO?

Transcrevemos o seguinte artigo do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, animados do desejo de ver estabelecida entre nós uma empreza de tão reconhecida utilidade. Oxalá que os nossos compatriotas, a exemplo dos Inglezes, Belgas, Francezes, Americanos do Norte, Brazileiros, etc. unão os seus esforços, para que vejamos estabelecido, quanto antes, entre nós um meio de communicação tão rapido como economico!

Companhia de estrada de ferro de Pedro II.

Não tardará muito a encetar seus trabalhos a Companhia composta dos accionistas constantes da lista que no fim deste artigo publicamos, para que o publico tenha conhecimento dos individuos que, transpondo os embaraços, proprios de emprezas nascentes, unírão seus mutuos esforços para realisarem na nossa terra uma estrada de ferro, que deve grandemente cooperar para o progresso e melhoramento material do paiz, a par das vantagens futuras que deve colher a Companhia. Escusado é dissertarmos largamente sobre o systema das estradas de ferro que tão rapidos progressos tem feito na Belgica e em outros pontos da Europa. Independente de exemplos que não faltão, a razão natural está mostrando que gigantescamente em um paiz deve crescer a industria á proporção que as vias de communicação se forem tornando rapidas. E nenhumas seguramente podem ser tão rapidas como as estradas de ferro. São estas, pois, entre nós o desideratum de todos os Brazileiros amigos da prosperidade publica. A Companhia que projecta tornar realisavel no Rio de Janeiro uma estrada de ferro, em cujos trabalhos consta-nos já se achar occupado o Engenheiro encarregado de explorar o melhor local, por onde ella deve passar, é credora das considerações dos Brazileiros amigos da patria, não só porque da estrada de Sarapuhy a Iguassú innumeras vantagens devem tirar os productores, porque, além do mais, fica melhorada a navegação do rio Iguassú, penosa no tempo da secca, como porque deve a estrada servir de norma a outras que por ventura tenhão de fazer-se mais tarde. Possa a Companhia ver coroados os seus esforços, e a par do interesse publico colher a utilidade que é de esperar, porque dest'arte novas emprezas terão lugar entre nós, e o Brazil se collocará a par, ou mesmo acima das mais felizes nações.

(Segue a lista dos accionistas.)

NOVOS VOCABULOS.

Miseria — É a vida de um impressor que não é pago.

Nada — É a consciencia d'um politico acabado.

Independencia — Forte propensão para alguem se metter onde não é chamado.

Tempestade — O que sobrevem a gente casada depois do noivado.

Merecimento — Uma cousa que não recebe louvor algum.

Dinheiro — Peixe extremamente difficil de apanhar.

Sepultura — Um buraco feio debaixo do chão, onde os amantes e poetas fingem que desejão estar, mas fazem toda a diligencia para lá não cahir.

Modestia — Uma linda flor que só brilha em lugares occultos.

Sensibilidade—Uma qualidade pela qual o seu possuidor, tentando promover a felicidade dos outros, perde a propria.

Moço de talento — Um louco impertinente que se atira a tudo; escriptor de abominavel poesia; rapaz immodesto, turbulento e palrador.

Letrado — Douto cavalheiro, que livra a fazenda alheia das garras d'um inimigo, e a toma para si.

Meu caro — Expressão usada por homens e mulheres no começo d'uma pendencia. *New-York News. [Albion.]*

DOS PRIVILEGIOS QUE ERÃO CONCEDIDOS AOS SOLDADOS DE LISBOA.

(Extrahido do Regimento de guerra que fez Martim Affonso de Mello, Guarda Mór da Pessoa d'ElRei D. João I.)

Que os piaens que na dita hordenança entrarem e servirem de Soldados, não possão elles nem suas mulheres, por caso algum que seja, ser condenados em pena de vil. s. em assoutes, baraço e pregão, salvo por furto hou resistencia.

Que os soldados e suas mulheres e filhas, em quanto sob seu poder estiverem. possão trazer em seus vestidos a seda, que pela hordenação podem trazer as pessoas que tem cavallo.

Que por nenhumas dividas, que devão, de qualquer caalidade, que sejão, possão ser penhorados, nem se faça execução nas armas nem nos vestidos de sua pessoa, nem de sua mulher, nem na ropa da cama, que for necessaria para seu uzo, serviço, posto que outros bens não tenhão.

Que os officiaes maquanicos que em cada uma das ditas companhias forem escritos e assentados, e que em ella pessoalmente servirem, lhe não sejão tomadas de apozentadoria as casas que tiverem alugadas, em que morarem e tiverem suas tendas, durando o tempo de seus alugueres.

Que os que por hordenança da cidade são obrigados a terem ganchos ás portas, sejão excusos de os terem.

Que os Escudeiros que na dita hordenança entrarem, e nella servirem, gozem de todos privilegios, e graças e liberdades, que pelas hordenações gozão e podem gozar os cavalleiros confirmados por Sua A. posto que os taes Escudeiros não tenhão cavallo, e isto em quanto as taes pessoas servirem nas taes hordenanças, sem embargo da hordenação, que o contrario dispoem.

MAXIMAS DO MARQUEZ DE MARICÁ.

Quem muda de côr quando vê dinheiro, mudará de attitude se o não virem.

Quem é que mente mais neste mundo? Aquelle que mais falla de si.

Os tolos nunca fazem de si tão grande conceito, como quando fazem asneiras.

De cem projectos que um rico faz, noventa e nove são para ver como ha de juntar mais dinheiro.

Nunca temos tão grande necessidade de juizo, como quando temos de tratar com tolos.

A ignorancia é a noite do espirito; mas é uma noite que não tem estrellas nem lua.

Que prazer o de dar! Não haveria ricos no mundo, se fossem capazes de o sentir.

Quem tem vontade de chorar, não vá ao theatro, vá á casa dos infelizes: as lagrimas que lá derramar, servem de limpar as destes, e as que se derramão no theatro não servem de cousa nenhuma.

OMNIPOTENCIA DO JURY.

Uma scena mui singular se passou ultimamente no Jury do paiz de Galles.— Apresentou-se um accusado chamado Peyton, pronunciado por crime de rebellião. Interrogado pelo Juiz, confessou o crime, e recommendou-se á commiseração do Jury. Feito isto, deliberárão os Jurados um momento e declarárão não provados os quesitos que se lhes fizerão. « Como é isto? disse então o Juiz. Pois o accusado confessa a culpa, e vós declarais que não ha materia para a accusação! »

— « Sr. Juiz, respondeo o Presidente do Jury, é por essa mesma razão, pois todos nós conhecemos o accusado desde criança, e sabemos que é um refinadissimo mentiroso. »

---

366 CAIXAS PARA UM SÓ NARIZ.

A Rainha Victoria fez mimo ultimamente de uma riquissima caixa ornada de rubins ao seu mestre de musica Lablache, pedindo-lhe que se servisse della, ao menos um dia no anno. « Sinto muito que me não seja possivel faze-lo, Augusta Senhora, respondeo o artista; pois já tenho 365 caixas dadas por outras tantas pessoas, com a mesma condição que V. M. actualmente me impõe. » — « Nesse caso, tornou a Rainha, ficará servindo a minha para os annos bissextos. »

MORTES DOS APOSTOLOS.

S. *Matheus* — Este Apostolo e Evangelista suppõe-se ter soffrido o martyrio, ou ter sido morto com uma espada na Ethiopia.

S. Marcos — Este Evangelista foi arrastado pelas ruas de Alexandria, no Egypto, até que expirou.

S. Lucas — Este Evangelista foi enforcado n'uma oliveira na Grecia.

S. João — Este Apostolo e Evangelista foi mettido (em Roma) n'uma caldeira d'azeite fervendo, e sahio illeso. Ao depois morreo de morte natural em Epheso, na Asia.

S. Pedro — Este Apostolo foi crucificado em Roma, com a cabeça para baixo, julgando-se indigno de morrer na mesma postura e da mesma maneira que morreo o seu Divino Mestre.

S. Thiago o Maior — Este Apostolo foi degolado em Jerusalem.

S. Thiago o Menor — Este Apostolo foi lançado do pinaculo d'um templo, e depois morto ás pancadas com um páo de lavandeiro.

S. Filippe — Este Apostolo foi enforcado d'encontro a um pilar em Hicrapolis, cidade da Phrygida.

S. Bartholomeu — Este Apostolo foi esfolado vivo por ordem d'um barbaro Rei,

Santo André — Este Apostolo foi atado a uma cruz, donde prégou ao povo até que expirou.

S. Judas — Este Apostolo foi morto ás sétadas.

S. Simão Zeloso — Este Apostolo foi crucificado na Persia.

S. Mathias — Este Apostolo foi primeiramente apedrejado e depois degolado.

S. Barnabé — Este Apostolo dos Gentios morreo apedrejado pelos Judeos em Salanis.

S. Paulo — Êste Apostolo morreo esfolado em Roma por ordem do tyranno Nero.

[Acadian Recorder.]=[D. de P.]

ANECDOTAS

O marido pacifico e a mulher turbulenta.



M sujeito casado com uma mulher muito turbulenta soffria com exemplar paciencia, as suas gritarias e despropositos, e dizendo-lhe um amigo, que não sabia como tal aturava, respondeo: Eu sou já como os habitantes das costas bravas, que adormecem ao ruido das ondas.

Zelo de um criado, de cumprir á risca as suas obrigações.

Um avarento, ajustando um criado, fez-lhe um mappa das obrigações que lhe impunha, e pregou-o n'uma porta. D'alli a dias, sahindo á rua, cahio n'um atoleiro, d'onde se não podia levantar sem o ajudarem. — Passando nessa occasião o criado, e ordenando-lhe o amo que o ajudasse a erguer-se, respondeo-lhe: Espere V. S.ª em quanto eu vou a casa ver se no mappa se acha a obrigação de o tirar dos atoleiros.

Depoimento do diabo.

Na occasião em que n'uma rua se representava um entremez, armou-se uma desordem, de que resultou ficar ferida muita gente. Entre as testemunhas inquiridas, apparecêrão os proprios comicos, em cujo numero havia um que tinha feito o papel de diabo. — Perguntando-lhe o Juiz o que sabia sobre aquelle facto, respondeo: Cousa alguma, Sr. Juiz, porque a esse tempo estava eu no Inferno.

Os erros de orthographia e as pennas de taverna.

Querendo um sujeito muito ignorante escrever a um amigo, e não achando outra parte aonde lhe facultassem papel e tinta senão em uma taverna, fez a sua carta, e poz-lhe este *Post-scriptum:* — *Desculpe algum erro de orthographia que possa achar; pois esta é escripta com uma penna de taverna.*



Agosto de 1842 N.º 8.

O Recreio, Jornal das Familias.

Lith. de A. C. Lemos Largo do Quintella N.º 1

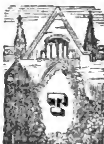
Agosto. 1842.



O RECREIO.

JORNAL DAS FAMILIAS.

Noticia sobre os Judeos Portuguezes de Amsterdam.



TALVEZ muita gente não acredite que ha duas cidades no Mundo nas quaes vive maior numero de Portuguezes do que em qualquer das terras de Portugal, á excepção de Lisboa e Porto; comtudo isto é uma verdade de facto, que todos podem verificar. A primeira das ditas cidades é o Rio de Janeiro, e a segunda é Amsterdam, da qual fallaremos unicamente, visto que a outra é bem conhecida por quasi todos os nossos leitores.

Amsterdam tem 220 mil habitantes: a terça parte destes são Judeos; e mais de 20 mil destes ultimos são Portuguezes tratados e conhecidos por este nome, de que elles muito se prezão e qne não querem perder. Ha 300 annos que estes emigrados da Lusitania se conservão no meio de uma nação estrangeira, sem se misturarem com ella, fallando a mesma lingua, e usando dos mesmos appellidos, com que vierão de Portugal.

Os Portuguezes formão entre os Judeos de Amsterdam uma especie de aristocracia: vivem sobre si, e tem uma Synagoga separada (chamalhe o povo *Igreja Portugueza)* em que os outros não são admittidos. Em todas as suas maneiras affectão para com os seus correligionarios um ar de superioridade que os dá logo a conhecer. Os outros os respeitão extremamente, e tem em grande conceito.

Tão desgraçado é o credito, em que são tidos muitos dos outros Israelitas de Amsterdam, geralmente reputados trapaceiros e enganadores, como é excellente a reputação que tem conservado os Portuguezes. As suas maneiras são nobres e francas; honrados nas suas transacções e ciosos até o extremo, de uma reputação sem mancha. Se algum delles commette alguma acção menos honrada, é logo castigado pelo synhedrio, e indeminisado, se ha razão para isso, aquelle a quem possa ter prejudicado. Em consequencia disto não admira que o nome de Portuguez passe em Amsterdam como synonymo de homem de bem.

Todos os Judeos Portuguezes de Amsterdam tem mais ou menos pretenções de nobreza; e os seus rabinos conservão com muito cuidado livros de genealogia, em que se póde ver a ascendencia de todas estas familias oriundas de Portugal até o momento da sua expulsão do paiz. Os appellidos mais estimados entre elles são Castros do Rio, Mendes, Mendes da Costa, Pintos, Teixeiras e Oliveiras.

De uma destas familias, oriunda da villa da Espinhosa, na comarca de Trancoso em Portugal, foi filho aquelle celebre Baruck, posteriormente chamado Bento da Espinhosa, que, usando por appellido do nome da terra de seus maio-

res, quiz ainda em longes climas, trazer sempre comsigo alguma memoria da patria que tanta honra lhe dava: admiravel condição dos Portuguezes, que a qualquer parte que a fortuna os leve, todas as suas idéas tendem como necessitadas para a patria donde vierão, e trabalhão por lhe dar honra! E tal é a verdadeira origem do appellido *Spinosa*, porque foi traduzido em Latim o do illustre atheo, que por elle é conhecido.

Além de Spinosa, muitos outros homens celebres, e alguns verdadeiramente illustres, tem dado a Synagoga de Amsterdam. Entre os modernos todo o mundo deve ter, mais ou menos, noticia de Uriel da Costa, natural do Porto, e dos dois Sansimonianos Isaac Pereira e Olindo Rodrigues, que vivem actualmente e são com Enfantin os principaes directores e chefes destes sectarios: porém, quanto mais se vai subindo nos livros das suas linhagens, tanto mais illustres nomes se vão achando. É de Amsterdam a illustrissima familia portugueza do appellido de Zacuto, que tantos varões insignes produzio, especialmente Medicos e Mathematicos: é de Amsterdam a familia do celebre Elias Montalto, natural de Castello Branco, que em França foi Physico Mór e Conselheiro da Rainha Maria de Medicis: ha finalmente em Amsterdam descendentes da augusta (como elles lhe chamão) familia dos Abarbaneis, que por Isaac Abarbanel, natural de Lisboa (um dos mais illustres Varões Portuguezes do seculo 15.°, não só pelos seus immensos escriptos, mas pelo seu distincto talento politico, que o fez Conselheiro de dois Reis de Portugal, de dois de Hespanha e de dois de Napoles), procede da alta geração de Jessé de Belem, e por tanto da Real Casa de David.

Uma das circumstancias porque os Israelitas Portuguezes de Amsterdam se tem feito mais notaveis é a enorme riqueza a que alguns delles tem chegado. Eis-aqui, para exemplo, o testamento de um delles (o celebre Pinto) fallecido quasi nos nossos dias:

« Deixo á cidade de Amsterdam meio milhão de florins (cada florim vale 400 réis pouco mais ou menos). Empresto á mesma cidade, por espaço de dez annos e sem juros, a somma de milhão e meio.

«Dou a cada Igreja Christã de Amsterdam e da Haya (as de Amsterdam são 45) dez mil florins, e á Igreja do sul de Amsterdam vinte mil florins.

Deixo a cada orphanotrophio christão das duas cidades acima ditas a somma de dez mil escudos.

« Deixo aos pobres quarenta barcos de *turba* (especie de combustivel).

« Deixo ao primeiro orphão que sahir do orphanotrophio mil florins, e ao immediato seiscentos florins.

« Deixo á Synagoga Portugueza de Amsterdam 250 mil florins.

« Deixo ao orphanotrophio portuguez, em particular, mais trinta mil escudos.

« Empresto ao Governo, com juros de tres e meio por cento, a somma de um milhão de florins. Este fundo ficará pertencendo para sempre ao Governo, porém os juros serão pagos aos Judeos domiciliados em Jerusalem.

« Deixo á Synagoga Allemã cinco mil florins.

« Deixo a meu sobrinho tres milhões e cem mil florins, com todas as minhas casas e seus pertences.

« Deixo a minha mulher um milhão de florins.

« Deixo aos outros meus parentes dez mil escudos.

« Deixo a cada pessoa que assistir ao meu enterro cem ducados.

« Deixo além disto, a cada pessoa solteira que assistir ao meu enterro cem florins.

« Deixo a cada Clerigo christão de Amsterdam e da Haya cem escudos, e a cada Sacristão cincoenta escudos. »

Por aqui se póde fazer alguma idéa da enorme riqueza do testador. A casa em que elle vivia era um palacio, onde havia salas que poderião rivalisar com algumas da celebre *Casa de Ouro* de Nero. O tecto de uma dellas era todo cravejado de diamantes rosas.

É muito notavel no testamento que fica transcripto a predilecção que o testador mostra por tudo quanto é portuguez, ainda mesmo que seja christão, nome que para todos os Judeos em geral sempre ficou sendo mais ou menos odioso, depois que forão expulsos de Hespanha e Portugal; porém esta affeição que os Israelitas Portuguezes de Amsterdam mostrão para com todos aquelles que da mãi patria vem, ou por acaso ou de proposito, visitar aquelles paizes remotos, é ordinaria e trivial em todos elles. Quando algum Portuguez visita a Synagoga, enchem-no de attenções, apenas sabem a que nação pertence, e todos entrão a fallar-lhe em portuguez, lingua que ainda conservão entre si, e que cultivão com o mesmo esmero que o hebraico, apezar de desfigurarem horrivelmente a pronuncia por causa do accento hollandez. Assim aconteceo a quem escreve este artigo, apezar de estarem recentemente escandalisados por causa de um tal fulano da Costa que do Rio de Janeiro lá fôra, e que tendo recebido delles mil obsequios, depois lhes escrevêra de Berlim, descompondo-os, e chamando-lhes por desprezo Judeos, e quantos nomes injuriosos lhe lembrou.

Quanto á Synagoga, apezar de todos os espantos dos estrangeiros que a visitão, é preciso confessar que é infinitamente inferior á dos Judeos de Leorne: tudo quanto na desta ultima cidade é prata, ouro e marmore, é em Amsterdam madeira, latão e pedra. Tudo se reduz a uma grande, e na verdade, magestosa sala quadrada, em que não ha nada de realmente notavel senão as quatro magnificas columnas jonicas colossaes que a sustentão. Defronte fica a Synagoga Allemã, exteriormente mais bella, mas muito inferior em tudo o mais á Portugueza.

Os Israelitas Portuguezes de Amsterdam tem dado differentes colonias para differentes partes do Mundo, especialmente para a America e para a Asia: a mais florescente de todas é a de Savanah na America Hollandeza. Savanah é já uma cidade de alguma consideração; e abaixo de Paramaribo, capital das possessões Hollandezas nesta parte do Mundo, póde passar pela povoação mais importante de todo o governo de Surinam. Os habitantes de Savanah são todos Judeos do rito portuguez: tem grande numero de escravos, que tratão com muito mais humanidade que os Hollandezes seus vizinhos, porque lhes dão cada anno cento e onze dias livres; possuem bellas plantações, que vão prosperando cada vez mais; e diz-se que o numero de individuos da colonia, comprehendidos os escravos, já anda por nove mil.

[Communicado.]

DIFFERENÇA ENTRE *TALENTO* E *GENIO*.

Ambos estes vocabulos exprimem certas disposições naturaes do nosso espirito, relativas ao estudo das Sciencias e Artes, e favoraveis ao progresso, que nellas fazemos, ou podemos fazer. Debaixo desta consideração generica podem os dois vocabulos haver-se por synonymos: ha comtudo entre elles differenças mui notaveis.

O *talento* é commum a muitos: o *genio* é raro.

O *talento* desenvolve-se com o estudo e applicação: o *genio* nem sempre espera por este trabalho; manifesta-se ás vezes antes de todo o estudo e applicação.

O *talento* necessita de ser auxiliado por circumstancias favoraveis: as difficuldades e obstaculos o apoucão; a pobreza o suffoca. O *genio* despreza as difficuldades; rompe os obstaculos; nada o contém, nada o retarda no seu vôo rapido; tudo vence; de tudo triumfa.

O *talento* é methodico, vai pelo caminho trilhado, segue as regras. O *genio* é mais livre na sua marcha; desdenha talvez as regras que o prendem, e embaração; inventa caminhos novos; deixa-se guiar da inspiração e do enthusiasmo.

O *talento* analysa, desenvolve, combina, e talvez amplia: o *genio* cria.

O *talento* fará sabios distinctos, bons artistas, habeis capitães: o *genio* fará Aristoteles e Newtons, Apelles e Rafaeis, Cesares e Bonapartes.

O *talento* merece estima, respeito e louvor: o *genio* immortaliza o homem feliz que o possue.

DEFINIÇÃO DE *JUSTIÇA*.

Commummente se diz que «*Justiça é uma constante e perpetua vontade de dar a cada um o que é seu, e lhe compete.*»

Eu tenho esta definição por boa, porque é geralmente adoptada pelos Juristas, que certamente sabem mais do que eu. Seja-me porém permittido dizer o que a este respeito me occorre, e elles se dignarão illustrar-me por caridade.

Se o homem, ou o juiz me dá effectivamente o que é meu e me compete, mui pouco me importa, que elle o faça contra a sua constante vontade e intenção: e pelo contrario, se elle me nega o que é meu, e me pertence, tambem me não importa, nem aproveita, que elle tenha vontade constante de dar a cada um o que é seu.

Parece-me pois, que cá para o nosso mundo, a Justiça consiste em dar o seu a seu dono, e não em ter vontade constante de o dar.

AMOR DA PATRIA.

Patria (diz Moraes no Diccionario) *é a terra, donde alguem é natural.* Esta definição é imperfeita, porque não comprehende a principal e mais nobre parte do definido.

Por *terra donde alguem é natural* póde entender-se, e muitas vezes se entende, a aldêa, villa, ou cidade, onde alguem nasceo, ou tambem a provincia ou reino, aonde está o lugar do seu nascimento. Mas o vocabulo *patria* tem outra significação e outro sentido muito mais elevado; e por certo, que quando fallamos do *amor da patria*, e damos a este nobre effeito os mais altos elogios, não entendemos por *patria* o lugar em que nascemos, nem a provincia em que elle está situado.

A *patria*, a quem as almas heroicas sacrificão todos os seus alentos, a quem devemos estimar sobre todos os nossos interesses, a quem devemos de rigorosa jus-

tiça render todos os nossos obsequios, prestar todos os nossos serviços, consagrar todo o nosso prestimo, todos os nossos bens, e até a propria vida; esta *patria*, digo, é o corpo inteiro do Estado, aonde debaixo de leis justas, e de um governo paternal, que nos defende, proteje e favorece, vivemos todos unidos com o estreito laço da justa e devida subordinação, e da commum benevolencia e reciprocidade de officios.

Algumas vezes temos lido, que *para o varão sabio todo o mundo é patria*, e que *para o homem religioso todo o mundo é desterro:* mas sem entrarmos aqui no exame do sentido, em que estas maximas podem ser verdadeiras, é certo, que tanto o varão sabio, como o homem religioso tem rigorosa obrigação de amar e servir a patria, isto é, o Estado de que são membros, e de cuja protecção e beneficios gozão, ainda com preferencia a qualquer outro Estado, de quem por ventura tenhão tambem recebido beneficios e protecção.

CORÔA. DIADEMA.

Corôa é termo generico, e exprime o enfeite ou ornamento, com que se cinge e circunda a cabeça de alguma pessoa, em signal de honra, distincção, authoridade, gloria, etc., e por ampliação analogica se diz tambem do ornamento que circunda a parte mais elevada de algum edificio.

Comprehende varias especies, como são, por exemplo, a corôa de flores, hervas, ou folhas (lat. *sertum*) que se chama *grinalda*, e talvez em linguagem pastoril *capella*.

A corôa de louro *(corona laurea)* com que erão laureados nos tempos antigos os grandes poetas, e com que ainda em seculos mais modernos foi coroado o illustre Petracha.

A corôa de oliveira *(corona olympica)* que se dava aos vencedores nos jogos olympicos.

A corôa de carvalho ou enzinho *(corona civica)* que se dava ao cidadão romano, que tinha salvado a vida a outro em acção de guerra.

Em fim, as corôas *oval*, *mural*, *naval*, *castrense*, etc. entre os romanos; a corôa *nupcial*, que ainda hoje faz parte das ceremonias do casamento entre os gregos, e as corôas de conde, de barão, de duque, que entre nós servem de ornamento ao escudo d'armas destes differentes titulos de nobreza.

Uma destas especies é o *diadema*, vocabulo que exprime propria e especificamente a *Corôa Real*, ornamento privativo dos Reis, insignia de magestade e imperio. Tinha differentes fórmas, e talvez consístia em uma fita de ouro, enriquecida de pedras preciosas. Hoje são bem conhecidas as fórmas das corôas, ou diademas imperiaes e reaes, e as variedades, com que se distinguem as dos Soberanos das nações da Europa.

AMOR E CARIDADE.

Os vocabulos latinos *amor* e *charitas* já entre os proprios escriptores romanos tinhão grande differença: *amor* dizia-se do amor honesto, e do amor torpe e sensual; *charitas*, sómente do primeiro. *Amor* dizia-se dos homens e dos animaes irracionaes; *charitas* sómente dos homens e de Deos. *Amor*, significava o amor sem especificar a sua origem; *charitas*, o amor nascido da virtude, e nella fundado.

O Christianismo veio fazer a caridade ainda mais santa, mais respeitavel e mais sublime; e poz consequentemente uma differença muito maior entre os dois vocabulos, no uso da linguagem christã.

Neste sentido, *caridade* é o amor, que temos a Deos, tanto por suas ineffaveis perfeições, como por ser o nosso summo bem, e o amor que temos aos homens, por serem creaturas suas e irmãos nossos, nascido um e outro amor em nosso coração, e elevado á ordem sobrenatural dos sentimentos religiosos pela inspiração da graça.

Desta segunda especie de caridade, diz S. Paulo, que é *paciente e benigna; que não procura os seus proprios interesses; que não se irrita, nem suspeita mal; que não se compraz na injustiça, mas sim na verdade; que tudo tolera, tudo cré, tudo espera, tudo soffre*, etc. Aonde acharemos hoje algum arremedo de tão bello e admiravel original? *[Communicado.]*

AFFOUTEZA D'ELREI D. SEBASTIÃO.

Junto ao Palacio de Cintra havia um bosque tão espesso, que ainda de dia mettia medo a quem entrava nelle só. — ElRei D. Sebastião era tão affouto que sahia de noite a passear por elle, muitas vezes duas e tres horas. — Uma occasião, em Almeirim, poz-se em cima de uma arvore esperando a um porco montez, e sentindo uma ramalhada e applicando a vista, descobrio um vulto, e descendo-se á pressa, foi accommette-lo; ao ruido da lucta acudírão alguns caçadores entendendo estar ElRei atracado com algum monstro, e o achárão luctando com um negro selvagem, que havia dias tinha fugido a seu senhor, e andava escondido por aquelles montes.

ElRei tinha mandado que nenhuma embarcação passasse pelas torres de Belém e S. Gião, sem ser visitada, e ir dar conta disso ás torres, e que se assim o não fizesse, a mettessem a pique. — Depois, ou por experimentar se se observava o que tinha ordenado, ou porque buscava a morte entre os seus, com animo impávido, sahio pela barra fóra em uma galé com alguns cavalleiros, e passando pelas torres lhe começárão estas a atirar com bala, e Sua Magestade, sem querer darse a conhecer, passou por entre ellas, e voltou ao Paço. — Embarcava-se em galés, e sahia ao mar largo quando o via mais furioso, e como se fôra a combater-se com elle, com bom fundamento e partido para vence-lo; quando já a força das ondas quasi tinhão sossobrado a embarcação, descorria por entre todos, reprehendendo aos medrosos, e rindo-se do risco que corrião, perguntava aos companheiros: *Que cousa é medo? Que cousa é temor?*

Morrendo o seu privado D. Alvaro de Castro, a quem ElRei muito estimava, varias noites sahio com alguns cavalleiros, e deixando-os atraz, se ía á sua sepultura, onde o ouvião fallar, e donde voltava choroso.—Outras noites, depois de deitado na cama, se levantava ás 11 horas com D. Alvaro de Menezes, seu Pagem da Campanha, e sahia a passear pela praça só, uma e duas horas, e quando voltava o achava algumas vezes dormindo, do que lhe não pezava. — Outras noites passava o Tejo com Sancho de Toar, e na banda de além, apartando-se delle, ía conversar muito tempo, passeando pela arêa, com um homem que nunca foi conhecido.

EIRADOS.

Em os climas temperados, como o do nosso *Portugal*, não ha necessidade alguma de dar aos tectos dos edificios aquella grande altura e inclinação a que se veem forçados os habitantes das regiões mais frias do norte, onde a neve se fórma com tanta frequencia, e cáe tão abundante. Lá, a não se lhe apresentarem os telhados em fórma, como de cunha, e de grande declivio, que não consente que ella se detenha, mas faz que logo escorregue e cáia fóra dos tectos, o peso, que se accumularia sobre elles, seria tão grande, que infallivelmente os abateria, assoberbando os edificios. — D'estes rigores e suas consequencias, estamos nós, os do valle do *Tejo*, quasi inteiramente livres. — É por isso de admirar que na cidade de *Lisboa*, se não tenha vulgarisado mais o formoso estilo de cobrir os edificios com eirados planos, como por partes se usa no sul do reino, e mais geralmente por todas as costas do *Mediterraneo*; em lugar dos pesadissimos e dispendiosos tectos inclinados e cobertos de telha, como é universal costume.

Este modo de cobrir os predios com eirados planos tem muitas vantagens e conveniencias; dellas apontaremos as que nos parecem mais para notar.

É a 1.ª— A grande economia das madeiras necessarias para o tecto; pela muita superficie, e menor peso, que o da telha e argamassa actual; e por não haver as peças de ligamento indispensaveis na presente construcção, para resistir á pressão lateral, que tende a fazer afastar do perpendiculo as paredes do edificio, sendo esta pressão no caso dos eirados, sómente vertical, a que as paredes bem resistem.

2.ª — Grande facilidade no atalhar os incendios em edificios contiguos.

3.ª — Prestar ás familias um desafogo deleitoso nas calmosas tardes e claras noites do estio — um passeio agradavel e salubre sem sair de casa — e ás creanças

principalmente, um exercicio utilissimo ao ar livre.

4.ª — Proporcionar ás damas o agradavel passatempo da cultura das flores em vazos (os quaes sendo collocados junto das paredes, ou sobre os parapeitos, nenhum damno farão com seu peso); e aos apaixonados da botanica, um jardim experimental muito á mão, que tambem facilitará a creação de plantas exóticas em estufa envidraçada, podendo ser aquecida com vapôr, por meio de um tubo, que nasça de caldeira na cosinha.

5.ª — Facilitar a creação ou conservação de passaros raros ou estimados, em viveiro accommodado.

6.ª — Facilitar aos curiosos e estudantes da sublime astronomia e da meteorologia a observação dos phenómenos, com a maior commodidade para a collocação dos necessarios instrumentos.

7.ª — Dar grande embellezamento á cidade, pela variedade nas fórmas das varandas, balaustradas, e parapeitos dos eirados, que os architectos podem diversificar infinitamente; e que acompanhados da indispensavel guarnição de plantas varias e flores (tornando-se geral este systema) apresentarião a capital como um vasto e ameno jardim.

8.ª — Facilitar os concertos e reparações dos tectos.

9.ª — Servirem estes eirados de estendal de roupas, acabando com a prática indecente e estragadoura de pendurar trapage pelas janellas das ruas.

No *Algarve*, onde se dá a estes eirados o nome de *sotéias*, são elles feitos (como tambem no *Alemtejo)* de tijolos, assentes em argamassa, sobre grossas traves das madeiras do sitio. — Os eirados, ou antes terrados que ha em alguns, mui poucos, edificios desta capital, são assim construidos, ou sobre abobadas. — Nenhum destes modos póde ser adoptado para cobrir predios da construcção commum: e muito menos os de alguns, nos quarteirões da cidade nova, que a céga cubiça de seus senhorios, tem transformado em verdadeiras torres de *Babel*. Qual seria a sorte d'estas habitações e habitantes se os decretos da Providencia ordenassem uma repetição da catástrophe de 1755? E é isso impossivel?... Horror!... E as Authoridades do Municipio tem, ha tanto, contemplado impassiveis o progresso destas verdadeiras armadilhas de devastação e carnificina! Aquella prática não traz, nem economia de madeiras, nem diminuição de peso, e nesta parte, tem os inconvenientes dos telhados. — Os eirados sobre a generalidade dos edificios em *Lisboa*, só podem com vantagem, ser cobertos de asphalto, ou outro bitume ou cimento similhante. — Tambem se póde usar do zinco em folhas; e neste caso, será a cobertura mais leve que se possa obter, e não é combustivel como os asphaltos.

Foi o Sr. *Braamcamp* quem primeiro nesta cidade abrio o caminho deste novo progresso, cobrindo o seu bello prédio da rua da *Horta Séca*, que ultimamente reedificou, com um eirado, donde se desfructa uma esplendida vista do *Tejo:* e em cujo edificio se admira tambem a elegante simplicidade das grades das sacadas, em notavel opposição com a mesquinha e superflua riqueza do typo dominante destas gradarias na maior parte das casas de *Lisboa*. — Oxalá que o Sr. *Braamcamp* tenha imitadores, que se resolvão em fim a sair do *ramerrão*. — Parece-nos que a Municipalidade muito poderia fazer, até por meios indirectos, para que este modo de cobrir os edificios se propagasse. *[Revista Universal Lisbonense.]*

O MOSTEIRO DE S. JUSTO.

Este Mosteiro está situado perto de Placencia na Estremadura Hespanhola. É um vasto edificio de pequena apparencia, que apenas se percebe d'entre os escarpados rochedos que o rodeião. Á vista deste Convento, que se assemelha a uma fortaleza isolada no meio das montanhas, longe de toda a habitação humana, opprime-se o coração, e o mesmo ruido das folhas das arvores, similhante a um agudo e prolongado gemido, augmenta a tristeza mysteriosa que inspira tão medonho sitio. Para o visitar, é preciso ter toda a curiosidade de um viajante estrangeiro; para o habitar, é necessario haver renunciado a todos os laços que nos unem á terra e a todas as fruições que nos tornão a vida agradavel.

Foi por tanto a este Mosteiro que uma

tarde chegou um homem menos abatido pela idade, do que pelas fadigas e trabalhos em que havia passado seus dias. Tres ou quatro pessoas de aspecto grave e melancolico o acompanhavão. Este pequeno cortejo, sem fausto nem apparencia, havia atravessado a cidade de Burgos, sem que pessoa alguma sahisse ao seu encontro, ninguem mesmo tinha notado a sua passagem: talvez algum aldeão houvesse por acaso chegado á porta da sua choupana para o ver passar!

Este homem apeou-se da liteira que o conduzíra; bateo á portaria do Convento, e respondeo em voz baixa = abri = ao porteiro que lhe perguntava quem era. Tendo declarado mysteriosamente o seu nome ao irmão converso, abrio-se a porta do Convento para lhe franquear a entrada.

Chegou o Abbade e lançou a sua benção ao novo irmão converso: este ajoelhou humildemente para a receber, como o ultimo dos noviços: beijou depois a terra, e exclamou:

«Nú sahi de teu seio, e nú tornarei a elle, oh mãi commum dos homens!»

D'alli foi tomar posse da humilde cella que se lhe destinou, e depois ao refeitorio receber a sua modica ração, na ultima extremidade da mesa, como convinha ao seu estado.

No dia seguinte, depois do officio da manhã, dirigio-se á horta e derão-lhe uma enchada, e a tarefa de cultivar um extenso pedaço de terra. Poz mãos á obra levantando a custo aquelle pesado instrumento: sempre silencioso, obediente e solitario, passou seus dias na oração e no trabalho.

Um anno depois pronunciou seus votos.

No dia seguinte celebrou-se o officio de defunctos sobre o novo irmão que acabava de professar; e cobrindo-se-lhe, segundo o uso e costume da Ordem, com um panno mortuario, o corpo prostrado em terra.

A final, quasi dois annos depois da sua entrada no Convento de S. Justo, a 21 de Setembro de 1558, o irmão desconhecido, e cujo verdadeiro nome ninguem sabia, expirou em paz, deitado sobre uma pouca de cinza, envolto em aspero borel, e com todos os signaes de um profundo arrependimento.

O nome deste irmão converso, em quanto vivêra no mundo, era Carlos V, aquelle que dominára meia Europa, e cuja fama e ambição enchêra o Mundo inteiro (1).

Carta do Sultão á Rainha de Inglaterra.

O joven Sultão Abdul-Medjid dirigio á Rainha Victoria uma carta de parabens, por occasião do nascimento da Princeza Real. Assegura-se que esta carta é um modelo de rhetorica, e uma amostra rara de eloquencia florida, propria do Oriente. A fórma não é menos notavel que o texto.

A carta tem cerca de tres pés de comprimento, com quatro a cinco pollegadas de largura. Está escripta em letra muito miuda, mas mui legivel, e parece redigida com muito cuidado.

A firma do Sultão está á margem, seguida de todos os titulos que pertencêrão aos seus predecessores desde tempo immemorial.

O papel é esmaltado e de qualidade superior ao velim; a carta está fechada em um sobrescripto com o sello grande de Sua Alteza. O todo estava fechado em um pequeno sacco similhante aos que trazem as senhoras; este sacco era de setim, ricamente bordado de seda e de ouro.

Este documento excitou a curiosidade das pessoas que podérão ver o specimen de uma correspondencia epistolar da Su-

(1) Carlos V, Imperador da Allemanha, Rei de Hespanha, de Napoles e dos Paizes-Baixos, nasceo em Grand em 1500. Sustentou grandes e porfiosas guerras com Francisco I de França, a quem fez prisioneiro na batalha de Pavia, e conservou em Madrid até ao seu resgate e paz de 1530. Carlos V levou então suas armas victoriosas á Africa, tomou a Goleta, derrotou Barba-Rôxa, entrou em Tunes, restabeleceo sobre o throno Muley-Hassan. Venceo outra vez a França e o Papa. Sustentou longa guerra contra os Principes protestantes, que obtiverão em fim a liberdade de consciencia, depois da celebre confissão d'Augsburgo. Cançado de gloria, de grandeza e de guerras, abdicou em fim as Corôas em 1556, a de Allemanha em seu irmão Fernando I, e as de Hespanha, Napoles, etc. em seu filho Filippe II de Castella, e retirou-se ao Convento de S. Justo, onde passou o resto de seus dias em exercicios de piedade, e morreo desgostoso do mundo, de seu filho, e de si mesmo.

blime Porta. Assegura-se-nos que as illustres personagens a quem a carta é dirigida fazem della o maior apreço.
[Observer.]

ANECDOTAS

O gato que não é gato.

Uma senhora ao mandar a outra um gatinho de presente, dirigio-lhe uma carta, em que encarecia o animalsinho ao ultimo ponto: não havendo qualidade boa que o bixinho não tivesse, principalmente as de muito mansinho e optimo caçador de ratos.—Julgue-se porém da admiração da pessoa a quem se pertendia mimosear, quando ao receber a carta, vio o seguinte *Post-scriptum:* Não é gato; é gata; e não vai, porque se não poude apanhar.

A pena de morte e o suicidio.

Certo Irlandez, membro do Parlamento, animado de sentimentos philantropicos, e querendo ver se punha termo aos suicidios, apresentou um projecto para que o *suicida fosse punido com a pena de morte.*

Generosidade d'ElRei D. João II.

ElRei D. João II, sendo-lhe repentinamente necessario dinheiro, mandou pedir a Pedro Pantoja mil e quinhentos cruzados emprestados.—Cinco dias depois, mandou-lhe dar, além do capital, duzentos e cincoenta cruzados; e offendendo-se Pantoja de que lhe pagasse juros, respondeo-lhe o Monarca. Já que vos queixaes, recebei ainda outro tanto; e ainda recebereis mais outro tanto se vos tornardes a queixar.

Conselho laconico.

A Nuno da Cunha, Governador da India no tempo d'ElRei D. João III, escrevia seu Pai, Tristão da Cunha: *Cá dizem mal de ti a ElRei; mas faze justiça, manda pimenta, e deita-te a dormir.*

Bom dito a respeito de livros que se pedem emprestados.

Dizia um gracioso que a razão porque não restituimos facilmente os livros que se nos emprestão, é por nos ser mais facil rete-los, do que aquillo que elles contém.

Resposta judiciosa do Papa Ganganelli ao seu Mestre de Ceremonias.

Quando o Pontifice Ganganelli subio á Cadeira Pontificia, forão os Embaixadores das diversas Nações, cumprimenta-lo por esse motivo, e Sua Santidade correspondeo-lhes com as maiores attenções.—Observando-lhe porém o Mestre de Ceremonias que Sua Santidade comprometttia assim a sua dignidade, respondeo-lhe o Pontifice: Saiba que ainda não sou Papa ha tempo sufficiente, para me esquecer da boa educação que meus pais me derão.



Setembro de 1842. *N.º 9.*

O Recreio, Jornal das Familias.

Lith. de A. C. Lemos Largo do Quintella N.º 1

Setembro. 1842.



O RECREIO.

JORNAL DAS FAMILIAS.

Lealdade e independencia de um Diplomatico Portuguez.



No anno de 1676, sendo o Arcebispo de Braga, D. Luiz de Sousa, Embaixador de Portugal em Roma, houve uma rixa entre os criados deste, e os Esbirros que forão fazer uma diligencia no seu bairro sem as costumadas cerimonias; em consequencia disto foi o Embaixador procurar o Cardeal Altieri, Nepote e primeiro Ministro do Pontifice Clemente X; e discorrendo o Cardeal sobre o excesso praticado pela familia do Embaixador, e allegando este os privilegios e immunidades do seu caracter, lhe disse o Cardeal, que S. Ex.ª devia reparar que não obstante ser Embaixador, era filho da Igreja, e que como Prelado devia attender mais á jurisdicção Pontificia. — Respondeo promptamente o Embaixador: « *Se eu* « *imaginára que o Roquete de Prela-* « *do me havia de impedir a minima* « *preeminencia, do que requer o ca-* « *racter de Embaixador, logo despiria* « *o Roquete, e feito em miudissimos re-* « *talhos, o poria debaixo dos pés, só* « *para defender os direitos de Ministro* « *do meu Principe.* »

SEGUNDA TORRE DE BABEL.

Roma.

O *Constituonnel* publicou uma carta de Roma dizendo que a *festividade das lingoas* foi celebrada a 22 de Janeiro de 1841 no Collegio da Propaganda. O Cardeal Mezzofanti presidio a esta solemnidade, unica no seu genero. Forão convidados e assistírão todos os estrangeiros de distincção residentes em

Roma. A funcção começou por um prologo em Latim recitado por um Illyrio. Um mancebo de Nova-York recitou depois um poema em Hebraico. Dois Chaldeos recitárão um dialogo no idioma dos Rabbis. Abd-Allah-Assemam, natural de Lebanon, declamou em verso Syriaco, e um mancebo de Bethlem pronunciou um discurso em Samaritano. Um Persa fallou em chaldaico. Dois Turcos, um de Aleppo, outro de Constantinopla, declamárão em poesia turca. Dois jovens Indios do Pegu fallárão em Birman: o mais moço dos dois apenas com 12 annos de idade, declamou com tanta habilidade que recebeo immensos applausos. Alguns Armenios lêrão uma elegia Latina, um discurso em Grego antigo, e versos em Grego moderno. Um Curde lêo versos naquella lingoa notavel pela aspereza do som. Um Americano de Nova Escocia lêo um idylio em Celtico. Depois seguio-se Illyrico, Bulgarico, Polaco, Allemão, Hollandez, Inglez e Francez. Um Negro de Godsciand fallou em Ammariano. Um habitante da California cantou uma cantiga no dialecto barbaro da sua nação, acompanhando-se com castanholas: foi applaudido; porém o maior applauso estava reservado para o Chinez Joachim Ku-o, da provincia de Ho-man, que fallou a lingoa do seu paiz composta inteiramente de monosyllabos; e outro fallou o Chinez de Cantão. Por fim, outros dois Chinezes de Sciam apresentárão-se no seu traje nacional, e lêrão versos no idioma da sua provincia, terminando aquelles exercicios academicos pela mais harmoniosa canção chineza. A maior parte dos ouvintes não entendêrão senão a palavra =*Alleluia*= que occorria frequentemente. Os estrondosos applausos dados pelos espectadores Catholicos e Protestantes provárão áquelles mancebos quanto foi admirada a sua execução. *[Evening Mail.]*

Acto dos mais heroicos e dignos d'admiração da posteridade.

Chegando a S. Paulo a noticia da acclamação de D. João IV, em 1640, os Hespanhoes estabelecidos naquella provincia, para roubarem ao menos á Corôa Portugueza uma parte do Brazil, se lembrárão de acclamar Rei a Amador Bueno da Ribeira, chegando a ameaça-lo com a morte se não quizesse empunhar o sceptro. Sahe este da sua casa com a espada na mão, contrastando com gritos de lealdade os gritos dos sediciosos, e corre a refugiar-se no Mosteiro de S. Bento, onde, ajudado pelo D. Abbade, seus Religiosos e pessoas de consideração que mandára avisar, confunde os conspiradores, e faz comprehender aos illudidos, que o Reino pertencia á Casa de Bragança, e que delle se acharia esta em posse pacifica se a violencia da occupação hespanhola não houvesse suffocado o seu direito. *[J. do C.]*

ECLIPSES DO SOL VISIVEIS EM LISBOA CALCULADOS DESDE O PRESENTE ANNO ATÉ O DE 1900.

1842 — 8 de Julho.

O Sol nascerá já eclipsado ás 4 hor. e 39 min.
Meio — 4 horas e 52 minutos da manhã.
Fim — 5 horas e 46 minutos e um terço.
Grandeza — 11 digitos e 57 minutos e meio

1845 — 6 de Maio.

Principio — 7 horas e 35 minutos da manhã.
Meio — 8 horas e 26 minutos.
Fim — 9 horas e 23 minutos.
Grandeza — 2 digitos e 52 minutos.

1846 — 25 de Abril.

Principio — 4 h. e 51 min. e dois terços da tarde.
Meio — 5 horas e 50 minutos.
Fim — 6 horas e 47 minutos e dois terços.
Grandeza — 7 digitos e 45 minutos.

1847 — 9 de Outubro.

Nascimento do Sol ás 6 horas e 16 minutos.
Meio do eclipse — 6 hor. e 49 minutos da manhã.
Fim — 8 horas e 2 minutos.
Grandeza — 7 digitos e 42 minutos.

1851 — 28 de Julho.

Principio — 1 hora e 36 minutos da tarde.
Meio — 2 horas e 39 minutos.
Fim — 3 horas e 38 minutos e um quarto.
Grandeza — 5 digitos e 10 minutos.

1858 — 15 de Março.

Principio — 10 horas e 18 minutos da manhã.
Meio — 11 horas e 44 minutos.
Fim — 1 hora e 10 minutos da tarde.
Grandeza — 10 digitos e 59 minutos e meio.

1860 — 18 de Julho.

Principio — 1 hora da tarde.
Meio — 2 horas e 18 minutos.
Fim — 3 horas e 29 minutos e um quarto.

1861 — 31 de Dezembro.

Principio — ao meio dia e 55 minutos.
Meio — 2 horas e 9 minutos.
Fim — 3 horas e 19 minutos e um terço.
Grandeza — 6 digitos e 57 minutos e meio.

1865 — 19 de Outubro.

Principio — 3 hor. e 54 minutos e meio da tarde.
Meio — 5 horas e 5 minutos.
Grandeza — 5 digitos e 43 minutos.
O Sol se porá ainda eclipsado ás 5 hor. e 29 min.

1866 — 8 de Outubro.

Principio — 4 h. e 29 min. e um quarto da tarde.
Meio — 5 horas e 21 minutos.
Grandeza — 3 digitos e 23 minutos.
O Sol se porá ainda eclipsado ás 5 hor. e 43 min.

1867 — 6 de Março.

Principio — 6 horas e 56 min. e meio da manhã.
Meio — 8 horas e 8 minutos.
Fim — 9 horas e 31 minutos.
Grandeza — 10 digitos e 29 minutos e meio.

1868 — 23 de Fevereiro.

Principio — 2 horas e 12 minutos e meio da tarde.
Meio — 3 horas e 7 minutos.
Fim — 3 horas e 54 minutos e um quarto.
Grandeza — 2 digitos e 8 minutos e meio.

1870 — 22 de Dezembro.

Principio — 10 horas e 8 minutos da manhã.
Meio — 11 horas e 32 minutos.
Fim — ao meio dia e 59 minutos e um terço.
Grandeza — 11 digitos e 45 minutos.

1873 — 26 de Maio.

Principio — 6 horas e 41 minutos da manhã.
Meio — 7 horas e 26 minutos.
Fim — 8 horas e 9 minutos e um quarto.
Grandeza — 3 digitos e 5 minutos.

1875 — 27 de Setembro.

Principio — 10 h. e 18 m. e um quarto da manhã.
Meio — 11 horas e 35 minutos.
Fim — ao meio dia e 54 minutos.
Grandeza — 5 digitos e 24 minutos.

1879 — 19 de Julho.

Principio — 6 horas e 6 minutos.
Meio — 6 horas e 48 minutos.
Fim — 7 horas e 32 minutos.
Grandeza — 2 digitos e 37 minutos.

1880 — 31 de Dezembro.

Principio ao meio dia e 57 minutos.
Meio — 2 horas e 3 minutos.
Fim — 3 horas e 3 minutos e um quarto.
Grandeza — 5 digitos e 2 minutos.

1882 — 17 de Maio.

Principio — 5 horas e 12 minutos da manhã.
Meio — 5 horas e 53 minutos.
Fim — 6 horas e 35 minutos e meio.
Grandeza — 3 digitos e 41 minutos.

1890 — 17 de Junho.

Principio — 7 h. e 54 m. e um quarto da manhã.
Meio — 8 horas e 14 minutos.
Fim — 9 horas e 29 minutos e meio.
Grandeza — 6 digitos e 23 minutos.

1893 — 16 de Abril.

Principio — 2 horas e 27 minutos da tarde.
Meio — 3 horas e 20 minutos.
Fim — 4 horas e 10 minutos e meio.
Grandeza — 3 digitos e 53 minutos.

1895 — 26 de Março.

Principio — 8 horas e 35 minutos da manhã.
Meio — 8 horas e 50 minutos.
Fim — 9 horas e 5 minutos.
Grandeza — 0 digito e 11 minutos e meio.

1899 — 8 de Junho.

Nascimento do Sol ás 4 horas e 38 minutos.
Fim do eclipse — 4 horas e 50 minutos da manhã.
Grandeza — 1 digito e 1 minuto.

1900 — 28 de Maio.

Principio 2 horas e 7 minutos da tarde.
Meio — 3 horas e 28 minutos.
Fim — 4 horas e 40 minutos.
Grandeza — 11 digitos e 16 minutos.

INTREPIDEZ QUE VEIO A CUSTAR CARA.

No dia 30 de Dezembro de 1840 innumera multidão estava apinhada na ponte South-Wark, em Londres, para admirar o famoso mergulhador James Scott. O rio estava coberto de enormes massas de gelo, e ninguem se capacitava que entre ellas houvesse quem se precipitasse. Ás 3 horas, James Scott, feita a sua collecta, collocou-se na extremidade do arco central da ponte, e bradou : — Senhores, ides

ver um homem quebrar a cabeça. — Então percipitou-se com a rapidez do raio, e desappareceo debaixo das aguas. Alguns minutos depois vírão-se reapparecer suas pernas, depois apresentar com presteza meio corpo acima da agoa, nadar algum tempo por entre o gelo, e em fim entrar em um barco. Seu vestuario era uma camisa de riscado azul e uma calça de brim grosso.

Morte desastrosa do mergulhador Sam Scott.

Substanciamos do *English Chronicle* a noticia da desastrosa morte de Sam Scott, famoso mergulhador americano, com cujos saltos extraordinarios já por vezes occupamos a attenção dos nossos leitores. No dia 11 de Janeiro de 1841, devia Scott mergulhar no Tamisa. A ponte de Waterloo em Londres era o lugar designado, e á hora aprazada todos os lugares circumvisinhos estavão apinhados de espectadores. Sam principiou, segundo era seu costume, a fazer algumas habilidades, para mostrar a sua destreza, em quanto corria a bandeja onde se depositava o dinheiro para o seu beneficio. Estava suspenso a uma viga um cabo terminando com um nó corredio; por baixo desta viga havia dois páos atravessados.

Na viga estava assentado o mergulhador, e tendo passado o nó no pescoço, atirou comsigo com o intuito de servir-se dos páos para voltar ao seu primeiro lugar, depois de ter ficado pendurado por algum tempo. Duas vezes repetio esta atrevida *experiencia*, e duas vezes tornou a subir á viga com o auxilio dos páos que estavão por baixo. Atirou comsigo terceira vez, e pela terceira vez ficou pendurado no ar. Esta vez, porém, desceo por casualidade a corda mais abaixo do que devia ser, e depois de ter ficado pendurado por alguns minutos, as feições de Sam derão signaes de estrangulação: o povo, achando esta experiencia mais perfeita, prorompeo nos mais vivos applausos: ficou porém de prompto desenganado, quando, passados alguns minutos, vio o corpo do mergulhador estrebuxar, e ficar depois sem movimento. Fizerão-se então os maiores esforços para ir soccorre-lo, mas não era facil chegar ao lugar onde elle se achava, e passou-se um quarto de hora antes que se conseguisse cortar a corda fatal. Era porém já tarde; o mergulhador havia entregue a alma a Deos.

Sam Scott nasceo em Philadelphia, e na sua mais tenra idade servio na Marinha dos Estados-Unidos. Foi a bordo das fragatas em que estava embarcado que principiou suas extraordinarias façanhas como mergulhador, atirando comsigo ao mar do tope das vergas mais altas. Sua coragem extraordinaria como mergulhador tornou o seu nome popular, e depois de largar o serviço, viajou pelos Estados da União mostrando suas proezas, e ganhou bastante dinheiro, sobretudo em New-York, Boston e Philadelphia. Dirigio-se depois ao Canadá, e deo alguns saltos terriveis nas margens do S. Lawrence e nos lagos desse paiz. A maior altura de que jámais saltou Scott foi a de um precipicio, por baixo da catarata de Niagara: precipitou-se na agoa, cahindo de uma altura de 593 pés. Procurava ultimamente em Inglaterra um lugar que tivesse a mesma altura para repetir o que já fizera na America. Havia cerca de um anno que Scott estava em Inglaterra: tinha estado em quasi todos os portos, e saltado das vergas dos maiores navios. Em uma destas occasiões, correo risco de ser victima de uma casualidade similhante á que deo fim á sua existencia. Antes de mergulhar, e na occasião em que costumava fazer suas habilidades, escorregou da verga e ficou pendurado pelo pescoço: o rosto tornou-se negro, e Scott ía morrer, quando fez um esforço desesperado, e conseguio atirar-se de novo a cima da verga, onde desatou o nó que lhe apertava a garganta. Respondendo á multidão que lhe perguntava se se achava incommodado, exclamou: — O canhamo que me deve enforcar ainda não nasceo.—Avisárão-no por vezes que devia deixar de imitar um enforcado, pois que esta experiencia era perigosa: respondeo sempre, que não corria risco nenhum, e que uma bruxa lhe predissera que não morreria nem enforcado nem affogado.

Scott era homem de constituição muito robusta, tinha 27 annos de idade, e 5 pés e 7 pollegadas de altura.

[Jornal do Commercio.]

CALCULO CURIOSO A RESPEITO DOS CÃES EM FRANÇA.

Calculou-se que a França deve ter para cima de dois milhões e cem mil cães. — Suppondo que cada cão come por dia dez centimos de pão (dezeseis réis) absorvem os cães a quantia de setenta e cinco milhões de francos por anno. Ora, impondo-se o tributo de um franco (cento e sessenta réis ao par) por cada cão, com que rendimento não viria a augmentar-se annualmente o Thesouro Publico de França!

Receituario talvez desconhecido aos Facultativos da escóla moderna.

De um livro impresso em 1720, e offerecido a Christo Jesu Crucificado, transcrevemos as seguintes receitas, que não deixão de ser curiosissimas pelas drogas de que se compõe.

Epilepsia — Toma-se um arratel de raizes de engos verdes, e fazendo-as em talhadas delgadas se pizem muito bem pizadas: ajuntai a esta massa seis onças de banha de cavallo, ou em sua falta, *de sebo de homem esquartejado*, e com quatro onças de oleo commum se misture tudo, etc. *[Atalaia da vida — Pag. 220.]*

Garganta engasgada com algum bocado — É bom remedio engulir uma esponja pequena molhada em terebentina, ou um bocado de carne fresca e crua atada com um fio forte, e enguli-la, puchar pelo dito fio e logo ficará livre! — (Quem engulisse assim estando engasgado o que seria se o não estivesse!) Garganta em que nascer algum inchaço ou apostema, que possa matar ao doente, porque não deixa engolir o alimento para se sustentar, se abre e arrebenta muitas vezes no dia com agoa em que misturem *partes iguaes de pó subtilissimo de esterco de burro ou de andorinha* (que é a mesma cousa.) *[Idem pag. 308.]*

Garganta inchada ou inflammada por dentro — Atar na garganta um escarpim ou uma palmilha de meia bem suada, çuja e fedorenta, é remedio (para o author) de que se tem visto effeitos maravilhosos em garrotilhos de pessoas que estavão agonisando. *[Idem pag. 309.]*

Gota coral — O pó da caveira de homem que morresse na guerra, ou affogado (n'outra receita dá a mesma virtude á caveira d'enforcado) e não de doença, misturado com igual quantidade do pó da unha do grão besta, ou em falta da tal unha, com o pó da *unha* do burro, que não esteja com cio, é prodigioso remedio, etc. *[Idem pag. 331.]*

Outro remedio — Tomai uma onça de folhas de prata, que vendem os Batefolhas, e as fareis em pós subtilissimos moendo-as em uma pedra bem rija, misturai este pó com duas onças de esterco de *pavão macho*, se a doença for em *homem*, ou de *pavoa femea* se a doença for em mulher; a que tambem ajuntareis duas onças de pó subtilissimo de alambre e outra onça de pó de coral, e meia onça de almiscar fino, e meia onça de canella finissima, e de todas estas cousas bem misturadas, se fará uma massa com alquetera desfeita em pouca agoa, e da tal massa se formarão pastilhas, que depois de bem seccas á sombra se guardarão *como uma joia*, etc. *[Idem pag. 334.]*

Hydrophobia — Deitar ao tal doente de repente vestido e calçado em um tanque de agoa é grande remedio (se alli o tiver perto). — Dar ao doente o coalho de um cão *desfeito em vinagre* é (diz o author) dos melhores remedios que tem a medicina para esta doença. *[Idem pag. 343.]*

Hypocondria — Os banhos de agoa doce tépida aproveitão sobre todos os remedios humanos com tanto *que passem de noventa.* (Que ventura para quem tivesse alguma casa de banhos se esta receita se propagasse!) *[Idem pag. 353.]*

FILTRO DE MR. FONVIELLE.

Tendo o Ministerio da Marinha admittido o filtro de Fonvielle para o serviço de muitas das embarcações do Estado, e entre ellas da fragata de S. A. R. o Principe de Joinville, *La Belle-Poule*, forão os resultados do trabalho desse filtro na viagem de Santa Helena consignados em um relatorio pelo Capitão Charner, segundo commandante dessa fragata, que com especial cuidado e zelo vigiou essa longa experiencia. Nota-se no relatorio o seguinte trecho: «O apparelho da filtração para o serviço dos navios que a Companhia franceza ministrou á fragata *Belle-Poule*, em virtude de seu contracto com o Ministro da Marinha, foi montado antes de sua viagem para Santa Helena. Perfeitamente preencheo o fim que tinha em vista a Administração para o bem estar e a saude da tripulação. Agoas turvas e de má qualidade, sujeitas á acção do filtro de

Fonvielle, sahirão para logo claras, limpidas e sem máo sabor. Ao demais, o trabalho ordinario do filtro, tanto para a filtragem como para a limpeza, se faz com grande facilidade e sem o menor inconveniente.

ANNOSIDADE.

Na Villa do Barreiro, da outra parte do Tejo, fronteira á Cidade de Lisboa, falleceo no dia 17 de Outubro de 1731 João Rodrigues Escadrinhado, natural da Villa de Collares, em idade de cento e vinte e cinco annos, o qual se achava servindo de soldado em Flandres no anno de 1640, em que se acclamou o Senhor Rei D. João IV, a quem veio servir, e se achou na restauração de Evora. No mesmo dia, poucas horas antes, falleceo sua mulher Antonia Rodrigues, em idade de cento e quatro annos, havendo oitenta e sete, para oitenta e oito, que erão casados. Ambos forão conduzidos á sepultura em uma mesma tumba, e mettidos em uma mesma cova, na Igreja Matriz daquella Villa.

FUNDAÇÃO DA IGREJA DE S. VICENTE DE FÓRA.

No dia 21 de Novembro de 1147, trinta dias depois da conquista de Lisboa, ElRei D. Affonso Henriques, I de Portugal, acompanhado dos Prelados e Senhores da sua Côrte e de muito povo Christão, lançou a primeira pedra fundamental conforme o rito e costume da Igreja, no alicerce da Capella Mór da Igreja do Mosteiro de S. Vicente de Fóra, em satisfação do voto que antecedentemente fizera no mesmo sitio oriental, em que teve o seu arraial e tambem estava o cemiterio, sagrado pelo Arcebispo de Braga D. João Peculiar, para sepulturas dos Cavalleiros que gloriosamente perdêrão as vidas nos combates da conquista de Lisboa, o qual cemiterio ficou dentro da mesma Igreja. — A pedra fundamental foi achada, quando se desfez a Igreja antiga para se edificar a nova, que permanece: era quadrada e tinha uma inscripção latina, que em portuguez diz o seguinte: *Esta Igreja fundou ElRei D. Affonso I, de Portugal, á honra da Bemaventurada sempre Virgem Maria e de S. Vicente Martyr, em* 21 *de Novembro de* 1147.

QUANDO SE FUNDOU A IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS MARTYRES, E PORQUE RAZÃO SE DENOMINOU ASSIM.

No mesmo dia, 21 de Novembro de 1147, depois d'ElRei D. Affonso Henriques ter lançado a primeira pedra na Igreja de S. Vicente de Fóra, como acima dizemos, foi com o mesmo estado e acompanhamento á parte occidental da Cidade de Lisboa, aonde os Estrangeiros tiverão o seu arraial, e o seu cemiterio; e em circuito deste, no alicerce preparado, lançou o dito Rei outra pedra fundamental para se edificar outra Igreja, que os Estrangeiros quizerão fosse da invocação de Nossa Senhora dos Martyres, dando-lhe este titulo, por crerem piamente, que seus companheiros que jazião sepultados naquelle cemiterio, podião ser tidos em conta de Martyres, por derramarem seu sangue e darem suas vidas pelejando contra os inimigos de Christo, sem estipendio, nem fim temporal, mas só por exaltarem e propagarem a Fé Catholica.

Instituição da Academia Problematica em Setubal, e dos Laureados em Santarem.

Na Villa de Setubal instituio-se em 1721 uma Academia com o titulo de *Problematica*, a qual, conforme os seus estatutos, se juntava doze vezes no anno, no ultimo dia de cada mez, tendo celebrado a sua primeira sessão em 30 de Maio do referido anno. Nella se proferião elegantissimos discursos cheios de muita erudição; e se lião admiraveis Poesias Latinas e Portuguezas, que erão as lingoas, que só se admittião na dita Academia. Nos principios desse mesmo anno de 1721, instituio-se na Villa de Santarem uma nova Academia, com o titulo de *Laureados*, com Mestres, Secretario e Censor, aonde concorrião pessoas mui eruditas, e se fazião excellentes discursos em prosa e optimas Poesias.

Incendio na Igreja de S. Francisco da Cidade causado por um foguete.

No dia 30 de Maio de 1707 succedeo o incendio, que abrazou a grande Igreja de S. Francisco da Cidade de Lisboa, procedido de um foguete, que de noite tinha cahido no tecto da mesma Igreja, que estava descuberto para se concertar. Em poucos dias ajuntárão os Padres e Irmãos da Ordem Terceira de S. Francisco, trinta mil cruzados, com os quaes, e outros muitos de esmolas, que forão concorrendo, se restaurou o Templo, e ficou mais levantado e magestoso, do que era antes da sua destruição.

Carta de Muley Maluco a ElRei D. Sebastião, pedindo que não desse protecção a seu Sobrinho Muley Mohamet.

Rei, e Senhor, depois que por força de Armas lancey deste meu Reino a Muley Mahamet, meu sobrinho, tenho entendido que se foi amparar, e valer do teu poder: pois que voluntariamente queres ser Juiz, deves advertir que seguindo a razão nesta causa antes serás em meu favor. Eu sou filho legitimo em nossa ordem de herdar del Rei, que ganhou este Reino; era branco de côr e amigo da razão, justiça, e dos que a seguem. Se por Ley de Direito, saberás que entre nós outros não só hà mister o que houver de ser Rey, que lhe venha de direito, se não tambem que o mereça, e seja capaz para isso, do que eu tenho dado sufficiente prova, quanto mais que não tem Mahamet, meu sobrinho, de que agravar-se, porque por Direito das Armas, que he o com que meu pay despojou deste Reyno aos Merines, que tantos annos havia que reinavão sucessivamente, o que eu pude fazer, quando não fora filho ligitimo, e mayor do mesmo, que o ganhou, o qual deixou assentado, que o filho mayor, que à hora da morte se achasse vivo, succedesse no Reino; e assim se observasse por todos os filhos primeiro, que os netos. Pareceo-me darte esta breve conta por saber como Soldado que fui, que primeiro se hade adquirir o Reino com razão, que com Armas. Se com ufanias e brio de idade pertendes alguma honra, ou parte do meu Reino, manda pessoas de confiança, que me dem conta da tua pertenção, e com quem eu seguramente possa tratar a minha, que não tenho menos vontade de convir no que for justo que de tomar as Armas para defende-lo. Soube que tens todo o meu poder em pouco, o que me hade ser de proveito. Olha bem o que fazes, e não te determines assim, e empenhes por um homem, que tem tão negra a ventura como a cara.

(Portugal cuidadoso e lastimado.)

ANECDOTAS

O algoz vexado e o padecente.



SENDO um grande criminoso condemnado á morte, aconteceo que o algoz ao saltar-lhe aos hombros, perdeo o equilibrio, e cahio da forca abaixo; mas este vexado e não querendo perder os bons creditos que naquelle mister havia adquirido, exclamou, olhando para o padecente: Irmão, juro-lhe que é a primeira vez que tal me succede, ao que o outro, com voz suffocada, respondeo: *E a mim tambem!*

A desforra.

Certo sujeito tinha tão má lingua, que não respeitava pessoa alguma, chegan-

do até a murmurar de um amigo seu muito intimo, que era tido por homem muito honrado e de vastissima erudição. Sabendo-o este, dirigio-lhe uma carta que acabava por estas palavras: *Em qualquer parte que vos achais, sei que dizeis mal de mim: eu, pelo contrario, não perco occasião de vos tecer mil elogios; porém quem a ambos conhecer, a nenhum dará credito.*

A lição d'equilibrio e a lição d'equitação.

Um peralvilho, correndo a cavallo por uma rua, deitou um sujeito no chão, o qual ficou mal tratado: este porém fez a diligencia por se erguer, e havendo conseguido chegar-se ao cavalleiro, lançou-lhe a mão á redea, e com a outra deo-lhe um empurrão com tanta força que o estendeo no meio da calçada. — E como o peralvilho, muito encolerisado, lhe perguntasse se sabia quem elle era, lhe respondeo: Isso é o que menos me importa, mas o que sei é que Vossa Senhoria acaba de me dar aos olhos do publico uma lição de equilibrio, e que eu acabo de lhe dar outra d'equitação.

O Pertendente humilhado.

Um pertendente, cavalheiro, tratava por Senhoria ao Secretario d'Estado Pedro Vieira da Silva, entendendo que por este meio conseguiria melhor o seu despacho; mas vendo frustradas as suas esperanças, foi um dia a sua casa, e tratou-o por *Mercé*. — O Secretario, que percebeo a sua intenção de vexa-lo, chamou um criado, a quem deo um recado para certa pessoa; porém querendo fazer crer que o criado o não entendêra, lhe ordenou que repetisse o recado. — O criado obedecendo, disse: *Vossa Mercé* mandou-me a casa do Sr. Fulano, etc. Voltando-se então o Secretario d'Estado para o cavalheiro, accrescentou: Quando *Vossa Mercé* me tratava por *Senhoria*, fallava-me como pertendente; agora falla-me como me fallão os meus criados.

Turenne e os soldados cortezes.

Turenne notou um dia, voltando-se para traz, que umas balas de artilheria lançadas de certa eminencia fazião abaixar a cabeça a varios soldados de cavallaria, que a erguião immediatamente, receosos de serem castigados. — Camaradas, lhes disse então aquelle valente General, podem continuar, pois similhantes visitas merecem bem que se lhes faça uma reverente cortezia.

Diogenes e o homem carregado.

Um homem carregado com uma viga passou perto de Diogenes, e tocando-lhe com ella, o ferio n'um hombro, gritando ao mesmo tempo, arreda! Porque, exclamou aquelle filosofo sem se perturbar, tens vontade de me ferir outra vez!

Pergunta indiscreta e resposta acertada.

Uma senhora já avançada em idade, muito presumida, e que ainda pertendia passar por menos idosa do que na realidade era, perguntou a certo sujeito, quantos annos lhe dava? Quem, eu, minha senhora! Para que lhe havia de dar ainda mais annos; acaso julga V. Ex.ª não ter bastantes?



Outubro de 1842. *N.º 10.*

O Recreio, Jornal das Familias.

Lith. de A. C. Lemos Largo do Quintella N.º 1.

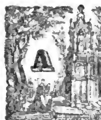
Outubro. 1842.



O RECREIO.

JORNAL DAS FAMILIAS.

Monumento em Sagres ao Infante D. Henrique.



Aos 24 do mez de julho do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1840, sendo Rainha de Portugal e Algarves a Fidelissima Sra. D. Maria II, na praça de Sagres, districto municipal da villa do Bispo, e oitava divisão militar, por ordem da mesma Augusta Sra. se collocou sobre a porta interior da entrada principal da referida praça huma lapide destinada a perpetuar a memoria do Infante D. Henrique, pela gloriosa empresa que este famoso principe intentou, de fundar neste sitio a escola de navegação, por meio da qual conseguirão as interessantes descobertas que depois delle franqueárão á nação portugueza as portas do Oriente. Consta esta lapide de hum corpo de dez palmos e meio de altura e cinco palmos e meio de largura, de marmore, distribuido em dous planos; contendo o superior, em meio relevo, o escudo das armas do referido Infante; ao lado direito do escudo huma esphera armillar, e á esquerda um navio á vela. O plano inferior releva duas almofadas ao alto, nas quaes estão esculpidas duas legendas, huma em latim e outra a sua versão em portuguez, da fórma seguinte:

Ætern. Sacrum.
Hor. Loco.
Magnus. Henricus. Juan. I. Portug. Rég. Filius.
Ut. Transmarinas. Occidental. Africæ. Regiones.
Antea. Hominibus. Impervias. Patefaceret.
Indeque. Ad. Remotissimas. Orientis. Plagas.
Africa. Circumnavigata.
Tandem. Perveniri. Posset.
Regiam. Suæ. Habitationis. Domum.
Cosmographiæ. Scholam. Celebratissimam.
Astronomicam. Speculam. Amplissimaque. Navalia.
Propriis. Sumptibus. Construi. Fecit.
Maximoque. Reipublicæ. Litterarum. Religionis.
Totiusque. Humani. Generis. Bono.
Ad. Extremum. Vitæ Spiritum.
Incredibili. Plane. Virtute. Et. Constantia.
Conservavit. Fovit. Et. Auxit.
Obiit. Maximus. Princeps.
Postquam. Suis. Navigationibus. Ab. Æquinoctial.
Ad. VIII.
Versus. Sptemtrionem. Gradum.
Pervenit.
Quampluresque. Atlantici. Maris. Insulas. Detexit.
Et. Colonis. Ab. Lusitania. Deductis.
Frequentavit.
XIII. Die. Novembr. An. Dom. MCDLX.
Maria. II. Portugal. Et. Algarb. Regina.
Ejus. Consanguinea.
Post. CCCLXXIX. Annos.
H. M. P. J.
Curante. Rei. Navalis. Administro.
Vice. Comite. De. Sá. Da. Bandeira.
MDCCCXXXIX.

monum. consagrado. á. eternidade. o. grande. infante. d. henrique. filho de. elrei. de. portugal. d. joão. I. tendo. emprehendido. descobrir. as. regiões. até. então. desconhecidas. de. africa. occidental. e. abrir. assim. caminho. para. chegar. por. meio. da. circumnavegação. africana. ás. partes. mais. remotas. do oriente. fundou. nestes. lugares. á. sua. custa. o. palacio. da. sua. habitação. a. famosa. escola. de. cosmographia. o. observatorio. astronomico. e. as. officinas. de. construcção. naval. conservando. promovendo. e. aumentando. tudo. isto. até. o. termo. da. sua. vida. com. admiravel. esforço. e. constancia. e. com. grandissima. utilidade. do. reino. das. letras. da. religião. e. de. todo. o. genero. humano. falleceu. este. grande. principe. depois. de. ter. chegado. com. suas. navegações. até. o. 8.° gr. de. latitude. septentr. e. de. ter. descoberto. e. povoado. de. gente. portugueza. muitas. ilhas. do. atlantico. aos. XIII. dias. de novembro. de. 1460. d. maria. II. rainha. de. portugal. e. dos. algarves. mandou. levantar. este. monumento. á. memoria. do. illustre. principe. seu. consanguineo. aos. 379. annos. depois. do. seu. fallecimento. sendo. ministro. dos. negocios. da. marinha. e. ultramar. o. visconde. de. sá. da. bandeira.

[Diario do Governo.]

HABILIDADE DE UM LADRÃO.

O roubo, nas provincias da Russia, é um facto muito mais importante para examinar e estudar do que geralmente se suppõe. Até se poderia dizer que é uma profissão. As quadrilhas de ladrões existem sempre por muitos annos antes que o Governador consiga destrui-las. A sua devisa é = Guerra aos ricos! Paz aos pobres! = e por isso os lavradores os considerão seus protectores, tratão-os como amigos, e muitas vezes os avisão dos passos e movimentos da policia.

Uma quadrilha formidavel, de 400 homens, infestava os governos de Smolensko e de Oural, em quanto eu estava em Odessa, diz M. Slade na sua obra sobre a Russia, tendo á sua frente um individuo chamado Trischof. Este homem, a quem não faltava juizo e intelligencia, tinha por habito mandar pedir á gente rica, que em certo dia e a tal hora lhe entregasse a somma de dinheiro que elle designava.

Durante muitos mezes, não encontrou um só desobediente; por fim um proprietario, a quem elle pedia 20,000 rublos, no mez de Janeiro de 1839, mandou prevenir do que se passava o chefe do posto de guarda mais proximo á sua habitação.

No dia seguinte de manhã, ao acordar, teve a satisfação de saber que um destacamento de infanteria se dirigia para a avenida do seu castello; e mandando logo abrir as portas do pateo, tratou os seus libertadores com a maior distincção e amabilidade.

Depois de o deixarem almoçar com todo o descanço, perguntou-lhe o capitão do destacamento o que poderia fazer que mais agradavel lhe fosse, visto que assim lh'o ordenára o seu commandante, accrescentando, que procedesse segundo os seus conselhos. O proprietario respondeo que (como havia informado o general) Trischof exigia que naquella mesma tarde se lhe entregassem 20,000 rublos, e que em consequencia pedia ao official que occultasse a sua gente no castello, a fim de poder surprehender e capturar os bandidos.

« Está prompto o dinheiro? lhe perguntou o official.

« Promptissimo, respondeo o hospede.

« Nesse caso, não vale a pena de esperar até á tarde, disse o official sorrindo-se e desaboando a farda, pois sou Trischof, e quero que tireis d'ahi o sentido. »

Este rasgo de habilidade de Trischof causou mui viva sensação em Moscow, onde a aristocracia se rio muito á custa do proprietario logrado.

Quando se prendem salteadores desta especie, accrescenta M. Slade, dão-lhes logo umas cem bastonadas; e se sobrevivem a este supplicio, são mandados para as minas da Siberia.

ESTRADAS DE FERRO NA GRÃ-BRETANHA.

Ao dar uma conta succinta do progresso das estradas de ferro no anno de 1840, convém dizer algumas palavras sobre a sua interessante historia nestes ultimos dez annos.

Em 1830, fixava a opinião publica a experiencia que então se fazia; a estrada de ferro de Liverpool a Manchester estava quasi concluida, e muita gente contava já que o bom exito desta empreza faria introduzir na Inglaterra o mais ousado melhoramento que seus meios de communicação tinhão recebido. Mas por cer-

to que nem áquelles que maiores esperanças nutrião era possivel prever um progresso tão rapido como aquelle que depois temos visto. Sem fallar das estradas de ferro da America e do continente da Europa, vê-se que, depois da abertura da estrada de ferro de Liverpool a Manchester em Setembro de 1830, mais de 1:100 milhas de estradas de ferro para transito de passageiros e de mercadorias, por meio de machinas locomotivas, tem sido construidas e terminadas em Inglaterra, e que quasi o mesmo numero de milhas se estão actualmente construindo; chegando o capital empregado nestes melhoramentos á quantia de £ 60.000.000.

A receita daquellas estradas que ha mais tempo trabalhão, dão alguma idéa do extraordinario numero de pessoas que se aproveita das facilidades que offerece este expedito modo de viajar. Na linha que une Londres a Birmingham, Liverpool, Manchester e Preston, que, com o ramo de Aglesbury, apresenta uma extensão de 260 milhas, foi a receita total do 1.° de Julho de 1839 a 30 de Junho de 1840 de £ 1.467.562 19 s. 8 d., sendo as despezas, incluindo os juros dos capitaes que se tomárão por emprestimo, de £ 820.893 19 s. 10 d., ou quasi 56 por cento. Esta receita dá uma entrada diaria de £ 4.020 14 s. 4¾ d., ou £ 15 9 s. 3¼ d. por milha.

Como se completárão já as linhas tributarias, é provavel que o anno de 1840 seja mais productivo que o de 1839—1840, especialmente para a Companhia de Londres e Birmingham, cujas receitas em dez semanas consecutivas, que terminárão em 5 de Setembro de 1840, excedêrão em mais de 21 por cento as do periodo correspondente no anno de 1839. Nestas dez semanas, que abrangem o periodo mais lucrativo do anno, foi a receita £ 184,321 2 s. 5 d., ou £ 2,490 8 s. 0¼ d. por dia, o que dá £ 20 18 s. 6½ d. por milha.

[British Almanack.]

FASTO DAS SENHORAS NO JAPÃO.

Quando as senhoras vão visitar os seus parentes (o que fazem uma vez cada anno) é com uma pompa e magnificencia extraordinaria; pois vão acompanhadas de quarenta ou cincoenta damas de honor, dentro em palanquins, que são como as nossas cadeirinhas, mas mais ricas, e mais bem ornadas; porque, por dentro, tudo é ouro, e por fóra excellentes pinturas ao uso da terra: as cadeirinhas vão em distancia umas das outras de cinco ou seis passos, e ao lado da cadeirinha do palanquim da senhora, vão os seus camaristas.

QUANTO OS JAPONEZES ABORRECEM O FURTO.

Aborrecem o latrocinio, e tem-no em tanto horror, que se alguma pessoa commette qualquer furto, por leve que seja, a matão logo; porque dizem, que aquelle que praticou um furto insignificante, não perderá nunca a occasião de commetter outros mais consideraveis.

O Diabo nunca quiz nada com rapazes.

Do Jornal des Débats transcrevemos o seguinte:

Havia alguns dias (era pelos fins de Fevereiro) que Anna Schlæffi de Annecy, na Saboia, tinha perdido seu marido, a quem muito amava, e de quem era ternamente correspondida. Estava uma noite carpindo a sua desgraça junto do seu fogão, quando, de repente vê descer pela chaminé uma figura, que segundo a descripção que geralmente se faz, não podia deixar de ser o diabo, o qual lhe exige o pagamento de uma somma assaz avultada, de que dizia ser credor á alma de seu marido, por lhe não ter posto embargos na sua passagem para o Ceo. A viuva, aterrada como é de suppor, deo immediatamente quanto tinha, promettendo pagar o resto no outro dia; e para poder satisfazer a palavra que dera ao demonio, foi pedir ao parocho, emprestada, a quan-

tia que lhe faltava. Este ultimo, reconhecendo o direito do diabo, deo á mulher o dinheiro necessario para satisfazer o credor; porém disse-lhe, que como em diabos não havia que fiar, pelo sim pelo não, bom seria dar parte á policia, que não teria duvida em mandar esconder alguns soldados dentro da casa, a fim de lhe acudirem, no caso que o diabo, depois de recebido o dinheiro, lhe quizesse fazer alguma das suas. Assim se verificou. O diabo foi pontual, e veio logo na noite seguinte, segundo promettêra; mas, no momento em que ensacava os cum quibus, caírão-lhe em cima os soldados, e sem respeito nem attenção alguma para com tão respeitavel personagem, pregárão com elle na cadêa. Já na rua estava uma immensidade de povo, quasi tudo rapazes, que se tinhão reunido, logo que constou pelo povo a prisão do espirito maligno. Diz-se que Deos livre o diabo de cahir em mãos de rapazes. Agora o vereis: n'um momento ficou o diabo despojado dos attributos e insignias da sua dignidade; chifres, rabo, orelhas de burro, tudo lhe foi arrancado sem commiseração alguma. Por cumulo de desgraça, foi no dia seguinte condemnado a restituir a divida em tresdobro, e a dois mezes de prisão. É mais uma lição para o diabo; e é por estas e outras que elle nunca quiz nada com rapazes.

CASTIGO DOS DELICTOS NO JAPÃO.

Poucos são os delictos que não são capitaes; ha alguns todavia maiores que outros; os ligeiros são punidos com castigos pessoaes, os graves envolvem na pena toda uma familia. Um dos menores delictos (por exemplo) é jogar a dinheiro, ainda que seja pouco; o roubar qualquer cousa, posto que seja um real. Aquelles que são convencidos, castigão-se com morte natural. Ha alguns lugares, em que os ladrões são conduzidos pelas ruas da cidade, para serem expostos ao ludbrio de todos, e depois os põem em patibulo, onde os matão; aos que tem menor castigo, tirão-lhe a vida sem aquella affronta.

Os delictos graves, que envolvem a familia inteira, por innocente que esteja, são estes: a violação das Leis Imperiaes; o máo procedimento dos officiaes nos seus empregos; a usurpação da Fazenda Real; os direitos injustos, que se impõem aos subditos; o bater moeda falsa; os incendios causados por malicia; a violação, e o rapto de mulher casada. Nestes casos, os bens do réo são confiscados, e elles com os seus mais intimos parentes condemnados á morte, conforme a qualidade do seu delicto. Se a mulher é cumplice, castiga-se juntamente com o marido; se está innocente, vende-se como escrava. Assim, as mulheres não morrem se não delinquírão no crime, de que arguem a sua familia. Os supplicios ordinarios consistem em serem queimados vivos; postos em cruzes com as cabeças para baixo; esquartejados por quatro cavallos; dar a beber muita agoa ao réo e fazer-lh'a vomitar por força: o tormento das covas, e o do oleo fervendo, são os mais ordinarios no Japão.

Ha outro supplicio que se não concede senão por graça ás pessoas nobres, e por delictos leves, que é abrirem-se a si mesmas o ventre com um cutello. Um gentil-homem cujas terras erão visinhas a Jédo, havendo recebido dos seus vassallos maiores contribuições do que as que lhe erão devidas, e queixando-se elles ao Conselho, o condemnárão a fender-se o ventre com toda a sua familia e parentes. Tinha um filho quatro legoas distante, servindo ElRei de Fingo, e mais tres em differentes Reinos, todos muito distantes; um tio ainda muito mais longe, dois irmãos no serviço do Imperador: todos forão justiçados no mesmo dia e hora; porque são mui diligentes em passar as ordens, e tem graves penas os que as não executão. Todos se abrirão o ventre, e o mais moço era casado de pouco tempo: sua mulher ficou tão afflicta, que quiz matar-se juntamente; e porque o não consentírão, deixou de comer e beber nove dias, até que expirou, tanto pela fraqueza, como pela paixão que teve com esta desgraça.

ODIO QUE OS JAPONEZES TEM AO JOGO.

bominão o jogo: considerão-no como uma sorte de contracto que não convém a pessoas nobres, e procede

de um desordenado desejo de adquirir dinheiro, paixão infame, que dispõe os homens a commetter toda a sorte de delictos, especialmente o latrocinio, crime, a que tem incrivel horror, como dito fica. Com effeito tem tanta sinceridade, e são tão alheios de engano, que se um mercador dá maior medida a alguem do que lhe é devida, logo lh'a restituem fielmente.

COMO OS JAPONEZES CURÃO OS SEUS DOENTES.

Os enfermos, no Japão, são curados de uma sorte differente, e em tudo contraria á nossa. Os nossos medicos ordenão sangrias em muitas enfermidades; os seus não consentem cousa similhante: nós dâmos aos nossos enfermos gallinha, geléa e cousas desta natureza; elles pelo contrario, comem só cousas acres, azedas, cruas e picantes, e deixão liberdade ao doente para tudo, o que appetecer, entendendo, que a natureza só desejará aquillo de que mais necessitar: é digno de admiração, que este modo de curativo, que nos pareceria dar occasião a muitas mortes, os sára quasi sempre, e vivem muitos mais annos que nós.

Diz-se dos medicos do Japão o que Padre Martini diz dos da China; isto é, que são excellentes no conhecimento do pulso, tocando-o por espaço de meia hora, sem fazerem pergunta alguma ao enfermo, e pela pulsação conhecem a causa do seu mal, e o augmento e diminuição delle. Não usão nestas terras de boticario; mas o criado do medico traz uma caixa com doze repartimentos, ou caixinhas, dentro dos quaes ha quarenta e quatro frasquinhos cheios de hervas e diversas drogas, entre as quaes escolhe as que servem para o doente, com que se acha; e misturando umas com outras, as manda cozer e as applica quasi sempre com feliz successo: e se tem febre, usão de certas espilhetas de ouro muito subtís, que passão pela pelle em seis partes diversas do corpo: o mesmo se faz na China; porém nas enfermidades maiores queimão a pelle em vinte partes, applicando-lhe causticos feitos de hervas, tão fortes, que como se fôra fogo, fazem o mesmo effeito, ficando pegados dois dias; e tanto que se reduzem a carvão, cahem deixando um signal negro na parte em que se applicárão.

O Embaixador e o prato de peixe.

O celebre Eremita de Saint-Gall, que deixou uma vida anecdotica de Carlos Magno, conta a seguinte:

O Chefe de uma Embaixada enviada pelo Monarca Franco a Constantino, foi convidado a jantar pelo Imperador Grego, que lhe deo um distincto lugar ao lado dos grandes de sua Côrte.

Entre outras iguarias, havia um excellente peixe, com diversos adubos. Ora, segundo uma Lei da etiqueta bysancina, á mesa do Principe, nenhum convidado podia, sob pena de morte, virar os corpos dos animaes que alli se servião. O Embaixador, ignorando similhante preceito, voltou o peixe que tinha diante de si, porém no mesmo momento todos os Cortezãos se levantárão da mesa, e exigírão do Principe a execução da Lei. O Imperador muito afflicto disse então ao Embaixador: Não posso deixar de annuir á exigencia dos meus Cortezãos entregando-te immediatamente para seres morto; porém, excepto a vida, pede-me o que quizeres, pois juro-te, por tudo o que ha mais sagrado, que serás attendido. O Embaixador reflectio então alguns instantes, depois, no meio do silencio geral, disse ao Imperador: Resignado a morrer, só peço uma graça, e é que todos os que me virão voltar o peixe sejão privados da vista. O Imperador, accrescenta o Eremita de Saint-Gall, estupefacto á vista de uma tal pertenção, jurou por Christo que nada tinha visto, e que só havia decidido pelo que lhe disserão os outros.—A Imperatriz, tomou por testemunha a Bemaventurada Virgem Maria, de que não tinha igualmente visto cousa alguma áquelle respeito. Depois, os grandes, um apoz outro, fizerão todos os seus esforços para se subtrahirem ao perigo que os ameaçava, e tomárão por testemunhas, este o Guarda chaves do Ceo, aquelle o Mestre das na-

ções, outros todos os Santos da Côrte Celeste e todas as potencias angelicas, fazendo a mesma declaração com os mais tremendos juramentos. Quanto ao atilado Embaixador, havendo assim conseguido humilhar a orgulhosa Grecia, regressou á sua Patria são e triumfante.

[Communicado.]

O MAIOR NAVIO DO MUNDO.

Está-se construindo em Bristol um enorme barco de vapor, que já se denomina o maior navio do mundo. Eis-aqui as suas dimensões, segundo as dá o *Mechanics-Magasine*. Todo elle é de ferro, tem de comprimento 320 pés, e de quilha 289. A largura é de 51 pés, e altura de 52: estando carregado mette debaixo d'agoa 16 pés. Tem quatro cobertas e quatro grandes salas, que reunidas formão uma de 350 pés de circumferencia com duas grandes camaras para senhoras, e 180 camarotes com duas camas cada um. Póde levar 360 passageiros, tendo cada um a sua cama, sem necessidade de recorrer aos sofás das salas, a principal das quaes tem 180 pés de comprido, 32 de largo e 7 de altura. Tem tres caldeiras, que são aquecidas por 28 fornalhas, e movem quatro maquinas, com a força de mil cavallos. O *Great-Britain* ha de ter seis mastros, o maior dos quaes será de 95 pés d'altura. A tripolação será de 130 pessoas. Asseguräo que importa em mais de um milhão de cruzados, e espera-se que deitará 16 milhas por hora: esta enorme maquina se lançará á agoa nos primeiros mezes do proximo anno. *[Restauração.]*

LIÇÃO PARA OS CRIADOS.

Uma tarde (é um viajante que conta, n'uma folha de Londres, esta aventura acontecida na India) estava o meu criado na minha barraca de campanha com o meu cavallo, quando vio entrar um estranho que lhe disse: Amigo, toma sentido no teu cavallo, pois tenho tenção de t'o roubar esta noite. Proferidas estas palavras, recuou cousa de uns vinte passos, e agachou-se mesmo defronte do criado, que ficou estupefacto ao ver tão grande arrojo. Foi escurecendo, e o criado, collocado diante do cavallo, não tirava os olhos do ladrão, que sempre na mesma posição, parecia uma estatua. De repente, sente galopar o cavallo. Volta-se no mesmo instante; mas já o animal tinha desapparecido, sem que lhe fosse possivel saber a direcção que tomou.

Não importa, disse comsigo: o ladrão está seguro, e elle pagará o crime do companheiro, com quem certamente estava de acôrdo, e deita-se como um leão sobre o estranho, bradando ao mesmo tempo por soccorro. Imagine-se qual seria o seu espanto, quando, em lugar do ladrão que julgava ter capturado, não achou senão um cepo cravado no chão com um turbante, e vestido com a tunica branca do mesmo ladrão. O tratante, auxiliado pela noite, tinha feito aquelle espantalho sem que o criado o houvesse percebido. Quando lhe parecêrão horas, foi-se arrastando como a serpente, e collocou-se detraz do criado, que com os olhos fitos no vulto que tinha diante de si, não curava do cavallo. Então, cortou a corda com que o animal estava preso, e escapou-se com elle, deixando assim o criado escarnecido.

ANECDOTA DE CARLOS X.

Entre os acontecimentos da sua vida, ha o seguinte, que a Historia não poderá deixar de conservar como um dos episodios mais tocantes do seu desterro.

Era na Escossia. — Carlos X tinha partido de Holy-Rood para acompanhar o joven Duque de Bordeos, que ía visitar as tribus do Norte.

Em Aberdeen, separou-se delle, confiando-o ao amor dos Escossezes durante o resto da jornada, e tomou o caminho de Holy-Rood.

Surprehendido pela noite, entra n'uma pequena estalagem isolada; senta-se junto de uma chaminé cuja chamma era a unica luz que allumiava as

negras paredes de tão humilde aposento. — O Estalajadeiro, homem de 80 annos, chega, e dizendo ao viajante, cuja gerarchia estava bem longe de suspeitar, que vem receber as suas ordens, responde-lhe Carlos X: — que deseja pernoitar na sua estalagem. — Nesse caso, accrescenta o velho, sinto dizer-lhe que hade por certo passar mal, pois não tenho senão dois quartos disponiveis lá em cima, e esses mesmos estão n'um estado de ruina tal que as paredes ameação cahir a cada momento, e as janellas não unem bem. — Não terieis outro algum cá em baixo? disse o Rei, ajuntando: perto de mim está uma portinha, aonde vai ella dar?

A esta pergunta, parece o Estalajadeiro sobresaltado. — Essa porta, diz elle, ah meu Deos! Nunca se abrirá para ninguem. V. S.ª hade-me perdoar, mas quando meu pai falleceo confiou-me a chave della, e eu jurei-lhe que nunca a havia de abrir. Essa chave é para mim tão sagrada como a do caixão em que elle foi sepultado, e que tambem conservo. Proferidas estas palavras, retirou-se o Estalajadeiro deixando Carlos X admiradissimo do que acabava de ouvir. D'alli a um momento, volta com os olhos arrazados de lagrimas: já estava informado de quem era o viajante, e pegando-lhe na mão para a levar aos labios, exclama: Perdão! perdão! Senhor, eu não sabia a quem tinha a honra de fallar! Sabei, Senhor, que aquelle quarto, que um santo respeito tem conservado tanto tempo fechado, servio d'asylo a Carlos Eduardo... Hoje porém, abra-se e sirva tambem de asylo a um Rei infeliz! Eis-aqui a chave; meu filho conduzirá a Vossa Magestade, pois a vivissima emoção que neste momento experimento não me permitte faze-lo!

Carlos X levanta-se então, e exclama: Honrado homem, guardai essa chave; guardai-a ainda muito tempo; não pertendo servir-me della, e pela minha parte, quero igualmente respeitar o asylo de Carlos Eduardo; ficarei no primeiro quarto que me haveis destinado, e d'ora em diante sereis depositario destas duas lembranças: *O ultimo Stuart fugindo da sua patria; e o ultimo irmão de Luiz XVI lamentando a sua.* Os dois anciãos apertárão a mão um ao outro, e a ambos occorrêrão naquella noite dolorosos pensamentos.

MAIS ANNUNCIOS CURIOSOS (1).

Um famozo cavallo castanho, com todos os andares, até ser um valente esquipador, muito seguro e de bonita figura, estando de anca boleada: na rua do Queimado loja D. 10.

*

No dia 6 de Janeiro de 1842 desapareceo um molequinho de nação congo, de idade de 13 annos, de nome Benedicto, com os signaes seguintes: bem preto da cor, grosso, e baixo, bastante barrigudo, cabeça comprida e mal feita, olhos grandes e na flor do rosto, nariz chato, muito beiçudo, e os dentes bem abertos sendo pequenos, tem cara de negro, bem feito de mãos, pés, e pernas grossas, andava diariamente vendendo agoa, levou vestido camisa de algodão da terra de mangas curtas, e calças de dito de meia perna, e chapeo de massa ja velho; quem o pegar leve na pracinha do Livramento D. 19.

*

Uma escrava bem parecida, moça, cozinha o diario de uma casa, vende na rua e dá 480 por dia quando vende agoa, ensaboa muito bem, e he muito fiel, por 500,000 ao comprador se dirá o motivo, atraz da Igrejo de S. Bita nova casa terrea que tem vidros na janella, das 6 até as 8 horas da manhã, e das 3 da tarde em diante.

*

Um escravo de idade de 20 annos, de bonita figura, bom cozinheiro de assados, e massas, sendo para Maranhão, Pará, Rio de Janeiro ou do

---

(1) Veja-se o Recreio de Julho do corrente a pag. 51.

Sul, o qual he muito proprio para cozinheiro de embarcação, na rua direita em casa de Manoel Buarque de Macedo das 6 as 8 horas da manhã, e das duas as 5 da tarde se dirá o motivo.

*

Qualquer Capitão de campo poderá pegar um escravo de nome Domingos, de estatura ordinaria, grosso do corpo, o beiço de cima grosso e virado para cima, de nação Baca, de mais de 30 annos de idade, tem uma sicatriz no pescoço, dentes pretos de beber fumo, pés pequenos e grossos; quem o pegar leve a rua do Cabugá loja de Jose Alves da Silva.

ANECDOTAS

O Barbeiro e o freguez falto de memoria.



CERTO barbeiro fazia a barba a um sujeito que não era dos mais promptos em pagar, e quando o fazia, sempre aquelle ficava prejudicado, porque o honrado freguez, com o pretexto = de se não lembrar = pagava menos barbas do que aquellas que na realidade devia, muito embora o barbeiro empregasse todas as suas razões para lhe fazer reconhecer o seu engano. O mestre, a quem este modo de saldar contas não agradava muito, lembrou-se de o ir assignalando na cara, não obstante o freguez lhe recommendar muito que tivesse cuidado. A final, perdendo o barbeiro a esperança de haver o seu dinheiro (ainda mesmo com o costumado desconto), mandou citar o sujeito; o qual na presença do Juiz allegou que se lhe não tinha pago, era porque elle lhe deitava a cara abaixo com a navalha, como era bem patente; ao que o queixoso replicou: É verdade que assim o tenho feito nestes ultimos tempos, mas a razão disso, é porque não me pagando jámais v. m.ce exactamente a quantia de que me era devedor, dando por desculpa que não se lembrava que eu lhe houvesse feito tantas barbas quantas carregava na minha conta, julguei acertado, para evitar duvidas, o ir-lh'as assentando na cara.

Razão attendivel.

Um padecente, no seu transito para a forca, parecia que não podia arrastar-se, e perguntando-se-lhe porque ía tão de vagar, respondeo: Porque vou para a forca.

O Gallego e os pregos de real.

Ha uns pregos a que chamão de real por ser este o seu preço. Um Gallego, a quem mandárão buscar um cesto delles a uma loja de ferragem, perguntou: entonces a como custão estes pregos de real?

A palavras loucas orelhas moucas.

Censurando-se um sujeito por não ter respondido ás palavradas com que um nescio o injuriava, respondeo: Sou como o tordo velho em campanario, que não faz caso das badaladas que ouve.

A besta e o A B C.

Um rustico alugou uma mula para ir a certo lugar, e perguntando-lhe o dono se queria moço para o guiar, respondeo: Não é necessario, pois a besta sabe já o caminho como o A B C.



Novembro de 1842. *N.º 11.*

O Recreio, Jornal das Familias.

Lith. de A. C. Lemos. Largo do Quintella N.º 1

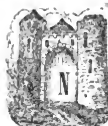
Novembro. 1842.



O RECREIO.

JORNAL DAS FAMILIAS.

Já tivemos esquadra e fomos respeitados.



No dia 15 d'Agosto, anno de 1470, partio terceira vez de Lisboa para Africa, ElRei D. Affonso V, com seu filho o Principe D. João, e o Duque de Bragança D. Fernando, segundo do nome, e a maior parte da nobreza de Portugal: constava a armada de *trezentas e oito vélas*, em que ião *vinte e quatro mil homens de guerra escolhidos*, além da gente do mar e criados, que passavão de seis mil.

Em o dia 3 de Setembro de 1513, sahio a barra de Lisboa para Africa o Duque de Bragança D. Jaime, acompanhado dos maiores Senhores de Portugal em uma armada de *quatrocentas vélas*, com *dezoito mil combatentes*, dos quaes quinze mil ião a soldo d'ElRei, e os tres mil a soldo do Duque, a quem tambem seguírão quinhentos e cincoenta de cavallo, criados e vassallos seus. Tanto era já naquelle tempo o poder da grande Casa de Bragança!

ElRei D. Sebastião passou a Africa com mil embarcações, que foi a maior armada que se vio no Oceano.

Porém o que mais admira era a abundancia com que os nossos Monarcas tinhão provido os Armazens (ou Arsenal) de Lisboa, para com toda a presteza poderem lançar ao mar uma poderosa armada quando lhes conviesse, como se vai mostrar.

Tinhão os mouros de Granada cercado a Cidade de Ceuta com uma armada de 64 vélas, em que entravão onze galés. Soube-o ElRei D. João I, por Tarifa, e mandou aprestar o soccorro com tanta brevidade, que quando o Conde D. Pedro de Menezes avisou a ElRei, já a embarcação que trazia esta participação achou no caminho o nosso soccorro tão poderoso, que rendeo a armada inimiga e descercou a Cidade.

Apoz este exemplo poderiamos citar outros muitos para attestar o nosso poder maritimo, e as façanhas que praticámos, porém não no-lo permittem os limites deste Jornal.

Combate d'um elefante e um rhinoceronte.

Querendo ElRei D. Manoel experimentar o que se affirmava da antipathia que tinhão entre si o elefante e o rhinoceronte, e do modo e fereza com que se combatião, e possuindo ambas estas féras, as mandou lançar em um pateo grande do palacio, cercado de paredes altas, no dia 4 de Fevereiro de 1517. É o rhinoceronte na corpulencia quasi igual ao elefante, posto que parece menor, por ter as pernas muito mais curtas. A natureza o vestio de conchas, como de tartaruga, que lhe servem de rodelas, em defensa das principaes partes do corpo; tem uma ponta na testa, de palmo e meio de comprido, e de um palmo de roda, muito aguda e dura como aço. Postas, pois, em campo estas duas feras, se vio, que o rhinoceronte, mostrando uma resolução destemida, caminhava para o elefante, assoprando pelas ventas com tanta força, que fazia levantar o pó, como se fôra um grande pé de vento. O elefante, dando tambem grandes urros, se poz em acção de pelejar; mas como era de pouca idade, temeo o combate, e investindo com uma janella de grades de ferro, metteo a cabeça com tanta força, que dobrou dois varões, e sahio por entre elles, sendo a abertura tão pequena, que custava a crer que por alli coubesse. Ficou o rhinoceronte mui senhor de si e do campo, mostrando nos meneios que fazia a ufania e gosto de se ver temido. ElRei D. Manoel o mandou, neste mesmo anno, ao Papa Leão X, com outro presente de peças e joias de grande valor (não desigual ao que lhe havia enviado tres annos antes); mas perdeo-se a náo na costa de Genova, com tudo o que nella ía, e sahindo o corpo do rhinoceronte á praia, tirárão-lhe a pelle, e foi levada ao Papa; sendo admirada por S. Santidade e por todos os seus subditos, como cousa nunca vista até então em Italia.

NINGUEM FAZ MAL, QUE O NÃO VENHA A PAGAR.

Gaspar Caldeira, Portuguez, Mestre marinheiro da Carreira da Mina, se foi deste Reino aggravado, com animo de se vingar, por lhe tomarem um pouco de ouro, que trouxe contra as Ordens Regias. Induzindo alguns Francezes na Rochelle a armar uma esquadra para um feito de muito lucro, a pouco custo para elles, os persuadio a compôr sete náos; e servindo-lhes de guia com intento de os levar á mesma Mina, e rouba-la, elles, chegando á vista da Ilha da Madeira, mudárão de parecer, e não querendo deixar o certo pelo duvidoso, preferírão dar sobre a Cidade do Funchal, que tinhão perto, o que executárão aos 3 de Outubro de 1566, e a saqueárão e destruírão; commettendo atrocidades inauditas. Quinze dias se detiverão ali, carregando os navios do saque, padecendo entretanto a gente da Ilha grandes fomes e trabalhos pelas brenhas e montes aonde se havia escondido; e passados elles, partírão, levando a artilheria miuda, e deixando a grossa encravada. Passou de milhão e meio o roubo que fizerão e a perda que causárão.

Chegando esta noticia á Lisboa, apparelhou-se a toda a pressa *uma armada de 22 vélas*, dentro em oito dias, para ir contra os Francezes, e por General della Sebastião de Sá, filho de João Rodrigues de Sá, Alcaide Mór da Cidade do Porto. Finezas d'amor obrárão os Lisbonenses nesta occasião em serviço do seu Rei, a favor dos offendidos, concorrendo com despezas, e embarcando-se de tropel. Mas já quando a esquadra chegou á Ilha, não encontrou os Francezes, e assim voltou para o Reino sem effeito, accrescentando o damno com a despeza que se fez em a aviar. Vendo o Cardeal Regente frustrada a diligencia, tratou de haver ás mãos o causador delle, e o mandou pedir a ElRei de França, e juntamente satisfação deste insulto feito pelos seus vassallos em Reino amigo. Esta nunca a houve; mas Gaspar Caldeira foi prezo e trazido a Lisboa já quando ElRei governava, e em 18 de Fevereiro de 1568 sahio a arrastar e enforcar, e os quartos divididos, forão postos pelas portas da Cidade.

HORROROSAS TEMPESTADES.

Em 14 de Junho, anno de 1442, se levantou em Coimbra uma tão horrivel tempestade, que os antigos jámais tinhão visto igual. Era uma hora depois do meio dia, quando escureceo a ponto tal, que parecia a noite mais horrenda; succedião-se com uma rapidez espantosa os relampagos e trovões; caíão tremendos raios, arrazando muitos e fortes edificios. A chuva era a cantaros, e com ella caía pedra de extraordinaria grandeza. Na horta de Santa Cruz chegou a agoa á altura de dez braças: as ruas parecião rios caudelosos, e o Mondego, um mar. Forão incalculaveis as perdas causadas por tão grande tormenta.

No anno de 1770, aos 13 de Fevereiro, sendo Rei de Portugal, D. Fernando, houve em Lisboa uma tormenta horrivel de chuva e vento, que durou desde a meia noite até o meio dia, e fez voar as telhas, e outras cousas de pezo, como se forão pennas: quebrou o fecho e trancas fortissimas das portas principaes da Sé, e as levou até ao meio da Igreja: no termo da Cidade arrancou a maior parte das arvores, pondo-lhes as raizes onde costumavão ter as folhas: grande numero de navios que estavão ancorados no rio, forão de encontro uns aos outros, e padecêrão um destroço fatal.

OBELISCO DE SESOSTRIS.

O Capitão Craldi teve ordem para se dirigir ao Egypto, a fim de conduzir o obelisco dado por Mehemet Ali ao Papa: é o bello obelisco conhecido pelos sabios sob o nome de obelisco de Sesostris. Varios Principes tentárão, mas debalde, possui-lo. Roma contará assim doze obeliscos provenientes todos do Egypto.

TERREMOTO MEMORAVEL.

No dia 24 d'Agosto em uma Quarta feira, anno de 1356, tremeo a terra em grande parte de Portugal, por espaço de um quarto de hora: chegárão a tocar os sinos, sem outro impulso mais que o movimento da terra, cahírão muitos edificios, abrio de alto abaixo a capella mór da Sé de Lisboa. O tremor, ainda que mais quieto, e cortado a espaços, continuou quasi um anno, cousa nunca vista até então! *[Anno Historico.]*

Extraordinaria falta de chuva e effeito contrario ao que se deveria esperar.

O anno de 1536 foi mui notavel em Portugal, porque não choveo em parte alguma do Reino, desde o Verão do anno precedente até os principios de Fevereiro. Andavão os homens pasmados, temendo, com razão, uma geral esterilidade de todos os fructos que a terra costuma produzir. Eis que, neste dia, apparece o Ceo coberto de nuvens, e estas começárão a pagar o desejado tributo, e com tanta abundancia, que montes e valles satisfizerão copiosamente, em um dia, a sêde de tantos mezes, e o anno sahio fertilissimo.

Achado curioso na Serra de Cintra.

A 9 de Agosto, de 1505, no Reinado d'ElRei D. Manoel, achárão-se na Serra de Cintra junto ao mar, tres columnas de quatro lados, com inscripções romanas que em grande parte se não podérão ler, em razão da letra ter quasi desapparecido; em uma dellas lêrão-se porém com bastante custo uns versos Latinos, cujo titulo dizia:

. . . . Decretum
Sibil. Vaticinum. Occidiis.

Os versos são os seguintes:

Volventur saxa litteris, & Ordine rectis
Cum videas Oriens Occidentis Opes:
Ganges, Indus, Tagus, (erit mirabile visu!)
Merces commutabit suas uterque sibi.

Os versos não estão muito certos, e a causa é, porque não se pudérão ler melhor. A traducção é: revolver-se-hão as pedras com as letras direitas e ornadas quando tu Oriente vires as riquezas do Occidente: o Rio Ganges, Indo e Tejo (cousa maravilhosa!) trocárão entre si suas mercadorias. São muito celebres estes versos em Italia, e só em Portugal se duvida da verdade delles; affirmando Pedro Apiano, insigne Mathematico, no seu libro onde trata dos letreiros antigos da Europa, logo no principio, que elle vio as columnas com os seus olhos, e leo os sobreditos versos escriptos em caracteres Romanos. *[A. H.]*

SOLHOS MONSTROS.

Os pescadores do Tejo apresentárão a ElRei D. Diniz no anno de 1320 um solho que havião pescado neste rio, junto a Mugem, de tão extraordinaria grandeza, que a todos deixava pasmados. Tinha de-

zesete palmos de comprido, sete de grosso, e da cabeça até á cauda umas escamas como conchas grandes. Pezava dezesete arrobas e meia: ElRei o mandou pintar para memoria, e collocar a sua figura no Archivo Real, a que chamamos Torre do Tombo. Em tempo d'ElRei D. João III pescou-se outro no mesmo rio, que pezava nove arrobas.

Em nossos tempos já não apparecem infelizmente destes peixes monstros, e se vemos algum é só em pintura!

O ANNO DE 88 E A CASA DE STUARTS.

O anno de 88 foi, durante muitos seculos, funesto á familia dos Stuarts. No dia 11 de Julho de 1488, Jacob III d'Escocia perdeo uma batalha contra os seus proprios subditos, que o perseguírão e assassinárão. A Rainha Maria Stuart foi degolada a 8 de Fevereiro de 1588. Jacob II d'Inglaterra vio-se obrigado a renunciar a Coróa no dia 12 de Dezembro de 1688, e em 1788 morreo o ultimo descendente daquella Casa.

GRANDEZA D'ALMA DE FREDERICO II.

Um Tenente Coronel Prussiano, reformado no fim da guerra de 1756, fallava ao Soberano repetidas vezes, e requeria o seu antigo posto. Este Official chegou a ser tão importuno, que o Rei prohibio expressamente o fallar-lhe, e nem ainda acceitarem-lhe os seus requerimentos. Appareceo na Côrte um Libello diffamatorio contra este Monarca, e posto que Frederico desprezasse este genero d'insultos, com tudo, o atrevimento do escriptor o offendeo tão excessivamente, que prometteo 50 *Fredericos* d'ouro a quem o denunciasse. O Tenente Coronel foi ao Paço, e fez saber ao Soberano, que tinha uma noticia interessante que lhe communicar, em consequencia do que o Official foi admittido. Senhor, diz elle, V. Magestade prometteo 50 Fredericos d'ouro ao que declarasse o author da satyra que se divulgou contra V. Magestade; eu venho offerecer a minha cabeça aos pés do meu Soberano; mas V. Magestade deve cumprir a sua Real palavra, e em quanto se castiga o culpado, recebam minha pobre mulher e meus desgraçados filhos a recompensa promettida ao denunciante. Ainda que Frederico já soubesse quem era o author da satyra, ficou pasmado ao ver uma tal presença de espirito, e reflectindo um momento, respondeo: parti sem demora para *Spondau*, e entre os ferros dessa Fortaleza, esperai pelos effeitos da justa colera de vosso Soberano. Senhor, diz o Official, eu obedeço ao meu Monarca, mas os 50 *Fredericos* d'ouro! Vossa mulher, respondeo este, os receberá dentro em duas horas; mas esperai um pouco. Entra o Monarca em um gabinete visinho, e sahe logo depois. Aqui tendes, diz elle ao Official, esta carta, e entregai-a ao Governador de *Spondau*, o qual sómente a deve abrir depois de jantar. O Official chega ao terrivel castello que lhe foi assignado por prisão, e declara-se preso d'Estado. Depois de jantar, o Commandante abre a carta, que continha estas palavras. Eu dou o Governo de *Spondau* ao portador desta ordem, que verá em breve chegar sua mulher e seus filhos, com os 50 Fredericos d'ouro, e vós, actual Commandante de *Spondau*, ireis na mesma qualidade para B... Confiro-lhe este posto em recompensa dos seus serviços. =*Frederico.*=

Opinião dos Chinas ácerca das divisões da Terra.

Publicou-se, ha tempo, em Pekin uma carta geografica universal, que assaz nos indicará a idéa que os Chinas formão da Terra. Tem tres pés e meio de comprimento, e dois de largura, porém o maior espaço é occupado pelo Imperio da China. Nota-se para a parte do Norte um mar, que tem umas tres pollegadas quadradas, no qual a Europa, isto é, Inglaterra, França, Hollanda, Portugal, e a Africa figurão como uns Ilhotes. A Hollanda representa-se alli tão extensa como todos os outros paizes da Europa juntos, e a Africa, apenas occupa uma pollegada quadrada. As fronteiras do Norte são formadas pela Russia, que alli parece bastante extensa. *[Mémorial Encyclopédique.]*

O IGNORANTE PRESUMIDO, E O BIBLIOTHECARIO MODESTO.

Um famoso Bibliothecario do Imperador d'Allemanha respondia ás frequentes perguntas que se lhe fazião sobre varias materias: *Não sei.*—Um ignorante presumido, lhe disse um dia: *O Imperador vos paga para o saberdes.* — *O Imperador,* replicou o Bibliothecario, *paga-me pelo que eu sei, se me pagasse* pelo que *não sei, todos os seus thesouros não bastarião.*

Calculo curioso sobre a mortalidade em toda a Terra.

Segundo o calculo aproximado de um celebre Estadista, morrem annualmente, em toda a Terra, trinta e um milhões quinhentos e trinta e seis mil individuos; oitenta e seis mil e quatrocentos por dia, tres mil por hora, sessenta por minuto, e por conseguinte um cada segundo.

[Mémorial Encyclopédique.]

FUNDAÇÃO DO REAL MOSTEIRO D'ALCOBAÇA.

De mandado d'ElRei D. Affonso Henriques, se abrírão no dia 2 de Fevereiro de 1148, os fundamentos da Igreja do Real Mosteiro d'Alcobaça; sendo o mesmo Rei o primeiro que, com uma enxada na mão, tirou uma ceira de terra, e a levou a seus hombros, do mesmo modo que em Roma tinha feito o grande Constantino na fundação da Basilica Vaticana, seguindo e exemplo daquelle Monarca o Infante e Magnates da Côrte. ElRei dotou este Mosteiro de todas as terras, que se vião até o mar, do alto do monte de Mendiga, junto a Santarem, em que existe um padrão, onde promettêra de as dar aos Religiosos de S. Bernardo, se vencesse e expulsasse, como conseguio, os Mouros de Santarem. Em riqueza e grandeza, era aquelle Mosteiro um dos grandes da Christandade.

Ordem d'ElRei de França em 1783 prohibindo a introducção naquelle Paiz das obras completas de Mr. de Voltaire.

Tendo constado a Sua Magestade que se espalhavão em París e pelas Provincias exemplares d'uma edição completa das obras de Voltaire impressas em Paiz estrangeiro, e vendo com muito desprazer nas mãos dos seus vassallos uma collecção d'escriptos, dos quaes uma grande parte offendem a Religião e os costumes, e se encaminhão a abalar e arruinar os principios fundamentaes da ordem social e da Authoridade legitima, faz expressa prohibição aos Impressores, Livreiros e a todos os outros de introduzirem no Reino, receberem, guardarem, venderem e distribuirem algum dos volumes das ditas obras completas de Voltaire, ordenando-lhes outro sim muito expressamente que entreguem na Camara syndical de París, e nas das Cidades das Provincias, os exemplares das que existirem em seu poder, para serem confiscados com a comminação de pagarem mil libras além das penas conforme pede a gravidade da materia, e bem assim contra os Livreiros e Impressores a perda e privação dos seus officios.

N. B. Esta ordem appareceo affixada em todas as esquinas de París no dia 3 *de Junho de* 1783.

RAÇA DE PIGMEOS.

N'uma das ultimas reuniões da Sociedade Real de Geographia em Londres, annunciou Mr. Marchison que um viajante encarregado pelo Governo de subir, na direcção de Leste a Oeste, o rio de Jubar, na Africa, havia deparado com uma vasta extensão de paiz, habitada por uma raça de pygmeos, cuja estatura não excedia a 48 pollegadas inglezas, e cujos usos,

religião e fórma de Governo muito se assemelhavão áquelles de que Herodoto faz menção na sua descripção daquella parte do Globo tão pouco conhecida.

A LINGUA.

Da caverna onde nasci
Totalmente nunca sahi;
Mas sem sahir, me desenfreo,
E de sorte talvez me solto,
Que como fôra furiosa,
Tudo pizo, e atropello.
Honras, talentos, virtudes,
Ponho debaixo dos pés.
Com veneno mais que mortal
Por máo que seja o mal,
Ainda peor o faço;
Porém, como lá diz o vulgo,
Tão feio como o pintão não é o diabo.
Vista, e revista a outra luz,
Sou a trombeta da paz,
E o clarim da boa fama,
Dos innocentes advogada,
Panegyrista da santidade;
Sou o lenitivo das dores,
O antidoto da tristeza;
Apadrinho a justiça; extermino a mentira;
E quando a razão, e amor me guião,
A todos favoreço.
Tambem sou tão venturosa,
Que no lugar que sempre occupo,
Sem ter dedos, toco o Ceo.
Não te admires, que de mim
Tantos bens diga, e tantos males;
Sou do mundo a melhor cousa,
Sou a peor cousa do mundo.

[D. Rafael Bluteau.]

OBSERVAÇÕES SOBRE AS ARANHAS.

Mr. de *Isjonval*, conhecido por excellentes obras de Quimica e de Fysica, observou o trabalho das aranhas com extremo cuidado e admirou sua precisão, delicadeza, regularidade, a maneira porque embrulhão de fios pegajosos os insectos que querem reter. Mas sobre tudo notou que são mui sensiveis á electricidade e podem servir de barometro: se o tempo mudar para máo, não trabalhão, e permanecem escondidas e agachadas n'um canto. Se o tempo é variavel, trabalhão em menor diametro sobre tudo quanto á extensão de seus principaes fios ou pontos fixos. Porém se o tempo está seguro e bom, começão com actividade extraordinaria, e vão levar os principaes fios de novas têas a distancias consideraveis. As aranhas distinguem optimamente a chuva a que deve seguir-se bom tempo, e a humidade que não é ainda sensivel ao barometro, mas que é signal de máo tempo bem positivo. Em fim, está o dito Mr. de *Isjonval* persuadido que as aranhas são uteis nas cavalhariças para livrar os cavallos das moscas.

REUNIÃO SCIENTIFICA.

Formou-se em Florença uma reunião de sabios, presidida por Mr. Viusseux, a qual tem por fim publicar alguns manuscriptos e varias obras desconhecidas na Historia de Italia, debaixo do titulo de Archivio Starico Italiano. Os Collaboradores são: Bencim, Capponi, Ciampi, Gelli, Inghirami, Niccolini, Polidori e Repetti. Todos os annos sahirá á luz um volume de 25 a 30 folhas.

ANECDOTAS

Os mausoleos e os elefantes.



ndo um saloio á Igreja dos Jeronymos em Belém, e pedindo que se lhe deixasse ver as maravilhas daquelle sumptuosissimo Templo, mostrárão-lhe, entre outras cousas, os soberbos tumulos que descanção sobre uns elefantes, e dizendo-lhe o seu guia: Então não acha que estão bem arrogantes estes mausoleos? — Respondeo o saloio: Quaes mausoleos, nem meios mausoleos! Elefantes lhes chamarei eu:

Vm.ce não não lhe repara nas trombas e nos dentes de marfim?

Desculpa que não tem replica.

Queixando-se um rustico a certo Capitão Hespanhol, de que uns soldados seus lhe havião tirado quanto levava, perguntou-lhe o Official se quando o roubárão, elle trazia o colete que lhe via vestido, e respondendo-lhe o rustico affirmativamente, accrescentou o Capitão: Meu amigo: nada posso fazer no teu caso, pois se fossem os meus soldados que te encontrassem, por certo te não deixavão nem a camisa do corpo.

Quem ama Beltrão, ama seu cão.

Sahindo livre da Inquisição, certo christão novo, homem honrado e rico, encontrou a João de Sá, de quem ElRei D. João III gostava muito, que lhe deo os parabens por haver recuperado a sua liberdade, accrescentando: que o Soberano havia sentido muitissimo o dissabor porque elle havia passado, ao que o outro respondeo immediatamente: *Beijo a mão a Sua Alteza pela mercê que me faz, e a vós nada digo, pois bem sabeis que quem ama Beltrão, ama seu cão.*

O Escrivão e o pertendente Fidalgo.

Um Escrivão havendo escripto o depoimento de certo sujeito, lêo-o, e dando-lhe o Auto para que assignasse, elle o não quiz fazer por lhe não haver posto o titulo de Fidalgo.—O Escrivão sabia perfeitamente que o não era, porém accrescentou-lh'o por cima; e havendo o homem assignado, fez a resalva nesta fórma: *Não faça duvida a palavra* = Fidalgo = *por que não cabendo por linha, coube por entrelinha.*

Diogenes e o máo cantor.

Dizendo todos muito mal de um cantor, só Diogenes o louvava; e perguntando-se-lhe a razão, respondeo: Porque sendo tão inepto, antes se quiz applicar áquella arte do que ser ladrão.

D. João III e a Alfandega de Lisboa.

Mandou ElRei D. João III mudar a Alfandega, por lhe dizerem que a casa em que estava era demasiado pequena. Ouvindo esta ordem o seu Alfaiate Henrique Machado, e não podendo conter-se, disse a ElRei: Quem informou a Vossa Alteza que a Alfandega era pequena, não sabia o que dizia, pois eu asseguro que é muito grande.—Então que tamanho terá ella? perguntou o Monarca para o motejar.—Senhor, respondeo immediatamente o Alfaiate: *Começa em Belém e chega até Xabregas.*

Com esperto esperto e meio.

Mandando certo lavrador umas gallinhas de presente a um amigo seu, acompanhou-as de uma carta em que lhe dizia que erão seis; porém este não recebeo senão cinco, porque o criado ficou com uma, na supposição de que se não daria pela falta. O amigo, reconhecendo a maganeira, chamou o criado, e respondeo: Dize a teu amo que lhe agradeço as cinco gallinhas; quanto á sexta, agradeçe-lh'a tu.

Aos Senhores Assignantes.

Julgâmos dever aununciar aos nossos Leitores de que, a instancias de um grande numero de pessoas, vamos emprehender a obra cujo titulo se segue; advertindo que deverá substituir aquella que haviamos começado em o N.º 10 do *Recreio* de 1841, e de cuja continuação nos achamos desligados, pelos motivos expendidos em o nosso Jornal de Março do corrente anno.

DESCRIPÇÃO

DAS

ARMAS DAS FAMILIAS DE PORTUGAL.



PREVINEM-SE as pessoas que havião manifestado desejos de subscrever para a *Descripção das Armas das Familias de Portugal*, começada em o N.º 10 do *Recreio, Jornal das Familias*, pertencente ao anno de 1841, de que, a contar de Dezembro do corrente anno em diante, iremos publicando (se o numero de assignaturas o permittir), em épocas indeterminadas, e que se annunciarão nos Jornaes, uma folha d'impressão, acompanhada de uma estampa em papel velino, contendo nove Escudos illuminados das Armas das sobreditas Familias. — Da folha d'impressão, quatro paginas serão destinadas á descripção das mesmas Armas, e as outras quatro conterão uma interessante noticia sobre a Nobreza, origem dos appellidos de varios Nobres de Portugal, armas tomadas por casos particulares, Leis heraldicas, etc. etc.; e concluida que seja, tanto a descripção como a noticia acima referidas, encadernar-se-ha, esta ultima em primeiro lugar, seguindo-se-lhe a descripção das Armas, e a esta, as estampas pela ordem da sua numeração; ficando assim uma obra curiosa, e mais ainda, se conseguirmos enriquece-la, como esperâmos, com alguns esclarecimentos sobre a descendencia das ditas Familias, extrahidos de Authores acreditados.

Como a Nobiliarchia de Antonio Villasboas, que em parte haviamos seguido, seja menos exacta, tanto pelo que respeita á origem de muitas Familias, como á descripção de suas Armas, segundo o mostra o Rei 'Armas Francisco Coelho, e hajamos sido auxiliados com uma obra, cujo Author foi Reformador do Cartorio de Nobreza, e goza de bastante credito, annunciâmos ás pessoas que possuirem as quatro folhas d'impressão que sobre o mesmo assumpto já haviamos publicado, e quizerem subscrever para a de que se faz menção neste annuncio, que nas mesmas lojas aonde as houverem comprado, se lhes irão trocando por outras tantas das que forem sahindo á luz, uma vez que subscrevão por 12 numeros, da importancia dos quaes se deduzirá a quantia de 160 réis, custo das mencionadas quatro folhas. O preço da assignatura é o de 1$200 réis por cada 12 folhas d'impressão, com outras tantas estampas, que nunca apresentarão menos de 108 Escudos d'Armas illuminados, e o de cada folha avulsa com a estampa, 120 réis.

Os Senhores que recebem o *Recreio* nas suas respectivas Repartições poderão effectuar a troca das quatro folhas com o Distribuidor, ficando subsistindo para com elles as mesmas condições que para aquelle Jornal.

No mez de Dezembro proximo estarão patentes nas lojas aonde se vende o *Recreio*, assim a 1.ª folha impressa, como uma das Estampas illuminadas para que se possa ajuizar do merecimento desta publicação.

Os Assignantes das Provincias que desejarem receber regularmente pelo Correio esta obra, terão a bondade de enviar pelo Seguro, e em carta franca de porte, dirigida ao Redactor do *Recreio, Jornal das Familias* — a importancia de cada 12 folhas.

Subscreve-se em Lisboa, na loja da Viuva Henriques e Filho, rua Augusta n.º 1, e nas mais aonde se assigna para o *Recreio*, tanto na Capital como nas Provincias.

Lisboa, 9 de Novembro de 1842.

☞ Juntamente com este folheto apresentâmos aos nossos assignantes os desenhos de algumas Armas não illuminadas e em papel velino.



Dezembro de 1842. *Nº 12.*

O Recreio, Jornal das Familias.

Lith. de A. C. Lemos Largo do Quintella Nº 1.

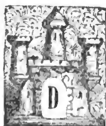
Dezembro. 1842.



O RECREIO.

JORNAL DAS FAMILIAS.

Contracto do Tabaco em Portugal.



DIZEM que Amurath IV, Imperador dos Turcos, o Gram-Duque de Moscovia, e um Rei da Persia, prohibírão aos seus subditos o uso do tabaco sob pena de cortamento de nariz. Não reparavão estes Principes nos grandes proveitos que podião tirar desta notavel parte do corpo humano. Alguns sessenta seculos depois da creação do Mundo, passou dos campos da America, para as outras partes do Universo, o tabaco, e pouco a pouco se fez o nariz tão proveitoso, que encheo o erario dos Principes, e com um pouco de pó teve materia para formar um dos mais solidos fundamentos das riquezas da Monarquia Portugueza. Antes da Gloriosa Acclamação d'ElRei D. João IV, arrematou um Portuguez na Côrte de Madrid o contracto do tabaco por quarenta mil réis. D'ahi a tres annos a outro Portuguez chamado Ignacio d'Azevedo, foi concedido em Madrid o dito contracto por sessenta mil réis; mas este segundo contractador foi morto, e ficou o contracto por conta do primeiro. Sempre foi crescendo o dito contracto de sorte, que no anno de 1640, famoso pela Acclamação d'ElRei D. João IV, foi arrendado o tabaco por dez mil cruzados; e no anno de 1674 em sessenta e seis mil cruzados. Do anno de 1675 por diante, foi o tabaco rendendo quinhentos mil cruzados até um milhão de cruzados; no anno de 1698 cresceo o dito contracto a um milhão e seiscentos mil cruzados; e nos annos de 1707 e 1708 trouxe D. Antonio de la Concha, Castelhano de nação, o

contracto do tabaco arrendado por dois milhões e duzentos mil cruzados em cada anno. Finalmente nos nossos dias chegou talvez ao maximo do que póde render, não com pequena admiração da prodigiosa quimica, com que pó e fumo, se convertem em prata e ouro.

Hoje anda o contracto do tabaco arrematado por mil e duzentos contos de réis.

DO TABACO EM FRANÇA.

O fabrico do tabaco é um monopolio privativo do Governo, que designa os Departamentos em que a cultura desta planta é permittida.

Existem em França dez fabricas de tabaco, a saber: em *Paris*, *Lille*, *Lyon*, *Strasburgo*, *Bordeaux*, *Le Havre*, *Morlaix*, *Toulouse*, *Marseille*, *Tonneins*.

Existem tambem armazens de tabaco em folha nos seis Departamentos: do *Nord*, *Bas-Rhin*, *Pas de Calais*, *Lot*. *Lot et Garonne*, *Ille-et-Vilaine*.

No anno de 1833, foi a cultura do tabaco permittida em oito Departamentos, em que se colhêrão 11,644,193 kilogrammos de tabaco (cada kilogrammo anda por dois arrateis), os quaes comprados pela Administração respectiva, produzírão aos cultivadores a quantia de 8,574,806 francos.

Dez preceitos que Guilherme, Chanceller Mór d'Inglaterra, deo a seu filho segundo Roberto Fail, depois Conde de Salisbury.

§. I. Se Deos for servido que chegues á idade viril, deverás ter grande prudencia e circumspecção na escolha de mulher; porque della dependerá ou a tua futura felicidade, ou a tua desventura; e é este um estado similhante a qualquer estratagema de guerra, no qual o erro é irremediavel. Pesquiza as suas inclinações e o modo com que a educárão seus pais. Não seja ella pobre, ainda que aliàs illustre; porque o homem não ha de comprar os alimentos com o illustre nascimento de sua mulher; nem tão pouco escolherás a uma que seja de vil esfera e fèa a troco de ter dinheiro; porque os mais a despresarão, e tu mesmo bem depressa te enfastiarás della. Nem escolhas uma anã, ou idiota, pois além de teres uma raça de pigmeos, fará ella a tua desgraça; porque nas horas de melancolia não ha cousa que mais enoje do que ouvir uma mulher tola.

No que toca ao governo da tua casa, sejão as despezas moderadas e segundo as tuas posses; sejão porém mais abundantes do que economicas, mas nunca faustosas. Não me lembro ter conhecido homem algum pobre por ter mesa frugal e moderada. Muitos consomem a sua fazenda em vicios occultos e tornam ordinariamente a culpa aos gastos da casa. Guarda-te de dispender mais da terça parte das tuas rendas com as despeza da casa; e sejão as outras duas para as despezas extraordinarias, que sempre excedem muito ás ordinarias: de outra sorte vivirás em continuadas faltas e necessidades; e o homem necessitado nunca poderá viver contente e satisfeito. Qualquer desastre o põe logo nas tristes circumstancias, ou de empenhar os seus bens, ou de vende-los, e todo o fidalgo, que vende um pedaço de terra, vende um pedaço do seu credito. Mas já basta para o primeiro preceito.

§. II. Educa os teus filhos nas letras e na obediencia, mas nunca com maneiras austeras. Louva-os publicamente e reprehende-os em particular. Concorre para sua manutenção, dando-lhes um modo de vida adequado ás tuas posses e capacidade, aliàs a tua vida lhes parecerá um cativeiro, e os bens, que lhes vieres a deixar depois de morto, o agradecerão á tua morte, nunca ao teu coração. Estou persuadido que as loucas caricias de alguns pais, e as maneiras severas de outros tem obrigado mais depressa aos filhos e filhas a commetterem acções indignas, do que as suas proprias inclinações viciosas. Casa a tempo as tuas filhas, para que ellas se não casem contra a tua vontade, ou aliàs da-

lhes uma educação tal que ellas se sujeitem voluntariamente ao teu gosto, e não aos seus caprichos. Não consintas que teus filhos passem os Alpes; porque não aprenderão mais do que soberba, blasfemia, e atheismo; e se nas suas viagens alcançarem algumas linguas corruptas, de nada mais lhes servirão, do que se para comer se servissem de differentes pratos. Nem pelo meu voto educarás teus filhos na Milicia; porque esta carreira só tem alguma estimação em certas occasiões, e porque os soldados no tempo de paz, são como os nossos fogões em tempo de verão.

§. III. Não vivas em paiz em que não possas ter das tuas fazendas, o trigo e a vacca; porque aquelle que se vê obrigado a metter a mão na bolsa para todas as despezas da sua casa, é bem similhante ao que pretende conservar a agua em uma peneira. Aprende a comprar a provisão, que te faltar, de optimas mãos e de sã consciencia; poupa-se tambem uma moeda em quatro, quando em lugar de se fazer a compra com alguma necessidade, se espera pelas estações competentes. Nunca te sirvas com parentes, amigos, ou pessoas rogadas para isso; porque esperarão muito, e trabalharão pouco. Trata bem os teus criados e paga-lhes inda melhor, e então com plena liberdade poderás exigir delles todos os serviços e trabalhos.

§. IV. Sejão bem recebidos os teus parentes e amigos em tua casa e mesa: honra-os com semblante alegre e com acções honestas, e de homem de bem, porque com este meio dobrarás os vinculos da natureza e os terás muitas vezes por advogados na tua ausencia; lança porém della estes perilampos, a que eu chamo *papa-jantares*, que te fazem zumbaias e lisonjeião em quanto te considerão no cumulo da prosperidade, mas que nas tempestades te ampararião das borrascas e desabridas inclemencias do tempo, como o faria uma arvore no pino do inverno.

§. V. Acautela-te de ser fiador de algum, ainda dos maiores amigos, em grandes quantias: o que paga as dividas de outro, faz toda a diligencia pela sua propria ruina. Se porém forem taes as circumstancias, que não possas deixar de o fazer, melhor será emprestares o dinheiro com boas escripturas e seguranças, ainda que tambem para isto peças emprestado: deste modo ficarás seguro, e teu amigo servido. Não peças dinheiro emprestado nem a teus visinhos, nem a amigos, mas a pessoas estranhas, a quem depois de embolsadas nunca mais verás. Seja porém verdadeira a tua palavra, porque aquelle que satisfaz no dia que prometteo, é senhor das bolsas dos outros.

§. VI. Não emprehendas demanda alguma contra homem pobre, sem delle teres recebido sobejas injurias: neste duelo o farias teu igual e companheiro, e é vil a conquista quando ha pequena resistencia. Não intentes demanda alguma antes de estares bem aconselhado, e plenamente certo do direito que tens sobre a outra parte; e depois não poupes nem dinheiro, nem passadas; porque uma, ou duas demandas bem seguidas e bem alcançadas, livrar-te-hão de outras muitas no decurso da vida.

§. VII. Cuida muito em ter por amigo algum homem de grande consideração e authoridade, mas nunca o inquietes por ninharias: comprimenta-o, brinda-o com pequenas dadivas, e com pouco custo teu. E se tiveres motivo de o tratares com grande mimo, seja com cousa que elle tenha quotidianamente diante dos olhos. Tudo isto é preciso nesta idade ambiciosa, para não viveres no abatimento, e sujeito, como uma pella, a que qualquer ande comtigo aos baldões, e te trate com despreso.

§. VIII. Humilha-te ante os teus superiores, mas sempre com generosidade e nobreza: communica os teus iguaes com familiaridade, mas conservando o teu respeito e gravidade, e trata os teus inferiores com muita humanidade e alguma familiaridade, como estender a mão e inclinar a cabeça, e outros similhantes comprimentos usuaes. Assim serás conhecido por homem bem educado: grangearás boa reputação, a qual uma vez adquirida, facil será conservar. Esta urbanidade lançará profundas raizes no espirito do povo miudo, que se penhora mais com inuteis cortezias, do que com grosseiros beneficios.

§. IX. Não tenhas firme confiança em homem algum; porque é manifesta loucura cativar-se qualquer a um amigo, como se, offerecendo-se occasião, se não voltasse elle seu inimigo.

§. X. Nunca nas conversações digas

graças picantes, nem sejas satyrico com gestos e acções, aliàs serás, por uns mui mal acceito e aborrecido nas companhias e assembléas, e por outros atacado pessoalmente, e malquisto entre os teus melhores amigos. As zombarias, que tem alguns visos de verdade, deixarão sempre bastante rancor no animo daquelles a quem se pertende motejar. Sobre isto, deixo-te particulares recommendações, porque tenho visto a muitos tão inclinados a dizerem graças pezadas, e fazerem escarneo por gestos e palavras, a trôco de perderem os seus mais intimos amigos. A estes cerebros escandecidos pela sua viva imaginação, que com difficuldade se podem abster de chufas, chamo eu: *fezes do juizo.*

Carta escripta por uma rapariga, natural de Mecklemburg Schwerin, a Frederico II, Rei de Prussia.

GRANDE REI.

Perdoai, Senhor, a uma pobre rapariga, que implora o vosso favor. Ouvi as minhas rogativas com aquella bondade, que vos caracterisa, e com que vos comprazeis em fazer feliz o genero humano.

Vós, que sois o melhor de todos os Reis, despachai o meu requerimento, que consiste em pedir uma pequena herdade das vossas novas colonias.

A minha pobreza e desventura é extrema: se porém, grande Rei, quizesseis condescender com os meus rogos, então me não trocaria eu por pessoa alguma desta vida; escolheria um amavel mancebo, que muito me estima, e espera passar comigo suaves e felizes dias no paiz do meu bemfeitor, e do meu Rei.

Todas as manhãs irei rogar a Deos, que vos conserve a saude, e vos dê paz e socego de espirito. Nas vossas mãos, Senhor, está pois a minha futura felicidade, resolvei-vos, meu Rei, a ajudar-me, e a satisfazer o meu desejo: eu vos beijo os pés, e não cessarei de implorar esta graça, até que attendais a minha súpplica, e chegue aquelle feliz momento, em que me respondais: *sim, quero, consinto.*

Resta-me só pedir-vos, Senhor, perdão da ousadia que tomo de escrever-vos esta cartinha, sem pessoa alguma o saber, e unicamente de meu moto proprio presumi ir deste modo aos vossos pés.

A vossa Resolução, Senhor, será por mim aguardada com aquelle profundo respeito, que vos tem a

Vossa

Henriqueta Muller.

Carta de Frederico.

Meu caro Conselheiro do territorio de Warden.

Hei por bem, que *Henriqueta Muller de Mecklemburg Schwerin* case já já com um homem de bem, e assim o ordeno em resposta á sua singela e affectuosa carta. Formar-lhe-heis um estabelecimento commodo na nova Colonia; e entretanto assegurai-a da minha Real Protecção.

Postdam, 27 de Maio de 1782.

Frederico.

Henriqueta Muller casou com affeito com o mancebo que desejava; e em virtude das ordens do Rei lhe derão uma porção de excellente terra, além de uma casa nova com um bom celleiro e grande grande quantidade de gado.

MEMORIA DIGNA DE ADMIRAÇÃO.

Certo Inglez apresentou-se na Côrte de Frederico II, promettendo decorar qualquer discurso, por mais extenso que fosse, ouvindo-o apenas uma vez.

A este tempo derão parte ao Rei que *Voltaire* desejava fallar-lhe para lhe ler uns versos que acabava de fazer. O Rei, querendo divertir-se, mandou ao Inglez que se escondesse em um quarto visinho, e lhe recommendou que decorasse, palavra por palavra, tudo quanto ouvisse ler ao Poeta. Entra *Voltaire*, e repete os seus elegantes versos. Ouve-os o Rei friamente, e lhe diz: *Na verdade Voltaire, já não sois o mesmo; ha tempos a esta parte dais em furtar versos e attribui-los á vossa habilidade;* protestou *Voltaire* serem seus os versos, e que naquelle mesmo instante os acabára de compôr. — *Como as-*

sim, exclama o Rei, *se ha pouco me repetio um Inglez esses mesmos versos, e me affirmou serem composição sua?* Chama então o Inglez, e diz-lhe: *Recitai os versos que ha pouco me mostrastes.* — Este repetio, verso por verso, sem omittir nem uma syllaba. — *Este homem deve ser o Demonio*, disse Voltaire arrebatado, e queria proseguir, quando o Rei, depois de ter rido muito, declarou tudo, e mandou dar um riquissimo presente ao Inglez pelo divertimento que lhe causára.

Differentes valores do marco de ouro.

No reinado de	D. Sancho I	6$480
»	D. Pedro I	7$380
»	D. João III	30$000
»	D. Henrique	40$000
»	D. João IV	42$240
»	Idem	51$200
»	Idem	55$680
»	Idem	80$000
»	D. Pedro II	85$312
»	Idem	96$000
»	D. João V	96$000
Hoje vale por Lei		120$000

Differentes valores do marco de prata.

No reinado de	D. Pedro I	$945
»	D. Fernando	$900
»	D. João I	2$600
»	D. Affonso V	1$260
»	D. Manoel	2$280
»	D. João III	2$600
»	D. Sebastião	2$400
»	Idem	2$680
»	D. Henrique	4$000
»	D. João IV	3$600
»	Idem	4$000
»	Idem	5$000
»	D. Affonso VI	4$400
»	Idem	4$600
»	D. Pedro II	5$600
»	D. João V	5$600
»	D. José I	5$600
Hoje vale por Lei		5$600

LIÇÃO PARA MUITOS.

O famoso *Chévert* era tão soberbo com a humildade do seu nascimento, como outro qualquer com o esplendor da sua nobreza. Em quanto era sómente soldado, alguns parentes, orgulhosos da sua opulencia, não o queririão reconhecer, nem delle fazião caso. Porém tanto que chegou aos primeiros Postos, pertendêrão alguns Cavalheiros ser delle parentes. Um, entre outros, veio á Côrte em qualidade de parente implorar a sua protecção. — *Sois Cavalheiro*, lhe perguntou Chévert? — *Se o sou*, me perguntais? *Podeis duvida-lo?* — *Nesse caso* (disse Chévert) *não somos de sorte alguma parentes; porque eu sou o primeiro, e o unico Cavalheiro da minha familia.*

FREDERICO II E O SEU PAGEM.

Estando Frederico a uma das janellas do seu quarto, vio que um dos seus pagens tomára tabaco da sua caixa, que estava em cima de um bofete. Não o quiz o Rei interromper, mas tirando-se da janella, lhe disse: *Gostas dessa caixa?* — Não, Senhor, lhe tornou o pagem, cheio de confusão e de vergonha. — Instou Frederico com a mesma pergunta, e tendo-lhe a final o pagem dito, que a achava bellissima: *Pois então toma-a para ti*, accrescentou o Rei, *pois é muito pequena para nós ambos.*

ANECDOTA DO DOUTOR BOERHAAVE.

Affirma um escriptor Inglez que o celebre *Boerhaave* ordenára em seu testamento que se queimassem todos os seus livros e papeis, menos um grosso volume, encadernado com magnificencia, de fórma que se lograva a rica encadernação sem se poder abrir. Depois da morte do Doutor, corrêrão todos os Medicos a *Leyde* pedindo aos executores testamentarios que não seguissem á risca as ultimas vontades do defunto. Vendêrão-se com effeito todos os seus moveis; e um Conde Allemão persuadido que o grosso e rico livro deveria conter bellissimos segredos de Medicina, comprou-o por dez mil ducados. Qual seria porém a sua admiração, quando depois de aberto o livro, o achou todo em branco, e vendo na primeira folha as seguintes palavras: *Conservai a cabeça fresca, os pés quentes, o ventre livre, e zombai dos Medicos.*

ELOGIO DAS GAZETAS EM 1700.

A Gazeta, que a maior parte da gente considera uma cousa de nonada, é, a meu vêr, uma das obras mais difficeis que o espirito humano ha emprehendido nos nossos dias. Era mister ter tanto genio e capacidade, quanta tinha o defunto M. Renaudot para leva-la ao ponto a que elle a levou, logo que começou a metter mãos a ella. Isso demanda um conhecimento vasto da nossa lingua, e de todos os seus termos, uma grande facilidade de escrever e de narrar clara, delicada e succintamente. É mister saber fallar da guerra por mar e por terra, e nada ignorar do que respeita á geographia, á historia do tempo, e á das familias illustres, á politica, aos interesses dos Principes, ao segredo das Côrtes, aos costumes e habitos de todas as Nações do Mundo. Finalmente sem entrar em maiores departimentos, tão variados conhecimentos se ha mister para bem escrever uma Gazeta, que não sei como haja quem se atreva a emprehende-lo. Ha só uma cousa que faz mal áquelle que escreve, a qual é o não ser inteiramente senhor da sua obra, não poder dizer a verdade com a sinceridade que exige a historia. Se lhe concedessem este ponto, não houveramos mister d'outros historiadores: mas excepto isto, não vejo outra cousa que possa servir mais para instruir os mancebos a quem se queira dar uma brilhante educação, do que a leitura d'uma Gazeta bem escripta. Isto parecerá a muitos um paradoxo; mas experimente-se, e estou certo que se abraçará a minha opinião. Até accrescentarei que ha mui poucas pessoas que sejão capazes de a ler como convém, e que a entendão em todas as suas partes.

Contarei a este proposito o que me aconteceo ha alguns annos a esta parte. Um Magistrado que tinha escolhido para seu filho mais velho um preceptor educado na Universidade, e que parecia nada ignorar do que essa gente ordinariamente sabe, trouxe-m'o, e pedio-me que o experimentasse. A conversação versou, como era natural, sobre a educação da mocidade, e sobre as differentes maneiras de nos conduzirmos nella. Eu aventurei a minha opinião a respeito das Gazetas; o preceptor disse-me que isso era bagatella; respondi-lhe que essa bagatella tinha suas difficuldades; elle deo uma gargalhada. Neste comenos apresentei-lhe a Gazeta do dia, e sobre o artigo d'Inglaterra, perguntei-lhe o que erão cem libras esterlinas. Demorou-se um pouco, e disse-me que «esterlina» tinha relação com a libra torneza, e nada mais significava. Fizemos-lhe ver o seu erro, e d'ahi conduzindo-o ao artigo Constantinopla, instamo-lo sobre os nomes d'officios, cargos e dignidades desta Côrte, no que elle se sahio tão mal como sobre questões de geographia e de historia, que nascião a cada momento da leitura da Gazeta. Havia boa companhia, e ainda que o tratassemos com toda a urbanidade imaginavel, o pobre homem ficou tão vexado, que cheguei a arrepender-me de haver dado causa ao dissabor que elle experimentava, e que cheguei quasi a sentir tanto como se fosse comigo que tal houvesse acontecido. O Magistrado menos tolerante, disse-lhe algumas palavras pezadas; e todos os que estavão presentes concluírão, e até fizerão confessar ao preceptor, que nada se deve desprezar na educação da mocidade, e que é muitas vezes pelos meios mais communs que se conduz ao conhecimento das maiores cousas.

[Miscellanea de historia e litteratura, 1700.*]*

Socrates aprendeo a tocar instrumentos na sua velhice.

Catão aprendeo o grego de oitenta annos d'idade.

João Gelida de Valencia só aos quarenta annos começou a estudar as boas letras.

Henrique Spelman tornou a começar o estudo das sciencias aos cincoenta annos com um successo maravilhoso.

Fairfax depois de ter sido general das tropas do Parlamento d'Inglaterra, fez-se receber Doutor em Oxford.

Colbert, quasi sexagenario, tornou a entregar-se ao estudo do latim e do direito.

Le Tellier, sendo Chanceller de França, fazia com que lhe repetissem a logica, para argumentar com os seus netos.

Voltaire dizia pouco tempo antes da sua morte, que ainda aprendia todos os dias. *[Magasin Pittoresque.]*

ANECDOTAS

Esperteza de um Prégador.



ARA certa festa a Santo Antonio que se fizera em Santarem, vierão os festeiros a Lisboa buscar o Prégador de melhor fama que naquelle tempo havia, e tratárão-no oito dias antes com toda a grandeza. Chegado o dia do Santo, subio o Prégador ao pulpito, e repetio, palavra por palavra, um Sermão do Padre Vieira.—Os festeiros vexadissimos, não fazião senão olhar uns para os outros, e indo busca-lo acabado o Sermão, notou o Padre que estavão tristes; e perguntando-lhes a causa, respondêrão-lhe, com toda a franqueza, que era porque o auditorio murmurava que o Prégador que elles escolhêrão havia prégado um Sermão inteiro do Padre Vieira; ao que elle, muito senhor de si, replicou: Sempre são bem tolos os que me criticão: Ora, digão-me, se eu me tivesse dado ao trabalho de compôr um Sermão, te-lo-ía, por ventura, feito melhor?

O Judeo e o porteiro do Convento de S. Francisco.

Na occassião em que um Judeo ía ser queimado vivo, e passava, com o Sambenito pela Portaria de S. Francisco, estava o porteiro, homem de maneiras pouco affaveis, dando esmola aos pobres, e espancando alguns. —O Judeo todo compassivo parou, e o reprehendeo por tratar assim os pobres de Christo.—O porteiro encolerisado, pelo que acabava de ouvir, axclamou: Meu amigo, se quer prégar, vá vestir outra sobrepeliz.

Dito de D. Lucas de Portugal ácerca de um Prégador que havia sido Desembargador.

De certo Prégador que primeiro havia sido Desembargador, e prégára a Paixão, sem poder fazer chorar ninguem, disse D. Lucas de Portugal, que nem aquillo tomára de Desembargador, porque elles fazião chorar a muita gente.

O Nuncio e o Fidalgo Portuguez.

Vindo de Roma um Nuncio a Portugal, foi visita-lo um Grande da Côrte, e na despedida, deo o Nuncio mui poucos passos ao sahir da casa aonde o recebeo.—O Fidalgo, conhecendo a desattenção, pegou-lhe na mão, e trazendo-o adiante de si, lhe disse: Para Italiano, faz V. Ex.ª mui pouco exercicio.

A escolha de mulher.

Conversavão certos sujeitos ácerca da escolha de mulher para esposa, a tempo que umas senhoras que se achavão alli perto, os estavão escutando.—Um dos pertendentes, por extremo feio, dizia que a mulher com quem elle casasse havia de ter taes e taes qualidades, que elle ía enumerando.—Uma dellas, não podendo conter-se, exclamou para as outras: *Vejão o Narciso, que quer condições!*—O sujeito, ouvindo-a, continuou a sua conversa, e concluio: *Que não ouça, nem falle.*

Aos Senhores Assignantes.



Com o presente N.° completamos o oitavo anno do *Recreio*, cuja publicação suspendemos por algum tempo, substituindo-a pela *Descripção das Armas das Familias de Portugal*, cujo prospecto publicamos em o N.° de Novembro ultimo. — Advertimos porém aos nossos Assignantes, tanto da Capital, como das Provincias, que recebem os seus respectivos folhetos nas diversas lojas de livreiros, e desejarem subscrever para a obra de que acima se faz menção, que, admittiremos o pagamento á medida que cada folha for sahindo, e cujo preço será o de 100 réis.

Os Srs. Assignantes das Provincias que encarregarem pessoa de as receber em Lisboa nas lojas indicadas, gozarão da mesma vantagem: aquelles porém que quizerem que se lhes remettão regularmente pelo Correio, pagarão, adiantado, 1$200 réis, por cada doze folhas, acompanhadas das estampas correspondentes.

Sahio á luz a 1.ª folha da sobredita obra, acompanhada da competente estampa, contendo nove escudos d'Armas illuminados. — Acha-se á venda nas lojas do costume, tanto na Capital, como no Porto e Coimbra.

Os Srs. Assignantes do Recreio *que recebião os respectivos folhetos nas suas Repartições e que não fizerem declaração alguma ao Distribuidor, serão considerados como Subscriptores da* Descripção das Armas das Familias de Portugal, *e ser-lhes-ha por conseguinte remettida cada folha á medida que se for publicando.*

Ás pessoas que quizerem algumas Collecções do *Recreio*, far-se-ha um abatimento razoavel, na proporção do numero d'exemplares que tomarem; devendo dirigir-se para esse fim á loja da Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1.

PROJECTO PARA O THEATRO NACIONAL.

Vai publicar-se por subscripção um volume, em folio grande, contendo 10 estampas e tres folhas de impressão, com um Projecto para o Theatro Nacional, na Praça de D. Pedro, em Lisboa; tal qual foi apresentado á Commissão nomeada para a approvação do dito Projecto. Esta Obra será feita em bom papel e elegante typo.

Preço do volume, pago á entrega, 1$440 rs.

Para os Assignantes das Provincias será o mesmo preço, se mandarem declarar a pessoa, a quem deve ser entregue o volume nesta cidade de Lisboa; sendo essa mesma pessoa a encarregada do pagamento.

As pessoas que quizerem assignar, podem dirigir-se ás lojas da Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1; Plantier, rua do Ouro n.° 62; Bertrand; e Bordalo, rua Augusta n.° 195.

Aos nossos Assignantes.

Depois que o Ill.mo Sr. Conego Luiz Duarte Villela da Silva nos brindou generosamente com o artigo = *Dos Architectos Portuguezes* = que com gosto inserimos no antecedente numero do nosso Jornal, e que sobremaneira tem agradado a todos os amantes das Bellas-Artes, e a todos os leitores que presão o credito e honra da Nação; veio por feliz casualidade á nossa mão, pela de pessoa que muito se interessou sempre e interessa por nossa boa reputação e fortuna, uma *Lista de Artistas Portuguezes* professores de differentes Artes colligida de varios escriptos e documentos por um dos mais abalisados Litteratos que tem possuido Portugal, curioso infatigavel e exactissimo, que nos consentio a sua publicação.

Esta Lista não é completa, como adverte o seu mesmo Author. Elle sómente quiz pôr em lembrança os nomes dos Artistas, que no decurso de suas leituras se lhe offerecêrão, e muitos dos quaes não são geralmente conhecidos. Para os mais, aconselha elle a lição de Volkmar, Taborda, Machado de Castro, e outros mais antigos Portuguezes, bem como a dos muitos estrangeiros que tratárão deste assumpto.

Nós julgamos fazer algum serviço á Nação, aproveitando a liberdade que nos foi dada, e publicando essas mesmas noticias taes como vem no manuscripto, confiando que isto excitará os Portuguezes doutos a concorrer com as suas luzes, para que algum dia possamos ter um catálogo completo dos nossos Artistas, e uma Historia das Bellas-Artes em Portugal.

Não querendo pois demorar a publicação deste precioso escripto, prevenimos os nossos Assignantes de que suspendemos a continuação do *Vocabulario de Agricultura*, em quanto não completarmos a Lista dos Artistas acima referidos, a qual se poderá encadernar, quer em separado, quer junta no fim do presente tomo do *Recreio*.



LISTA

de

ALGUNS ARTISTAS PORTUGUEZES

COLLIGIDA

DE ESCRIPTOS E DOCUMENTOS

Pelo

Excellentissimo e Reverendissimo Senhor

Bispo Conde, D. Francisco

NO DECURSO DE SUAS LEITURAS EM PONTE DO LIMA NO ANNO DE 1825,
E EM LISBOA NO ANNO DE 1839.



LISBOA
Na Imprensa Nacional.
1839.

ADVERTENCIA.

Tendo eu, no decurso de minhas leituras, achado memoria de Artistas Portuguezes pouco conhecidos, e de alguns estrangeiros, que trabalhárão em Portugal, fui apontando os seus nomes, e desses apontamentos tirei a presente Lista, que agora ponho em alguma ordem.

Já se vê pois, que não escrevo um catalogo, em que entrem *todos os Artistas* Portuguezes, nem faço a *historia* delles. Lembro alguns menos conhecidos, de que achei memoria. Aponto outros mais conhecidos, que se me offerecêrão á penna, quando escrevia; e ommitto o grande numero delles, que vem mencionados nas obras de *Taborda*, e de *Cyrillo Volkmar*, na *Descripção analytica da Estatua Equestre* do douto Esculptor Joaquim Machado de Castro, e em outras obras suas, e tambem nas de alguns estrangeiros, que consultei.

Quem quizer ter amplo conhecimento dos nossos Artistas, e da Historia das Bellas-Artes em Portugal, deve ler estas obras, e outras que disso tratárão; não perderá de todo o tempo em ler estes meus breves apontamentos; e ainda com estes subsidios lhe ficará larga colheita, que possa aproveitar.



Vocabulario de Agricultura. (1)

A

Abacellar uma planta — E' cobrir-lhe com terra as raizes para se dispôr a seu tempo.

Abafar as plantas—E' chega-las umas ás outras, de sorte que não possa entrar facilmente o ar.—O mesmo são mattos abafados, arvoredos abafados.

Abafar as terras—E', depois de lavradas, grada-las, para que se não sequem com o Sol; e se desfazem então como farinha, quando se tornão a lavrar, pelo suor que lhes causou a abafadura.

Abanar o trigo—E' alimpa-lo ao ar com pá.

Ameixas de abano—São as que cahem ao abanar a arvore.

Abegão—E' o que tem cuidado de todas as cousas que pertencem á lavoura.

Abegoaria — São bois, carros, arados, charruas, grades e tudo o mais com que se lavrão as terras, vivente e não vivente.

Abelha criança — E' o enxame que se cria nos cortiços e não tem ainda azas.

Abertas — São cortaduras que se fazem para a agoa dos rios passar aos campos, ou a outra qualquer parte.

Abotoar — Diz-se das arvores e plantas quando lanção a primeira flôr.

Abraçar a terra a planta ou *arvore*—E' crearem estas nella boa raiz e medrar, ou dar-se melhor no tal terreno.

Abrir as terras—E' lavra-las com as primeiras agoas do Outomno, para as semear no fim do Inverno.

Abrir uma flôr—E' ir brotando e abrindo o botão, ou olho della e nascendo.

Acamar — O trigo acamado ou centeio ou cevada ou milho, é quando o vento ou chuva o derriba um sobre outro.

Acanhar as plantas, *a sombra*, *v. g.* ou *arvores*—E' ser causa de não medrarem nem crescerem.

Aceirar um pinhal, *um azinhal*, *etc.*—E' cortar todas as plantas e hervas deixando o campo a modo de ceira, sem folha nem ramo, e juntamente tirar toda a materia combustivel por certo espaço, de sorte que se não possa queimar,

****

---

(1) Tanto este Vocabulario como os de architectura, pintura, e outros muitos que iremos apresentando successivamente aos nossos leitores, são extrahidos de uma obra muito conhecida, que entre nós se publicou no seculo passado.

O mesmo Vocabulario leva uma numeração á parte a fim de que, concluido que seja, os livreiros separem as ultimas meias folhas dos numerosdo Recreio que o contiverem, para as encadernar juntas no fim do Jornal.

quando se larga fogo vivo ao matto vizinho.

Aceiro — E' uma ou duas guias de terra lavradas em redondo de um pinhal ou covão, para que no espaço da lavoura se não crie matto, aonde possa pegar fogo, que queime o pinhal ou covão.

Adubar terras—E' deitar-lhes esterco.

A eito — Cortar uma seara a eito, é corta-la sem deixar no meio cousa alguma della.

Afolhear uma terra—E' semea-la alternadamente, um anno de trigo, outro de milho; ou trocar outras sementes, ou deixa-la de alqueve lavrada sómente sem se semear.

Agrario — E' cousa concernente a terras de lavradio.

Agreste — Não cultivado, bravo.

Aguilhada— E' vara que tem um ferro agudo na ponta com que o boieiro pica os bois, o qual ferro se chama aguilhão.

Aivaca — E' um pedaço de páo comprido que acompanha a charrua e a faz lavrar. Tambem a araveça tem uma aivaca.—Aivacas pois são páos de tres ou quatro palmos com facesinha por dentro, pregados em baixo junto do ferro do arado. — Servem de affastar a terra do rego, e estão de uma banda e outra a modo de orelhas.

Alagadiço—Lugar, ou terra alagadiça, é aonde se ajunta e conserva agoa.

Alagado—Coberto de agoa. Alagar, cobrir ou encher de agoa.

Alcacer—E' ordinariamente a cevada verde, antes que acabe de espigar, que se corta e dá aos cavallos, e mais bestas para engordarem e purgarem. Tambem se chama alcacer a varias hervas que nascem nas terras em que se tem semeado, como palanco, herva triga, etc. e que servem de pasto aos gados.

Alegretes— São uns receptaculos, de pedra e cal ou de páo, cheios de terra que se fazem em jardins, varandas e janellas, aonde se cultivão flores de varias castas. — Chamão-se alegretes porque alegrão a vista.

Alameda ou *Lameda* — E' um passeio ou rua de quaesquer arvores plantadas por corda. — No Imperio do Mogol se diz haver algumas de 150 legoas de comprimento, segundo uns, ou de 250, segundo outros. — Dá-se tambem o nome de *alameda* a um campo de muitos alemos.

Alfobre — E' o repartimento de terra que fazem os hortelões entre duas veredas por onde corre a agoa que rega.

Alforra — E' a humidade maligna que dá na seara, e aquentada com o calor do Sol, faz negro e roe o trigo como a ferrugem o cobre.

Algar — E' uma especie de claraboia natural ou respiradouro, e abertura muito profunda, que de ordinario faz a agoa (que vem de alto) no campo ou monte.

Aljazar—Chama-se assim nas Lezirias á terra cercada de mar.

Alimpadura de trigo, etc. — E' a grança ou palha que fica do trigo etc. depois de limpo e crivado.

Alimpar o trigo, etc. na eira — E' levantar com forcados a palha ao ar para que o vento a leve.

Almagega — E' o tanque pequeno aonde cahe a primeira agoa do cano da nora.

Almanjarra — E' o páo da nora por onde pucha o animal: tem um páo para apertar chamado *arroja-*

dura, e na outra extremidade outro páo chamado *torno;* e suppre outro *torno* o rabo da mesma *almanjarra*, a qual serve para fazer andar a nora ao redor.

Almargem — E' um pedaço de chão ou campo inculto, livre, perto de alguma ribeira. — Daqui, *terra almargeada*, brava, não cultivada, que só dá hervas.

Alporcar — E' abrir uma cova e lançar nella os ramos de uma planta, deixando-lhe uma ponta fóra da terra, que cobre o mais; a qual ponta calcada ao pé, lança uma vara que se corta, e do pé desta, que se calcou, nascem muitas varas, como se experimenta em vinhas e soutos. — *Alporcar hortaliça* é cobri-la com terra levantada e repartida em regos.

Alqueivar — E' lavrar a terra sem a semear, para que descance. — D'aqui *alqueive* ou *alqueve*. — Terra lavrada que se não semêa; e assim de anno em anno ou de dois em dois annos, descança e dá mais pão. Da mesma sorte se chama *alqueive* o chão que teve milho por estar mais capaz de dar pão.

Alvar — Diz-se de algumas cousas que tem pouca substancia, sendo muito brancas. — Figos alvares, que são brancos e largos com pé muito pequeno. — Espinheiro alvar é o cardo leiteiro.

Alvião — E' um ferro com um buraco no meio em que se mette um cabo de páo; de uma parte é algum tanto largo para cavar; da outra tem bico para arrancar os troncos de cepas e arvores: serve tambem para arrancar pedras, e cavar ao pé dellas, para melhor se poderem arrancar: delles usão os cavadores e cavouqueiros.

Alumiar as terras — E' cava-las levemente na superficie.

Amago — E' a parte interior da arvore, herva, etc.

Amanhar as terras — E' cava-las, concerta-las, cultiva-las, etc.

Amotar uma arvore — E' chegar-lhe terra ao pé. Tambem se diz *calçar*.

Anafil (trigo) — E' o trigo mouro que tem a pragana negra, e vem de Berberia. — Tambem se diz *anafil*, o trigo excellente.

Ancinho — E' instrumento com dentes de páo ou de ferro que serve para juntar palha, feno, etc.

Apaulado — E' cheio de agoas encharcadas a modo de paúl.

Aqueducto — E' cano por onde corre agoa de uma parte para outra, como da nora, do rego, etc.

Ar que dá nas plantas — E' o que com a sua malignidade as secca.

Arado — E' instrumento de romper as terras, desarreigar a má herva e dispôr o terreno para receber as sementeiras; lavra com dois bois, no que se differença da charrua que lavra com seis ou oito; se bem que Entre-Douro e Minho ha uns arados muito grandes, que são puchados por tantos bois como a charrua, e com elles se lavrão as terras de salão indo adiante dois bois com uma cortadeira, que abre a terra por onde ha de entrar o dito arado. — Consta pois este de dois páos, um pegado no fim do outro; no primeiro vai a sega no meio, que corta a terra por cima, no mesmo vão duas aivacas, e no fim deste páo vai o ferro do arado, que tem bico e rompe a terra por baixo. — Os nomes das peças de que é composto são timão, ouca, chavilhão, rabiça, relhas, meixilho, teiró, tempera, rabello, soles, etc. de que daremos

explicação neste Vocabulario, segundo a ordem alphabetica que levamos.

Aradura—E' a acção de lavrar; e uma aradura é uma jugada de bois, ou a terra que dois bois podem lavrar no espaço de um anno.—*Arar* é o mesmo que lavrar.

Aralhas—São palhas dos alhos com que se fazem as resteas.

Araveça—E' uma fórma de arado com uma só aivaca e ferros mais largos, que fazem regos maiores que os do arado, assim na largura como na altura.

Arbusto ou *Fructice*—E' corpo vegetativo que não chega a grandeza de arvore; e na estatura é similhante a grandes hervas: mas não morre, nem se secca como a herva, e cortado rebenta.

Aréa—São grãosinhos de terra miudos sem humor algum nativo ou viscoso, com que se possão unir, e por isso sempre divididos uns dos outros e estereis.—Daqui *Areal*, *Areento*.

Arear—E' cobrir de arêas.

Aresta—E' a pragana do trigo.

Arreigado—E' o que pegou na terra e está com raiz.—D'aqui *Arraigar*.

Arrair—E' cortar o bacello pelo páo velho, tirando-lhe a rama que lançou no primeiro anno.

Arramar-se—E' crear ramas, vestir-se de ramos.

Arrancar—E' tirar por força, e separar uma arvore, planta, flor, etc.

Arrastrão—E' a vara que nasce e se estende pelo chão ao pé da videira.

Arrelhada—E' instrumento de alimpar o arado.

Arrematar as terras—E' tornar a lavrar o que já estava semeado.—*Arrematar os milhos* é dar-lhes segundo sacho.

Arrendar milho—E', depois de sachado, juntar a terra ao pé e arrancar-lhe os filhos para que crie melhor maçaroca.—*Arrendar vinhas* é cavar-lhe e desmanchar-lhe os montões, ficando rasos.—*Arrendar o bacello* é, depois de posto, cavar profundamente a terra para que fique direito.

Arrilhada—E' instrumento com que o arador pica os bois e alimpa o arado, todas as vezes que acaba o rego.

Arrotear—E' arrancar o matto de uma terra para a cultivar.—Daqui *Arrotea*, a terra já sem matto e cultivada.

Arvore—E' corpo vegetante maior que herva e arbusto, que lança ramos e folhas; umas dão fructo, outras não; e outras só flores.—*Arvores anãas* são as que sempre ficão pequenas.

Arvores uveiras—São as que, com as vides plantadas, se abração e fortificão—*Arvores cançadas* são as que já não dão fructo.

Arvoredo—Muitas arvores juntas.—Bosque pequeno.

Arzolla—E' amendoa verde.

Assedar o linho—E' passar o linho pelo sedeiro para se poder fiar melhor.

Astea ou *hastea de planta* ou *flor*.—E' o talo que sustenta as flores ou folhas da planta.

Atalhar o Alqueve—E' lavrar atravessado o alqueve.

Atalho—E' vereda para se desviar da estrada real.—Caminho mais curto.

Atorçoado—E' mal pizado, mal moído: diz-se do trigo.

Avecas—Avecas do arado são

Architectos.

AFFONSO ALVARES — Foi architecto de elRei D. Sebastião, que em Alvará de 12 de Março de 1571 lhe chama = *Mestre das minhas obras.* =

Fez a traça para o mosteiro de S. Bento, que por aquelles annos se intentava edificar em Lisboa, como consta da *Benedictina Lusit.* Tom. 2. pag. 419.

Volkmar Machado faz menção deste architecto entre os distinctos do seu tempo, e diz que tivera *a Ordem da cavallaria.*

AFFONSO DOMINGUES — Veja-se o que escrevi deste architecto na *Memoria historica* das obras do R. mosteiro da Batalha.

Fr. Manoel dos Santos na *Monarch. Lusit.* P. VIII. pag. 784 diz que Affonso Domingues, *architecto do convento da Batalha*, fôra natural de Lisboa, e da freguezia da Magdalena.

AFFONSO MARTINS — Foi o mestre da obra do R. mosteiro de Odivellas, fundado por elRei D. Diniz, como consta de um documento da Sé de Lisboa de 1324, citado na *Monarch. Lusit.* P. V. Liv. 17. Cap. 23.

AFFONSO DE MORAES — Acho em memoria que o claustro de S. Francisco de Evora, obra grandiosa, fôra obra de Affonso de Moraes, e que assim consta de uma pedra do mesmo claustro em que tambem se lê o anno 1376 (anno vulgar — ou era ?).

BALTAZAR ALVARES — Foi um dos que fizerão o risco para o edificio do primitivo collegio de S. Bento de Coimbra, como consta das Actas da Junta de 13 de Junho de 1600, no archivo da Secretaria da Congregação; mas não sabemos se o seu risco se executou: executou-se porém a traça que deo para o mosteiro grande de S. Bento de Lisboa, chamado *da Saude*, o qual se começou a edificar em 1598, e é de tal architectura, que parece bastante para acreditar este insigne mestre, a quem Fr. Leão de Santo Thomaz chama *famoso architecto* (*Benedict. Lusit.* Tom. 2. pag. 428.) Era sobrinho do architecto de elRei Affonso Alvares, de quem ja fallámos. (V. Volkmar pag. 161.)

DIOGO MARQUES — Foi architecto de elRei, e vivia pelos fins do seculo 16.° Fez riscos para alguns mosteiros benedictinos, e entre elles para o de S. Bento da Victoria do Porto, que é de boa architectura, e tambem para o Collegio de Coimbra. Consta das *Actas Capitul. da Congregação de S. Bento*, Junta de 13 de Junho de 1600.

DIOGO DE TORRALVA — Era mestre das obras do grande mosteiro de Belém, em 1557, quando

da, em letra allemãa minuscula, deste teôr:

> *Era de 1420 annos don affonso martins abade deste moesteiro mandou fazer a obra desta craastra por star maa, e foi feita per mãao de iohn garcia de toledo, mestre e veedor das obras delrey don fernando: pater noster.*

A identidade do nome, e do tempo, me faz crer que foi este mesmo *João Garcia* o que fez a obra da Collegiada de Guimarães no proximo reinado de elRei D. João I, segundo o letreiro gravado na parede do templo, e commemorado por *Soares da Silva* no Tom. 2. das *Memorias* deste monarca.

FR. JOÃO TURRIANO — Foi filho de Leonardo Turriano, homem mui intelligente em obras de fortificação, e que nisso trabalhou neste reino, e de sua mulher D. Maria Manoel, pessoas nobres.

Aos 18 para 19 annos tomou o habito de S. Bento no mosteiro de Lisboa, a 29 de Novembro de 1629. Sempre occupado nos estudos do desenho, e no risco de obras de architectura, a que o inclinavão os papeis de seu pai, sahio insigne nestas Artes. — Seguio os estudos da Congregação benedictina com louvor, e mereceo ser nomeado *passante*.

Foi Lente de Mathematica na Universidade de Coimbra, e elRei D. João IV o nomeou *Engenheiro mór do reino*, lugar que seu pai tinha occupado. — Servio a este monarca 13 annos, e foi o que delineou as capellas móres das Sés de Viseu e Leiria, além das obras do mosteiro de Alcobaça, e das fortificações do reino, em que foi empregado.

Fez a fortaleza de *Cabeça Sécca*, e outras; traçou o mosteiro novo de Santa Clara de Coimbra; o dormitorio novo e hospedarias do mosteiro das religiosas benedictinas de Semide; o dormitorio novo de Alcobaça; o das Inglezinhas de Lisboa; o novo de Odivellas; o benedictino da Estrella; o de Travanca, e a igreja nova de Santo Tirso; e desenhou o mosteiro de Lisboa, etc. etc.

Por morte do P. M. Fr. Pedro de Menezes, tambem benedictino, e Lente de Mathematica na Universidade de Coimbra, occupou Turriano aquella cadeira por votos dos estudantes, em renhida opposição com o Dr. Gaspar de Mery, e a leo por varios annos. — Falleceo em Lisboa, e jaz na capella mór do templo de S. Bento da Saude, aonde tem sepultura, com este epitafio:

> *Sepultura do M. R. P. M. Fr. João Turriano Lente de Mathematica, que foi, na Universidade de Coimbra. Falleceo a 9 de Fevereiro de* 1679.

JOÃO VICENTE CAZALI — Florentino. Frade Servita, architecto, esculptor, e pintor. Falleceo em 1593, de 54 annos. Veio a Portugal, chamado por D. Felipe II para reparar algumas fortalezas do reino. (Vej. o *Diccion. de Architect. etc. por Mr. C. F. Roland le Virloys. Parìs* 1770. 3 Vol. 4.)

LEONARDO TURRIANO — Foi Engenheiro mór do reino, pai de Fr. João Turriano, de quem ha pouco falámos.

Entre os mss. da Livraria do Collegio de S. Bento de Coimbra

havia um que tratava (se a memoria me não engana) das fortificações das ilhas dos Açôres, e seus desenhos, obra deste architecto.

MANOEL DA MAYA — Vej. a *Collecção de Memor. dos Pintores, Esculptores,* etc. por Volkmar Machado a pag. 194.

MARTIM VASQUEZ — Foi um dos mestres das obras do mosteiro da Batalha, em cuja direcção succedeo a mestre Huet, ou Ouget, ou Huget, de que acima falámos. Tinha sido *aparelhador da obra de pedraria* em tempo do fundador elRei D. João I.

ElRei D. Duarte o nomeou *Mestre e Divisador das obras* por carta sua dada no anno de 1438. E elRei D. Affonso V o confirmou neste cargo em Junho de 1439, como consta do Liv. 2. da sua Chancellaria.

Em 1448 já era fallecido, como consta de um documento do mosteiro da Batalha desse anno, em que figura *Brites Lopes, mulher que foi de Martim Vasquez, Mestre que foi das obras do mosteiro de Santa Maria da Victoria.*

Segundo o juizo que fizemos do tempo em que se edificárão as differentes peças daquelle grandioso edificio, classificámos a Martim Vasquez em ordem inferior á dos mestres que lhe precedêrão. (Veja-se a nossa *Memoria Histor.* das obras da Batalha, já citada, nas Collecções da Academ. R. das Sciencias de Lisboa.)

MATTHEUS FERNANDES 1.° — Foi este architecto o que delineou e executou no mosteiro da Batalha a soberba obra da chamada *Capella imperfeita.* (Vej. a citada *Memoria historica.)*

MATTHEUS FERNANDES 2.° — Foi filho do antecedente, e tambem mestre das obras da Batalha. (Vej. a *Memor. Histor.*, e o que fica notado acima no art. *João de Castilho.)*

MIGUEL LE BOUTEUX — Foi um dos Artistas, que em tempo de elRei D. João V vierão para Portugal, e aqui restaurárão a prática e gosto das Bellas Artes. Nas *Memorias de Malta*, impressas naquelle tempo, vem o Mappa da ilha gravado por este Artista, e na firma se lê: = *Michael le Bouteux, Architectus Regis sculpsit.* 1736. =

MIGUEL FERNANDES — Vivia nos principios do seculo 18.°, e é obra sua a planta e risco da actual igreja do mosteiro benedictino de S. João Baptista de Pendorada, a qual se mandou executar no capitulo geral do anno de 1725.

MIGUEL DA ARRUDA — Foi *mestre das obras das fortalezas destes reinos*, onde vivia e servia no reinado de elRei D. João III. — Foi elle o que delineou a fortaleza nova que elRei mandava fazer em Moçambique, em tempo do illustre D. João de Castro, como consta da carta de elRei para este governador, que possuimos original, escripta a 8 de Março de 1546.

Em 1549 foi mandado a Africa, quando elRei quiz que se fizesse o forte do *Scinal* para defeza de Alcacere. (Andrad. Chron. de elRei D. João III. P. IV. Cap. 35 e seg.)

NICOLÁO DE FRIAS — Vej. Volkmar a pag. 161.

Foi um dos architectos que acompanhárão a elRei D. Sebastião na infausta empreza de Africa, e diz a *Chron. de Fr. Bernardo da Cruz*, que na marcha do exercito de Ar.

zilla para Larache hião *pera sitiadores do campo Phelipe Estercio italiano, e Nicoláo de Frias, grandes architectos*.

Sousa faz menção de Nicoláo na *Hist. de S. Doming*. P. I. Liv. 1. Cap. 27 fallando de uma religiosa de virtude, que fôra sua irmãa.

SEBASTIÃO TIBÁO — Fez delle menção Diogo do Couto, Decad. 12. Liv. 4. Cap. 1. qualificando-o de *grande Engenheiro*, e presumia que elle seria *Flamengo de nação*. — Servia na India pelos annos de 1599, e tinha o titulo de *Engenheiro mór*, como se collige do mesmo Couto no lugar citado, e nos Capp. segg.

THOMAZ FERNANDES — Falla delle Damião de Goes na *Chron. de elRei* D. Manoel P. II. Cap. 16, e diz que era na India *Mestre das obras de elRei*, e que havia feito *todas as fortalezas que lá tinhamos até o anno de* 1506. O mesmo tinha dito Castanheda, na *Hist. da India*, Liv. 2. Cap. 45. chamando-lhe *homem de bom saber na sua arte, e de sutil engenho.*

VALENTIM — Rebello, na *Descripção do Porto*, faz menção de um discipulo de Miguel Angelo, chamado *Valentim*, que foi o author da admiravel fabrica da Cathedral do Porto. (Vej. a dita obra, pag. 58.)

Arte de escrever,

Desenho á penna.

DOMINGOS DOS SANTOS DE MORAES SARMENTO — Era natudo Fundão, Bispado da Guarda, e foi um dos mais admiraveis Portuguezes da nossa idade na arte de escrever, e desenhar á penna.

Fazia toda a qualidade de letra com grande exacção, facilidade, e belleza. Esta desgraçada habilidade empregou elle em sua ruina, fabricando de letra de mão, e desenhando á penna apolices do R. Erario, com seus miudos e variados ornamentos, pelo que foi preso, e seria sentenciado á morte na fórma das leis, se a sua mesma prenda lhe não grangeasse a protecção de pessoas de grande respeito, que admiravão, e prezavão a arte. Ficou na torre de S. Julião em prisão perpetua, e ahi mesmo trabalhava de continuo na sua arte, até que a morte o levou.

He necessario ver as suas escripturas e desenhos, cheios dos mais delicados ornamentos para avaliar o incomparavel talento deste Artista.

Eu vi copiada por elle á penna, com a maior perfeição, a grande

estampa da Estatua equestre de el-Rei D. José I, com a qual se enganavão os olhos mais perspicazes, confundindo-a com a original aberta a buril.

Havia no Museo do mosteiro benedictino de S. Martinho de Tibães uma amostra deste extraordinario talento em *quatro pensamentos allegoricos*, dedicados á gloria de Napoleão Bonaparte, imperador que foi dos Francezes, feitos á penna em 1807, os quaes alli depositei, sendo-me para isso offerecidos pelo coronel de milicias reformado Francisco Pereira Peixoto Ferraz Sarmento, meu particular e saudoso amigo. Estas pequenas estampas quasi se não differençavão das melhores abertas a buril.

Este Artista era já fallecido em 1817, quando punhamos em lembrança estes breves apontamentos.

DUARTE D'ARMAS — Veja-se o que dizemos deste excellente Artista no artigo dos *Debuxadores, Desenhadores e Pintores*. O livro, de que lá falamos, que se guarda na Torre do Tombo, e que contém todos os desenhos das fortalezas do reino, é feito *á penna* com grande perfeição.

DUARTE LUIZ GARCEZ PALHA — Foi cadete no regimento de Cascaes. Eu possuo duas paizagens da sua mão, *desenhadas á penna*, que tem merecimento. Não sei se chegou a alcançar este seculo 19.

FRANCISCO DE HOLLANDA — Deste nosso celebre e douto Artista falaremos em outro artigo largamente. Aqui notaremos sómente que os desenhos que vem nas suas obras são *feitos á penna* com grande magisterio.

JOÃO BAPTISTA VIEIRA GOMES PINHEIRO — He natural da cidade de Braga. Fez o painel, que se conserva no Museo do mosteiro de S. Martinho de Tibães, o qual em um pequeno quarto de papel mostra o *Calix e a Hostia collocados sobre um grupo de nuvens*, tudo feito á penna, e de letra de mão, e miudissima escriptura, em que se lê o *Pater noster*, *Ave Maria*, *Gloria Patri* = e os *sete psalmos penitenciaes*. — Foi feita esta curiosa obrinha em Outubro de 1816.

MANOEL BARATA — Copiaremos aqui a noticia que deste Artista nos dá o illustre Filologo Francisco Dias Gomes, na Memoria, que vem impressa no 4.° tomo das *de Litteratura* da Academ. R. das Sciencias de Lisboa pag. 270 aonde analysando um passo do Soneto 187 de Camões, diz assim:

« O terceto he felicissimo fecho, digno de um tão bello soneto, que foi feito em louvor do *celebre Manoel Barata, a mais insigne mão de penna, que se conheceo na Europa até ao seu tempo.* » — Compoz este huma *Arte de escrever*, digna de estimação pela verdade e simplicidade dos preceitos, e pela elegancia e proporções da sua letra, onde se mostra mais a modestia do que a liberalidade, que tanto resplandece nos rasgos admiraveis dos caracteres inglezes. — Bem sabia o grande Camões, que a Arte de escrever com gentileza e bizarria de caracter he huma prenda digna de todo o homem de bom gosto, e que deve ser estimada, e ainda mesmo louvada por hum modo extraordinario, assim como elle o fez, que nesta materia mostrava ser bem destro, como provão huns argumentos manuscriptos da primeira edição da Lusiada, que

possuo, os quaes tenho para mim serem da mão do mesmo Camões; porque o caracter he o mesmo, que o do *Mestre Barata*, cuja Arte é um composto de preceitos, e reflexões sensatas, todas extrahidas da sua experiencia, e não como as miseraveis Artes que se tem publicado ha annos a esta parte de professores ignorantes, que não fazem senão trasladar, e ainda isso muito mal, acompanhando os ditos chamados preceitos com traslados dignos de todo o despreso, pelo mal executado, fazendo esforços impotentes, porque não se achárão ajudados do genio para imitar os exemplares dos grandes mestres inglezes, e os do tambem *grande Filipe Neri nosso portuguez*, ha dois annos fallecido, cujas letras não são capazes de imitar. Seja desculpada esta pequena digressão ao amador de huma Arte, na qual poderia *dizer, e executar* novidades, talvez ignoradas dos que a professão entre nós.» — Até aqui o douto critico Francisco Dias Gomes.

Manoel Barata foi mestre de escrever de elRei D. Sebastião. Na edição de Camões, feita em París em 1815, Tom. 3. pag. 414 se diz, que fôra natural da Pampilhosa, e morador em Lisboa; que publicára a sua *Arte de escrever* pelos annos de 1572; e que fôra o primeiro, que na Europa publicára traslados abertos em chapa.

MANOEL DE FARIA E SOUSA — Escriptor bem conhecido entre nós. Foi eminente na *Arte de escrever*, fazendo com perfeição toda a sorte de letra: copiava *á penna* qualquer estampa tão destra, e subtilmente, que se podia duvidar, qual era a de penna, qual a de chapa. Tambem fez progressos nas Artes de illuminatura, pintura, e desenho, as quaes exercitou na quinta de Santa Cruz dos Bispos do Porto, quando ahi esteve, na sua mocidade, na familia do Bispo D. Fr. Gonçalo de Moraes, benedictino, de quem era parente. (Vej. *Retrato de Man. de Faria y Sosa*, §. 10. e o *Supplem. ao Diction. de Bayle*, na palavra = *Faria*. =)

THOMAZ DA SILVA CAMPOS — Era professor de primeiras letras na Villa de Ponte do Lima, minha patria; e eu, de quasi cinco annos de idade, comecei e continuei a frequentar a sua escóla, pelos annos de 1771, aprendendo a ler, escrever, e contar, e o cathecismo pelo compendio de *Montpellier*.

O mestre era respeitavel, e mantinha na sua escóla ordem, sizudeza, e cuidado no estudo.

A sua escriptura era do gosto puramente portuguez do nosso *Andrade*, a quem imitava no caracter da letra, e nos ornamentos de cetras, aves, e flores, desenhadas a rasgos de penna.

Muitos annos depois, sendo eu já religioso, e o meu mestre fallecido, tive na minha mão um grosso livro em folha, em que se continhão muitos traslados feitos na mesma letra, letras debuxadas á penna, preceitos de bem escrever, principios de Arithmetica, etc. etc. tudo escripto pelo mesmo professor, durante o seu magisterio. Possuia esta obra um seu sobrinho. Faço gosto de recommendar aqui a memoria deste excellente professor, e de pagar este tributo de gratidão ao ensino que me deo.

Esculptores e Entalhadores

Em pedra, em madeira, em metaes, em cera, em barro, etc.

ALEXANDRE JUSTI — Egregio Estatuario, natural de Roma. Veja-se o que diz deste sabio Artista *Volkmar Machado* na *Collecção de Memorias*, etc. a pag. 260. Falleceo Justi em Portugal no an. de 1799, tendo vindo no de 1747. Veja-se tambem a *descripção analytica* da Estat. Equestre de elRei D. José I.

ANDRÉ CONTUCCI SANSOVINO — Parece que nasceo em 1461, pouco mais ou menos, pois achamos que fallecera na sua patria no an. de 1529 de 68 de idade. *Foi celebre modelador, bom desenhador, e famoso na perspectiva*, diz o *Diccion. de Architectur.*, etc. de *Roland le Virloys*. Paris 1770. 3 vol. 4.° — Deixou a guarda dos rebanhos, diz ainda este escriptor, para hir a Florença, onde seguio a escóla de Ant. Pollajolo, fazendo tamanhos progressos na esculptura, que foi *occupado nove annos por elRei de Portugal.*

Com effeito consta, que Contucci viera a Portugal para o serviço de elRei D. João II, que o pedira a Lourenço de Medicis, o velho. Aqui achamos em memoria que fizera hum belissimo S. Marcos de marmore, e que modelára, em barro, huma batalha dada aos mouros. Voltou á Italia em 1500 (diz Volkmar, citando Vasari.) O papa Julio II. lhe fez fazer dous tumulos na igreja de N. S. del Popolo em Roma, e Leão X. lhe mandou fazer as esculpturas da Santa Caza em marmore, etc.

ANTONIO FERREIRA—Foi mui distincto esculptor em barro, e cera: e ainda que *não teve todas as luzes da Arte* (diz hum sabio Artista e escriptor) teve o que se não adquire com o estudo, *o genio*, *inestimavel dom do Ceo*, *e teve-o em grão eminente : achão-se* cousas nas suas obras, *que encantão os mais escrupulosos intelligentes.* (V. Descripção da Estatua Equestr. pag. 292).

Volkmar pag. 256 diz, que *não parece possivel ver modeladas em barro melhores figuras campestres que as que conhecemos deste Artista, raro do ultimo seculo* (18.°)

O pai de Ferreira, Dionysio Ferreira, tambem era pratico na *plastica.* (ibid.) São obras do filho os presepios da Cartuxa, da Madre de Deos, do Coração de Jesus, e outros. Na ermida do Senhor da Serra em Bellas ha huma gloria de Serafins cercando a imagem de Jesus-christo, que dizem ser delle, etc. (Vej. o lugar citado de Volkmar, e tambem nas *Conversações sobre a Pintura, Esculptura, e Ar-*

****

chitectura a conversação 4.ª pag. 35, etc.)

AFFONSO LOPEZ — Achei memoria de *Affonso Lopez*, *Imaginario*, em documento do R. mosteiro da Batalha de 1534 — 1555.

DUARTE MENDES — Vem em documento da Batalha nomeado *Entalhador* em 1535.

DIOGO DE CARTA — As Cadeiras do Coro, na capella-mór da igreja do Carmo de Lisboa, feitas de talha relevada, com variedade de exquisitas figuras, e acções mui naturaes, forão mandadas fazer em 1548 pelo mais insigne mestre que no reino havia, chamado *Diogo de Carta* (*Chron. do Carm.* por Fr. José Pereira de S. Anna tom. 1. pag. 578, e *Memorias* de Fr. Manoel de Sá pag. 390.)

DIONYSIO FERREIRA — Veja-se aqui acima o art. *Antonio Ferreira*.

GIL EANNES — Vem nomeado com o titulo de *Imaginador* em documento do R. mosteiro da Batalha do an. de 1465.

HANRIQUE FRANCEZ — Vem qualificado *Entalhador* em docum. de 1535 do mesmo mosteiro.

GERONYMO CORRÊA — *Insigne Entalhador* lhe chama a *Chron. de S. Doming.* tom. 4. pag. 99 e 101, dizendo ser obra delle o retabolo da capella-mór do templo do mosteiro de Bemfica, que elle desempenhára *com todo o desvelo e primor da arte.*

JOÃO DE RUAM — Na obra intitulada *Descripçam e debuxo do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*, escripta em São Vicente de Lisboa pelo Prior D. Francisco em 1540, e impressa em Santa Cruz de Coimbra em 1541 em 4., descrevendo-se a fabrica do mosteiro e seus claustros, se faz menção *dos retabolos mui delicados de pedra* (que ainda hoje ali se vêem, posto que damnificados pelo tempo) e se dizem feitos *por mam* de *João Ruam, e doutros grandes officiaes.* Era isto em tempo de elRei D. João III.

JOÃO FRIDERICO LUDOVICI — Veja-se ácerca deste Artista o que diz Volkmar a pag. 176, e segg.

José Pereira de Santa Anna, na *Chron. do Carmo* tom 1. pag. 581 chama-lhe *insigne artifice*, e diz que fabricára seis castiçaes modernos, que servião na igreja do Carmo nos dias festivos, e erão (diz) estimadissimos *pelo primor com que estavão feitos.* Apparecerão a primeira vez em 1718, e custárão pouco mais ou menos seis mil cruzados.

No lugar citado de Volkmar se diz a sua naturalidade, os seus estudos, os exercicios variados da Arte e obras que desempenhou, etc.

JOÃO GONSALVES RUA — Chama-se *Entalhador* em docum. do cartorio do mosteiro da Batalha de 1536.

JOAQUIM MACHADO DE CASTRO — Foi hum dos mais habeis e mais sabios Artistas dos nossos tempos modernos. Da sua grande pericia nas Bellas Artes dá testemunho a magnifica obra da Estatua Equestre de elRei D. José I, que vemos e admiramos na grande praça do chamado, ainda hoje, *Terreiro do Paço* de Lisboa; e dos seus conhecimentos e instrucção scientifica temos abonada prova (entre outras outras obras que compôz, e imprimio) na *descripção analytica* da mesma Estatua e dos trabalhos artisticos que precederão, e acompanharão a sua execução, e collocação,

obra que elle mesmo compôz e se imprimio em Lisboa na *Imprensa Reg.* em 1810 em 4.°

Tudo o que he obra de *Esculptura* na Estatua, e seus ornamentos, pertence a Joaquim Machado de Castro; e com grande ignorancia, ou malevolencia, se tem pertendido dar o merecimento desta grande obra a Bartolomeu da Costa, que foi o *Fundidor*, e que executou na verdade a fundição com rara intelligencia, e felicidade, mas que não foi o *esculptor*, nem o *modelador*, que são os trabalhos mais difficeis e delicados da Arte.

Eu possúo as *quatro Estações* do anno de obra plastica, executadas por Joaquim Machado de Castro.

Veja-se *Volkmar* a pag. 265, aonde dá mais ampla idêa deste excellente Artista, e das suas obras.

JOSÉ DE ALMEIDA—Vej. Volkmar pag. 253 e segg. e a *Descripção analytica da Estat. Equestr.* pag. 292.

MANOEL DIAS — V. *Descripção analyt. da Estat. Equestre* pag. 292. A imagem da Senhora do Soccorro, que pelos annos de 1745 existia na sua capella, no convento do Carmo, era *obra do famoso Manoel Dias* (diz a *Chronica do Carmo*, tom. 1. pag. 671), *feita nos primeiros annos, em que exercitou a sua arte, e delle fazemos menção, por ser na opinião de todos o mais insigne dos Estatuarios que tem o reino.*

Era tambem de Manoel Dias a imagem do martyr S. Anastacio, que se venerava na mesma igreja do Carmo. (ib. tom. 1. pag. 705).

MANOEL PEREIRA — Este excellente Esculptor viveo e deixou as suas obras em Castella: falleceo em 1667 com 63 annos de idade, por onde entendemos que nasceo em 1604. Vej. a respeito delle *Cyrillo Volkmar Machado* a pag. 251, e Pallomino ahi citado.

Ponz, na sua viagem de Hespanha, dá-nos noticia das seguintes obras de *Pereira.*

1. Na parochia de S. André em Madrid huma estatua do Santo sobre a porta.
2. Na capella dedicada a S. Isidro lavradas as *estatuas dos S. S. lavradores*, que passárão para os pilares da capella-mór da igreja de S. Isidro.
3. No nicho da porta que olha para a praça, chamada da cevada, a estatua do Santo (Isidro) que depois se pôz na igreja Real do mesmo.
4. Outra estatua de N. Sr.ª com o Menino nos braços.
5. Na igreja do Rozario dos P. P. Dominicanos o *Santo Christo do perdão.*
6. Na parochia e mosteiro de S. Martinho a estatua do Santo, partindo a capa com Christo, e outra de S. Bento.
7. Na igreja de S. Antonio dos Portuguezes em Madrid duas estatuas do Santo.
8. Na igreja das Benedictinas de S. Placido as quatro estatuas dos pilares da cupula.

O *Diccionar.* de *Roland le Virloys*, que ja temos citado, fazendo menção de *Emmanuel Pereira, Esculptor Portuguez*, diz que elle fallecera em 1667, de 67 annos de idade; e que fizera muitas estatuas para a côrte de Madrid, e para differentes igrejas da Hespanha.

Hindo eu no anno de 1821 visitar a igreja dos Dominicanos de Bemfica, em companhia do nosso bem conhecido Artista *Sequeira*, e admirando o Santo Christo de vulto, em grande, que se venerava no altar do cruzeiro do lado do Evangelho, me assegurou Sequeira, que era obra do nosso eminente Esculptor *Manoel Pereira*, fazendo-me notar algumas bellezas della, assim como de outra no altar fronteiro de N. Senhora com o Menino nos braços.

Sobre o arco cruzeiro estão outras duas estatuas de S. Jacintho, e S. Pedro martyr, que se diz serem do mesmo Manoel Pereira.

Ponz diz que ha na Cartuxa de Miraflores, perto de Burgos, huma *belissima estatua de S. Bruno da mesma mão* (diz) *da que está em huma estimação sobre a porta da Hospedaria da rua de Alcalá da corte de Madrid, isto he, de Manoel Pereira.*

MARIA JOSEFA — Esta donzella, e outra sua irmãa, por nome Thomazia Luiza Angelica, ambas de honestissimo procedimento, filhas de Ignacio da Silva, escrivão do Juizo de Malta, e de sua mulher Gracia Teresa de Jesus, naturaes da freguezia de S. Ildefonso da cidade do Porto, *formavão de cera tudo o que pode idear a imaginação, ou copiar a arte.* Em cera imprimião retratos perfeitissimos, figuravão arvores, flores, frutos, etc., realçando tudo com bellas côres, e tão naturaes, que enganavão os olhos, tomando-se por natural huma roza, hum pomo, etc. O mimo e delicadeza de suas obras merecerão os elogios das Pessoas Reaes, e de todos os que sabião avaliar tão raras perfeições. Vivião no sec. 18.°, quando escrevia Rebello a *Descripção do Porto*, donde tiramos esta noticia.

NICOLÁO FRANCEZ — *Grande Estatuario* lhe chama Duarte Nunes de Leão na *Descripção de Portugal*, cap. 23, aonde diz que fizera *o excellente retabolo de N. Senhora da Penha de Cintra, com suas figuras de relevo, o qual he de huma pedra branca finissima, e lustrosa, que se acha na mesma serra de Cintra.* Luiz Mendes de Vasconcellos, *Sitio de Lisboa*, pag. 209, falando do convento de Cintra diz, que *he mui notavel pela perfeita esculptura do retabolo, que he todo de pedra, admiravelmente lavrado.*

Faria e Sousa, na *Europ. Portug.* tom. 3. part. 3. cap. 12. diz que este retabolo (que qualifica de *maravilhosa sumptuosidade*) he todo de alabastro, mandado fazer por el-Rei D. João III. por occasião do nascimento do Principe D. Manoel.

Jorge Cardoso, no *Agiolog.*, nota ao dia 8 de Abril, diz que o bello retabolo do convento da Pena de Cintra, de religiosos de S. Jeronymo, em que se vêem *muitos baixos relevos de excellente fabrica*, fôra mandado fazer por elRei D. João III. *pelo insigne artifice Mestre Nicoláo Italiano.*

PEDRO DE FRIAS — Huma parte, com que foi acrescentado, pelos annos de 1510, o retabolo da capella-mór da igreja do Carmo de Lisboa, foi feita de madeira por Pedro de Frias, que nas memorias da ordem se qualifica de *grande marceneiro* daquelle tempo. He *feita de semblagem com columnas*, diz a *Chron. do Carmo*, tom. 1. pag. 580.

THOMAZIA LUIZA ANGELICA

— Veja-se acima o artigo *Maria Josefa,* aonde fazemos menção desta sua irmãa, e da admiravel prenda de que ambas erão dotadas.

PEDRO TACA — Era *Entalhador,* e vivia pelos ann. 1549 e 1561 em que o acho commemorado em documentos da Batalha, por onde parece que trabalharia em obras daquella casa.

Gravadores.

AGOSTINHO SUAREZ FLORIANO — *Gravador.* No *Regimento do S. offic. da Inquis.*, impresso em Lisboa, nos Estáos, por Manoel da Sylva, anno de 1640 em folha vem huma bella portada, aberta em metal com a subscripção = *Agostinho Suarez Floriano fez* = No 1.° tomo dos Sermões do P. Franc. do Amaral, impresso em Braga por Gonçalo de Basto, vem a portada e titulo aberto em chapa de metal com a subscripção = *August. Suar. Florian fecit.* =

ANDRÉ VETERANO — Na obra intitulada = *Oxoniense Scriptum...* etc. = impressa em Coimbra por Diogo Gomez Loureiro, an. 1609 em folha vem no frontespicio huma estampa fina, e de algum merecimento, aberta em metal. A subscripção diz = *Andreas Veteranus fecit.* =

ANTONIO MARTINS DE ALMEIDA — *Optimo Ensaiador de moeda* lhe chama o autor da *Histor. Geneal.* tom. 4. pag. 421, e diz que como tal, e por sua grande pericia nesta arte fôra pedido de Hespanha. Faz delle menção *Pons*, na sua *viagem de España*, tom. 9. cart. 6. num. 17., dizendo que fôra a Sevilha mandado pela Côrte para regular as operações da fabrica da moeda, pelos annos 1730 e segg.

ANTONIO PEREIRA — *Gravador.* Na obra *Tyrocinium Theologiae*, impressa em Lisboa na offic. Craesbeeckiana em 1668, vem no 1.° vol. huma estampa com a subscripção = *Antonius Pereira excudebat.* =

ANTONIO PINTO — *Gravador.* Na obra intitulada = *Histor. do apparecimento de N. Senhora da Luz* = impressa em Lisboa por Pedro Craesbeeck, em 1610, em 4.°, vem huma estampa de N. Senhora, com sua tarja, e ornamentos, aberta em chapa de metal com a subscripção = *Antonio Pinto Lusitano exculp.* =

ANTONIO QUILLARD — *Grav.* Foi este hum dos Artistas, que no reinado de elRei D. João V., por ordem deste Soberano, e por occasião da fundação da Academia R. da Historia, forão chamados para

****

Portugal, e aqui se estabelecerão, e exercitárão as suas artes. Ha muitas estampas do buril de Antonio Quillard em diversas obras da Academia R. da Hist. e dos seus Socios. Vej. as *ultimas acções do Duque de Cadaval*, impressas na officina da Musica em 1730. Firmava as suas gravuras = *Ant. Quillart invenit et sculpsit.* = outras vezes = *A. Quillard f.* =

B. DE ALMEYDA — *Gravador*. No *Theatro Histor. Geneal. e Panegyr.* da casa de Sousa, impresso em Paris em 1694, cujas excellentes estampas são de *Giffart*, gravador do Rei, vem a primeira do frontespicio com esta nota = *B. de Almeida incid.* 1693 — *P. Giffart fecit sculptor Regius. Parisiis.* = aonde = *B. de Almeida* = parece indicar Artista Portuguez, que por ventura trabalhava em Paris debaixo da direcção de *Giffart*.

BENTO MORGANTY — Celebre Antiquario, e Artista Portuguez. — Achão-se na *Histor. Geneal.* medalhas e moedas gravadas por elle com a subscripção = *B. Morganti delin.* =

BERNARDO FERNANDES — *Gravador*. No Poema *Elisabetha triumphans* de Fr. Jeronymo Vahia, Benedictino, impresso em Lisboa em 1732 em 12, se vê hum frontespicio aberto a buril, com o retrato do autor, titulo da obra, e ornamentos, e no fundo a subscripção = *Bernardo Frz. Lisboa occid.* =

Conjecturamos que será do mesmo gravador a estampa do retrato de Manoel de Faria e Sousa, que vem na obra intitulada = *Retrato de Faria y Sousa* = impressa em Lisboa em 1733, a qual estampa he aberta a buril, e tem esta subscripção = *Bernardo F. Gayo comp. Escu. Lisb. occid.* =

BERNARDO DOS SANTOS — *Gravador*. Na obra intitulada = *El Doctor eximio, y vener. P. Francisco Soares*, etc. = impressa no R. Collegio das Artes, em Coimbra, an. 1731, vem a estampa do retrato do P. Soares, assás grosseira, com a subscripção = *Bernardo dos Santos a fez.* 1730. =

BRAS NUNEZ — *Gravador*. Na *Ethiopia orient.* de Fr. João dos Santos, impressa no convento de S. Domingos, em Evora, an. 1609 por Manoel de Lira, em folha, vem a portada do frontespicio, aberta em metal, com a subscripção = *Bras Nunes fecit.* =

O *Itinerario da India* de Fr. Gaspar de S. Bernardino, impresso em Lisboa, na offic. de Vicente Alvares, em 1611, em 4.°, tem o frontespicio e titulo aberto em metal com varios ornamentos, e ahi se vê tambem a subscripção = *bras nunes fecit.* =

CAETANO ALBERTO DE ALMEIDA — Em concurso, que se abrio na caza da moeda de Lisboa, gravou este concorrente huma medalha de Camões, de que possuo hum exemplar. Tem o an. 1821, e na face, e no exergo se lê = *Almeida F.* =

CARLOS DE ROCHEFORT, *filho* — He hum dos Gravadores, que trabalharão em Portugal no reinado de elRei D. João V., filho de *Pedro de Rochefort*, de que falaremos no seu lugar. Ha gravuras deste Artista na *Histor. Univers. de Vallemont*, traduzida em Portuguez, e impressa em 1737 com a subscripção = *Carlos de Rochefort, filho.* 1783 = No segundo tomo da mes-

ma obra vem huma estampa da arte do Brazão, com a subscripção = *C. de Rochefort filius sculpsit.* =

CARPINETTI — *Grav.* Deste Artista faz menção Volkmar Machado na sua *Collecção de Memorias*, etc. a pag. 115 aonde diz que Carpinetti fora discipulo de Antonio Joaquim Padrão, e aponta algumas obras suas. Na *Recreação Philosoph.* do P. Theodoro de Almeida, impressa em Lisb. por Miguel Rodrigues an. 1757, vem no tom. 4. algumas estampas com a firma = *Carp. scul. Lisboa.*

A bella estampa que representa o Marquez de Pombal, com a letra = *Dignum laude virum Musa vetat mori* = aberta a buril tem as subscripções = *Parodi vultum expressit* = : = *Carpinetti Lusitanus delineavit et esculp.* 1759. =

Volkmar lhe dá o nome de = *João Silverio Carpinetti.*

CLEMENTE BILLINGUE — *Grav.* Nas *Emprezas de S. Bento*, compostas por Fr. João dos Prazeres, Benedictino, e impressas em 1685 em folha se vê a estampa do frontespicio com a nota = *Clemens Billing. f.* = Outra obra intitulada = *Cordel triplicado*, etc. = em 4.° tambem tem estampas do mesmo gravador.

Em huma Arte de Musica, intitulada *Arte Minima*, impressa em 1685 vem huma estampa aberta em metal, e firmada = *Clemente Billing.* =

FRANCISCO BARTOLOZZI — Veja-se a respeito deste illustre Artista e grande mestre da bella Arte da Gravura a noticia que delle dá Volkmar a pag. 289.

FRANCISCO GOMES — *Gravador.* Gravou em cobre a maior parte das estampas das *Emprezas de S. Bento*, compostas por Fr. João dos Prazeres, Benedictino, e impressas em 1685 em fol. cujas chapas existião ainda nos primeiros annos deste seculo 19. em hum mosteiro benedictino, aonde as vimos.

FRANCISCO HARREWYN — He hum dos gravadores estrangeiros, chamados para Portugal em tempo de elRei D. João V.

São frequentes as obras desse tempo, em que se vêem estampas, e vinhetas com a subscripção deste Artista. O retrato de elRei D. João I. estampado nas suas *Memorias* tem a firma = *Franc.s Harrewyn delineavit, et sculpsit.* 1730 = O frontespicio desta mesma obra tem a subscripção = *Franciscus Vieira Lusitanus invenit* = : = *Francs Harrewyn Sculpt Lisboa.* =

Volkmar Machado explica-se a respeito deste Artista nos seguintes termos = *Francisco Harrewyn, abridor Regio em Bruxellas, gravou os retratos dos Senhores D. João o IV., D. Affonso VI., D. Pedro II., e D. João o V. em corpos inteiros.* =

F. S. BRUNO — *Gravador.* Na obra intitulada *Estrangeiros no Lima*, impressa em Coimbra em 1785 e 1791, vem algumas estampas com a subscripção = *F. S. Bruno sc.* = *F. S. Bruno. gravou. Porto* = *Bruno fez. Porto.* =

F. X. F. — Na *Hist. Univ.* de Vallemont traduzida em Portuguez achamos no 3.° vol. impresso em 1745 algumas estampas de *medalhas* com a firma = *F. X. F. F.* =

As tres letras iniciaes do nome fizerão lembrar-nos o Artista *Francisco Xavier Fabri*, Genovês de que faz menção Volkmar Machado

a pag. 229; mas não parece que se ajustem bem às datas, nem mesmo a especial Arte de *Architecto*, que Volkmar attribue a *Fabri*.

GABRIEL FRANCISCO LUIZ DEBRIE — *Gravador*. He outro Artista dos que forão chamados para Portugal no reinado do Sr. D. João V, diz Volkmar a pag 282, que era Francez, e que gravou *muitas pranchas para a Hist. Genealogica*, e que em 1739 abrio os retratos de elRei e da Rainha pintados por Ranc. Na *Hist. Geneal.*, nas *Memorias dos Templarios*, etc. achamos estampas e vinhetas suas, dos ann. 1732. 1735. 1737. 1754. etc. Como porem Volkmar diz que Gabriel Francisco tivera hum filho, nascido em Lisboa, e tambem Gravador, nem sempre podemos discernir as estampas de hum das do outro; porque achamos as subscripções ora com o nome inteiro, ora com só o appellido: v. g.

« *G. F. L. Debrie invenit et sculps.* 1737 »
« *Debrie inv. et f.* » (1754).
« *Debrie delineator et sculptor Regius* » (1754)
« *G. F. L. Debrie del. et sculps.* »

As estampas da Geometria de Euclides do P. Manoel de Campos, são abertas por *Debrie* em 1735.

DE GRANPRÉ — *Gravador*. He ainda outro estrangeiro, que trabalhou em Portugal no reinado de elRei D. João V. Na *Geograf. Histor.* vem estampas suas, abertas em Lisboa, nos ann. de 1729 e 1731.

GREGORIO FRANCISCO DE QUEIROZ — *Gravador*. Deve ler-se Volkmar Machado a pag. 293. — Quando começamos estes apontamentos em 1825, era Queiroz tido por muitos como o melhor gravador que então havia no reino.

A obra mais antiga, que delle temos visto, he a estampa do retrato de D. Eusebio Luciano de Carvalho Gomes da Silva, que vem no *compendio* da vida deste virtuoso mancebo, fallecido em Goa de 26 annos, eleito, e já confirmado em Roma Bispo de Nankim. A obra foi impressa em 1792, e a estampa tem as subscripções = *G. F. A. Queiroz fez* = *J. de Barros inv.* = Esta segunda parece ser de *Jeronymo de Barros*, de quem Volkmar diz que Queiroz fora discipulo no Desenho, e Gravura de agoaforte.

A linda estampa da morte de S. Luiz Gonzaga he aberta por Queiroz, e tem estas notas:

« *D. A. de Siqueira A. R. inv. et del.* 1799 »
« *G. F. e Queiroz sculpt. em Londres, sendo disc. de F. Bartolozzi R.* » e no fundo:
« *Gregorio Francisco de Queiroz, Pensionario do Principe N. Senhor* »

A estampa do *Ecce homo*, ou do *Senhor Santo-christo dos milagres*, que se venera na igreja das religiosas da Esperança da cidade de *Ponta-delgada* na ilha de S. Miguel, foi aberta por Queiroz, e tem a subscripção = *G. F. de Queiroz grav. de S. Mag. sculp. em* 1827 =

O retrato do distincto Artista Cyrillo Volkmar Machado, que vem á frente da sua *collecção de Memorias*, etc. he gravado por Queiroz com grande perfeição, a meu parecer. Tem a subscripção = *Queiroz G. de S. Mag. Fidel. sculp. em* 1823 = no lado opposto se lê = *M. Servam Pintou em* 1791. =

Tambem parece ser de Queiroz a estampa da imagem de N. Senhora do Carmo de Lisboa, que tem a subscripção = *G. f. f. Lx.ª* =

GASPAR FROES MACHADO — Volkmar a pag. 130 faz menção deste Artista, dizendo que gravou

as estampas do retrato da Rainha Sr.ª D. Maria I, pintado por Hickey, retratista Inglez, pelos ann. de 1783. Foi Gaspar Froes discipulo de Joaquim Carneiro da Silva, segundo refere Volkmar a pag. 284. Vej. Volkmar a pag. 286.

JANUARIO ANTONIO XAVIER — Na *Histor. Eccl. Lusit.* de D. Thomaz da Encarnação, impressa em Coimbra em 1759, vem algumas vinhetas abertas em chapa de metal com a firma = *Januario Antonio Xavier a fez.* =

JERONYMO LUIZ — No Poema = *Successo do segundo cerco de Diu* = impresso em Lisboa em 1574 por Anton. Gonsalves, em 4.º, vem no frontespicio huma estampa aberta a buril, que não carece de elegancia, e tem a subscripção = *Jeroni. Luis me f.* =

JOÃO BAPTISTA — A *Miscelanea* de Miguel Leitão de Andrada, impressa em Lisboa por Matheus Pinheiro, em 1629 em 4.º, tem a portada do frontespicio aberta a buril e na subscripção, que está (no exemplar que vimos) damnificada, bem se lê = . . . *sta Lusitano fecit.* =

Antes desta primeira folha vem o retrato do autor, posto de joelhos diante da imagem de N. Senhora da Luz, em acção de offerecer-lhe hum livro.

Esta estampa tem a subscripção = *João bautista fecit* = que he sem duvida o mesmo que gravou a portada.

JOÃO GOMES — Na obra = *Vida e martyrio de S. Quiteria* = impressa em Coimbra em 1651 em 4.º, vem no principio huma pequena estampa da Santa degolada, de inferior merecimento, com a firma = *João Gomes.* =

JOÃO GONSALVES — Foi natural de Guimarães; lavrava moeda com raro primor no anno de 1562, reinando elRei D. Sebastião; e era dotado de tão extraordinaria habilidade, que não tendo cultivado as letras, inventou maquinas e artefactos que poserão em admiração os homens mais doutos. Chamavão-lhe por antonomasia = *o engenhoso* = Vej. o *Elucidario* de Viterbo na palavra = *Engenhoso.* =

JOÃO SCHORKENS — Foi natural de Flandres, e parece que trabalhou em Castella. Na Vida do Vener. Arcebispo de Braga D. Fr. Bartolomeu dos Martyres, impressa em Vianna em 1619 em folha vem o retrato do Arcebispo, aberto a buril, com a nota do abridor = *Joan. Schorkens fecit* = He provavel que seja da mesma mão a portada do frontespicio.

Acho em memoria que gravára o desembarque de D. Filipe II na praia de Lisboa, desenhado por Domingos Vieira Serrão.

JOAQUIM CARNEIRO DA SILVA — Cyrillo Volkmar Machado, a quem tantas vezes temos citado, dá ampla noticia deste celebre Artista (que viveo até os nossos tempos) dos seus estudos, dos seus trabalhos nas Artes, e do seu distincto merecimento. Vej. as *Memor. dos Pintores, Esculptores, etc. Portuguezes*, a pag. 281.

No *Breviar. Rom.*, impresso em Lisboa em 1815 na Typograph. Reg. em 8.º vem algumas estampas com a firma = *Silva f.* = ou = *Silva del.* =

JOÃO GOMES BAPTISTA — *Abridor de cunhos.* Volkmar, pag. 288.

JOÃO CARDINI. — Na collecção de *Retratos dos Grandes Homens da nação portugueza*, em folh. vem

****

o retracto de *D. Affonso Henriques*, primeiro Rei de Portugal, com a subscripção = *João Cardini sculp. em Lisboa.* =

JOÃO MATHEUS — Na *Vida de Santa Rita*, impress. em Lisb. Occid. em 1735 em 4.° vem huma estampa, e nella a subscripção = *J.s matheo sculp.* = Ahi mesmo a estampa do S. Christo de Lucca, tem a firma = *J.s matheo sculp.* =

JOSEFA DE AYALLA — Esta illustre Pintora, conhecida entre nós pelo nome de *Josefa de Obidos*, por ser natural desta Villa, parece que tambem exercitou a gravura; por quanto na edição dos *Estatutos da Universidade de Coimbra* de 1654, em folh., achamos uma estampa aberta em metal, e nella a firma = *Josepha Ayalla, Obidos.* 1653. =

J. CUSTODIO DE SÁ — Vimos huma estampa, de que não fizemos outra memoria, senão que tinha a subscripção = *J. Custodio de Sá inv. et delin.* 1750. =

Na *descripção funebre das Exequias de elRei D. João V.* impressa em 1750 em 4.°, vem vinhetas e estampas de varios abridores, e entre elles acho — *J. Custodius de Sa inv. et deliniav.* 1750. =

JOÃO DE FIGUEIREDO — Veja-se o que diz deste Artista Volkmar a pag. 278.

Possuo um *camafeu* com o retrato da Senhora D. Maria I. em prata, que parece ser de Figueiredo.

Tenho tambem huma peça de porçolana de Bartolomeu da Costa, em que se vê aberta a maquina que suspendeo a Estatua Equestre de elRei D. Jozé I, e nella se lê a subscripção = *Lisboa. Gravada no Arsenal Real do Exercito por João de Figueiredo.* =

Forão discipulos de *Figueiredo* Nicoláo José Correa, natural de Lisboa, que estudou na aula da Fundição, d'onde sahio para a officina do *Arco do cego*, e della para a Imprensa Reg., aonde falleceo em 11 de Dezembro de 1814. — E Manoel Luiz Rodrigues Vianna, tambem Lisbonense, que ainda trabalha na Imprensa R.

JOSÉ LUCIO DA COSTA — vulgo — *o Coxinho* — Vej. Volkmar a pag. 292.

No Tratado de *Artilharia*, traduzido pelo Marechal de Campo Antonio Teixeira Rebello, e impresso em Lisboa em 1792, em 2 vol. de 4.° vem muitas estampas, abertas por este Artista, com a firma = *Lucius sculpsit. Lisboa.* 1792 = ou = *Lucius sculpsit. olisip.* 1792 =

São deste Artista todas as estampas numeradas I até XXIII. na *Descripção Analytica da Estat. Equestre*, impressa em Lisboa em 1810.

JOSÉ TEIXEIRA BARRETO — Vej. Volkmar, pag. 298.

Havia nos Mosteiros de Tibães e Santo Tirso muitos quadros pintados por este Artista antes de hir para Roma, e depois que de lá veio. Tinha caracter mui ameno, e huma grande viveza de engenho.

Eu possuo algumas das suas estampas, e um quadro a óleo que representa a = *Resurreição de Lazaro* = de que elle me fez presente.

Por sua morte testou de grande numero de quadros da sua collecção a favor do mosteiro de Tibães, e com elles se deo principio ao *Museu* instituido naquella Caza Benedictina, para onde eu tambem concorri com todas as *medalhas*, que tinha podido ajuntar, e assisti á fundação e collocação das Pinturas etc.

LUCAS VOSTERMANS — Era natural de Anvers. Pintor e Gravador. — Rubens lhe aconselhou dar-se ao buril, e elle tratou de tal modo as suas pinturas e gravuras, que adquirio reputação, e celebridade em ambas as Artes. As suas estampas são mui procuradas, e até concorreo para fazer conhecido mais extensamente o merito de Rubens. Tambem gravou obras de Vandyck. Usava da marca = V. = (*Diction. d'Architecteure* etc. *par Mr. C. F. Roland le Virloys.* Paris. 1770. 3 vol. em 4.º)

Na primeira Parte da *Chron. da Companhia de Jesus* do P. Baltazar Telles, vem a estampa do frontespicio com a subscripção = *Lucas Vorstermans, inventor, et sculpsit. Vlyssipone, ex typograph. Pauli Craesbeck. an.* 1645. =

Em outra obra intitulada *Harmonia scripturae Divinae*, . . . *Vlyssipone, ex officina Laurentii de Anveres, an.* 1646, vem no frontespicio huma estampa a buril, e no fundo a nota = *Lucas Vorstermans inventor et sculp. Anno* 1646. =

LUIZ SIMONEAU — Foi hum dos estrangeiros, que vierão para Portugal no tempo de elRei D. João V.

Nos escriptos dos membros da *R. Academia da Histor.* se achão frequentes estampas e vinhetas deste Artista. Vej. a *Geograf. Histor.*, impressa em 1784, as *Antiguid. de Braga*, em 1738, a *Vida do P. Vieira* por André de Barros em 1746. etc.

A familia *Simoneau* era de Orlêans, e della achamos noticia de *Carlos Simoneau*, gravador, nascido em Orléans em 1639 e fallecido em 1728, e de *Luiz Simoneau*, irmão de Carlos, e *mui habil na mesma Arte.* Este pode ser o mesmo de que aqui falamos.

MANOEL CORRÊA — Depois da canonisação de Santa Mafalda, se publicou huma estampa do seu tumulo no mosteiro de religiosas Cisterciensis de Arouca, aonde se lê esta inscripção:

> « *Santa Mafalda, Rainha de Castella, religiosa Cisterciense, reformadora do mosteiro de Arouca, e declarada Santa pelo* S. P. Pio VI. *na sua bulla, datada em* 27 *de Julho de* 1792, *cujo corpo se venera no mesmo mosteiro, obrando muitos milagres* »

Na extremidade da estampa tem a firma = *Manoel Corrêa f.* =

MANOEL RODRIGUES DA SILVA — O autor da *Hist. Genealog.*, no tom. 4. pag. 421. o qualifica de *excellente artifice, inventor da cerrilha da moeda em Portugal.*

MIGUEL LE BOUTEUX — *Architecto e Gravador.* Foi outro estrangeiro dos que vierão a Portugal no reinado de elRei D. João V, e ahi concorrerão para o restabelecimento do gosto das Bellas-Artes.

Nas *Memorias de Malta* impressas naquelle tempo se acha o mappa da ilha, gravado por este Artista com a subscripção = *Michael le Bouteux, Architectus Regis sculpsit.* 1736. =

Em 1752 abrio a fachada de Mafra em huma estampa de 4 palmos.

M. FREYRE — Na *Hist. Panegyrica* de Diniz de Mello e Castro, primeiro Conde das Galvêas, impressa em Lisboa em 1721 em folha vem a estampa do retrato de Diniz de Mello com a firma = *M. Freyre a fez.* =

O. COR — Achamos muitas estampas e vinhetas, gravadas por este Artista, no tempo de elRei D. João V, e julgamos ser hum dos estrangeiros, que nesse reinado forão chamados a Portugal.

O *Codex Titulorum S. Eccl. Lisbon. Patriarch.* impresso em 1746, traz huma estampa, em que se lê a firma = *O. Cor. sculp.* 1745. =

Na *Vida do P. Vieira*, impressa em 1746, em folha vem algumas vinhetas com a subscripção = *O. Cor.* =

PEDRO PERRET — *Gravador.* Este Artista gravou em bronze o elogio do insigne dominicano Fr. Luiz de Sotto-maior, que fez ajuntar ao seu retrato Manoel de Sousa Coutinho no an. de 1602, e de que faz menção na *Vida* do *Arceb.* D. Fr. Bartolomeu dos Martyres, Liv. 2. cap. 18. Ahi se denomina o Artista = *Esculptor de elRei.* =

PEDRO ANTONIO QUILLARD — Este Artista foi hum dos que vierão para Portugal no reinado de elRei D. João V.

Nasceo em París; e quando era de 11 annos de idade desenhava tão perfeitamente, que o Cardeal de Fleury appresentou algumas obras suas ao Rei Luiz XV, de quem obteve uma pensão de 200 libras.

Hum Medico Suisso chamado *Merveilleux*, que tinha projectado escrever a *Histor. Natural de Portugal*, e que para isso veio a este reino, moveo Quillard a passar com elle a Lisboa com o fim de desenhar as arvores, plantas, e outros objectos da Hist. Natur.

Chegado a Lisboa, e appresentando a elRei hum quadro da sua mão, ficou elRei tão agradado delle, que o nomeou desenhador e pintor da sua Academ. da Histor. com huma pensão mensal. Pintou os tectos do quarto da Rainha, e muitos quadros para a galeria do Duque de Cadaval, pelos quaes parecia seguir a maneira de Wateau, e acaso ter sido seu discipulo.

PEDRO DE ROCHEFORT — Vej. o art. *Carlos de Rochefort*, que foi filho de Pedro, e Gravador como elle.

A estampa do frontespicio da *Histor. da Academ. R. da Histor. Portug.* tem a subscripção = *Debuxada, e aberta por Pedro de Rochefort. Lisb. Occid.* 1728 = As *Memorias Eccles. de Braga*, impressas em 1732 tem na estampa do frontespicio = *Francisco Vieira invenit* = *Pedro de Rochefort fecit. Lisboa.* =

A estampa do frontespicio da *Hist. Geneal.* impressa em 1735 tem a nota = *Acabado ao buril por P. de Rochefort.* =

Nas *Memor. dos Templarios* vem outra estampa com a firma = *Aberto por Pedro de Rochefort. Lisboa.* 1732. =

Algumas vezes se lê simplesmente = *De Rochefort* = ou = *Retocado por de Rochefort* = podendo entender-se de *Pedro*, ou de *Carlos* seu filho.

O autor da obra intitulada *Prendas da Adolescencia*, impressa em 1749, tratando da arte de miniaturar, a pag. 134 diz assim = *E Luiz Roupertt, Bouchardon, Jussiepe Abraham... e Mariette com Rochefort Lusitano nos ensinão nas suas obras a pennejar, não só todas as roupas, mas ainda parte dos rostos, pés, mãos, ou carnes...* etc. = por onde se pode conjecturar que algum dos *de Rochefort* escreveo sobre a miniatura ou pintura, posto

que nenhuma outra noticia temos encontrado a este respeito.

ROUSSEAU — Veio para Portugal no tempo do ElRei D. João V, e cá exercitou a nobre arte da gravura.

Nas Memor. de Malta, impressas em 1734 vem gravuras, firmadas = *Rousseau sculpsit.* =

Na *Hist.* do Senhor de Mathozinhos se vê huma estampa com a firma = *Rousseau sculpsit. Lisboa.* 1736. =

THEODORO ANTONIO DE LIMA — Natural de Lisboa, discipulo de João de Figueiredo acima mencionado, e depois discipulo tambem do famoso Bartolozzi. Substituto da Aula do Dezenho no R. Collegio de Nobres.

No Breviar. Rom. impresso na Typogr. R. em 1815 em 8.° ha estampas com a firma = *Theodoro de Lima gr.°* =

A estampa do frontespicio do *Missal Romano* impresso na mesma Typogr. em 1820. tem a firma = *F. A. de Lima gravou.* =

Constructores de Navios.

ANTONIO JOAQUIM DE OLIVEIRA — Foi primeiro Engenheiro Constructor com a patente de capitão de fragata da Armada, excellente practico, e bom theorico. Teve a estimação dos almirantes inglezes Jervis, e Berkeley, que reconhecião os seus talentos, e os sabião apreciar. Fez-se notavel pelas suas construcções, e particularmente pela da náo *Principe Regente*, e pelo concerto da náo *S. Sebastião*, á qual metteo quilha e cavernas sobre o mar. Construio a fragata *Princeza do Brasil*, a curveta *Felicidade*, e huma canhoneira com peça de rodizio á popa. Construio tambem a náo *D. João VI*, lançada ao mar em 1815, a qual, apezar de se resentir do systema de construcção que elle tinha adoptado, de dar muito *amassamento* á náo e navios, é comtudo hum excellente vaso, hoje mais notavel por ser a unica náo, que possue a Marinha portugueza, que ha trinta annos ainda contava 12 navios de linha em estado de navegar. Falleceo este digno constructor pelos annos de 1816. (Nota dada em 1839).

ANTONIO LOPEZ FERREIRA — Segundo Tenente da Armada. Foi discipulo e ajudante de Antonio Joaquim de Oliveira, de quem acabamos de fallar.

ANTONIO DA SILVA — Contemporaneo de Manoel Vicente, de quem logo daremos noticia. Foi servir nos estados do Brasil e construio na Bahia a náo *Martim de Freitas* em

****

1761, e no Rio de Janeiro a náo *S. Sebastião* em 1767, ambas excellentes.

BENTO FRANCISCO — D. Francisco Manoel na *Epanaph. Bellica* IV., em que descreve o *conflicto do canal*, acontecido no anno de 1639, falla do galeão Portuguez *Santa Tereza*, capitana da nossa esquadra, que entrou no mesmo conflicto, e explica-se pelas seguintes palavras.

« Na retaguarda deste navegava a *Tereza*, que fôra para capitana deste reyno, fabricada por *Bento Francisco, homem notavel entre os nossos, cujo nome é bem que ande em memoria, pelos poderosos, e excellentes navios, que fez nesta idade:* pois assim como o pai natural de filhos nobres e grandes é digno da veneração da posteridade, não menos o deve ser aquelle, que artificialmente gerou obras, não só illustres por sua magestade, mas utilissimas por sua fortaleza á republica; em a qual virtude *não sabemos outro, que até o presente mayor lembrança haja merecido.* »

Póde ver-se na mesma Epanaphora o que diz o illustre escriptor sobre a fortaleza deste galeão, fabricado de *madeiras da provincia do Minho*, sobre o que, escrevendo o General D. Loopo a elRei D. Felippe IV. lhe dizia: « *Erão dignos de ser guardados, como o proprio serro do Potossi aquelles montes de Portugal, onde taes madeiras se criavão.* »

FRANCISCO DOS SANTOS — Na *Memoria a bem da restauração da Marinha em Portugal.... por José Maria Dantas Pereira*, impressa em Lisboa, na Typograf. Reg. em 1826, em um folheto de 4.° se diz que *Francisco dos Santos*, natural de Lisboa, escreveo um Tratado intitulado = *De re nautica* = em que trata *da fabrica dos navios.*

JOÃO GALLEGO — Foi constructor do celebre galeão *S. João*, conhecido pelo nome de *Bota-fogo*, e nomeado na nossa historia. Este notavel vaso de guerra foi começado a construir ás *Portas do mar*, em Lisboa, a 29 de Agosto de 1533, e trabalhando nelle diariamente 30 operarios, foi lançado ao mar a 24 de Junho do anno seguinte de 1534. Foi pedido expressamente pelo Imperador Carlos V, e mandado no soccorro que ElRei de Portugal lhe deo para a empreza de Tunez em 1535. (*Annaes da Marinha Portug.* pag. 410.)

JOÃO DE MIONA — Constructor de huma náo para elRei D. Affonso III, como consta da doação que este Soberano, por esse motivo, lhe fez no an. de 1260. (*Annaes da Marinha Portug.* pag. 17, aonde cita a *Monarch. Lusit.* tom. 5. liv. 16. cap. 12.)

JOÃO DE SOUSA PALHER — Foi capitão de fragata da Armada, e 1.° Constructor do Arsenal Real da Marinha, habil theorico, e bom desenhador.

Sendo Ministro de Estado da Marinha Martinho de Mello e Castro, construio a náo *Vasco da Gama*, e as fragatas *D. João Principe*, e *S. Rafael.*

No ministerio do Visconde de Anadia construio a fragata *Andorinha*, e duas barcas, huma canhoneira, e outra de fazer agoada.

Finalmente sendo Ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho (depois Conde de Linhares) e criando-se o corpo de *Engenheiros Constructores* foi nomeado chefe deste corpo com

a patente de capitão Tenente da Armada, e fundou a aula de *Construcção e Architectura naval* na reforma de 1796, sendo lente della por muitos annos. Falleceo em 1814.

JULIÃO PEREIRA DE SÁ — Aprendeo na escola pratica de Manoel Vicente, e pela sua consummada experiencia foi hum dos mais peritos, e insignes mestres do Arsenal, de quem se confiava a direcção dos trabalhos mais difficeis. Coadjuvou a Torcato José Clavina (de quem depois falaremos) em todas as suas construcções. Teve o especial encargo de reconstruir as seis náos, que successivamente entrárão no Dique, e que todas serião condemnadas, se não existisse aquella excellente peça, digna concepção do illustrado Ministro Martinho de Mello e Castro, e que por hum máo fado se deixou arruinar de todo nos nossos dias. As náos sofrerão no seu fabrico alterações essenciaes, a ponto de se fazer huma dellas de tres baterias, sendo d'antes de duas sómente.

Quando se criou o corpo de Engenheiros Constructores foi nomeado 2.° Constructor com a patente de segundo Tenente da Armada, passando depois até o posto de Capitão Tenente. Falleceo em 1821.

JOSÉ DOS SANTOS — Foi 1.° Constructor no Rio de Janeiro, e lá falleceo em 1838.

FRANCISCO JOSÉ MARTINHO — Segundo Tenente da Armada, e segundo Constructor do Arsenal de Lisboa: tem dado riscos para varios navios de guerra, e para alguns mercantes.

MANOEL DA COSTA — Discipulo de Torquato José Clavina. Servio no Arsenal de Lisboa, donde foi despachado Constructor para a Bahia nos estados do Brasil. Ahi construio alguns navios, e entre elles a náo *Principe do Brasil*, lançada no mar em 1800. Conservou-se naquelles estados até á época da sua independencia. Tambem pertenceo ao corpo dos *Engenheiros Constructores*, e teve patente de capitão Tenente graduado da Armada.

MANOEL FERNANDES — Existe na R. Bibliotheca da Ajuda hum volume em grande folha com o titulo.

> « Livro de traças de carpinta-
> « ria com todos os modelos e
> « medidas para se fazer toda a
> « navegação, assy d'alto bordo,
> « como de remo, traçado por
> « Manoel Fernandes official do
> « mesmo officio. Na era de
> « 1616 » ms.

Consta de 137 folhas, fóra seis em branco no fim, e duas no principio, n'uma das quaes vem o indice, e n'outra o retrato do autor. Tem muitas estampas illuminadas, humas que representão as náos daquelle tempo promptas a navegar, outras que mostrão a fórma dos bargantins, outras differentes peças das construcções etc.

MANOEL LUIZ DOS SANTOS — (Vive neste anno de 1839). He natural de Lisboa, Capitão Tenente da Armada, e o mais habil e distincto Constructor, que hoje tem a Marinha Portugueza.

Viajou nos paizes estrangeiros com o fim de adquirir novos conhecimentos na sua arte, e especialmente na architectura naval, segundo o systema adoptado pelas principaes potencias maritimas, para o que trabalhou por espaço de dous annos nos Arsenaes de Inglaterra debaixo da direcção dos melhores mestres, tra-

zendo depois para Portugal preciosas instrucções e methodos, que cá infelizmente se não tem querido aproveitar, sacrificando-se o distincto merecimento a interesses pessoaes, e a mesquinhas considerações.

Servio este habil constructor por tempo de 16 annos no Arsenal de Pernambuco, aonde construio o cuter *Fernandes Vieira*, que montava huma peça de rodizio de calibre 24, e 16 morteiros de borda. Construio mais as escunas *Infanta D. Maria Francisca*, e *Princeza D. Maria da Gloria*, que igualmente montavão huma peça do mesmo calibre, e fez muitos navios para a praça.

Voltou a Portugal em 1823. Passou a Inglaterra, donde regressou em 1826, e então foi empregado em varios serviços até 1833, em que foi nomeado 1.º Constructor do Arsenal de Lisboa.

No an. de 1831 construio na Cidade do Porto a Real Escuna, e huma barcaça de querenar: e em Lisboa concluio a corveta *oito de Junho*, primeiro navio portuguez que se construio de *popa militar*, e que foi lançado ao mar sobre hum berço de novo invento do autor, o qual evita os *pródigos* geralmente adoptados.

Concertou a náo *Rainha* depois de ter sido dada por incapaz, e habilitou-a a sahir ao mar com segurança, e a entrar em linha de batalha. Fabricou posteriormente todos os navios da esquadra libertadora em 1834 e 1835: e neste ultimo anno executou por ordem da Camara Municipal de Lisboa hum plano muito engenhoso para a formação de huma estrada desde Santa Apolonia até o caes de Belem, formando em alguns logares entre ella e a cidade bacias, ou dócas para uso do commercio.

Tomou por sua conta fabricar 12 escunas para a Companhia das Pescarias, e no espaço de hum anno as construio.

Desenhou em 1829 e mandou lithografar em 1830 huma = *Vinheta allegorica aos novos inventos e melhoramentos na sciencia naval militar* etc. =, e tem publicado algumas outras estampas com modelos e desenhos todos relativos ao melhoramento da construcção, segundo os methodos praticados hoje nas nações mais adiantadas, especialmente em Inglaterra.

Em 1825 obteve em Inglaterra patente de novo invento pela invenção de huma maquina a que deo o nome de = *Polypasto de Santos* = cujas vantagens forão observadas e reconhecidas. (*Gazet. de Lisb.* num. 212 de 8 de Setembro de 1830).

MANOEL VICENTE — Este habil Constructor foi o que nos tempos modernos estabeleceo a Escola pratica de Construcção no Arsenal R. da Marinha de Lisboa, d'onde depois sahirão excellentes mestres, e peritos constructores. E postoque não tinha grandes conhecimentos theoricos, era comtudo dotado de rara habilidade, com a qual lhe foi facil comprehender o mais difficil da arte.

Foi tambem o primeiro que ensinou a traçar na sala do *Risco* os differentes planos de construcção, e a tirar as competentes fórmas, o que até então se fazia, como em segredo, pelo constructor Inglez que dirigia o Arsenal.

Construio differentes embarcações, e entre ellas as náos *Conde D. Hen-*

rique, *D. João de Castro*, *Princeza da Beira*, *Affonso de Albuquerque*, e *Principe Real*, todas excellentes. A ultima, *Principe Real*, foi lançada ao mar em 1768, e passou por huma das melhores náos, que naquelle tempo havia na Europa. Hoje se faz digna da lembrança da Historia, porque nella se transportou ao Brasil em 1807 o Senhor D. João VI, então Principe Regente, com sua augusta mãi a Rainha Senhora D. Maria I, e com seu filho o Senhor D. Pedro de Alcantara então Principe da Beira, e depois nosso Rei, e sempre saudoso Libertador.

ElRei D. José I, conhecendo o grande merecimento de Manoel Vicente, o nomeou 1.° Constructor, e lhe conferio as honras do posto de Capitão Tenente da Armada, dando-lhe o ordenado de 4:800 réis por dia, que d'antes sómente se dava aos Constructores estrangeiros que vinhão servir em Portugal.

TORQUATO JOSÉ CLAVINA — Foi discipulo de Manoel Vicente, e succedeo-lhe no lugar de 1.° Constructor. Era mais practico do que theórico; mas tinha singular gosto, e rara aptidão para as obras de architectura naval. Construio varios navios de differentes portes, a saber:

No ministerio do Marquez de Angeja, a náo *Meduza* em 1780, as fragatas *Tritão*, *Golfinho*, *Cisne*, e *Minerva*, as charruas *Principe da Beira*, e *Aguia*, e o brigue *Lebre*.

No ministerio de Martinho de Mello e Castro, a náo *Maria I*, — e a náo *Rainha de Portugal*, a fragata *Ulisses*, os brigues *Gaivota*, *Serpente*, e *Palhaço*, o cuter *Balão*, e o hyacht *Anjo*.

A náo *Rainha de Portugal*, fabricada em 1790, foi huma das mais bellas obras deste Constructor, tanto pelo seu grande andamento, como por sua elegante fórma, e por outras boas qualidades que muitas vezes attrahirão a admiração dos estrangeiros. Por duas vezes que esta náo foi aos portos da Grã-Bretanha, os constructores Inglezes lhe tiravão o risco, e as dimensões. A Rainha Senhora D. Maria I attendeo o merecimento deste Artista, concedendo-lhe o lugar e ordenado do seu antecessor, e condecorando-o com o habito da Ordem de N. S. J. Christo. Falleceo pelos annos de 1800.

Pintores, Desenhadores, Miniatores, Bordadores, etc.

AFFONSO SANCHEZ COELHO — Foi discipulo de Rafael em Roma, e de Antonio Moro em Hespanha, e seguio a escola do primeiro, segundo Palomino.

Foi Pintor de D. Felipe II, a quem

****

muitas vezes retratou, e teve grandes estimações deste Principe, e de sua irmãa a Princeza D. Joanna, mãi de elRei D. Sebastião.

O Papa Gregorio XIII, Xisto V, os Duques de Florença e Saboya o estimárão e honrárão em grande maneira. A sua caza era frequentada pelo Cardeal Grambellas, pelos Arcebispos de Toledo e Sevilha, por D. João de Austria, pelo Principe D. Carlos etc. D. Felipe II lhe chamava o *Ticiano portuguez*, e passava muitas vezes por um transito reservado para o ver pintar.

Lope de Vega o elogiou e celebrou no seu *Laurel de Apollo*. Falleceo pelos annos de 1600.

Ha delle no Escurial, em differentes lugares, e capellas da igreja:

S. Gregorio, e S. Ambrosio.
S. Basilio M., e S. Athanasio.
S. Jeronymo, e S. Agostinho.
S. Paulo, e S. Antão abbade.
S. Lourenço, e S. Estevão martyres.
S. Vicente, e S. Jorge martyres.
S. Clara, e S. Escolastica.
S. Paula, e S. Monica.
S. Catharina, e S. Ignez.
S. Bento, e S. Bernardo.

Veja-se Volkmar Machado a pag. 66, e Ponz, *Viagem em Hespanha*.

No folheto intitulado = *Distribucion de los Premios... = pela R. Academia de S. Fernando*. 1781. pag. 67, referindo que Felipe II appellidára este Artista o *Ticiano portuguez*, accrescenta, que elle era merecedor deste nome pelo *exacto desenho, e bello colorido*, que brilha em seus retratos. *Jámais* (diz este escriptor) *Artista algum se vio tão favorecido da fortuna como Sanches Coelho.*

ALVARO MOURATO — Era *Pintor*, e com este titulo o acho nomeado em documento da Batalha do anno 1592.

ALVARO DE PEDRO (PERES) — O *Diccion. de Architect.* etc. por *C. F. Roland le Virloys*, de que falamos em outros lugares, faz menção *de Alvaro de Pedro, Pintor Portuguez, que vivia em 1450, e teve reputação.*

ANDRÉ GONSALVES — Pintor, discipulo de D. Julio Cesar de Femine, bom Pintor Genovez, que por muito tempo morou em Lisboa. Adquirio tanta franqueza, e liberdade na Pintura que fez infinito numero de obras para a Côrte e para as igrejas em estilo tão bello, e correcto, que se tivesse feito estudos em Italia, teria excedido todos os pintores da sua nação. Teve iguaes talentos para a figura dos homens, e para a dos animaes, que perfeitamente imitava ao natural. Tal é o juizo do Diccion. acima citado. Veja-se o que diz de André Gonsalves e de suas obras *Volkmar* a pag. 88. Falleceo em 1762 com 70 annos e meio de idade.

ANTONIO MACIEL — He qualificado como *Pintor de fama* por Fr. Luiz de Sousa na *Vida do Arceb.* L. 5. c. 5., e diz que por ordem do Arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesus tirára o retrato do veneravel D. Fr. Bartolomeu dos Martyres, pouco antes do fallecimento deste grande Prelado.

AVELAR — Veja-se em seus lugares = *José de Avelar Rebello* = e *Bras de Avelar.* =

ANTONIO CAMPELLO — Vej. adiante = *Campello = Manoel.* =

BENTO COELHO — Deste Pintor Portuguez fala o douto litterato Francisco Dias Gomes, nas suas

Poesias, na Elegia 1. ás Musas not. 11. aonde diz = *Bento Coelho, que floreceo no principio do seculo 18 teve mui viva imaginação: não se conhece Pintor, que tanto pintasse como elle, o que foi causa de se descuidar algum tanto da correcção. A maior parte das igrejas antigas de Lisboa estão cheias de Pinturas deste grande Mestre, do qual existem quadros de grande numero de figuras, todas com expressão propria do assumpto, fazendo partes interessantes daquelle todo, no que mostra ter possuido a poetica da sua arte em grão sublime. E se a nação portugueza fôra mais cuidadosa em celebrar os grandes homens, que em Portugal tem illustrado as Artes, este notavel artifice seria conhecido de todas as nações cultas.* = Vej. Volkmar a pag. 83 e segg.

O *Diccion.* de *Roland le Virloys* diz que Bento Coelho vivia em 1680, e fala da grande facilidade com que pintava, e da grande multidão de obras que fez, e logo continua = *Apezar da velocidade, com que pintava os seus quadros, acha-se nelle hum não sei que de agradavel, e hum colorido fresco e bello. Alguns da sua primeira maneira até são estimados como bons pelos conhecedores e professores etc.* =

BARTOLOMEU DE CARDENAS — Foi Portuguez, segundo Palomino. Fez muitas obras, que se achão em Valladolid, e trabalhou até o anno 1606 em que falleceo aos 59 de idade. Vej. Volkmar pag. 70 e Ponz, *Viagem de Hespanha*, tom. 11. cart. 3.

D. BERNARDA FERREIRA DE LACERDA —Celebre escriptora Portugueza, bem conhecida por suas Poezias, e outras obras. Della diz Rebello, na *Descripção do Porto*, que ninguem no seu tempo a igualára nas Artes *do Debuxo*, e *Miniatura.*

BRÁS DO AVELAR — Fr. José Pereira de Santa Anna, na *Chron. do Carmo* tom. 1. pag. 580, diz que no retabolo da capella-mór do Carmo de Lisboa erão apainelados os vãos entre as columnas, e se vião cobertos *de admiraveis pinturas de hum famoso Pintor, que então existia* (refere-se aos annos de 1548 — 1551) *chamado Brás de Avelar.* Estes paineis ainda existião em 1745 na sacristia do convento, ornando a parede do nascente, e representavão a Purificação de N. Senhora, a Fugida para o Egypto, e a Annunciação.

BRÁS PEREIRA — Filho de Fernam Brandão, guarda-roupa do infante D. Fernando. Veja-se a respeito deste Artista o art. *Francisco de Hollanda*, que em seu lugar havemos de escrever, e tambem Volkmar a pag. 63.

CAMPELLO (ANTONIO) — Pintor Portuguez, que floreceo em tempo de elRei D. João III. Foi Discipulo de Miguel Angelo Buonarota em Roma, e seguio o seu estilo na força do desenho, mostrando mais intelligencia no colorido, como disse Felix da Costa, citado por Volkmar a pag. 56 e segg. Donde vem dizer este Artista escriptor, que se pode applicar a Campello o que de Tibaldi disse Luis Carache, isto he, que soubera modificar a *fereza do desenho* do grande Mestre, e tornalo mais agradavel, sem prejudicar a sublimidade da sua maneira.

D. Francisco Manoel, no *Hospital das Letras*, nomeando os Portuguezes, que se distinguírão nas

Sciencias e Artes, põe *Camões* em Poesia, *Rezende* em Antiguidades, e *Campello* em Pintura. (Vej. a obra pag. 456.)

O *Diccion.* de *Roland le Virloys* tambem diz que pintou com bom desenho e grande estilo, segundo a maneira de seu mestre.

Foi obra de Campello a *Rua da Amargura* na escada de Belem, que bastava (diz Volkmar) para prova da sua primazia. Este Artista lhe attribue a *Coroação de espinhos*, e a *Resurreição*, no claustro de Belem etc.

CLAUDIO COELHO — Portuguez, Pintor celebre, falleceo em Madrid em 1693.

Foi discipulo de Francisco Ricci, Pintor de elRei D. Felipe IV (3.° de Portugal), e veio a ser hum dos melhores Pintores de Hespanha, tanto a oleo, como a fresco.

Huma das suas mais excellentes obras he o quadro, que está no altar da sacristia do convento do Escurial, representando Carlos II com os Senhores da sua comitiva, ajoelhado diante do Santissimo Sacramento, que o Prior do convento tem nas mãos, em acção de desagravo da profanação da Sagrada hostia, que tinha sido lacerada por um impio (*Tableau de l'Espagne moderne* par Mr. Bourgoing. Paris 1803, tom. 1. pag. 227.)

Ponz, na *Viagem de Hespanha*, falando do mesmo quadro diz = Está ali Carlos II ajoelhado; o celebrante com a Custodia na mão, cuja capa, e as dalmaticas do diácono e subdiácono parecem de verdadeiro brocado. Todos os Senhores da Côrte que assistírão estão retratados, bem como elRei, os religiosos, e os mais concorrentes. Em summa, o quadro he a mais perfeita imitação do successo. O seu campo he a perspectiva da abobeda, e parte da propria sacristia, interrompido de algumas figuras allegoricas de virtudes, e anjos, com certa cortina, que enriquece a composição. Se as Pinturas (conclue Ponz) que mais se aproximão á verdade dos objectos, são as melhores, poucas creio que se acharão, que mais mereção do que esta. =

O illustre gravador Francisco Bartolozzi, de que falamos em seu lugar, gravou este quadro a pedido de Antonio de Araujo de Azevedo, Ministro que foi de Portugal em Hollanda, Russia, e França, e depois Ministro e Secretario d'Estado em Portugal, Conde da Barca, grande amador das Bellas-Artes, natural de Ponte do Lima, minha patria.

Claudio Coelho foi Pintor do Rei, e do Cabido de Toledo, e ha paineis seus em muitas igrejas da Hespanha.

Em Çaragossa no collegio dos P. P. Agostinhos de Santo Thomaz de Villa-nova, valeo-se o Arcebispo D. Fr. Francisco de Gamia, de Claudio Coelho, fazendo-o hir da Côrte para executar huma das melhores obras que fez a *fresco*, pelos ann. de 1685. Pintou na cupula a Santiss. Trindade com gloria de anjos: encheo as paredes de ornatos varios, e nas dos arcos, que formão o cruzeiro, representou os SS. Simplicio, Fulgencio, Alipio, e Patricio. Ao lado da epistola se retratou Coelho a si mesmo. (Ponz, Viag. etc. tom. 15.) etc.

As pinturas que Ponz attribue a Claudio Coelho, são as seguintes:

1. Nas Agostinhas descalças de

Santa Isabel o *quadro de S. Felipe.*

2. Nos Trinitarios calçados algumas *pinturas da cupula.*
3. Na igreja R. de S. Isidro as *pinturas da cupula.*
4. Na mesma igreja *algumas das pinturas a fresco* da capella de S. Ignacio, e outras tambem a fresco na abobada e porta da sacristia.
5. Na parochia de S. André as *pinturas do retabolo de S. Roque.*
6. Na caza chamada da Panadaria, na praça maior, ha *hum salão*, e *huma antecamara* pintada por Claudio Coelho, e Donozo.
7. Na parochia de S. Nicoláo hum *S. João*, e o *quadro da Apresentação de N. Senhora* na sacristia.
8. Na igreja dos Premonstratenses *varias pinturas.*
9. Na igreja do Rozario dos P.P. Dominicos hum *quadro grande de N. Senhora*, *e a seus pés S. Domingos*, ao lado do presbyterio. E no altar de S. Domingos os *quadros de S. Jacinto*, e *S. Catharina.*
10. Na parochia de S. Gines os quadros collateraes da *Annunciação*, e da *Adoração dos pastores.*
11. Na parochia do mosteiro de S. Martinho as *pinturas dos retabolos collateraes.*
12. Na igreja das Franciscanas do cavalleiro de graça a *Sacra Familia — S. João Evangelista — S. João Baptista — S. Francisco — S. Antonio — S. Bernardino.*
13. Nos Carmelitas descalços huma *Cabeça do Salvador.*
14. Na caza dos beijamãos de Palacio huma *Nossa Senhora*, e *S. Fernando* de joelhos diante della.
15. Em Salamanca, na igreja de S. Estevão dos P.P. Dominicanos, hum bom quadro do martyrio do Santo etc.

CYRILLO VOLKMAR MACHADO — Veja-se a sua obra, que tantas vezes temos citado, intitulada = *Collecção de Memorias relativas ás Vidas dos Pintores, e Escultores, Architectos, e Gravadores Portuguezes, e dos Estrangeiros, que estiverão em Portugal, recolhidas e ordenadas por Cyrillo Volkmar Machado, Pintor ao Serviço de S. Magestade o Senhor D. João VI. Lisboa na Imp. de Victorino Rodrigues da Silva. Anno de* 1823 = em 4.°

Esta obra que o autor deixou ms., e recommendada para a impressão ao M. R. Conego da Insigne Collegiada de S. Maria, Luiz Duarte Villela da Silva, grande Amador das Bellas-Artes, e muito amigo do mesmo autor, sahio á luz pelos cuidados deste douto Ecclesiastico, que lhe fez alguns additamentos.

A pag. 302 e segg. vem as memorias do autor, que nos dispensão de as repetir aqui.

CHRISTOVÃO LOPEZ — Veja-se Volkmar, a pag. 67.

O *Diccion.* de Virloys, que temos citado, diz que era de Lisboa, que fallecera pelos annos de 1600, e que fôra discipulo de Affonso Sanchez Coelho, o que tambem diz Palomino, que fôra Artista illustre, e que obtivera de elRei D. João III a ordem da cavallaria.

****

Pintou (diz ainda o mesmo *Diccion.)* muitos objectos da Historia S. para as igrejas do reino, e de Hespanha; e posto que no seu tempo ainda dominava a *maneira sécca*, elle se desviou della, e operou com mais mimo *(morbidêz)* do que os seus contemporaneos. Pintou muitas vezes o retrato de elRei, que foi aplaudido de toda a Côrte.

Achamos que se lhe attribuem os paineis da capella-mór de Belem etc.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA — Deve ver-se a memoria deste illustre Artista em *Volkmar*, a pag. 148, que nos dispensa de fazer longo este artigo repetindo o que já se acha escripto.

Vi em caza de Sequeira, no an. de 1821, o *Panorama* de Lisboa, em que andava trabalhando.

Sequeira sahio de Portugal em 1823, quando foi abolido e perseguido o systema constitucional, e dirigio-se a França. « *Ahi* (diz um autor estrangeiro) *immortalizou o seu nome e o da sua nação com o magnifico quadro que no anno de* 1824 *expôz no Louvre, representando a scena dos ultimos momentos da vida de Camões.* »

De França passou o nosso Artista a Italia, aonde, entre outras obras, pintou quatro quadros, representando o nascimento, a morte, a ressurreição, e a ascensão do Senhor, os quaes lhe derão grande nome.

Falleceo em Roma a 8 de Março de 1839.

DIOGO PEREIRA PINTOR = Fala deste Artista Volkmar a pag. 75. Foi estimadissimo na representação de fogos, incendios, torres queimadas, purgatorio, inferno, e outros semelhantes assumptos. Tambem pintava com magisterio homens do campo, illuminados pela lua, ou pela fraca luz de huma candea: e finalmente fructos, flores, bambochatas, e paizagens ornadas de pequenas figuras de excellente gosto.

As suas obras são procuradas em França, Inglaterra e Italia, e ha, ou havia muitas em Lisboa. Falleceo septuagenario, depois do anno de 1658.

DOMINGOS DA CUNHA — Nasceo em Lisboa no anno de 1598, sendo seus pais Gregorio Antunes, e Margarida Pereira, os quaes vendo o filho inclinado á Pintura, lhe derão Mestre, com quem aprendeo os primeiros rudimentos desta arte.

Passou depois a Madrid, aonde se aperfeiçoou nos primores da Arte com Eugenio Cajêz, Pintor de D. Felipe II, observando ao mesmo tempo, e estudando as obras de outros Artistas que não faltavão então naquella côrte.

Voltou a Portugal com grande aproveitamento, e foi em seu tempo o Pintor de melhor nome, sendo vulgarmente conhecido pelo appelido de *Cabrinha*, nome que lhe derão pela sua figura. Teve pensamentos de discorrer pela Europa para communicar com os melhores Pintores; mas os seus amigos lhe desvanecerão esta idêa.

Suas obras erão muito estimadas, e desejadas: retratava com muita naturalidade: os fidalgos procuravão á porfia ter obras de Domingos da Cunha nas suas salas e galerias, distinguindo-se entre elles D. Francisco de Castro, Inquisidor Geral, D. Manoel da Cunha, Capellão-mór, o Conde Camareiro-mór etc.

Em o noviciado dos Jesuitas de Lisboa havia mais de cincoenta pai-

neis da sua mão, a Vida de Santo Ignacio, a do Santo Xavier, a de Nossa Senhora, os da igreja e claustro etc.

Retratou muito ao natural elRei D. João IV. Foi celebre a pintura que fez de S. Francisco de Assís, a qual em occazião de concurso obteve preferencia a todas as mais. O mesmo succedeo com a de S. Francisco Xavier.

Em 30 de Março de 1632, tendo 34 annos de idade, tomou o habito de Irmão na Companhia de Jesus, e falleceo a 11 de Maio de 1644 (Vej. a *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesu.* Lisboa, pelo P. Franco, pag. 485 e o *Agiologio Lusitano*, ahi citado.)

Na *historia da apparição, e milagres da Lapa*, pelo P. Antonio Leite, 1639. em 16, se faz menção de hum religioso da Companhia, que vivia pelos annos de 1635, *celebre Pintor*, autor do vinte e quatro paineis, que se vião naquella ermida da Lapa, *nos quaes se admirava* (diz o autor) *o temperar das tintas, o menear do pincel, o accommodar das cores, a propriedade das roupas, a viveza dos rostos, o natural das figuras, o talho dos corpos, a symetria dos membros, a graça dos semblantes, a elegancia dos cabellos, as linhas da perspectiva. Louva-se em particular a viveza e propriedade do painel da pastorinha Joonna, com a cestinha das maçarocas etc.*

Conjecturamos que este Pintor seria o Domingos da Cunha, de que aqui tratamos.

DOMINGOS RODRIGUES (FR.)— Ponz, na sua *Viagem de Hespanha*, tom. 12. cart. 7.ª §. 61, diz que o claustro dos P.P. Agostinhos calçados de Salamanca está adornado de huma porção de quadros, que representão martyrios, e tem a firma = *Fr. Dominicus Rodriguez Lusitanus, anno* 1682.

DOMINGOS VIEIRA SERRÃO — Desenhou o desembarque de D. Felipe II em Lisboa, gravado por *João Schorkens*, de que falamos no catalogo dos *Gravadores*. (D. Felipe II deve entender-se 2.º *do nome em Portugal, que era o Felipe III de Castella.)*

DUARTE D'ARMAS — Veja-se Volkmar Machado a pag. 55.

Damião de Goes, na *Chron. de elRei D. Manoel*, P. 2 cap. 27. caracteriza a Duarte D'armas de *grande Pintor*, e diz que traçára e debuxára as entradas dos rios, e situações das terras de Azamor, Çalé, e Larache em Africa, no anno de 1507.

Esta mesma noticia he repetida por Faria e Sousa, na *Afr. Portug.* cap. 7. num. 31, aonde diz, que pelos annos de 1507, querendo elRei D. Manoel guerrear os Reis de Fez, Mequinez, e Marrocos, enviára lá D. João de Menezes, com quatro navios, para sondar as barras de Azamor, Mamora, Çalé, e Larache, acompanhado de alguns cavalleiros, com os quaes hia *Duarte D'armas, grande desenhador.*

O mesmo Damião de Goes, na chron. do Principe D. João, cap. 9. refere, que desejando elRei D. Manoel ter a imagem da celebre *estatua equestre*, que se achou na ilha do Corvo ao tempo do seu descobrimento, mandára hum *seu criado, debuxador, que se chamava Duarte D'armas*, que a fosse tirar pelo natural, e que vendo elRei o debuxo, mandára hum homem engenhoso,

com aparelhos, para desmontar e trazer a Portugal aquella notavel antigualha.

No Real Archivo da Torre do Tombo, no armario 15 da *Caza da Corôa*, se conserva hum livro em pergaminho, com 139 folhas numeradas, álem das 4, que tem no principio sem numeração, e entrando nas 139 tres, que tem no fim em branco. O titulo deste livro he o seg:

« *Este livro* he das fortalezas,
« que sam situadas no estremo
« de portugall e castella, feyto
« por *duarte d'armas*, escudey-
« ro da caza do muyto alto,
« e poderoso, e serenissymo Rey
« e senhor dom emanuell ho
« prymeyro, Rey de portugall,
« e dos algarues daquem e dal-
« lem maar em afryca, senhor
« de gujnee e da conquista e na-
« vegaçaaom, e comercyo de
« Ahiopia, arabya, persia, e
« da India, etc. »

Segue-se o indice, e logo o desenho de 60 fortalezas, que occupão 120 folhas, porque cada huma dellas vem em dous mappas, e com duas vistas, humas do norte e do sul, e outras do nascente e poente.

Na folha 120 verso diz:

« d'aqui se começa a *prata-fór-*
« *ma* das fortalezas atrás debu-
« xadas, com suas alturas e lar-
« guras de muros, e barreyras,
« etc. »

Segue-se a = *Tavoada* das mesmas fortalezas em *prata-fórma*, isto é, a *planta-baixa* dellas, que corre desde fol. 121 até folh. 132.

Todos os desenhos desta obra são feitos com a maior exacção, desempenho, e aceio, e mostrão bem a grande pericia do Artista. Alguns delles, cujos originaes ainda existem nas fortalezas do reino, provão a exacção e fidelidade do Desenhador.

Deve ainda advertir-se que posto que no titulo da obra pareça limitar-se o Artista a desenhar as fortalezas da fronteira, por onde visinhamos com terras de Castella, se acha com tudo ali o desenho de todas as mais, que circundão Portugal, incluindo as maritimas, que áquelle tempo existião. O que tudo faz esta obra digna de singular apreço, ou se considere com relação á historia, ou com respeito á Arte.

Os desenhos são todos feitos á penna.

Fr. Eusebio de Matos — Entrou na religião da Campanhia de Jesus em 1644, e depois passou para a Carmelitana. *Foi caprichoso Pintor*, maiormente no *desenho*, diz o Beneficiado *João Baptista de Castro*, *Mappa de Portugal* tomo 2.° ediç. de 1763, pag. 361.

Fr. Felipe das Chagas — *Dominicano*. Na obra intitulada = *Prendas da Adolescencia* = impressa em 1748 em fol., se lê que este religioso escrevera hum livro de *Pintura*, *Symmetria*, e *Perspectiva*.

D. Fr. Fernando de Tavora — Foi religioso Dominicano, confessor de elRei D. Sebastião, e Bispo nomeado para o Funchal. Foi *insigne Pintor*, e havia obras suas no convento de Bemfica. (Vej. Sousa, *Historia de S. Dom.* P. 2. liv. 2. cap. 12, e adiante o artigo = *D. Fr. Henrique de S. Jeronymo.* =

Fernam Gomes — Foi discipulo de Miguel Angelo. *Memor. histor. do minist. do Pulpito*, pag. 135.)

Vem nomeado entre os *bons Pintores Portuguezes* no *Discurso sobre*

a utilidade do Desenho, impresso em 1788 em 4.° Veja-se *Volkmar*, pag. 68.

Vivia em 1580, e fez de bom estilo differentes obras nas igrejas de Lisboa, e em outras terras do reino.

FRANCISCO DE HOLLANDA — Floreceo no tempo de elRei D. João III, e de elRei D. Sebastião, e foi filho de *Antonio de Hollanda*. O appellido de *Hollanda* nos indica, que estes dous Artistas tinhão acaso vinculos de parentesco com o famoso Pintor *Lucas de Hollanda*, natural de *Leyde*, cidade capital da *Rheinlandia*.

A expensas, e de mandado de elRei D. João III, passou Francisco de Hollanda a Italia, aonde, das antigualhas que vio, tirou muitos desenhos, como logo diremos. O nosso Fr. Heitor Pinto o compara de algum modo a Miguel Angelo no *Dial. da Vida Solitaria*.

Existem na Bibliotheca R. de Madrid dous Livros *da Pintura antiga* deste Artista, ambos dedicados a elRei D. João III. O 1.° é dividido em 44 capitulos, o derradeiro dos quaes trata de *todos os generos e modos de pintar*. O segundo, escripto em fórma de dialogo, consta de 4 partes, nas quaes se trata da nobreza e excellencia da profissão de Pintor; do valor e serviços da Pintura, assim na paz, como na guerra; e da estimação, em que as nações tem esta Arte e as suas obras. Segue-se a Relação dos Pintores, que então erão modernos, outra dos famosos Illuminadores; outra dos famosos Esculptores em marmore; outra dos Architectos; outra dos Entalhadores em laminas de cobre; e outra finalmente dos Corniolas. Acaba com os proverbios que ha na Pintura.

O 1.° destes livros tem no fim =*acabey-o descrever hoje dia de S. Lucas Evangelista em Lixboa, era* 1548. =

O 2.° =*acabey-o descrever, sem emendar, em Santarem, hoje quinta feira, tres dias do mez de Janeiro, na era de nosso Senhor Jesu Christo de* 1549. =

Ha mais na dita Bibliotheca R. de Madrid composto pelo nosso Artista o = *Dialogo sobre o tirar polo natural, tido no Porto entre Francisco de Hollanda. e Bras Pereira, que foi filho de Fernam Brandão, Guarda-roupa do Infante D. Fernando.* =

Destas duas obras, de que acabamos de fallar, ha huma copia na Academia R. das Sciencias de Lisboa, aonde a examinei por ordem da Academia, e votei pela sua impressão, sendo eu então Director da *Classe das Sciencias Moraes, e Bellas Letras.* No archivo da Academia deve estar o meu parecer. A copia creio que foi tirada em Madrid, quando lá foi em serviço da Academia o Sr. Monsenhor Ferreira Gordo. A copia, que parece ter sido tirada por escrevente Castelhano, tem bastantes erros, alguns já emendados por letra do Senhor Gordo, outros faceis de se emendarem, sem alterar o texto.

Compoz mais o nosso Francisco de Hollanda hum *Livro de Debuxos*, que se conserva na Livraria do R. mosteiro do Escorial, e tem como titulo = *Reinando em Portugal elRei D. João III, Francisco de Hollanda passou a Italia, e das antigualhas, que vio, retratou com sua mão todos os desenhos deste livro.* =

****

Começa pelos retratos do S. P. Paulo III, e de Miguel Angelo, illuminados. Vem depois os melhores pedaços de antiguidades de Roma, o amphitheatro de Vespasiano, as columnas Trajana e Antoniana, os trofeos de Mario, o templo de Jano; o de Baccho, o de Antonino e Faustina, e o da Paz; os baixos relevos de Marco Aurelio, o Septizonio de Septimio Severo, e outros muitos monumentos, e partes de ruinas, como cornijas, frizos, capiteis etc. Ha mais no mesmo livro vistas de Veneza e de Napoles debuxadas com grande perfeição, alguns sepulcros da Via-Appia, o amphitheatro de Narbona, estatuas antigas etc.

O proprio autor, no Livro 2.° da Pintura antiga, se jacta de algum modo destes seus estudos e trabalhos, quando diz = *Que fortalezas, ou cidades estrangeiras não tenho eu ainda no meu livro? que edificios perpetuos, e que estatuas pezadas tem inda esta cidade* (Roma) *que lhe eu já não tenha roubado? e leve sem carretos, nem navios em leves folhas? que pintura de estuque, ou brutesco se descobre por estas grutas, e antigoalhas assi de Roma, como de Puzol, e de Bajas, que se não ache o mais raro dellas pelos meus cadernos riscado etc.*

Existe ainda mais, ou existia, na Real Bibliotheca de S. Magestade Fidelissima hum manuscripto em 4.° deste celebre Artista, intitulado = *Fabrica que fallece á cidade de Lisboa* = o qual passou á Bibliotheca R. da do Conde do Redondo, aonde o vira o Beneficiado João Baptista de Castro que delle faz menção no *Roteiro terrestre de Portugal*, edição de 1767 pag. 4.

Não sabemos se he este mesmo ms., ou se he outro como elle, o que se acha na Academia R. das Sciencias em 4.°; o que porem podemos affirmar he que o da Academia parece original, pois tem as licenças para se imprimir, datadas de 1576, e mostra ser escripto em 1571.

Tambem por ordem da mesma Academia o examinamos, e ácerca delle demos o nosso parecer. Neste se achão muitos desenhos feitos pelo autor *á penna.*

Na primeira obra de Francisco de Hollanda, de que acima fallamos, pareceo-nos digno de notar-se:

1.° que fallando elle dos *famosos Illuminadores da Europa*, noméa no primeiro lugar a seu pai *Antonio de Hollanda*, como superior a todos (os então modernos) naquella Bella arte.

2.° referindo o juizo de Carlos V, que preferia o seu retrato feito por *Antonio de Hollanda* ao que em Bolonha tinha feito *Ticiano*, noméa testemunhas, que assim o ouvirão ao Imperador, acrescentando comtudo, que *Ticiano* excedia a seu pai *Antonio de Hollanda.*

3.° diz de si mesmo, que sendo ainda moço dava lições de Desenho aos Infantes, filhos de elRei D. Manoel.

4.° na Relação dos famosos Pintores, então modernos, noméa *Mestre Jacome, Italiano, Pintor de elRei D. João de boa memoria*, isto he, de elRei D. João I.

5.° Ahi mesmo noméa tambem o *Pintor Portuguez, que pintou o altar de S. Vicente de Lisboa*, e em outro lugar diz = *Quero fazer menção de hum Pintor Portuguez, que merece memoria, pois em tempo*

meio barbaro quiz imitar n'alguma maneira o cuidado e a discrição dos antigos Italianos Pintores; e este foi Nuno Gonsalves, Pintor de el-Rei D. Affonso, que pintou na Sé de Lisboa o altar de S. Vicente, e creio que tambem he da sua mão hum Senhor atado á columna, que dous homens stão açoutando, em huma capella do mosteiro da Trindade = etc. etc. Veja-se *Volkmar*, pag. 61.

FRANCISCO VIEIRA — Denominado o *Vieira Lusitano.* Nada podemos accrescentar ao que diz Volkmar ácerca deste grande Artista Portuguez, a pag. 99 da sua *Collecção de Memorias* etc., tantas vezes citada.

Nasceo em Lisboa a 4 de Outubro de 1699, e parece que falleceo em 1783.

Antes de hir a Roma, desenhou = *a Oração do Horto — S. Pedro chorando a culpa — a Magdalena penitente — S. Tiago a cavallo perseguindo os Agarenos.* =

Volkmar menciona o seu famoso quadro da tomada de Lisboa aos Mouros que estava no templo dos Martyres, e se queimou pelo terremoto de 1755.

Na mesma catrastrofe arderão tambem:

= O retrato do primeiro Patriarcha de Lisboa. =

= Os retratos da Familia Real.

= O magnifico quadro de Perseo, que estava no palacio do Conde das Galvêas. =

Pintou tambem:

= O quadro da Assumpção de N. Senhora, e de seu filho sahindo a recebela na Gloria, assumpto dado por elRei, e cujo desempenho mereceo grandes louvores deste Principe. =

= O Eterno ordenando a Moysés que fosse acabar a vida sobre o monte Nebo, e Moysés no fundo do monte, despedindo-se de Eleazar, de Josué, e do Povo, para começar a subida. =

= A côrte de Plutão e Proserpina: e ahi Orpheo, pretendendo commover os monarcas infernaes a lhe entregarem a sua Euridice etc. =

Eu possuo o desenho do celebre quadro da Adoração dos Reis, esboço, em lapis vermelho, deste grande Mestre.

Deve ver-se a obra intitulada = *o Pintor insigne, e leal amante* = escripta por elle mesmo, e impressa em Lisboa, em 1780, em 12.°, aonde se vêem com individuação, e fidelidade notavel os successos da sua vida, dos seus progressos nas Artes, das suas obras etc.

ESTEVÃO GONSALVES — Volkmar fala delle a pag. 46 e lhe dá o nome de *Estevão Gonsalves Neto.*

Foi este ecclesiastico abbade de Serêm, e depois Conego na Sé de Viseo.

Desenhou e pintou em miniatura o *lindissimo missal*, que ficou do P. Mayne, religioso da Terceira ordem de S. Francisco, e se conservava no gabinete da livraria dos P.P. Terceiros, (do Convento de Jesus) administrada pela Academia R. das Sciencias de Lisboa.

Foi começada esta admiravel obra em 1610, sendo o seu autor abbade de Serêm: foi por elle mesmo continuada, quando já era conego de Viseo, e acabada em 1622, como consta das subscripções, que nella se lêem em differentes lugares.

O autor a offereceo a D. João Manoel da Casa de Tancos, Bispo de Viseo, depois de Coimbra, e ultimamente Arcebispo de Lisboa, o qual como fundador e padroeiro do convento de Jesus, a deo para a igreja do mesmo convento, aonde tem o seu jazigo.

Eu vi esta obra em 14 de Junho de 1837, e me pareceo, que era superior a tudo o que tenho visto do mesmo genero, tanto pelo bello desenho das figuras, como pela viveza, harmonia, e suavidade das cores, junta com a mais fecunda e notavel variedade de ornamentos.

D. FELIPA — Foi filha do illustre e infeliz Infante D. Pedro, Duque de Coimbra.

São conhecidas as composições litterarias desta Senhora; e acho em memoria particular, que deixára por sua morte ás religiosas do mosteiro de Odivellas hum ms. seu, que continha as homilias aos evangelhos de todo o anno, *com varias imagens e figuras por ella debuxadas*, com a perfeição que era propria da sua habilidade e pericia na arte.

FRANCISCO VIEIRA — He denominado o *Vieira Portuense*, por ser natural da cidade do Porto, e para o distinguir do *Vieira Lusitano*, de que ha pouco falamos.

Deve ver-se o que a respeito deste excellente Artista escreve *Volkmar* a pag. 139. Falleceo em 1805 de 39 ou 40 annos de idade.

FRANCISCO TACA — Acho este nome acompanhado do titulo de *Pintor* em documento do Real Mosteiro da Batalha do anno 1566.

GARCIA DE REZENDE — He mui conhecido entre nós este litterato, que foi criado de elRei D. João II, e escreveo a sua vida, e outras obras. *Debuxava muito bem*, como elle mesmo diz de si na dita obra da Vida d'aquelle Principe, aonde refere que elRei lhe mandava fazer muitos debuxos, e ás vezes o fazia trabalhar em sua presença, louvando-lhe esta prenda, e dizendo, que a desejava ter, como a tinha e estimava seu primo o Imperador Maximiliano etc. (V. a Vida de elRei D. João II cap. 200.)

Por ordem de elRei, fez o desenho para o *Forte de Belem* (a Torre de Belem) que depois fez executar elRei D. Manoel (ibid. cap. 180.)

GASPAR DIAS — Pintor Portuguez, que vivia nos principios do sec. 16.

Foi mandado a Roma por elRei D. Manoel, e foi discipulo de Miguel Angelo (*Memor. do minister. do Pulp.* pag. 135), em cuja escola fez grandes progressos.

O celebre Filologo e Critico Francisco Dias Gomes, que já outra vez citamos, na Elegia 1.ª ás Musas, not. 11, diz que Gaspar Dias fôra contemporaneo do gram-Vasco, discipulo de Rafael e de Miguel Angelo; que tivera grande correcção de desenho; que fôra notavel na expressão das paixões; e que tivera suavidade de pinsel, *pelo que* (accrescenta) *he reputado o Rafael portuguez*.

São seus os dous grandes paineis do Senhor resuscitado, e do Senhor crucificado no claustro de Belem. O da vinda do Espirito Santo na tribuna da igreja da Misericordia, que se diz feito em 1534, e restaurado por Guarenti em 1734, he huma das suas mais bellas obras.

Na igreja parochial de S. Pedro da villa de Celorico da Beira, no altar do Menino Deos, ha hum pai-

nel antigo da *Circumcisão*, obra de Gaspar Dias. *Este painel* (diz o Sr. Conego Villela) *he hum milagre da arte; tem suavidade de pinsel, e todas as figuras mostrão viveza de expressão. O colorido he admiravel; e em todas as suas perfeições mostra que* o autor possuia a poetica da *arte em grão sublime: qualidades, pelas quaes Gaspar Dias merece o nome de Rafael Portuguez, e que o fazem sobresahir muito a Vasco, Pero Perugino, Reinoso, Avelar, e outros grandes Artistas, que no dourado Governo de D. Manoel, e D. João III tanto acreditárão a nação.*

HENRIQUE JOSÉ DA SILVA — *Engenhoso e egregio Pintor* do nosso tempo, que adornou as collecções da Academ. R. das Sciencias de Lisboa com duas estampas de *quadros da sua invenção, e abertas pelo famoso Bartolozzi*: huma das quaes representa Lord Wellington, Conde do Vimeiro, cercada de varias figuras allegoricas, e a outra o retrato do Conde de Trancozo. (Lord Beresford) Marechal e Commandante em chefe do exercito Portuguez, sobre hum pedestal, em que se vê pintado hum dos acontecimentos mais memoraveis da sua gloriosa carreira militar em Portugal. *(Mem. da Academ. R. das Scienc. de Lisb.* tom. 3.° part. 2. pag. 11 *Lisboa* 1814.)

D. HELIODORO DE PAIVA — Foi colaço de elRei D. João III, conego regular de Santa Cruz de Coimbra, e sabio distincto. Teve grande pericia na Arte da Pintura. *(Mappa de Portugal.* tom. 2. pag. 362.) Vivia em Março de 1550.

Parece ser o mesmo de que falão as *Memorias historicas do ministerio do Pulpito*, pag. 135, aonde se lhe dá (por equivocação, ao que parece, ou por erro typografico) o nome de D. Hilario de Paiva.

Foi tambem instruido na bella Arte da Musica, e deixou composições suas que se conservavão no mosteiro de S. Cruz de Coimbra. Acho que fora natural de Lisboa.

FR. HENRIQUE DE S. JERONYMO — Religioso Dominicano, natural de Santarem, irmão de D. Fr. Fernando de Tavora, de que já falámos, e ambos discipulos do Veneravel D. Fr. Bartolomeu dos Martyres. Foi mui perito na Pintura, de que se conservavão mostras no seu convento de Evora, assim como de seu irmão em Bemfica. Entre as de Fr. Henrique, se distinguião a Transfiguração, N. Senhora, o Baptista no altar mór, e o *Ecce Homo* no capitulo, das quaes todas, sómente são obra sua os rostos das figuras, porque o mais he obra de *Morales*, Pintor de fama, que então vivia em Badajoz. *(Hist. de S. Dom.* P. 2.ª liv. 2.° cap. 12.) Veja-se o *Diccion. de Roland le Virloys*, aonde se diz que este religioso Pintor vivia em 1530). Este respeitavel Padre foi depois Bispo de Cochim, e Arcebispo de Gôa.

JERONYMO CORTE-REAL — Este celebre Poeta Portuguez foi tambem perito na Arte da Pintura. Elle mesmo, dedicando a elRei D. Sebastião o seu Poema do *Segundo Cerco de Diu*, impresso em 1574, diz assim:

> « E porque a leitura he gran-
> « de, *debuxei de minha mão* os
> « combates, os soccorros, e tu-
> « do o mais, que no decurso
> « deste trabalhoso cerco succe-
> « deo, para que a *invenção da*
> « *pintura* satisfaça á rudeza do
> « verso » etc.

****

Nessa mesma obra se lê hum epigramma de Luiz Alvarez Pereira em louvor do Poeta, no qual se diz:

«De Apelles victorioso ouve a coróa»

Outro epigramma de D. Jorge de Menezes attribue ao Poeta.

«O que em Lino, em Apelles nos espanta»

Hum Soneto de Bernardes, numerando os dotes do autor diz:

«Orpheo a voz lhe deo, Apollo a lyra,
«Amor a branda penna, Marte a lança,
«E o seu proprio pinsel a natureza»

Finalmente o Ferreira, em outro epigramma, que vem nas suas obras, feito em louvor de Corte-real, diz:

«No pinsel vences natureza e arte»

D. IGNACIA PIMENTA CARDOTE — No Museo de Pinturas do mosteiro benedictino de S. Martinho de Tibães, existia hum bello quadro, que representava a *Familia Sagrada*, notado com o num. 258, o qual tinha a subscripção = *D. Ignacia Pimenta Cardote a fez an.* 1717. =

JOÃO DE ABREU GORJÃO — Nas *Memor. de Malta*, impressas em 1734, vem o mappa geografico de Malta delineado por este Artista, como consta da subscripção, em que elle se qualifica de = *Geografo de S. Magestade.* =

JOÃO ANDRÉ CHIAPE — Ainda em 1818 vivia e trabalhava na cidade do Porto; e parece ter sido discipulo de *João Glamma*, de que logo falaremos. Seguio a Escola Romana, e é da sua mão o quadro da *Senhora das Dores*, que estava no Museo de Tibães, num. 257.

JOÃO GLAMMA STROBERLE — Darei a respeito deste Artista a copia das informações originaes, que pude obter, escriptas por *João André Chiape*, de que ha pouco falei, amigo de João Glamma, e creio que seu discipulo. Dizem assim:

«João Glamma Stroberle, Lusitano, Pintor da escola Romana, nasceo em Lisboa em 1708.

«Nos seus primeiros annos, foi applicado ao estudo das letras, tempo que elle repartia na cultura do Desenho, a que era muito inclinado.

«A sua propensão para a Pintura fez com que fosse pensionado pela Côrte, e enviado a Roma, onde em mui breve tempo fez progressos tão grandes, que excedeo os seus companheiros de estudo na Academia de S. Lucas daquella capital, e alcançou o premio que nella se concede áquelles alumnos que se distinguem sobre os seus concurrentes.

«Copiou com assidua diligencia as obras de Rafael, e tudo o que Roma conserva de preciosidades gregas, a que os Pintores chamão vulgarmente *o Estudo do Antigo.*

«Para se aperfeiçoar na prática da Arte, teve por conductor e mestre a Marcos Benefial, Pintor classico, e bem conhecido pelas excellentes obras, que delle existem, tanto na Basilica de S. Pedro, como em outras igrejas de Roma.

«Foi associado na Arcadia Romana, e eleito pelos Academicos della debaixo do nome de = *Pastor Talarco Alesiano* = que lhe cahio por sorte.

«Depois de huma residencia de 18 ou 20 annos naquella cidade, voltou para Lisboa (não sei se por ordem da Côrte) onde mostrou com admiração o seu raro talento, e ge-

nio superior, na decoração do theatro real, em que foi empregado. Veio depois ao Porto visitar o Bispo D. Fr. José Maria da Fonseca e Evora, seu Mecenas em Roma, no tempo dos seus estudos, e ficou hospedado no Paço. Em quanto aqui se demorou, fez varias obras, que forão muito applaudidas.

« Por fallecimento do Bispo, acontecido em 1751, ou 52, não sei se embarcou daqui para Londres, ou se voltou a Lisboa. O certo he, que no anno do terremoto de 1755 lá se achava (em Lisboa) e que depois dessa época tornou para esta cidade (do Porto) com a sua familia, e aqui viveo largos annos até o seu fallecimento que foi no de 1792. »

« Este illustre Artista, que faz honra á sua nação pelos raros talentos, de que era dotado, possuia todas aquellas qualidades, que formão hum perfeito Pintor, e que difficilmente se achão reunidas em hum só sujeito: porque era hum grande Desenhador (parte a mais essencial da Pintura) mui correcto e judicioso nas suas composições, instruido na Historia, tanto sagrada, como profana, na Poesia, Fabula, Mythologia, Allegoria, Architectura, Perspectiva, Expressão, Anatomia, etc. Alem destes e outros attributos, tambem possuia o dom da presteza, e por isso na sua longa carreira produzio muitas obras em todos os generos, porque em todos era feliz, e principalmente no Retrato, em que foi eminente; pois só nesta cidade, me disse elle hum dia, tinha feito huns seis centos e tantos. Entre elles, são para notar os das pessoas ecclesiasticas, que ou fosse por sympathia, ou gosto particular, exprimia com tal verdade, que á primeira vista fazem illusão. Os seus desenhos em lapis vermelho são preciosos, especialmente os que representão assumptos historicos, ou fabulosos. Não deixou discipulos, porque não era do seu genio admittilos.

Memoria de algumas obras de João Glamma.

« O talento deste sabio Pintor foi pouco conhecido, ou aproveitado nas decorações publicas nesta cidade (do Porto), onde viveo largos annos, talvez pelo pouco gosto, que nella se encontra em materia de Pintura: e só alguns particulares curiosos occupárão o seu pinsel em obras avulsas, ou retratos, de que o publico não goza. Comtudo em algumas igrejas se achão quadros seus, ainda que em pequeno numero, entre os quaes merece attenção o do altar-mór de S. Nicoláo, allusivo ao Santissimo Sacramento, porque foi pintado nos bellos dias do autor. Os de S. João-novo, e Senhora da Victoria são igualmente de grande estimação para quem tem conhecimento e gosto. Tambem havia outro na igreja do Carmo, que merecia bem a pena de ser visto, mas foi substituido por outro de differente assumpto, e de mão que não conheço, não sei por qual motivo. Eu conservo o esboço, ou pensamento do que desappareceo, pintado a oleo pelo mesmo Glamma.

« São tambem da sua mão os quadros, que decórão os altares lateraes da Sé de Braga, entre os quaes ha alguns mais especialisados, taes como o de S. João Baptista, Santa Barbara, S. Sebastião etc.

« O seu famoso quadro do terremoto de Lisboa, acontecido no 1.º

de Novembro de 1755, pode ser considerado como huma das suas melhores producções, tanto pela riqueza da sua composição, e arranjamento, como pela variedade, e multiplicidade dos objectos que contêm. He quadro original, ou singular no seu genero, porque o autor dizia, lhe não constava, que houvesse entre os Pintores antigos, ou modernos, quem tivesse tratado semelhante assumpto, ao mesmo tempo que se achão obras excellentes, representando outras calamidades, taes como diluvio, guerras, pestes etc. mas de terremoto não consta haver exemplo.

« Elle foi espectador da triste scena que o quadro representa, segundo dizia, porque, na occasião daquelle funesto acontecimento, se achava ouvindo missa na igreja das Chagas, da qual fugio logo que presentio o tremor, e se refugiou, ao través do aperto, em sitio largo, donde pôde observar tudo o que em tal conflicto aconteceo de mais lamentavel naquelle bairro. De tudo o que presenciou, fez memoria e apontamentos para organisar a sua composição, de que dava copia fiel a todas as pessoas do seu conhecimento, que desejavão ver esta obra interessante, a qual o autor não pôde de todo terminar, por lhe faltar a vida; mas assim mesmo se pode considerar como acabada.

« Os Inglezes daquelle tempo, que erão muito seus apaixonados, e sabião apreciar o seu merecimento pelo muito que o occupavão, quizerão rifar-lhe o quadro no estado em que se achava, ao que elle não assentio, menos que o não terminasse. A sua familia he a que o possue presentemente, e o conserva em bom estado esperando a occasião favoravel de o passar com alguma reputação.

« Outras mais obras de grande merito poderia referir, dessas poucas que lhe vi pintar, e de que tenho noticia, se ellas podessem ser vistas com facilidade: mas como são possuidas por particulares, podem-se considerar como thesouros escondidos. »

Até aqui as informações de Chiape. Depois que ellas me vierão á mão, constou-me que a familia de Glamma, provavelmente obrigada da necessidade, fez com effeito rifa de varias pinturas delle, entrando nellas o quadro do terremoto, no valor (se bem me lembro) de seis centos mil réis. Eu entrei nesta rifa, mas não sei a quem cahio aquella pintura.

No Museo do mosteiro de Tibães, erão de Glamma o quadro de Santa Maria Magdalena, n.° 67, e o que representava hum navio, numero 246. Vej. Volkmar pag. 135.

JOAQUIM RAFAEL — Os paineis do Museo de Tibães num. 31, que representa a Senhora da Soledade, e o num. 57, que representa huma paizagem, são deste Artista, bem como o Genio de Pintura, que está no meio do tecto da primeira sala, e que eu lhe vi pintar, quando elle foi do Porto ordenar as Pinturas do Museo que então se estabelecia de novo.

Joaquim Rafael veio depois para Lisboa, aonde está neste anno de 1839, com o titulo de *primeiro Pintor de S. Magestade*, membro e Lente da Academia das Bellas-Artes etc.

JOSEFA DE AYALA ou **JOSEFA DE OBIDOS** — Veja-se o que della e das suas obras diz Volkmar a pag. 77. Nós já a nomeamos entre os

Gravadores, e achamos em memoria que fôra eminente na pintura de flores, fructos, cordeirinhos etc.

JOSÉ TEIXEIRA BARRETO — Já delle dissemos alguma cousa na Lista dos Gravadores. Vej. Volkmar a pag. 298.

JOSÉ DO AVELLAR — Vej. Volkmar pag. 76. O *Diccion. de Roland le Virloys* diz = *Avelar (Joseph d')* Pintor Portuguez, que vivia pelos annos de 1640, pintava figuras a oleo, recebia encommendas de todas as terras de Portugal, e fez muitas pinturas para a *bibliotheca patriarchal*. As suas obras o fizerão tão rico, que comprou, e fez edificar muitas cazas em Lisboa, as quaes occupavão huma rua inteira chamada a *rua d' Avelar*. A este Pintor parece dever-se referir o que diz o *Diccion. Histor.* ediç. de 1804, art. = *Avelar* = etc.

D. ISABEL BROUN — Foi filha de Duarte Pequerim e mulher do doutor Pedro Broun, natural da cidade do Porto. Viveo no Sec. 18, e foi delicadissima em pintar a oleo, e singular em retratos. As suas pinturas são mui procuradas por seu excellente gosto. (Vej. Rebello, *Descripção do Porto*, pag. 370.)

D. ISABEL DE CASTRO — Foi filha do 1.° Marquez de Fronteira, e Condessa de Açumar. Teve grande erudição, e pintava e escrevia perfeitamente com applauso das pessoas intelligentes nestas artes. Falleceo em 1724.

D. ISABEL MARIA RITA — Natural da cidade do Porto, filha de Francisco Pequerim e de Joanna Pequerim. Passou a Hespanha no Sec. 18, e lá se distinguio, entre os melhores professores, nas Artes da Pintura, Risco e Debuxo, sendo singular na Miniatura. (*Rebello, Descripç. do Porto*, pag. 370.)

JOSEPH CAETANO DE PINHO — Cladera, nas *Investigaciones historicas sobre los principales descobrimientos de los Españoles* etc. impressas em Madrid 1794 em 4.°, diz que o retrato do Duque de Alcudia, com que ornou a sua obra = *se ha debuxado por el original de Joseph Cayetano de Piño y Silva, natural de la ciudad de Oporto.* =

ISIDORO DE FARIA — A capella-mór da Collegiada igreja matriz da villa de Celorico da Beira foi apainelada em quadros por este Artista.

Trabalhou tambem na igreja parochial de S. Pedro da mesma villa, como refere o douto amador das Artes o Conego Luis Duarte Villela da Silva no seu *Compendio historico da villa de Celorico da Beira*, aonde diz que ali *mostrou o celebre Artista Isidoro de Faria o seu grande genio; pois o painel de S. Pedro, que fica no meio deste lindo edificio, entre vistosas e delicadas tarjas, he tãobem acabado, que a meu ver não tem preço: e se este famoso Pintor tivesse mais correcção de desenho, teria dado tanta gloria á villa de Trancoso, sua patria*, quanta lhe resulta de ter dado o berço ao grande historiador o *P. João de Lucena.* =

D. LUIZA DE FARIA — Filha do douto escriptor Manoel de Faria e Sousa, teve entre outras muitas prendas a da Pintura. Della he o retrato de seu pai que vem gravado na obra = *Retrato de Manoel de Faria y Sosa*, mui parecido com o original. (Veja-se a dita obra §. 16.)

LUIZ ALVARES DE ANDRADE

****

— Foi homem de vida exemplar, filho espiritual do veneravel Fr. Luiz de Granada, e qualificado como *Pintor celebre* no *Agiolog. Lusit.* not. ao dia 3 de Abril. (Volkmar pag. 72.)

Fr. Luiz de Bastos — Religioso Carmelitano, do qual diz Fr. José Pereira de Santa Anna (*Chron.* tom. 1. pag. 584) que fôra na Pintura o mais insigne de quantos este reino conheceo no seu tempo. *E posto* (diz) *que começou a mover os pinseis por curiosidade, ou por força de inclinação, veio depois a constituir-se tão senhor delles, que não sahio da sua mão pintura alguma, que aos melhores artifices não sirva ou de admiração, ou de modello.* =

Luiz da Costa — Nasceo em Lisboa em 1509, foi Pintor e discipulo de Sebastião Ribeiro. Traduzio do Italiano, de Alberto Dureiro quatro livros da Symetria do Corpo humano, com o quinto de Paulo Galario Saludiano: ms. em folha. (He a noticia que nos dá o *Summario da Biblioth. Lusit. de Barbosa.*)

Luiz da Cruz Moreira — Dá noticia deste Artista Rebello, na *Descripç. do Porto*, pag. 340, dizendo que fôra natural daquella cidade, que nella fôra Professor de Primeiras Letras, nascido em 1707, e *distincto na Arte do Debuxo.*

Manoel de Castro — Ponz, na *Viagem de Espanha*, fala algumas vezes deste Artista Portuguez. Copiaremos aqui as clausulas, que apontámos.

« No hospital de Antão Martins, em Madrid, ha dous quadros grandes, que representão assumptos da Paixão, firmados por *Manoel de Castro, Professor Portuguez.* Do mesmo são as pinturas a fresco da cupula e lunetos.

Nos Trinitarios calçados, os dous grandes quadros do cruzeiro, que representão huma Nossa Senhora com os Anjos — e outro o ministerio da redempção de captivos, e N. Senhora em gloria — são de *Manoel de Castro, Portuguez.* Os quadros da nave sobre os arcos das capellas se julgão *pensados pelo dito Manoel de Castro.*

« Nos Mercenarios calçados — a primeira capella da igreja á mão esquerda he de N. Senhora dos Remedios, e a abobeda foi pintada *pelo Portuguez Manoel de Castro.* He do mesmo huma pintura que está no refeitorio e representa hum milagre de N. Senhora a certo religioso.

« Na igreja dos P.P. do Oratorio, que foi casa dos Jesuitas, ha na primeira capella á direita a cupula, pintada por *Manoel de Castro.*

O P. Manoel Alvares — Foi religioso da Companhia de Jesus. O P. Francisco de Sousa, no *Orient. Conquistado*, P. 1. pag. 185 lhe chama *Pintor insigne*, e diz que deixou muitas memorias do seu pinsel, e entre ellas o painel da Conversão de S. Paulo, que estava no retabolo da igreja do collegio velho da Companhia em Gôa.

Manoel Campello — Foi discipulo de Miguel Angelo. (*Memor. histor. do minister do Pulpito* pag. 135.)

D. Franc. Manoel, no *Hospital das Letras*, numerando os homens, que em Portugal se distinguirão nas Sciencias e artes, põe *Campello em Pintura*, ao pé de Camões em Poesia, Barros em Historia, Rezende

em Antiguidades, etc. (Vej. a obr. a pag. 456.)

Volkmar a pag. 56 e segg. fala deste grande Artista, dando-lhe o nome de *Antonio Campello.* « Deve ler-se. Nós achamos *Manoel Campello*, que he (sem questão) o mesmo de Volkmar, e de D. Franc. Manoel. Veja-se acima o artigo » *(Campello Antonio.)*

MANOEL DE FARIA E SOUSA — Vej. acima no titulo = *Arte de escrever — Desenho á penna.* =

MARCOS DA CRUZ — Floreceo no tempo de elRei D. João III. *(Memor. histor do minister. do Pulpito*, pag. 135.) Veja-se Volkmar pag. 79.

MARIA TEREZA DA CONCEIÇÃO BORGES — Em 1819 morava esta estimavel portugueza no bairro de Belem, suburbio de Lisboa, e era de idade de 66 para 67 annos. Acabava então de bordar primorosamente a ponto de agulha em retrós (sem ter aprendido o Desenho) a grande estampa da Cêa do Senhor, que o eximio Morghen copiou e gravou do famoso quadro de Leonardo de Vinci. A difficuldade de retratar e pintar tantas figuras com a agulha, o bem proporcionado desenho, o mimo das cores, o claro-escuro, a luz, etc. e até a imitação das madeiras, que fingem estar o painel encaixilhado, tudo isto mostra os grandes talentos da autora, e faz huma obra acabada de bordadura. A autora já fez os retratos de S.S. Magestades do mesmo artificio. Os Artistas lhe tem tributado admiração, e elogios. *(Gazeta de Lisboa, Janeiro de* 1819, *num* 20.*)*

MESTRE PEDRO — Em hum documento do Cartorio do R. mosteiro de Santa Maria da Victoria, vulgo da Batalha, achei nomeado = *Mestre Pedro, Pintor do Senhor Infante D. Henrique.*

PEREGRINO PARODI — Faremos aqui breve menção de *Parodi*, avô, filho, e neto, segundo o *Diccion. de Roland le Virloys.*

Felipe Parodi foi um dos mais excellentes Pintores de Genova, e em Genova falleceo de 60 annos de idade, em 1703. Na igreja de S. Carlos daquella cidade ha huma belissima estatua da S.ma Virgem, e na de Carignan outra de S. João Baptista, ambas deste Artista. *Fez muitas estatuas para a igreja do Loreto de Lisboa.*

Domingos Parodi = foi filho de Felipe, e com elle aprendeo o Desenho, etc. Trabalhava em 1698. *Pellegrin Parodi* = filho de Domingos, e natural de Genova aprendeo com seu pai os elementos da Pintura, e pintou bons retratos. Deixando a casa paterna, abrio escola sua, aonde concorrião muitos a aprender, e muitos a se fazerem retratar. Grande parte dos seus retratos passárão a Hespanha, Inglaterra, e Allemanha. No anno de 1741 retratou o Doge Spinola, quadro que depois foi gravado em Florença. =

Este *Pellegrin Parodi* he o que esteve em Lisboa, e aqui falleceo pelos annos de 1785. Delle e de suas obras fala Volkmar a pag. 107. Veja-se tambem nesta nossa lista o artigo = *Carpinetti* = no titulo dos *Gravadores e Entalhadores.* =

PEDRO ALEXANDRINO DE CARVALHO — Vej. Volkmar, pag. 120. a que nada podemos acrescentar.

PIMENTA CORRÊA — Tres illustres Senhoras Portuenses deste appellido mandárão á *Academ. das*

Bellas-Artes tres pequenos quadros historicos, bordados a cabello, e algumas outras obras de matiz, e hum lenço bordado de branco em relevo, tudo primorosamente acabado. (*Director* de 23 de Julho de 1838 num. 163.)

REINOZO — Acho nas *Memor. histor. do ministerio do Pulpito*, pag. 135, menção de *Reinozo*, Pintor, que *floreceo no Sec. de elRei D. João III, e foi discipulo de Miguel Angelo.*

Volkmar a pag. 74 fala de hum *Reinozo*, a que dá o nome de *André*, mas diz que vivia em 1641, e isto me faz duvidar se seria ou não o que floreceo *em tempo de D. João III, e foi discipulo de Miguel Angelo.*

Ahi mesmo diz Volkmar que sempre ouvira dar a *Reinozo* o nome de *Diogo*, mas que esta tradição era errada; porque dos livros da Irmandade de S. Lucas se via chamar-se *André* etc.

Eu conjecturo que houve dous Artistas do mesmo appellido de *Reinozo:* hum mais antigo, que seria o *Diogo*, e outro mais moderno, que seria o *André*. Isto porem não passa de mera conjectura.

VANEGAS — Vem mencionado nas *Memor. do Pulpito*, p. 135 como Pintor do tempo de elRei D. João III. Vej. a respeito delle Volkmar pag. 60.

VASCO — Chamado entre nós = o *Gran-Vasco.* = Nada podemos acrescentar ao que delle diz *Volkmar*, pag. 49.

Veja-se tambem *Mem. histor. do Pulp.* p. 135, aonde se diz que *floreceo em tempo de D. João III*, e que foi *da escola de Pedro Perugino.*

Dias Gomes, na Eleg. I ás Musas, not. 11 diz delle que = *teve muita elevação nos pensamentos, e muita viveza de expressão* = que foi = *admiravel no colorido*, e que *se não tivera alguma cousa do gothico, seria hum consumado artifice.* = Este juizo me parece bem exacto.

O *Diccionario de Roland le Virloys*, que muitas vezes temos citado, reflecte que os quadros de Vasco são *ornados de bellas fabricas de architectura;* e que o *seu gosto o inclinava sempre a pintar objectos da Historia Santa.*

VASCO PEREIRA — *Inda que Portuguez* (diz Volkmar pag. 69), *estabeleceo-se em Sevilha, e em* 1594 *concertou o famoso painel da Rua da amargura, de Luiz de Vargas, e fez outras obras no principio do seculo seguinte.*

Ponz, na *Viag. de España* tom. 8. quasi no fim, diz que na livraria da Cartuxa de N. Senhora das Covas, junto a Sevilha, ha *quatro doutores de hum tal Pereira, famoso Pintor Portuguez, do tempo de Felipe II.* Este he sem duvida o nosso *Vasco Pereira.*

Musicos.

Elrei D. João IV — Foi não só apaixonado amador de Musica, mas tambem insigne compositor da Musica Sacra, chamada *Canto da Palestina,* a qual sómente se usava na Patriarchal, e presentemente se canta ainda na Capella Sixtina.

O Imperador e Rei D. Pedro IV — Foi grande amador e compositor de Musica, tanto sagrada como profana.

A Serenissima Infanta Senhora D. Isabel Maria — He grande tocadora de piano; possue muitos conhecimentos de contraponto, e acompanha a piano em todos os systemas.

Affonso Vaz da Costa — Foi Mestre da Capella em Avila. Escreveo varias obras, que se conservavão na copiosa Bibliotheca da Musica de ElRei D. João IV. Falleceo em 1599.

Fr. André da Costa — Religioso Trinitario, harpista dos Reis D. Affonso VI e D. Pedro II. Compôz varias peças de Musica ecclesiastica. Falleceo em 1685.

André de Escovar — Vivia no tempo do Cardeal Rei, tocava *charamelinha*, e compôz huma Arte de tocar este instrumento.

Antonio Fernandes — Natural de Souzel, presbytero, Mestre da Capella na Parochia de Santa Catharina de Lisboa. Escreveo algumas obras theoricas sobre a Musica, e entre ellas a *Arte da Musica de canto de orgão*, e a Theoriea do *manicordio*, e sua explicação. Falleceo antes de 1625.

Antonio Leal Moreira — Ignora-se a sua naturalidade. Foi Mestre de Musica no Seminario Patriarchal, grande professor da Arte, bom tocador de piano, e distincto compositor de Musica Sagrada.

Antonio Marques Lesbio — Era Mestre da Capella Real em 1698, e compôz varias musicas de Igreja, que se imprimírão entre os annos 1660 e 1708. Foi celebre na sua arte.

O Padre Antonio Pereira de Figueiredo — Natural da villa de Mação da comarca de Thomar, Congregado do Oratorio de S. Felipe Neri, nasceo em 14 de Fevereiro de 1725, e falleceo em 14 de Agosto de 1797. Não cabe aqui o elogio deste Varão sabio e virtuoso, que tantos e tão relevantes serviços fez á patria, ás sciencias e ás letras durante a sua vida. Diremos sómente, que desde os seus tenros annos se apaixonou pela Musica, e se applicou a ella com desvelo, chegando a compôr muitas obras desta bella, e nobre Arte, e entre ellas todas as que se cantavão nas funcções da Semana Santa na Caza de Nossa Senhora das Necessidades, a cujos ensaios elle mesmo presidia. Os autografos das suas composições musicas passárão da mão do Reverendo Senhor Antonio de Castro ás de hum distincto Sabio, que escreveo a Vida, e analy-

sou os escriptos de Pereira, e que ha pouco mais de hum anno nos foi roubado pela morte.

ANTONIO TEIXEIRA — Natural de Lisboa, nascido em 1707. Foi cantor da Patriarchal, e Examinador Synodal de Canto-chão. Compôz hum *Te-Deum* a vinte vozes com instrumental, outro a tres Coros, e alguns Psalmos, Lamentações, &cet. Ainda vivia em 1759.

BALTHAZAR TELLES—Foi Lente da Cadeira de Musica na Universidade de Coimbra por Provisão de 2 de Novembro de 1549.

DIOGO DIAS MELGAÇO — Natural de Cuba, Mestre da Capella em Evora. Compôz Musicas de Igreja. Falleceo antes de 1649.

Fr. DOMINGOS DE S. JOSÉ VARELLA — Natural de Guimarães, insigne Organista, e o melhor, que teve a Congregação Benedictina de Portugal nestes nossos tempos. Tinha amplissima instrucção e conhecimento da Musica antiga e moderna, e dos seus varios systemas: conhecia perfeitamente o mecanismo do Orgão, e tocava este bello instrumento com admiravel perfeição, e apurado gosto. Presumo que ao presente he fallecido. Compôz e imprimio huma *Arte da Musica*, em que se achão observações, e experiencias mui curiosas sobre os fenomenos da harmonia, e sua applicação aos instrumentos musicos, e á sua afinação. Esta Obra foi impressa (segundo a minha lembrança) na cidade do Porto em 4.°

DUARTE LOBO—Natural de Lisboa, conego e Mestre da Capella na Sé Metropolitana de Lisboa. Foi celebre na sua Arte, e compôz varias obras, algumas das quaes se imprimirão. Ainda vivia em 1625.

ESTEVÃO DE BRITO — foi Beneficiado e Mestre da Capella nas Sés de Badajoz, e Malaga. Escreveo hum *Tractado de Musica.*

ELEUTERIO FRANCHI LEAL — Foi Mestre de Musica no Seminario Patriarchal, nos reinados da Senhora D. Maria I e de elRei o Senhor D. João VI. Está presentemente aposentado.

Fr. FRANCISCO DE S. JERONYMO — Natural de Evora, religioso de S. Jeronymo, e Mestre do coro em Belém. Compôz Obras de Musica, que tiverão grande estimação. Nasceo em 1692 e ainda vivia em 1747.

Fr. FRANCISCO DA ROCHA — Religioso Trinitario, natural de Lisboa. Compôz grande numero de Obras, que existião na *Bibliotheca de Musica* de João da Silva de Moraes, de que adiante falaremos. Falleceo em 1720.

GREGORIO FRANCHI — Distincto tocador de piano, e compositor de varias musicas para o mesmo instrumento.

GALLÃO (O PADRE)—Foi natural da provincia do Alemtejo, Mestre da Real Capella de Villa-viçosa, e compositor de *Musica Sagrada.*

D. HELIODORO DE PAIVA — Conego regular de Santa Cruz de Coimbra, de que se fez menção na lista dos *Pintores.* Foi tambem instruido, (como lá se notou) na bella Arte da Musica, e deixou composições suas, que se conservavão no mosteiro de Santa Cruz.

HENRIQUE CARLOS CORRÊA — Natural de Lisboa, nascido em 1680. Foi Mestre da Capella na Sé de Coimbra: vivia ainda em 1747, e deixou varias obras de sua composição.

JOÃO ALVARES FROVO — Natural de Lisboa, aonde nasceo em 1608. Foi capellão e Bibliothecario da Musica de elRei D. João IV. Compôz muitas obras, entre as quaes merecerão particular estimação os seus *Responsorios do Natal* a oito vozes.

JOÃO CHRYSOSTOMO DA CRUZ — Natural de Villa-franca, nasceo em 1707 e vivia em 1731 no estado de presbytero. Compôz *Methodo breve e claro, em que se exprimem os necessarios principios*, & cet. com hum *appendice dialogico:* Lisboa 1743 em 4.°

JOÃO DOMINGOS BOMTEMPO — He natural de Lisboa, Mestre de Sua Magestade Fidelissima a Senhora D. Maria II, e da Senhora Infanta D. Isabel Maria, e Director do Conservatorio na Arte da Musica. Grande compositor de Musica Sagrada no estilo de Handel e de Haydn. Compõe tambem Musica de piano, e he hum dos mais excellentes tocadores deste instrumento, tendo merecido os applausos de differentes Cortes da Europa, aonde fez mostra de seus distinctos talentos.

JOÃO EVANGELISTA TURRIANI — Natural de Lisboa, distincto Mathematico, e insigne tocador de piano, em que mostrava particular gosto, e expressão.

JOÃO CORDEIRO — Natural de Lisboa: foi grande Organista, e compositor de Musica Sagrada e profana. Foi Mestre das Pessoas Reaes, e viveo nos reinados de elRei D. José I e de sua filha a Rainha Senhora D. Maria I.

JOÃO FERNANDES FORMOSO — Natural de Lisboa, capellão de elRei D. João III. Compôz em Musica *Passionario da Semana Santa*, que se imprimio em Lisboa em 1542 em folha.

D. JOÃO DE SANTA MARIA — Conego regular de S. Vicente de fóra, natural de Terena, fallecido em 1654. Compôz *tres Livros de Contraponto.*

FR. JOÃO RODRIGUES — De quem não temos outra noticia senão que compozera uma *Arte do Canto-chão*, ms. pelos annos de 1560.

JOÃO JORDANI — Natural de Lisboa: Professor de instrumentos de corda, e mui distincto em violeta, rabecão grande, e pequeno. Ha composições suas. He presentemente Mestre de instrumentos de corda no Conservatorio.

JOÃO DA SILVA DE MORAES — Nasceo em Lisboa em 1689, e foi Mestre da Capella na Cathedral desta cidade. Compôz grande numero de Obras de Musica, e possuia huma copiosa Bibliotheca desta Arte. Ainda vivia em 1727.

JOÃO SOARES REBELLO — Natural da villa de Caminha na provincia do Minho. Foi Mestre de Musica de elRei D. João IV, e deixou Obras impressas, e manuscriptas, que tiveram grande celebridade naquelle tempo. Falleceo em 1661.

JOSÉ ANTONIO CARLOS DE SEIXAS — Natural de Coimbra, nascido em 1704. Foi nomeado Organista da Patriarchal, tendo apenas 16 annos de idade. Compôz hum *Te Deum* a quatro coros, muitas *Sonatas* de cravo, e algumas *Missas* a instrumental. Falleceo em 1742.

JOSÉ AVELINO CANNOGIA — Mestre de instrumentos de palheta no Conservatorio. He insigne toca-

dor de Clarineta, conhecido em varias Côrtes da Europa, que visitou.

Fr. JOSÉ MARQUES — Nascido na provincia de Alemtejo. Foi profundo conhecedor da Arte em todos os ramos, grande tocador de piano, e o mais distincto acompanhador de Orgão em todos os systemas de acompanhar. Foi tambem insigne compositor tanto de Capella, como de instrumental, e deixou muitas peças de sua composição, que mostrão o seu grande merecimento. Viveo no reinado do Senhor D. João VI, e foi Mestre da Sua Capella da Bemposta.

Fr. MANOEL ELIAS — Religioso Paulista, compositor de Musica Sacra, e grande Organista.

MANOEL INNOCENCIO DOS SANTOS — Natural de Lisboa, distincto compositor de Musica Sagrada e profana, e hum dos maiores acompanhadores, tanto de Orgão, como de piano, de que he insigne tocador. He da sua composição a *Opera Ignez de Castro*, executada no Theatro de S. Carlos no anno passado de 1839 com geral applauso do publico e dos amadores de Musica.

MANOEL MENDES — Natural da cidade de Evora, em cuja Sé foi Mestre da Capella. Floreceo no tempo do Cardeal Rei D. Henrique, e compôz huma *Arte de Canto-chão*. e algumas peças de Musica de Igreja. Falleceo em 1605.

MANOEL NUNES DA SILVA — Natural de Lisboa, foi Mestre da Capella da *Conceição velha* desta cidade. Compôz huma Obra de Musica que intitulou *Arte Minima*, impressa em Lisboa em 1685, e reimpressa em 1704 em 4.°

Fr. MANOEL POUSÃO — Religioso Augustiniano, natural da villa do Alandroal. Escreveo *Liber Passionum*, impresso em Leão de França em 1576, e varias outras Obras de Musica. Falleceo em 1683.

O PADRE MANOEL RODRIGUES COELHO — Natural de Elvas, Organista da Capella Real. Compôz *Flores de Musica*, obra que sahio á luz da imprensa em Lisboa, 1620, em folha.

Fr. MANOEL DOS SANTOS — natural de Lisboa, religioso da congregação de S. Paulo, primeiro Eremita e compositor de Musica da Capella Real. Deixou varias obras desta Arte e falleceo em 1737.

MARCOS PORTUGAL — Natural de Lisboa. Foi insigne compositor de Musica, tanto Sagrada como profana. Deixou-nos muitas peças do melhor gosto em ambos os estilos, e rivalizou nas suas composições com os primeiros compositores da Europa do seu tempo. Era tambem optimo Mestre de Canto, e cantava elle mesmo com excellente estilo em voz de Tenor. Ainda hoje se executão as suas peças sagradas e profanas com tanta aceitação como as de Haydn, Mozart e Zingarelli.

MATTHIAS DE ARANDA — Foi Mestre da capella na Sé de Coimbra, e Lente de Musica no Universidade, nomeado por Provisão de 26 de Julho de 1544.

NICOLÁO DIAS VELASCO — Foi Musico de D. Felipe IV Rei de Castella, e imprimio « *Nuevo modo para tañer la guitarre* » Napoles, 1640.

NICOLÁO TAVARES — Natural de Portalegre: foi Mestre da Capella nas Sés de Cadiz e Cuenca. Escreveo varias Obras.

PEDRO ALVARES DE MOURA

— Natural de Lisboa, foi Conego na Sé de Lamego, e depois na de Coimbra. Imprimio algumas Obras de Musica em Roma: falleceo antes de 1594.

PEDRO DO PORTO — Natural da cidade, de que tomou o appellido. Vivia em tempo de elRei D. João III, e floreceo em Evora e Sevilha. He celebre o moteto = *Clamabat autem Jesus* = etc. que pôz em Musica, e que João de Barros qualificava como = *o principe dos motetos.* =

PEDRO TALESIO — Natural de Lerma no reino de Castella, foi Lente de Musica na Universidade de Coimbra, por Provisão de 22 de Novembro de 1613, e *hum dos primeiros que deo ordem á Musica de Portugal a coros.* Foi Medico do Cardeal Alberto, e Mestre da Capella do Hospital Real de Todos os Santos de Lisboa.

PEDRO VAS REGO — Nasceo em Campo maior em 1670. Foi Mestre da Capella em Evora, e compôz huma celebre = *Missa ad omnem tonum* = e outras obras que se conservavão em Evora.

RODRIGO FERREIRA DA COSTA — Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, fallecido ha poucos annos. Escreveo = *Principios de Musica, ou Exposição methodica das doutrinas da sua composição, e execução* = 2 vol. de 4.° com estampas, impressos pela mesma Academia em 1823.

P.e THOMAZ PEREIRA — Jesuita, natural de Barcellos. Publicou na China, e em lingua Chineza, hum *Tratado de Musica especulativa e pratica.* Nasceo em 1645, mas ignoramos o anno do seu fallecimento.

TRISTÃO DA SILVA — Floreceo no sec. 15. e foi Mestre de Musica de elRei D. Affonso V.

VICENTE .... Natural de Olivença. Floreceo em Padua e Viterbo no sec. 16., e falleceo antes do an. de 1561, em que imprimio em Veneza = *Introduzione felicissima di canto fermo* = etc.

****

SUPPLEMENTO

Á

LISTA DOS ARTISTAS

COMEÇADA A PUBLICAR EM O N.º 3 DO RECREIO DE 1839.

Architectos.

O **CONDE DE TAROUCA** — Este illustre Fidalgo, que foi Ministro Plenipotenciario de elRei D. João V em Hollanda, e em Vienna de Austria, teve largos conhecimentos em Architectura, e foi mui perito nesta arte, a ponto de ser taxado de excessivo no exercicio de tão excellente prenda. Delle diz o cavalleiro Oliveira, que os seus estudos em Architectura *começárão na Cotovia, continuárão em Hollanda, e o acompanhárão em Vienna até á sepultura.*

FELIPE BRIAS, *Flamengo* — Foi perito em Architectura militar, e servio na India em tempo do Vice-Rei D. Luiz de Ataíde, por cuja ordem construio a nova fortaleza de Braçalôr.

HENRIQUE GUILHERME DE OLIVEIRA — Foi Architecto civil do Principe Regente (depois Rei D. João VI.) Em 1800 escreveo huma = *Memoria, em a qual se mostra o estado da Real Valla de Alpiaça, e sitios adjacentes, seu melhoramento, e utilidades que delle resultam* = Nesta Memoria (ms.) vem desenhada a Carta do Tejo, e suas beiras, desde a Chamusca até Porto-de-muge.

JOÃO AFFONSO — Foi Mestre da obra do castello de Mourão, fundado por elRei D. Affonso IV em 1343.

JOÃO FERNANDES e **VASCO BRAS** — Forão os Mestres que construirão os muros e fortificações de Lisboa em tempo de elRei D. Fernando, concluindo esta grande obra em dous annos desde 1373 até 1375. Vem tambem nomeados na inscripção do arco do Marquez de Alegrete. *(Panoram.* vol. 2. pag. 339).

JOÃO NUNES TINOCO — Existe na Bibliotheca da Real Caza das Necessidades hum livro ms. em folh., em que se lê este titulo = *Livro das Praças de Portugal com suas fortificações, desenhadas pelos Engenheiros de Sua Magestade etc. delineadas por João Nunes Tinoco, Architecto de Sua Magestade. Anno de* 1663 = E accrescenta = *Este livro mandou fazer o Senhor Conde da Torre.* =

PEDRO NUNES TINOCO — Era

em 1620 Architecto do Priorado do Crato, e depois o foi de elRei. Delineou = *Plantas e Perfis das igrejas, e villas do Priorado do Crato* = ms., que se guarda na livraria do Excellentissimo Marquez de Castello-melhor, e he o num. 322 da *numeração provisoria* dos mss.

SIMÃO DE RUAM — Engenheiro, *homem de singular industria e engenho, e não menos valor.* Servia na India no tempo do Vice-Rei D. Luiz de Ataíde, que depois da conquista de Onor, o deixou ali por Mestre da nova fortificação que mandou fazer, e concluida ella, o encarregou de fazer o seu debuxo para o mandar a elRei. (*Hist. da India etc.* por *Ant. Pinto Pereira*, liv. 1. cap. 14.)

VASCO BRAS — Vej. acima o art. *João Fernandes.*

Arte de escrever,

Desenho á penna.

GREGORIO PAEZ DO AMARAL — Foi Mestre dos filhos do Ex.mo Marquez de Castello-melhor, e escreveo em 1794 = *Exemplares de letra ingleza* = offerecidos ao Senhor D. João, Principe do Brasil (depois Rei D. João VI). He hum volume de 305 folhas de 4.°, que se conserva na livraria da Caza de Castello-melhor, num. 342 da numeração provisoria dos mss.

JOÃO JOSÉ ALVES FREINEDA — Natural de Lisboa, onde nasceo a 3 de Dezembro de 1802, e actualmente Tachigrapho da Camara dos Senadores. He insigne na Arte Caligrafica, a que se tem dado com infatiguvel trabalho, e estudo.

Escreve as letras mais usadas na Europa, Portugueza, Ingleza, Franceza, Aldina, Gothica ou Italica, e Romana, imitando as maiusculas e minusculas Romanas, que se lêem nas medalhas e cunhos, e nas inscripções, e mss. dos mais antigos tempos.

Nota-se nas suas obras grande perfeição, tanto pelo que respeita ás linhas rectas e curvas, como aos traços, grosso, meio grosso, ou fino, e aos espaços, hastes, ligados, e obliquidade, seguindo sempre, e em tudo uniformidade, proporção, e formosura.

São varias as producções deste Caligrapho, que existem nas mãos das pessoas, a quem forão dedicadas, e em todas se vêem escripturas e desenhos de muito gosto. Em 1831 offereceo á Direcção do Banco de Lisboa hum quadro de 3 palmos de altura e 2 de largura, todo feito á penna, com allegorias desenhadas em forma de laçaria, com valentes rasgos e letras

cheias de ornamentos, e com boa collocação e symmetria das peças.

MANOEL JOSÉ SATYRIO SALAZAR — Professor de escripta e arithmetica. Publicou hum mappa dos caracteres de escriptura, que explicava theorica e praticamente na sua *Caza de Educação*, a saber: Letra de Secretaria, de escriptorio, letra ingleza etc. Este mappa foi gravado, e nelle se lêem as subscripções = *Manoel José Satyrio Salazar o escreveo* = *Theotonio José de Carvalho sculp.* =

Esculptores etc.

FRANCISCO DE ASSIS RODRIGUES — He ao presente Professor de Esculptura na Academia das Bellas-Artes de Lisboa, e a juizo de pessoas intelligentes he o melhor Esculptor, que actualmente honra a Escola portugueza.

Em 1829, fallecendo seu pai, que era Professor substituto da Aula e Laboratorio de Esculptura, e abrindo-se concurso para o provimento do lugar vago, concorreo a elle o Senhor Assis, e appresentou a sua *Memoria de Esculptura* por escripto, a qual mereceo a preferencia, e foi impressa no mesmo anno em 4.°

Pelo estabelecimento, e organisação da Academia das Bellas-Artes, ficou o Senhor Assis *Professor Proprietario da Aula de Esculptura*, lugar que até agora tem desempenhado com dignidade e com grande magisterio.

Escreveo e publicou pela Imprensa = *Methodo das Proporções, e Anatomia do corpo humano, dedicado á Mocidade estudiosa, que se applica ás Artes do Desenho.* Lisboa 1836. em folh. = obra que mostra a grande pericia do Artista-escriptor, e não menos a sua erudição, e apurado gosto.

DIOGO PIRES, *o moço* — Fez o tumulo de pedra de Ançãa de D. Fr. João Coelho, Commendador de Leça, fallecido em 1515, aonde se vê a sua estatua em relevo, e o seu escudo de armas, e na frente a subscripção = *Diogo piz o moço o fez* = A elle parece dever-se attribuir a pia baptismal da mesma pedra, *magnificamente lavrada*, que existe, bem como o tumulo, na igreja de *Leça do Ballio*, e o bem trabalhado cruzeiro, á moda d'aquelle tempo, com crucifixo e letreiro, e o anno 1514. (Vej. *Nov. Malt. Portug.* tom. 3. pag. 98 e 99.)

JOÃO JOSÉ BRAGA — Esculptor Portuense, que falleceo da cholera-morbus, durante o cerco d'aquella heroica cidade. = Era eminente em representar em barro meninos em differentes attitudes. Os dous, que se vêem no Museu do Senhor Allen, estão, hum delles a dormir, e o ou-

tro no momento deacordar dosomno. Que carnes tão morbidas! que expressão! que graça! que naturalidade! Se este Artista tivesse nascido francez, ou inglez, em poucos annos teria adquirido riquezas, e a fama dos seus talentos teria resoado em todos os angulos do mundo. Era portuguez, e apenas se sabe aonde está enterrado! =(*Mus. Portuense* n.° 10. p. 154.)

IGNACIO CAETANO — Natural de Lisboa, filho do Tenente de Cavallaria de Chaves João Caetano, cavalleiro na Ordem de Christo. Destinou-se á profissão de Entalhador, e tem exercitado esta arte no Arsenal da Marinha, aonde he sempre encarregado das obras, que demandão mais perfeito desempenho. A sua curiosidade e natural propensão o inclinárão á bella Arte da Esculptura; e posto que carecesse dos principios fundamentaes theóricos do Desenho (a que agora se applica com cuidado) comtudo as suas obras mostrão genio, e promettem hum distincto Artista. As de que temos noticia são a da Capella-mór da Parochia de S. Lourenço de Carnide, e o Cancello na Capella do Santissimo da Igreja de S. Paulo desta cidade. São tambem da sua mão o Busto de elRei D. Fernando em madeira, e os dous do Principe Real em madeira, e em cera, tirados ao natural, os quaes se achão todos no Palacio das Necessidades, e por elles mereceo o Artista que SS. Magg. o premiassem com Real Munificencia. Tambem trabalha de *Estucador* em relevo, e são obra sua os ornatos, e armas que se vêem na frente da escada do Palacio do Ex.mo Conde de Vianna.

Gravadores de cunhos e medalhas

DA CASA DA MOEDA DE LISBOA.

(Extrahido das Memorias mss. do Sr. Luiz Gonzaga Pereira, Abridor da mesma caza.)

ANTONIO MANGIN, *Francez*— Nascido em 1690. Estudou a gravura em París, e vindo para Lisboa no anno de 1720, foi nomeado *Abridor* geral da Caza da Moeda por Decreto de elRei D. João 5.° Fez os puncções da moeda sobre os desenhos do insigne Vieira Lusitano, e foi encarregado de muitas medalhas, como, por exemplo, as da Fundação de Mafra, da Academia Real da Historia, de N. Senhora da Conceição, da Memoria de Belem, &c. São do seu buril todos os retratos da moeda dos Senhores D. João 5.° e D. José 1.° e da sua Escola sahirão excellentes discipulos. Foi cavalleiro professo na Ordem de Christo, e tratou-se sempre com muita dignidade. Falleceo em Outubro de 1772 e jaz na Igreja Parochial de S. Paulo.

AMARO MARQUES — Natural de Lisboa, nasceo em 15 de Janeiro de 1730. Foi perito na sua Arte, mas mais feliz em copiar do que em inventar. Fez as medalhas do S.mo Coração de Jesus, e todos os cunhos que lhe forão distribuidos na caza da moeda, sendo comtudo coadjuvado em algumas destas obras pelo excellente Artista Figueiredo. Falleceo em 2 de Agosto de 1776, e jaz na Igreja de S. Paulo desta cidade.

CAETANO ALBERTO NUNES DE ALMEIDA — Nasceo em Lisboa a 7 de Agosto de 1795, e foi baptizado na Parochia de Santa Justa. Seu pai se chamava João Nunes de Almeida. Em 18 de Janeiro de 1812 foi matriculado na Academia de *Desenho Historico*, e nella foi premiado em concurso. Em 1813 matriculou-se Praticante de gravura de pedras preciosas na caza da moeda, aonde foi encarregado da gravura dos cunhos, e logo nomeado Ajudante do distincto Abridor José Antonio do Valle. Entrou em alguns concursos, em que talvez se lhe não fez a justiça que merecia. No anno de 1830 foi nomeado 3.° Abridor de cunhos e medalhas, mas pouco tempo exercitou este cargo. Hoje trabalha para o publico.

CYPRIANO DA SILVA MOREIRA — Natural de Lisboa, filho de Crispim da Silva, nasceo em 1754, e logo desde tenra idade mostrou particular inclinação e genio para o Desenho. Estudou esta nobre e bella Arte no Arsenal R. do Exercito, aonde deo brilhantes provas de seu engenho em muitas obras, que forão encarregadas a seu Mestre

João de Figueiredo, e que este confiava da singular pericia do seu habil discipulo. He producção do seu talento a medalha allegorica do Porto com a effigie de elRei o Senhor D. João 6.°, desenho original do excellente Artista Joaquim Carneiro da Silva. Mas a Obra que mais honra o seu talento, e em que mais coadjuvou seu Mestre, he a bella medalha da Estatua Equestre de elRei D. José 1.°, de meio palmo de diametro, aonde se vê todo o primor do buril deste digno Artista. Foi encarregado de abrir os sellos do papel, e os do papel moeda, e trabalhou em 1814 nos cunhos para a baxella que o Governo Portuguez offereceo a Lord Wellington, mostrando nestas e em muitas outras obras suas, e até nos mais pequenos esboços, a sua grande pericia, e esmerada perfeição. Em 1816 obteve o lugar de Abridor Extraordinario da caza da moeda, e tendo desempenhado este cargo por alguns annos, falleceo em Setembro de 1826, e foi sepultado no cemiterio da Irmandade do Santissimo Sacramento da Parochia de S. Paulo desta cidade de Lisboa.

DOMINGOS JOSÉ DA SILVA — He irmão do benemerito gravador Simão Francisco dos Santos, de quem recebeo as primeiras luzes da Arte. Matriculou-se na Academia do Desenho, aonde fez progressos, e mereceo alguns dos maiores premios. Frequentou tambem a Escola de gravura do Arco do cego, debaixo do magisterio e direcção de Joaquim Carneiro da Silva. No anno de 1804 vindo para Lisboa o insigne gravador Florentino Francisco Bartolozzi, foi um de seus primeiros e mais aproveitados discipulos. Existem muitas obras que dão testemunho do genio raro, que tinha para a bella Arte da gravura, sendo uma das melhores (a juizo dos intelligentes) a estampa do *Senhor Jesus da boa sentença.* Em 1830 obteve o nosso Artista o lugar de Abridor Extraordinario da caza da moeda, com a condição de ensinar as suas prendas artisticas. Finalmente deixou a caza da moeda para continuar no exercicio da Gravura de chapa, e em testemunho e premio de seus distinctos merecimentos e serviços, foi em 1836 nomeado Professor de Gravura na Academia das Bellas-Artes de Lisboa, aonde continúa no exercicio do magisterio com dignidade.

FRANCISCO DE BORJA FREIRE — He natural de Lisboa, nascido em 1790, filho de João Luiz Freire. Sendo de idade de nove para dés annos, começou a sua carreira artistica no Arsenal R. do Exercito, tendo por Mestres os Figueiredos, pai, e filho. Em 1814 foi despachado Praticante de Abridor da caza da moeda. Trabalhou na magnifica baxella, que o Governo offereceo a Lord Wellington, debaixo da direcção do distincto Artista Sequeira. Na caza da moeda coadjuvou, na gravura dos cunhos, a seu tio Cypriano da Silva Moreira, e por fallecimento deste ficou suprindo o seu lugar, atéque procedendose a concurso para o provimento da propriedade, obteve plena approvação em 1828. Pouco depois, em 1830, foi nomeado segundo Abridor da caza da moeda, e alcançou por seus talentos e serviços a condecoração da Ordem de Christo, e de N. Senhora da Conceição de Villa-viçosa. Em 1836 foi manda-

do á côrte de Londres para melhor se aperfeiçoar na gravura, e ahi fez excellentes cunhos de retratos gravados em fundo, e todos os puncções de S. Magestade a Rainha Senhora D. Maria 2.ª Actualmente continua no estudo de cunhos de medalhas na caza da moeda desta capital.

FRANCISCO XAVIER DE FIGUEIREDO — Nasceo em Lisboa em 4 de Outubro de 1754. Foi seu pai e seu primeiro Mestre o insigne gravador João de Figueiredo, de quem fizemos menção em lugar proprio. Em 1779 foi chamado pelo Provedor da caza da moeda para coadjuvar o Abridor Amaro Marques no desempenho das medalhas da fundação da Igreja do Coração de Jesus, aonde deo provas de seu distincto talento. Em 1780 offereceo á caza da moeda o puncção de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria 1.ª, que foi empregado nas peças de ouro, e lhe grangeou o lugar de Abridor do numero por Decreto da mesma Augusta Senhora. Em 1802 fez tambem o puncção para as peças de elRei D. João 6.º Servio sempre com grande desempenho e esmero, e acabou seus dias ferido de apoplexia em 27 de Outubro de 1818. Jaz sepultado na Parochia de S. Paulo de Lisboa.

JOSÉ ANTONIO DO VALLE — Nasceo em Lisboa a 15 de Outubro de 1765. Logo de pequena idade deo principio aos estudos artisticos na Real caza Pia do castello de S. Jorge, donde foi mandado para Roma em 1788, e ahi entregue ao magisterio de Mr. Picler na Arte da Gravura. Recolhendo-se a Lisboa, e não podendo obter lugar na caza da moeda por lhe faltarem os principios especiaes desta arte, partio para Londres, aonde a estudou e frequentou com tanto aproveitamento, que voltando á patria, lhe foi logo dado o cargo e titulo de Abridor Extraordinario, de que tomou posse em 1822. Em 1830 foi nomeado Abridor Geral, impondo-se-lhe a obrigação de ensinar a gravura de pedras, em que era mui distincto. Em 1833 foi reintegrado neste lugar, de que havia sido iniquamente esbulhado, e em 1836 foi despachado Professor de gravura de cunhos e medalhas na Academia das Bellas-Artes estabelecida e organizada em Lisboa por Decreto de 25 de Outubro do mesmo anno. Falleceo no anno passado de 1840, e mereceo sempre a estimação das pessoas que o conhecião, não só pelos seus talentos e pericia na Arte, mas tambem pela pureza e suavidade de seus costumes e trato civil.

JOSÉ GASPART — Natural de Flandres, nasceo em 20 de Março de 1732. Estudou o Desenho na sua patria, e a gravura de cunhos e medalhas em diversos paizes que visitou. Estando em Veneza, foi convidado pelo embaixador portuguez para vir ensinar a Arte da gravura de pedras, e aceitando o convite, foi nomeado para esse magisterio por Decreto de elRei D. José 1.º de 11 de Setembro de 1773. Teve por discipulos na gravura de pedras a Simão Francisco dos Santos, e Antonio Nunes de Sousa, e na de cunhos a Manoel de Abreu Perada, e Joaquim Antonio Narciso. Foi muito bom maquinista e muito engenhoso; fazia pianos e outros instrumentos musicos; e gra-

vou para o Paço, e para o publico grande numero de pedras. Fez tambem as medalhas da Fabrica das Sedas, e em 1779 as do R. Convento do Coração de Jesus: finalmente gravou muitos sellos para differentes tribunaes e individuos particulares. Foi condecorado com o titulo de Abridor Geral da Rainha, e acabou seus dias cheio de annos, e de credito, aos 15 de Março de 1812. Jaz na Igreja Parochial de Santa Isabel.

LUIZ GONZAGA PEREIRA — Nasceo em Lisboa em 21 de Junho de 1796, no sitio do Cardal da Graça, e foi filho de Joaquim Maria Pereira e de Maria Barbara de Bulhões. Em 1811 foi admittido á Academia do Desenho, sendo premiado em concurso. Em 1813 matriculou-se com o seu collega Almeida na escola da gravura de pedras e cunhos da caza da moeda, debaixo da direcção de Simão Francisco dos Santos. Em 1822 foi nomeado Ajudante de José Antonio do Valle, e em 1833 obteve o despacho de 3.° Abridor de cunhos da caza da moeda, aonde, em 21 de Junho de 1839, concluio e assignou a informação, que aqui temos compendiado, dos Abridores, e Gravadores de Cunhos e Medalhas da Caza da Moeda de Lisboa.

PAULO AURELIANO MANGIN — Filho de Antonio Mangin, acima nomeado, nasceo em Lisboa a 7 de Janeiro de 1730. Aprendeo o Desenho e Gravura com seu pai, e obteve o lugar de 3.° Abridor da moeda, trabalhando nos cunhos que então se fabricavão. Coadjuvou seu pai nas medalhas de elRei D. José 1.°, abrindo-lhe os reversos. Fez gravuras para o publico, e em 1777 fez o puncção da moeda da S.ra D. Maria 1.a, e de seu Augusto Esposo elRei D. Pedro 3.° Falleceo em 5 de Outubro de 1790, e jaz na Igreja Parochial de S. Paulo.

SIMÃO FRANCISCO DOS SANTOS — Nasceo em Lisboa a 28 de Outubro de 1758, e foi filho de Manoel Francisco e de Maria Micaella. Recebeo da natureza especial genio para a Arte, e foi mui distincto na gravura de pedras preciosas, e de cunhos e medalhas. Foi admittido na aula de Desenho de João Grossi (no sitio do Rato) por Decreto de Dezembro de 1773, passando depois a trabalhar debaixo da direcção do Abridor Flamengo José Gaspart, aonde adquirio grandes aproveitamentos no estudo da Arte. Desempenhou muitas e insignes obras para o publico: gravou os puncçoes da moeda do Senhor D. João 6.°, e o de seu Augusto Filho o Senhor D. Pedro 4.° Foi finalmente hum dos melhores entre os Artistas seus contemporaneos, e notavel por sua probidade religiosa e civil. Deixou bons discipulos, e entre elles a Caetano Alberto Nunes de Almeida, e Luiz Gonzaga Pereira, de que já falamos. Falleceo em 12 de Janeiro de 1830, e foi sepultado no Cemiterio da Irmandade do S.mo da freguezia de S. Paulo, a quem era singularmente devoto.

Musicos.

João de Sousa Carvalho — Natural do Alemtejo. Foi hum dos mais insignes Mestres de Musica do Seminario Patriarchal, e o que deo luzes aos Compositores Portuguezes para conhecerem o mecanismo de *instrumentar* a musica vocal sagrada e profana.

ElRei D. José o mandou a Italia com Jeronimo Francisco de Lima, Braz Francisco de Lima, e Camillo Cabral, para ali se instruirem n'aquella sciencia, então não muito cultivada em Portugal, aonde apenas se distinguia José Joaquim dos Santos, natural de Obidos, que com o celebre David Peres tinha aprendido o Contraponto.

Quando os quatro Artistas voltárão a Portugal, forão empregados no Seminario; mas João de Sousa mostrou superior habilidade, pelo que, fallecendo David Peres, foi nomeado em lugar delle para Mestre de Musica das Pessoas Reaes.

Teve por discipulos os dous insignes Musicos Antonio Leal Moreira, e Marcos Antonio Portugal, bem conhecidos entre nós.

Additamento ao Supplemento dos Esculptores.

D. Maria Margarida Ferreira Borges — Natural da cidade do Porto, nasceo a 5 de Junho de 1790, e foi baptizada na parochia da Victoria. Desde a mais tenra idade mostrou esta Senhora hum singular engenho e dexteridade em executar o que emprehendia. Nunca se deo ao estudo do Desenho; e comtudo vendo em 1836 trabalhar em barro hum Esculptor seu compatriota, pedio-lhe o barro, que restava da obra, e adoptando para o seu intento alguns dentes de hum pente, com este unico instrumento, e sem auxilio de pessoa alguma, fez o busto de sua cunhada a Ex.ma D. Bernarda Candida Ferreira Borges, com tanta exacção e propriedade, que causou admiração a alguns Artistas, que, a pedido de seu irmão, a forão surprender no seu trabalho. Animada pelo bom exito desta primeira tentativa (de cuja possibilidade alguns duvidavão) e movida das instancias de seu irmão. emprehendeo fazer o busto de S. Mag. Imp. o immortal Duque de Bragança, e o executou, servindo-lhe de originaes os melhores Retratos deste Gran-

de Principe, e o que ella conservava na sua propria fantasia. Este busto teve a honra de ser appresentado a S. Mag. Imp. a Senhora Duqueza de Bragança. Tirou tambem pelo natural o busto de sua prima Dona Margarida de Moura Miranda, o de seu irmão o Ex.mo José Ferreira Borges, o de outra sua prima D. Joaquina de Moura Velloso, e ultimamente o do Doutor Custodio Luiz de Miranda, nos quaes todos se observa, a par da perfeita semelhança com os originaes, huma execução mui acabada, e igual á dos bons Artistas. Concluiremos esta breve nota com as palavras que se lêem no *Periodico dos Pobres no Porto*, an. de 1839. num. 5. « Há o busto em barro do senhor José Ferreira Borges, feito por sua extremosa irmãa a Senhora D. Maria Margarida Ferreira Borges: he inteiramente parecido, e tem sido admirado por os professores, e entendedores. Não teve esta Senhora mestre mais que a natureza; mas que bom mestre he esta! A primeira tentativa, que fez neste genero, foi o busto da espoza de seu defuncto irmão, e sem outros instrumentos mais que os dentes de um pente, sahio-lhe obra de mercimento. »

MANOEL DA FONSECA PINTO CARNEIRO — Foi este Artista o que executou na cidade do Porto a elegante Obra das differentes figuras allegoricas e mythologicas, e os baixos relevos, que ornão tánto os lados, como a popa e proa do Vaso denominado *Real Escuna*. Tem executado muitas outras Obras de Esculptura de talha para varios navios construidos n'aquella cidade: e retrata, tirando em barro e gesso bustos, e outras obras para algumas Pessoas Reaes e para particulares. He actualmente Lente de Desenho no Conservatorio das Artes da cidade do Porto.

Fim.

☞ **Segundo a Advertencia feita no N.° 3 deste Jornal pertencente ao anno de 1839, deverão os encadernadores separar as ultimas 4 paginas de cada um dos N.°s que contiverem a relação dos nossos mais insignes artistas, tanto dos folhetos pertencentes ao referido anno, como dos de Fevereiro e Abril de 1840 e Fevereiro de 1841, e junta-las no fim do volume do presente anno ou encaderna-las em separado.**

Das Armas das Familias deste Reino.

ABARCA — Tem por armas em campo de ouro uma cadêa azul em roda do escudo com uma faxa atravessada de vermelho.

Pertendem alguns que esta Familia procede de ElRei D. Sancho Abarca, que subio ao throno em 901, e foi o segundo do nome em Navarra.

ABOIM — Tem o escudo esquartelado (1). No primeiro e quarto enxequetado (2) de ouro e azul, de quatro peças em faxa (3). No segundo e terceiro tres pallas (4) azues em campo de ouro. Timbre (5) dois braços vestidos de azul com um taboleiro de xadrez, leonado, enxequetado de ouro e azul nas mãos. É seu solar a Freguezia de Aboim, no Julgado de Nobrega, na Provincia de Entre Douro e Minho. Procede de D. João de Aboim, Rico homem, e Mordomo Mór d'ElRei D. Affonso III.

ABOR — Tem o escudo enxequetado de azul e branco, ou prata em seis ou dez ordens. Outros o tem em verde e branco, ou prata.

ABRANCHES — É ramo derivado dos Almadas, que teve principio em D. Alvaro Vaz de Almada, Conde de Abranches, em França, donde tomárão este appellido seus descendentes. Foi Portuguez valente, que alcançou os Reis D. João I, D. Duarte e D. Affonso V, Heroe daquella idade, um dos doze de Inglaterra, Cavalleiro da Jarreteira, e acompanhou ao Imperador Sigismundo, na guerra dos Turcos. Neste Reino foi Capitão Mór do mar, Alcaide Mór de Lisboa; morreo na batalha de Alfarrobeira com o Infante D. Pedro. — Usão os desta Familia das mesmas armas dos Almadas.

ABREU — Tem em campo (6) vermelho cinco cotos de aguia de ouro, direitos em aspa (7). Timbre, um dos cotos estendido. É seu solar a Torre de Abreu, junto a Valença do Minho. Tem a Casa de Regalados.

---

(1) *Esquartelado* — E' o escudo das armas dividido em quatro partes iguaes, com differentes cores ou figuras.

(2) *Enxequetado* ou *empequetado* — Significa: repartido em xadrez das côres que se declarão.

(3) *Faxa* — E', a peça que atravessa direita o escudo de um lado a outro; ou um listão entre duas linhas que atravessão o escudo ao lado. *Faxas dobres* são as faxas de duas em duas.

(4) *Palla* — E' uma barra ou faxa, ou, mais genericamente, uma peça lançada do alto até o fundo do escudo, ou continua ou de varias peças, uma sobre outra. *Em palla; partido em palla*, é o escudo que tem as peças ou figuras deitadas de alto abaixo, como as Arruellas dos Castros, e as Cunhas dos Cunhas. *Pallado*, significa a mesma cousa.

(5) *Timbre* — Debaixo deste nome comprehende-se tudo aquillo que se põe sobre o escudo, e distingue os gráos da nobreza ou da dignidade, assim secular como ecclesiastica.

(6) *Campo* — E' todo o espaço do escudo sobre que assentão as peças.

(7) *Aspa* — E' peça que tem a figura da Cruz de Santo André, cuja veneração introduzio esta *aspa* nos escudos. Os Francezes lhe chamão *Santor*.

O Rei d'Armas Coelho censura o escrever-se cinco cotos de aguia em lugar de cinco cotos de azas de aguia. Fr. Leão de S. Thomaz, na segunda parte da Benedictina, quer que o timbre conste de duas azas, e não de uma só.

ABUL ou **ABIUL** — De ambas estas maneiras se acha nomeada uma Familia antiga do nosso Reino que trazia por armas um escudo partido em palla, a primeira meia aguia negra, estendida, armada de azul, em campo de ouro; a segunda de azul, com uma faxa vermelha, perfilada de ouro, com tres crescentes de prata, um sobre a faxa e os dois ao pé della postos em faxa; timbre duas azas de aguia negra estendidas, e entre ellas um dos crescentes das armas.

AÇA — Tem em campo de ouro uma cruz vermelha, florida e aberta do campo, entre quatro caldeirões negros, faxados de tres faxas de ouro, orla (8) de prata, com vinte aspas vermelhas. É seu solar a Villa de Aça em Castella.

O Rei d'Armas Coelho, com Argote de Molina, diz não serem as aspas mais que dez, e que a cruz não deve ser aberta.

ACHIOLI — Tem em campo de prata um leão azul rompente. Timbre o mesmo leão. Procede de Simão Achioli, povoador da Ilha da Madeira, oriundo de Florença; aonde é esta familia nobilissima.

ADORNO — Tem por armas em campo de ouro uma banda enxequetada de prata e negro, tendo a banda tres ordens de jaquetes.

Esta Familia é das antigas de Genova; e supposto tivesse origem plebéa, mereceo ser aggregada ha muitos annos á Casa de Pinelli, tendo ella e a dos *Fragozos* muitas vezes a primazia sobre todas as outras Familias da Republica para o Governo della; de tal fórma que desde o anno de 1363, em que Gabriel Adorno foi eleito *Dux* ou *Doge* de Genova, até o tempo do Imperador Carlos V., occupárão muitos filhos da Casa de *Adorno* aquelle Lugar, ou Suprema Magistratura da Republica.

A Nobiliarchia de Villasboas não trata deste appellido; porém é muito de presumir que o P. Purificação não désse a descripção das suas armas, entre as das outras Familias deste Reino, sem algum fundamento.

AFFONSO — Tem por armas um escudo partido em palla, isto é, de alto abaixo; e que a primeira palla se divide em duas partes, tendo na alta uma aguia negra de duas cabeças em campo de ouro, e na baixa um castello de ouro em campo vermelho: que na segunda palla, ou parte do escudo tem os Affonsos um leão de purpura em campo de prata.

Estas armas forão dadas a Jorge Affonso, que fez relevantes serviços ao Estado.

AGOMIA — O nosso antiquario Manoel Severim de Faria lembra-se desta Familia, quando trata dos escudos de armas que são cifras dos appellidos. — *Agomias* (diz elle) *Gumis:* de que se mostra ser *Agomia* ou *Agumia* o nome porque Severim entendeo os da Familia de *Gomide*, que tem por armas *cinco gomis de ouro em campo azul, e por timbre um dos gomis do escudo.* — O Chronista Fernão Lopes já usou do nome de Gomide, quando tratou de Gonçalo Lourenço, que foi Escrivão da Puridade d'ElRei D. João I.

Veja-se mais adiante **GOMIDE**.

AGUEDA — Tem por armas um grypho de ouro coroado do mesmo em campo vermelho, e por cima do dito grypho um astro tambem de ouro.

AGUIAR — Tem em campo de ouro uma aguia vermelha, estendida; armada (9) de preto em campo de ouro.

(8) *Orla* — E' a guarnição lançada ao redor do escudo. D'aqui *Orladura*; *Orlado*.

(9) *Armado* — Applica-se ao animal que tem unhas, lingua, chiffres, etc.; e então se ha de dizer: *Armado de tal côr*, como 5 lobos das armas da familia deste appellido, que são de preto em aspa, armados de vermelho, unhas e dentes. Ou tambem *armado de metal.* Se o animal vai de côr em campo de côr, sendo armado de metal, não é contra as regras da Armaria.

Timbre outra aguia. Procede de Pedro Mendes de Aguiar, em tempo d'ElRei D. Affonso Henriques.

AGUILAR — Tem em campo de ouro uma aguia vermelha, com pernas e bico negros, a lingua vermelha; e sobre o peito e parte das azas, que estão estendidas, um crescente de lua de prata. Timbre a mesma aguia. Procede de Castella.

O P. Purificação diz que os Aguilares tem por armas em campo de ouro uma aguia parda com pés e bico de purpura, e nos peitos um escudete branco com tres faxas vermelhas, que são as Armas de Cordova; e affirmão que estes Fidalgos se não appellidão *Aguilares* por linhagem, mas por senhorio, isto é, por serem senhores da Villa de *Aguilar*, chamada de la Frontera, e que são da Casa de Cordova.

AGUILERA — Em campo de ouro uma aguia negra volante, com uma orla de prata, perfilada de negro, com sete vieiras negras, riscadas de ouro.

Procedem os deste appellido de uma Familia Castelhana.

AJOFRIM — Tem por armas uma cruz floreteada e vazia em campo azul, segundo o P. Purificação no seu Livro dos Brazões de Portugal, que affirma que estas armas tiverão principio na Batalha das Navas.

ALAGON — Desta Familia não trata a Nobiliarchia de Villasboas; porém faz della menção o P. Purificação nos Brazões de Portugal, dizendo que tem por armas em campo de ouro seis arruelas de negro postas em duas pallas.

ALAM — Tem o escudo esquartelado, dois de xadrez vermelho e amarello, dois brancos com cinco flores de liz de ouro em aspa.

O Rei d'Armas Coelho censura rigorosamente a explicação de Villasboas, e diz que esta Familia tem por Armas um escudo esquartelado, ao primeiro enxequetado de ouro e vermelho de tres peças em faxa; ao segundo em campo azul cinco flores de liz de ouro em aspa, e assim os contrarios; e por timbre um alão azul com uma flor de liz na espadoa.

ALARCÃO — Tem por armas em campo de prata tres faxas negras, esquarteladas de ouro, com orla jaquetada (10) de ouro e vermelho, de duas peças em faxa; e sobre o escudo outro menor, e nelle cruz floreteada de ouro, e vazia do campo, que é sanguinho: orla azul, com oito aspas de ouro.

Estas são as armas que a esta familia dá a Nobiliarchia de Villasboas; porém o Rei d'Armas Coelho acha esta descripção confusa e inintelligivel, e diz que as armas dos Alarcões, como as descreve Argote de Molina, são em campo vermelho uma cruz de ouro, floreteada, e por orla oito aspas de ouro, com um filete negro, que faz a divisão. — O P. Purificação dá á mesma Familia uma cruz de purpura floreteada, em campo de ouro, e uma orla azul com oito aspas de ouro, alludindo a cruz á batalha das Navas de Tolosa, e as aspas a Santo André, em cujo dia entendeo fôra tomado o Castello de Alarcão aos Mouros.

Procede de Fernão Ennes de Cevalhos, que ganhou Alarcão aos Mouros, e mudou de appellido em 1176. Derivou-se pelo seu descendente a Portugal este appellido D. João de Alarcão, que veio a este Reino com a Rainha D. Maria, Mulher d'ElRei D. Manoel.

ALARDOS — Tem em campo vermelho tres flores de liz em triangulo, e entre ellas uma meia lua de prata. Timbre um meio leão, armado de vermelho com colleira do mesmo. Procede de D. Alardo, Cavalheiro Francez, que veio a este Reino em tempo d'ElRei D. Affonso Henriques.

O P. Purificação dá aos Alardos tres flores de liz de ouro postas em triangulo, e entre ellas uma meia lua de prata em campo vermelho, e por timbre um

(10) E' o mesmo que *enxequetado*.

meio leão de prata em campo vermelho e uma das lizes na mão.

ALBERGARIA vide **ALVERGARIA.**

ALBERNAZ — Tem o escudo esquartelado de azul e prata. Nos dois, em campo azul, um ramo de carapeteiro de prata. Nos contrarios em campo de prata um ramo azul do mesmo. Já erão conhecidos no tempo d'ElRei D João I.

O Rei d'Armas Coelho ordena melhor o escudo segundo as regras da Armaria, posto que nada innova quanto á substancia delle, e só diz que o timbre é um carapeteiro azul florido de prata, e que cada ramo deve ter sete folhas.

ALBERNOZ — Tem em campo de ouro uma banda verde. Procede de Castella.

ALBUQUERQUE — Tem o escudo esquartelado. No primeiro as Quinas de Portugal, com seu filete e contrabanda (11) costumada. No segundo, em campo vermelho, cinco flores de liz de ouro em aspa. Da mesma sorte os contrarios. Timbre uma aza de aguia estendida, e sobre ella as cinco flores das Armas. Procede de D. Affonso Telles de Menezes, povoador de Albuquerque, Villa de Castella, quasi na raia de Portugal. Ha outros deste appellido, que tem o escudo partido em tres pallas; na primeira em vermelho uma torre de prata, e sobre ella uma aguia negra, volante; na segunda em azul um cruzeiro com seu pedestal de ouro; na terceira partida em faxa, primeira de ouro, com cinco gralhos de sua côr em Santor; segunda em vermelho duas pallas de ouro. Procede de D. João de Albuquerque.

ALCAÇOVA — Tem em campo azul uma Fortaleza de prata com cinco Torres; a do meio mais alta, com portas e frestas, lavrada de preto, a muralha de prata. Timbre a mesma Fortaleza das Armas. Procede de Pedro de Alcaçova, Secretario d'ElRei D. João II em 1491.

Coelho só repara em que Villasboas chame muralha de prata, ao que, nas leis d'Armaria deve nomear-se muralha dobrada, e Purificação diz que a fortaleza deve ser de prata lavrada de negro.

ALCOFORADO — Tem o escudo enxequetado de prata e azul com sete peças em faxa. Timbre uma aguia de azul, volante, armada, e enxequetada da banda direita, ametade de prata. Procede de Pedro Martins Alcoforado, descendente de Pedro Mendes de Aguiar.

Coelho, que nomeia *Alcamforados* os filhos desta Familia, diz que o timbre ha de ser uma aguia azul volante, armada de prata com a aza direita enxequetada de prata.

ALDANA — Tem por armas em campo vermelho cinco flores de liz de ouro postas em aspa, e por tymbre um meio leão de ouro rompente; segundo a descripção que nos dá o P. Purificação nos *Brazões* de Portugal.

Esta Familia illustre e antiquissima é progenitora dos *Maldonados*. — Pertendem alguns que um Aldana aprisionou na Batalha de Pavia o Rei Francisco I, e que por essa razão tomarião os Aldanas modernos os lizes em campo de sangue.

ALDERETE — Tem por armas em campo vermelho uma cruz de prata com orla azul, e nella oito lirios de ouro, segundo o P. Purificação.

No livro velho das Linhagens e no Nobiliario do Conde D. Pedro, vemos este appellido quando se trata do Rico Homem D. Guttere Alderete, tronco ou

---

(11) *Contrabanda* — E' uma peça que se lança no escudo ao contrario da *banda*. A *banda* representa o talim do cavalleiro, e se lança do alto do angulo direito do escudo ao fundo da parte esquerda, porque lançando-se do alto do angulo esquerdo para o fundo, da parte direita; denota bastardia. — Significa a *banda* a postura da taboa, escada, ou engenho, por onde se commetteo alguma acção de valor, ou difficultosa entrada com risco de vida. — *Banda adentada* é a banda que levava ao redor pontas agudas. — *Escudo em banda* é o que tem as cousas atravessadas, como a *banda*.

varonia dos Silvas, que Lavanha affirma ter assistido á tomada de Coimbra em tempo do Rei D. Fernando Magno.

Veja-se **SILVA.**

ALEDO — O P. Purificação diz que tem por armas um escudo esquartelado, no primeiro e terceiro castello de prata em campo de sangue, e nos contrarios cinco escudos azues do Reino; timbre uma flor de liz de prata.

E' de suppôr que o dito P. Purificação confundio o appellido de *Aledo* com o de *Ledo*.

ALFARO — Tem o escudo partido em palla. No primeiro em verde tres bandas de ouro. No segundo em azul uma meia lua.

Estas armas parece serem as dos Alfaros, procedentes de D. João d'Alfaro, Senhor da metade dos Cameiros, e Commendador Mór de Leão.

A Nobiliarchia Portugueza dá por armas aos Alfaros, que procedem de Manoel Diogo de Alfaro, chamado o da Cabelleira, Medico da Camara d'ElRei D. Manoel, tres pescoços e cabeças de serpe postas em aspa, atadas com um troçal verde em campo vermelho, e por timbre os mesmos tres pescoços, atados com troçal de ouro.

ALFERES — Diz o P. Purificação nos Brazões de Portugal, que tem por armas tres bandas de ouro em campo vermelho, e por orla oito aspas de ouro em campo negro: procedem de um cavalleiro, chamado D. Gonçalo, que levava o pendão do Conde D. Lopo Dias de Haro na conquista de Baeza.

ALMA — Tem o campo faxado de ouro e azul, de tres faxas cada um. Timbre, duas tochas de azul, com fogo do primeiro.

Purificação trata deste appellido *Alma* por *Dalma*, e declara que o escudo deve ser enxequetado de ouro e azul, e por timbre duas tochas de ouro accesas, e atadas com um troçal azul.

ALMADA — Tem em campo de ouro uma banda azul, com duas cruzes de ouro floridas e vazias, entre duas aguias vermelhas, estendidas e armadas de preto. Timbre, uma das aguias, estendida. Procede de um Capitão Inglez, que veio a este Reino na armada de Guilherme de Longa Espada e se achou no cerco de Lisboa no tempo d'ElRei D. Affonso Henriques, e fez o seu assento em a Villa de Almada, da qual tomou o appellido.

ALMANSA — Tem o escudo partido em palla. No primeiro em campo de prata tres barras negras. No segundo em campo de prata cinco arminhos negros, e seis aspas em campo de prata, postas em chefe. No resto do escudo, em campo vermelho cinco rodas de Santa Catharina.

Purificação dá aos Almansas um Escudo partido em palla, no primeiro tres barras negras em campo de prata, e no segundo a roda de navalhas de Santa Catharina.

ALMEIDA — Tem em campo vermelho tres besantes de ouro entre uma cruz dobre; com bordadura do mesmo ouro. Timbre uma aguia vermelha abesentada de ouro. Dellas usão as Casas de Abrantes, Avintes e Assumar.

Com notavel differença descrevem os nossos Escriptores os escudos dos Almeidas. — Villasboas e Fr. Antonio Brandão são do mesmo parecer. — Coelho censura o numero dos besantes, que diz hão de ser seis, como o do escudo dos Mellos, com a differença de serem de prata. — Seguindo o P. Purificação, diremos que esta Familia tem por armas seis arruelas de prata em campo de purpura, atravessadas de ouro de cruz dobre, orla do mesmo, e timbre uma aguia vermelha arruelada de ouro.

ALPOEM — Tem em campo azul cinco flores de liz de ouro em aspa. Outros tem em campo de prata uma lua de purpura, com bordadura de vermelho. Timbre, uma adem de sua côr, com os pés vermelhos e o bico de ouro.

Purificação diz que as armas desta

Familia são uma lua de purpura com orla vermelha em campo de prata, ou como querem outros, uma lua de prata em campo vermelho, posto que a dita Familia antigamente trazia cinco flores de liz de ouro, e por timbre um cisne ou adem com os pés de purpura e o bico de ouro.

ALTAMIRANO — Tem treze arruellas (12) azues em campo de ouro, quatro cabeças de Mouros, orla roxa. Timbre, um braço armado, com uma cabeça de Mouro pelos cabellos. Procede de Andaluzia, de Gonçalo Fernandes Altamirano, que tambem tem o appellido de Cabeça, por lh'o dar ElRei D. Fernando III de Castella e Leão, com parte das Armas, que accrescentou ás treze arruellas.

ALTE ou **ALTA** — Tem as Armas dos Esperragosas.

Coelho diz que são differentes, a saber: nove flores de liz vermelhas, postas em tres pallas em campo de prata.

ALTERO — Tem o escudo enxequetado de ouro e vermelho, de quatro peças em faxa. Timbre, meio leão vermelho, enxequetado em ouro.

ALVARADO — A Familia de *Alvarado* é muito illustre em Castella tendo o solar de uma das suas casas em Secadura, Lugar de Merindad de Trasmiera, bem decantada nas nossas Historias.

Posto que dos *Alvarados* não trate Villasboas na sua Nobiliarchia, não se esqueceo desta Familia o P. Purificação nos Brazões de Portugal, dizendo que tem por armas cinco flores de liz em campo de ouro, talvez lembrado de que na nossa Casa Real servirão com moradia nella alguns *Alvarados*, como por exemplo, *Francisco de Alvarado*, que foi Moço da Camara do Infante D. Duarte, filho do Senhor Rei D. Manoel: e além disto que o sangue dos *Alvarados* se acha unido com o de varias Familias e appelidos portuguezes.

ALVARENGA — Tem o escudo de veiros, com tres faxas vermelhas sobre elles. Timbre meio leão rompente, vestido de veiros. Procede de Mem Viegas, filho de Egas Moniz.

ALVERGARIA — Tem em campo de prata uma cruz vermelha, vazia e florida, e uma bordadura de prata, cheia de escudinhos das Armas do Reino. Timbre um drago vermelho, volante.

ALVIM — Tem o escudo esquartelado. Nos dois, xadrez vermelho e amarello; nos contrarios cinco flores de liz de ouro em campo azul.

Coelho nota que Villasboas não assigne timbre a estas armas, nem as explique conforme a arte do Brazão, pois chama *amarello* ao que deve chamar *ouro*, e não declara as peças, que devem ser quatro em faxa, e dá-lhe por timbre um meio leão com uma flor de liz das armas na espadoa. — Purificação discorda nas cores de xadrez, querendo que o primeiro quartel seja enxequetado de prata e vermelho, e o segundo as cinco flores de liz de ouro em campo azul, e assim os contrarios.

ALVO — Tem em campo azul um leão de ouro; e uma banda vermelha, que atravessa o leão e o escudo, e nella tres flores de liz de prata. Timbre o leão com uma flor de liz nas mãos. Procede

(12) *Arruelas* — São figuras redondas postas de côr; tem similhança de *besantes*; estes são uma peça de ouro ou prata redonda, chata, como moeda, que não é marcada. — O *besante* traz a sua origem de uma moeda de ouro de 24 quilates, que fizerão bater os Imperadores de Constantinopla, que antigamente se chamava *Bisancio*. Os cavalleiros que forão á empreza da Terra Santa, ornárão com este genero de moeda o seu escudo. — Differença-se da *arruela*, em que esta é sempre de côr, e o *besante* sempre de metal. Pertendem alguns que as *arruelas* significão as mesas redondas dos Cavalleiros Inglezes, dadas por armas a Janasio pelo Rei Arthur; outros querem que sejão as mesas redondas dos Cavalleiros e Pares de França no tempo de Carlos Magno ou de Hugo Capeto. Os nossos tem que são tortas ou pasteis ou bolos. — Uns trazem 13, outros 6; e todos são Castros, mas por diversas linhas.

de Estevão Alvo, a quem forão dadas estas armas.

Coelho diz que a banda ha de ser posta sómente sobre o leão, e censura nesta parte a explicação de Villasboas como opposta ás leis do Brazão.

AMADO — Tem o escudo esquartelado. No primeiro em campo azul uma aguia de ouro estendida, armada de preto. No segundo em campo verde uma banda de prata, semeada de arminhos. Da mesma sorte os contrarios. Timbre, a aguia. Procede de Gonçalo Mendes Amado, a quem deo estas Armas El-Rei D. Fernando, ainda que no tempo do Conde D. Henrique já havia este appellido.

AMARAL — Tem em campo de ouro seis luas azues em duas pallas. Timbre, um leão de ouro com uma facha nas mãos, e cauda azul. Solar, no lugar de Amaral, na Comarca de Vizeu.

Coelho censura o chamar Villasboas *Luas* ao que na arte do Brazão deve nomear-se *crescente*, e tambem o dar cauda azul ao leão de timbre; querendo que seja o animal todo da mesma côr, e que tenha nas mãos uma alabarda com hasta azul e ferro da côr natural.

Purificação adverte que os *crescentes* devem ter as pontas para baixo; e que o leão do timbre seja de purpura, e tenha a alabarda de hasta azul, como diz Coelho.

AMORIM — Tem em campo vermelho cinco cabeças de Mouros em aspa, com toucas de prata, barbas de ouro, rostos encarnados. Procede de Galliza.

ANDRADE — Tem em campo verde uma banda vermelha, e coticada de ouro, com duas cabeças de serpes. Timbre dois pescoços de serpes de ouro, com duas cabeças, postas em fugida, armadas de vermelho, retrocidos, batalhantes. Alguns põem em campo de prata por orla *Ave Maria*, de letras negras, em memoria do estandarte dos Templarios, em que estava gravada a *Ave Maria*, que recobrárão dos Mouros certos Cavalleiros desta Familia, a qual procede de Nuno Freire de Andrade, Mestre da Ordem de Christo, vindo a este Reino desde o de Castella no tempo d'ElRei D. Pedro o cruel; e este de um dos Cavalleiros, que vierão a Hespanha com o Conde D. Mendo, e tem o seu solar na Villa de Andrade em Galliza. Outros procedem de Fernando Alvares de Andrade; e tem em campo de ouro uma banda vermelha, que sahe das boccas de duas serpes de prata, picadas de verde, entre duas caldeiras escaquetadas de prata e vermelho, com cintas e azas de ouro, e em cada remate das azas sua cabeça de serpe. Timbre, o mesmo que dissemos dos primeiros.

ANHAYA — Diz Villasboas que os *Anhayas* tem por armas cinco barras azues atravéz em campo de ouro; e que procedem de Pedro de Anhaya, Fidalgo Castelhano, que se passou a este Reino em tempo d'ElRei D. Affonso V por seguir o partido da Princeza D. Joanna contra os Reis Catholicos.

Coelho, reformando a Villasboas, diz que devem ser cinco coticas, e não cinco barras, e que devem ser vermelhas e não azues; e dá por timbre um pescoço e cabeça de lobo da sua côr.

O P. Purificação differe algum tanto da opinião daquelles dois Authores quanto á descripção das armas desta Familia.

ANTAS — Tem em campo vermelho seis lisonjas (13) de prata em cruz, as

(13) *Lisonja* — E' uma figura quadrada, ou de quatro angulos, com diametros desiguaes, ficando dois angulos agudos, um para cima, e outro para baixo, mais distantes de outros dois obtusos. — Differença-se dos quadrados do xadrez, em que para a *lisonja* se lanção os riscos em *banda* e *contrabanda*; e para o xadrez em *faxa* ou em *palla*. Donde os que tem por Armas o escudo em *lisonjas* hão de lançar riscos em *banda* e *contrabanda* ao escudo; e os claros ou brancos que resultão dos riscos encontrados é o que se chama *lisonja*, e se lhe dará a côr que declarar o *Brasão*. — As Infantas trazem o escudo feito em *lisonja*, e ella partida em *pallas*, a primeira em branco sem nada

quatro em palla. Timbre, uma anta de sua cor. Procede de Mem Affonso de Antas, que foi Senhor do Vimieiro. Solar o lugar de Antas, no Concelho de Coura.

ARAGÃO — Tem quatro barras vermelhas em campo de ouro. Procede de D. Pedro de Aragão, meio irmão da Rainha Santa Isabel, que veio para este Reino. Houve outros, que passárão a este Reino no tempo d'ElRei D. Sancho I, de que era chefe D. Martim de Aragão.

ARANHA — Tem em campo azul uma asna (14) de prata, entre tres flores de liz de ouro; e sobre a cabeça della um escudinho vermelho com uma banda de prata; e sobre a banda tres aranhas pretas. Timbre o chaveirão das Armas, como está.

ARAUJO — Tem em campo de prata uma aspa azul com cinco besantes de ouro nella. Timbre, meio Mouro, com braços, vestido de azul, com um capello de ouro, como de caça. Procede de Pedro Annes de Araujo, que se passou a este Reino no tempo d'ElRei D. Fernando; o qual era filho de Vasco Rodrigues de Araujo, Senhor do Castello de Araujo em Galliza. Mas os de lá tem outras Armas, que consistem em uma torre com uma dama, e ao pé da torre um falcão com uma perdiz nas garras e tres flores de liz em chefe (15).

Coelho contradiz este timbre, affirmando que deve ser meio Mouro sem braços, vestido de azul, com um capello de ouro na cabeça a modo de Cacis, ou Mestre da seita dos Mouros.

para que, quando casar, ponha alli as Armas de seu marido, e á parte esquerda as d'ElRei seu pai com sua corôa aberta em cima; e nenhum Principe, nem o herdeiro a póde trazer cerrada como a d'ElRei, mas sim floreada de miudas peças.

(14) *Asna* — é figura composta de duas bandas chatas, que representão um compasso meio aberto, cujas pontas se vão alargando para baixo contra os dois lados do escudo.

(15) *Chefe* — E' a parte superior do escudo, ou a cabeça, ou tudo aquillo que se põe no alto do escudo.

ARCA — Tem o escudo esquartelado. No primeiro em ouro uma faxa vermelha. No segundo enxequetado primeiro e segundo de tres peças em faxa. Assim os contrarios. Timbre um galgo preto, pinta lo no elmo com uma colleira empequetada de ouro e vermelho. Seu solar Valle de Arca, junto a Monte mór o novo.

Coelho só repara no timbre que Villasboas diz se *pinta do elmo*, e elle corrige em *pinchar*, pois que o galgo deve estar de modo que pareça querer saltar, ou sahir por força do dito elmo.

ARCO — Tem em campo de ouro um Sagittario de côr de homem, a parte do cavallo negra; com arco vermelho, corda verde, setta de prata com pennas verdes, e o ferro da sua côr. Procede de João Fernandes de Arco, Fidalgo Gallego, que veio a este Reino em tempo d'ElRei D. Affonso V, e casou na Ilha da Madeira, onde deixou geração.

ARELANO ou **ARELHANOS** — Tem em campo de prata duas barras vermelhas, e na borda verde seis flores de liz.

ARGOTE — Tem por armas em campo vermelho uma cruz floreteada vazia.

ARNÁO — Tem em campo de prata seis leões negros, em duas pallas, rompentes a seu direito. Timbre, um dos leões. Procede de Guilherme de Arnáo, Inglez, que veio a este Reino com a Rainha D. Filippa, e foi seu Vedor.

ARRAES — Tem o escudo esquartelado. No primeiro em vermelho nove folhas de golfão de ouro em tres pallas. No segundo partido em aspa de ouro e verde, um S preto sobre o ouro; e sobre o verde uma banda vermelha acoticada (16) de ouro. Assim os contrarios.

(16) *Acoticado* ou *acotado* — diz-se do escudo em que ha *coticas*. — *Cotica* é uma peça similhante á *banda*, porém mais estreita; e se lança de canto em través do escudo, como a *banda*. — Tambem é labeo de bastardia. — D'aqui *coticado*, que é quando se enche o escudo com dez *bandas* de cores alternadas.

Timbre, um meio salvagem com um remo de ouro aos hombros. Procede de um Cavalleiro, que servia de arraes de uma barca arranjada com todo o primor, em que tiverão uma entrevista ElRei D. Fernando e ElRei de Castella D. Henrique II, defronte de Santarem, para o ajustamento de paz entre as duas corôas.

Como ElRei era o homem mais gentil do seu tempo, contão que ElRei de Castella dissera, na despedida: *Formoso Rei, Formosa Barca, Formoso Arraes.* A este Cavalleiro, e áquellas palavras attribuem os desta Familia a ascendencia e origem do seu appellido.

Coelho declara que as armas dos *Arraes* são unicamente as folhas dos golfãos, e que o restante que acima aponta Villasboas são as armas dos Mendoças, por se usarem sempre juntos os appellidos Arraes e Mendoça, e não convindo na origem do appellido *Arraes* com o mesmo Villasboas, diz que em tempo de ElRei de Portugal D. Affonso IV, fôra conhecido D. Fernando Arraes, Fidalgo Castelhano que tinha a fronteira contra o Algarve por ElRei D. Affonso XI de Castella, e que lhe parece procederem daquelle Reino os Arraes deste, e que são justamente Mendoças. — Purificação dá a esta Familia não nove, mas seis folhas de golfão de ouro em campo vermelho (mas diz que alguns usão de nove folhas), e que o timbre ha de ser o meio salvagem marinho com o remo de ouro aos hombros; e sobre a origem cita a Chronica de Duarte Nunes de Leão para persuadir que das palavras do Rei de Castella é que se originou o appellido *Arraes*, como sentem quasi todos os outros nos Genealogicos.

ARRISCADO — Tem o escudo enxaquetado de ouro e azul, de tres peças em faxa.

Purificação dá por armas a esta Familia em campo vermelho seis lisonjas de ouro postas em cruz, começando a haste da cruz na segunda lisonja da parte de cima.

ARVÉLOS ou ALVELOS — Tem em campo vermelho cinco estrellas de ouro de sete pontas, cada uma em aspa. Timbre, meio leão vermelho, com uma estrella das armas na espadoa. Seu solar a Freguezia de Alvellos, junto a Bercellos. Procede de João Mendes Martins Salsa, filho de Martim Moniz, que morreo á entrada da porta do Castello de Lisboa, e bisneto do Conde D. Osorio de Cabreira, que passou a Portugal no tempo do Conde D. Henrique.

ATAÍDE — Tem em campo azul quatro bandas de prata. Timbre, uma onça de azul, bandada (17) de prata, como que salta. Seu solar a Freguezia de S. Pedro de Ataíde no Bispado do Porto. Procede de Mem Moniz, filho de Egas Moniz. Usão dellas os Condes de Atouguia, Castanheira e Castrodaire, por descenderem de Alvaro Gonçalves de Ataíde, Aio d'ElRei D. Affonso V, e Governador da Casa do Infante D. Pedro, etc.

ATOUGUIA — Em campo vermelho uma cruz de ouro firmada (18) no campo com bordadura do mesmo entre quatro flores de liz, tambem de ouro. Timbre, meio leão, ou um leão nascente, como alguns lhes chamão. Procede de Gil Fernandes de Atouguia, descendente de Roberto de Lacorné, Fidalgo Francez, que se achou na tomada de Lisboa com ElRei D. Affonso Henriques, e foi Senhor da Atouguia.

Coelho não gostou da explicação de Villasboas, e pertende que deve dizer-se: em campo vermelho uma cruz de ouro firme com bordadura do mesmo, entre quatro flores de liz, tambem de ouro, e por timbre meio leão de ouro.

AVALO — Tem em campo azul um castello de ouro; orla de branco e amarello.

Coelho censura esta descripção de Vil-

(17) *Bandado* — E' escudo atravessado com a *banda*.

(18) *Cruz firmada no campo* — E' quando chega com as pontas até o fim e orla do mesmo escudo.

lasboas com o fundamento de não haver na Armaria branco nem amarello. — Purificação descreve assim o escudo: em campo azul um castello de ouro com orla de escaques de prata e ouro.

AVELANEDA — Tem por armas dois lobos da sua natural côr em campo de ouro, com uma orla de oito escaques de ouro, em campo vermelho. Villasboas faz menção deste appellido com equivocação, porque chamou *Amblanedas* aos *Avelanedas*, de que o increpou Coelho com razão. — Diz o dito Villasboas que tem as mesmas armas dos Haros sem as ovelhas; porém o mesmo Coelho, com Argote de Molina e Sapata, affirmão que são em tudo as mesmas.

O P. Purificação é quem dá aos *Avelanedas* dois lobos da sua natural côr em campo de ouro, com uma orla de oito escaques de ouro em campo vermelho.

AVELAR — Tem em campo de ouro tres faxas vermelhas, e sobre cada uma tres estrellas de prata. Timbre, tres espadas, fincadas no elmo com os cabos de ouro, e os punhos de vermelho, em roquete.

Coelho diz que esta Familia procede de Aragão; donde veio Martim de Aragão com a Rainha Santa Isabel. É seu solar a Villa de Avelar.

AVILA — Tem o escudo esquartelado. No primeiro em campo de ouro uma aguia negra. No segundo em campo de prata tres faxas vermelhas, com sete olhos de sobrancelhas azues. Timbre, a aguia.

Coelho contraria estas armas, de que faz menção Villasboas, e affirma que devem ser treze arruellas azues em campo de ouro, que são as assignadas por Alonso Lopes de Haro ao Conde del Bisoy que é da Familia; posto que o Chefe, diz elle, é o Marquez de las Navas.

AVINHAL — Em campo de ouro tres chirones (ou asnas, como lhe chama Villasboas), enxaquetados de negro e prata de duas peças em faxa. Timbre, duas vides verdes em aspa, com um rasinho de uvas de ouro cada uma, o qual timbre tomárão por allusão do appellido. Procede de D. Egas do Avinhal, antes de D. Affonso III.

AYALA — Em campo de prata dois lobos de preto, passantes (19) armados do mesmo, e uma bordadura vermelha cheia de aspas de ouro. Timbre, um dos lobos das armas, com uma espada de ouro sobre a espadoa.

AZAMBUJA — Tem em campo de ouro quatro bandas vermelhas. Timbre, um meio selvagem, vestido de ouro, com um páo do Brasil, vermelho ás costas, com esgalhos, tendo-o com ambas ás mãos. É seu solar a Villa da Azambuja. Procede de D. Rolim, Fidalgo Flamengo, povoador da mesma Villa, com seu parente Childe Rolim, no tempo d'ElRei D. Affonso Henriques.

AZAMBUJAL — Em campo de prata um azambujeiro verde, formado sobre um pé azul, e pendurada nelle uma adarga de ouro, guarnecida de vermelho, que denota o escudo com que peleijava em Africa. Timbre, um ramo de azambujeiro.

AZEREDOS — Tem por armas em campo azul, oito coticas de ouro em contrabanda. Timbre, meio leão rompente (20), de azul contracoticado (21).

AZEVEDO — Tem o escudo esquartelado; no primeiro em campo de ouro uma aguia negra estendida; no segundo em campo azul cinco estrellas de prata em aspa; bordadura (22) vermelha,

(19) *Passante* — Diz-se dos animaes postos em pé no escudo, de sorte que parece que andão.

(20) *Rompente* — Diz-se do leão ou de outro animal, do qual no estado do escudo só apparece a cabeça, que vem sahindo, ou do leão que apparece representado em pé. — Querem alguns que *rompante* ou *rapante* e *rompente* sejão synonymos. *Leão rapante* é representado com garras, unhas sahidas como rapando ou raspando.

(21) *Contracoticado* — E' quando no escudo se lança a cotica da parte esquerda para a direita.

(22) *Bordadura* — E' a peça que cinge o escudo, e o envolve sem o cobrir, e vem a ser o mesmo que *orla*.

cheia de aspas de ouro. Assim os contrarios. Timbre, uma aguia do escudo, com uma estrella das armas no peito. Tem o solar na Quinta de Azevedo, Entre Douro e Minho. Procede de Pedro Mendes de Azevedo, descendente de D. Arnaldo de Baião.

AZINHAL — Tem em campo de prata uma azinheira verde. Timbre, a mesma azinheira.

BACELLAR — Tem em campo de ouro um bacello verde de duas vergonteas retorcidas, postas em palla, com quatro cachos de purpura. Timbre, um meio leopardo de ouro, com uma folha de parreira sobre a cabeça. Tem o solar na torre de Bacellar, junto a Valença do Minho.

BADAJOZ — Tem em campo de ouro a Imagem de S. João Baptista, descalço, com a capa verde, e um castello de prata na mão direita, com portas e frestas, lavrado de preto. Timbre, o mesmo castello. Procede de Fernão de Badajoz, que se passou a este Reino no tempo d'ElRei D. Fernando, o qual lhe deo estas armas, alludindo ao Santo que é patrono da Cidade de Badajoz, figurada no castello que tem na mão.

BAEÇA — Tem em campo de ouro tres barras vermelhas e uma bordadura vermelha com dez crescentes de prata.

BAENA — Tem o escudo partido em palla. No primeiro em campo de prata doze lisonjas vermelhas. No segundo em campo azul um leão de ouro. Orla de ouro com oito arruellas vermelhas. Timbre, um braço com uma lança enristada, com uma das arruellas.

BAHAREM — Tem o escudo esquartelado. No primeiro em campo vermelho uma cabeça de um Rei Mouro, cortada em sangue, com turbante e corôa. No segundo e terceiro uma aguia preta, com o escudo dos Corrêas (donde descendem) no peito. No quarto que é partido, primeiro uma cruz dos Teixeiras; segundo cinco flores de liz em campo verde, que é dos Motas. Timbre, um braço armado com a cabeça do Rei Mouro. Procede de Antonio Corrêa, descendente de Pedro Paes Corrêa, chefe dos Corrêas. Este Antonio Corrêa ganhou a Ilha de Baharem aos Mouros, e lhe matou o Rei; donde lhe veio o appellido, dando-lhe as armas ElRei D. João III.

BAIÃO — Tem em campo de ouro duas cabras de preto, passantes, enxaquetadas de ouro. Timbre, uma das cabras. Tem o solar no Concelho de Baião, junto ao Douro, entre Canavezes e Teixeira. Procede de D. Arnaldo de Baião.

BAIROS ou **BAIRROS** — Tem em campo de ouro tres troncos de arvore de preto, com nós em banda. Timbre, os tres páos das armas em roquete, atados com um torçal de ouro. Os que descendem de Francisco de Bairos trazem de mais em chefe de ouro um leopardo azul, dado por ElRei de Inglaterra, e confirmado por ElRei D. João III. (Na Nobiliarchia está *Bairros*.)

BALDAES — Tem em campo branco uma flor de liz no meio de quatro rosas vermelhas; no fundo do escudo um coelho.

BALEATO — Tem em campo de prata uma torre de azul, acompanhada de dois venablos de verde, com os ferros de cor negra; e no fundo do escudo, abaixo da torre, dois peixes. É Familia da Cidade de Lagos. — Outros descrevem assim as armas desta Familia: — Em campo vermelho uma torre com frestas e ameyas de negro entre duas lanças em palla, e no baixo dois baleatos guarnecidos de prata.

BANDEIRA — Tem em campo vermelho uma bandeira de prata, com um leão negro dentro della, com as franjas e hastea de ouro. Timbre, a mesma bandeira. Procede de Gonçalo Pires Bandeira, que recuperou a Bandeira Real de Portugal da mão de um Castelhano do appellido de Sottomaior, depois de dada a batalha de Toro, em que ficou destroçado ElRei D. Affonso V, e a trouxe ao Principe D. João no anno de 1438,

o qual, com o appellido de *Bandeira*, lhe deo as armas que ficão descriptas.

BARBA — Tem em campo de prata uma cruz de preto, florida e vazia; uma orla de dois ramos de hera florida. Timbre, um meio Mouro, vestido de verde, com barba longa e um ramo de hera na mão. Procede de Mem Paes Mogudo de Sandim. Mas o appellido de Barba, vem de Martim Barba, que tendo um desafio com um Mouro, a quem daria maior punhada, o Mouro lh'a deo tal nos peitos, que o fez estar sem acôrdo grande espaço de tempo; mas elle tornando a si, e pegando-lhe na barba, lhe deitou o queixo abaixo.

BARBANCA — Tem em campo de ouro cinco escudos vermelhos.

BARBATA — Tem em campo vermelho uma banda de prata; em cada canto cinco vieiras (23) de ouro em aspa, gretadas de vermelho. Timbre, uma aspa de dois troços de arvore de ouro, esgalhados (24), e escurecidos de azul; e cinco vieiras das armas, penduradas nos esgalhos dellas.

BARBEDO — Tem em campo de ouro cinco estrellas vermelhas, e uma bordadura azul. Timbre, dois braços de leão de ouro em aspa muito guedelhudos de cabellos vermelhos; e entre elles uma estrella das armas, e outra nas unhas.

BARBOSA — Tem em campo de prata uma banda azul, com tres crescentes de ouro, entre dois leões de purpura batalhantes (25), armados de prata. Timbre, meio leão de purpura, com um crescente das armas na espadoa, armado de prata. Tem solar na Quinta da Barbosa, no Termo do Porto. Procede de D. Sanches Nunes de Barbosa, descendente do Conde D. Nuno de Cella Nova, sobrinho de S. Rosendo.

BARBOSO — Em campo azul cinco vieiras de prata em aspa guarnecidas de preto. Timbre, um pescoço de touro de prata, com os chiffres de ouro e uma vieira azul na testa.

BARBUDA — Tem em campo de ouro nove lisonjas veiradas e contraveiradas (26) de prata, e vermelho, cada tres em faxa. Timbre, um urso nascente de preto, com duas pennas de pavão de verde e de ouro.

BARBUDO — Tem as mesmas armas dos Barbedos, e o seu solar no lugar de Barbudo, termo de Barcellos.

BARDI ou **BARDES** — Tem em campo de ouro uma banda de fuzellas vermelhas, e um unicornio da mesma cor, sobindo por ellas. Procede de Jacome Bardi ou Bardes, Florentino, que veio a este Reino em tempo d'ElRei D. Sebastião.

BARRADAS — Tem em campo azul uma cruz chã, de prata, e firmada no escudo; em cada canto cinco vieiras de ouro em aspa, gretadas de vermelho. Timbre, uma aspa de dois troços de arvore de ouro, esgalhados e escurecidos de azul, e cinco vieiras das armas, penduradas nos esgalhos.

BARREIROS — Tem as mesmas armas dos Bairros.

BARRETO — Tem o campo de arminhos. Timbre, uma donzella, vestida de arminhos, em cabello, e sem braços. Procede de Gomes Mendes Barreto, descendente de Nuno Soares, o velho, bisneto de D. Arnaldo de Baião.

BARRIGA — Tem em campo vermelho um castello de prata, lavrado de preto, com uma bandeira de Christo arvorada pela fresta de uma torre, que está assentada sobre uma rocha, junto

(23) *Vieiras* — São umas conchinhas.

(24) *Esgalhado* — Diz-se dos páos com esgalhos que trazem no escudo os Bairos, Barreiros e Bastos.

(25) *Batalhante* — E' animal representado na acção de batalhar.

(26) *Veiradas* e *contraveiradas* — *Veiro* é uma especie de truta, cuja pelle é branca debaixo do ventre e columbina, isto é, de uma cor cinzenta que se parece com azul, no lombo. — *Veirado* é quando o veiro é de outro esmalte, que não é de prata e azul, e é de ouro e de goles ou vermelho sanguinho. *Contraveirado* se exprime oppondo o ouro ao ouro, e o goles ao goles. *(Pacheco.)*

de um rio. Timbre, o mesmo castello; em memoria da Cidade de Amagor, fundada em cima de uma rocha, cercada de dois rios que tomou ao Xarife Muley Hamet, em Africa, Lopo Barriga, donde procede esta Familia, e a quem D. João III deo estas armas no anno de 1533; mas já se acha este appellido em tempo d'ElRei D. Affonso Henriques.

BARROS — Tem o campo faxado de seis faxas de ouro e vermelho, e uma bordadura cheia de crescentes de lua de prata. Timbre, meio lobo vermelho, com um crescente das armas na espadoa. Procede de Gonçalo Nunes de Barros, Senhor de Castrodairo, e das terras de entre Homem e Cavado, em tempo d'ElRei D. João I. Tem o solar no lugar de Barros, na Provincia de Entre Douro e Minho. É differente esta Familia da dos Bairros, que o vulgo confunde com elles (27).

BARROSO — Tem em campo vermelho cinco leões de prata, faxados de duas faxas de purpura cada um, uma pelo pescoço, outra pela barriga; empequetados de ouro, postos em aspa. Timbre, um dos leões das armas Tambem se lhe dá por armas em campo azul cinco conchas de prata. Procede de D. Egas Gomes Barreto, que se chamou assim da terra de Barroso Entre Douro e Minho; descendente de D. Paio Peres Romeu, que o era de D. Arnaldo de Baião.

BASTOS — Tem as mesmas armas dos Barrosos, por serem todos uns, e procederem de D. Gonçalo Viegas de Basto, filho de D. Egas Gomes Barreto, donde procedem os Barrosos.

BEÇA — Tem o campo faxado de seis faxas de ouro e vermelho, e uma bordadura, cheia de crescentes de lua de prata. Timbre, meio lobo vermelho, com um crescente das armas na espadoa. Procede de D. Lopo Dias de Haro, Senhor de Biscaya, que tomou Baeça; do qual descendeo João Affonso de Baeça, que passou a Portugal, em tempo d'El-Rei D. Fernando, que o fez Senhor de Alter do Chão, Vimieiro e Villa Fermosa, e deste procedem os Beças deste Reino.

BEJA — Tem em campo vermelho uma cruz chã de ouro, firmada no escudo entre quatro flores de liz do mesmo. Timbre, uma aspa vermelha, com duas flores de liz das armas na cabeça. Procede de João Domingues Beja, Escrivão da Puridade d'ElRei D. Diniz.

BELIAGO — Tem em campo azul uma banda de ouro, carregada de tres rosas vermelhas, acompanhada de dois corpos de armas de prata, pé ondado do mesmo. Timbre, uma cabeça de balea, sahindo-lhe da bocca tres ramos de roseira, do segundo, cada um com sua rosa. Tiverão antigamente os desta Familia boas Casas na Cidade do Porto, onde foi Bispo D. Belchior Beliago.

BEMBO — Tem em campo azul uma asna de ouro, entre tres rocas do mesmo, em roquete. Timbre, meio cavallo branco hypogrypho, com azas de ouro. É Familia Veneziana que teve grandes Letrados.

BENEMBRA — Tem por armas no escudo em campo vermelho um castello de tres torres cubertas de prata com portas e frestas de verde e lavrado de preto assentado junto de um pé de agoas. Timbre, o mesmo castello das armas.

BENEVIDES — Tem em campo de ouro uma faxa de vermelho, e em cima della um leão da mesma côr, coroado de ouro, com uma banda de prata, que lhe rodeia o corpo; orla de prata, com oito caldeirões negros. Procede de D. João de Benevides, que tomou este appellido da Villa de Benevides, em Castella, e de que era Senhor, no tempo d'ElRei D. Pedro.

(27) A Nobiliarchia differe disto, por quanto dá por armas a esta Familia, em campo vermelho tres bandas de prata e sobre o campo nove estrellas de ouro, uma na cabeça do campo, duas no pé delle, seis no meio, tres de cada parte: timbre, uma aspa de vermelho, com cinco estrellas.

BERINGEL — Tem em campo verde uma banda azul, perfilada de prata, e nella tres flores de liz do mesmo. Timbre, um braço, vestido de vermelho, com uma flor de liz das armas na mão. Procede do Doutor Pedro de Leminhana Beringel, que de Aragão veio a Portugal.

BERMUDES — Tem o escudo em palla; na primeira em vermelho sete redomas de ouro; na segunda escaques de ouro, de cinco peças em faxa. Procede de Christovão Bermudes, que servio na guerra d'ElRei D. Affonso V contra D. Fernando o Catholico, que o mandou degolar, pelos grandes damnos, que tinha feito em Castella em companhia de Pedro de Mendanha.

BERREDO — Tem em campo azul um baluarte de prata, ardendo em fogo, assentado sobre uma rocha. Timbre, a mesma torre das armas. Tem o solar na quinta de Berredo, no Concelho de Lanhoso. Procede de Martim Paes Ribeiro, que foi o primeiro, que fez desta quinta honra, donde seus descendentes tomárão o appellido.

BETANCOR — Tem em campo de prata um leão de preto, rompente, armado de vermelho. Timbre, o mesmo leão das armas. É Familia Franceza. Os que ganhárão a Canaria em 1417 se passárão ás Ilhas Terceira e da Madeira.

BEZERRA — Tem em campo verde duas bezerras de ouro. Timbre, uma bezerra sem chiffres. Já havia esta Familia no tempo d'ElRei D. Sancho II.

BICUDO — Tem em campo verde tres passaros e um carneiro de prata, armado de vermelho; e por entre os passaros e o carneiro uma faxa de prata, ondada de azul. Timbre, um dos passaros.

BINEIROS — Tem o escudo esquartelado: ao primeiro d'ouro e um pé d'agoa e dois montes verdes, dos quaes sahem dois ramos de ortigas em aspa; e ao segundo de azul, e nelle as armas dos Gusmães, e assim os contrarios. Timbre uma pega da sua côr com um ramo de ortigas no bico.

BIVAR — Tem o escudo partido em faxa. No primeiro partido em palla; primeiro esquartelado de Castella, e Leão; segundo de ouro quatro pallas de Aragão. No segundo em vermelho uma azinheira verde com raizes de prata, e um leão de ouro, rompente. Timbre, um leão de ouro, com um ramo verde nas mãos. Outros lhe dão em campo azul uma banda vermelha, perfilada de ouro.

BOCCA NEGRA — Tem um C branco, que atravessa uma barra vermelha, em campo de ouro.

BOCCARRO — Em campo de prata uma cruz vermelha e orla do mesmo; e no meio da cruz uma cara da sua côr, com cabellos, olhos e bocca aberta.

BOIM — No escudo o campo esquartelado; ao primeiro enxaquetado de azul e ouro de quatro peças em faxa; e ao segundo d'ouro e tres pallas de azul, e assim os contrarios. Timbre, dois braços vestidos de azul, com um taboleiro de xadrez alionado enxaquetado de ouro e azul nas mãos. Procede de D. João de Boim, Mordomo Mór d'ElRei D. João III, e Governador que foi do Algarve.

BORGES — Em campo vermelho um leão de ouro, armado de preto, e uma bordadura de azul, semeada de flores de liz. Timbre, um meio leopardo de ouro, com uma flor de liz vermelha sobre a testa.

BORJA — Em campo de ouro dois bois vermelhos, que se encontrão; na bordadura oito molhos de palha. Tem o solar no lugar de Borja em Valença de Aragão.

BORRALHO — Em campo azul uma faxa de ouro dentada, e debaixo della tres estrellas de ouro em roquete.

BORRECOS — Em campo verde cinco borregos de prata.

BOTADO — Tem o escudo esquartelado. No primeiro em ouro duas aguias

de Sicilia, batalhantes. No segundo em azul tres pedaços de cannas de prata em faxa. Timbre, meia aguia preta, pezada de ouro, voando. Procede de Heitor Bernardes Botado, da Maxoeira, a quem Carlos V deo estas armas, confirmando-lh'as ElRei D. João III.

BOTAFOGO — Em campo de prata nove folhas de hera em tres pallas. Timbre, uma torre de prata lançando fogo.

BOTELHO — Tem duas copas de ouro cobertas, e postas em duas pallas, lavradas de preto. Timbre, uma das copas. Outros tem em campo de ouro quatro bandas vermelhas. Timbre, meio leão de ouro. Procede de Pedro Martins Botelho, filho de Martim Vasques Barba, e terceiro neto de Paio Mogudo de Sandim, o velho. São desta familia os Condes de S. Miguel.

BOTETO — Tem as armas das Familias dos Menezes, e dos Barretos, donde descendem, em escudo esquartelado. Timbre, meio Mouro, vestido de ouro, forrado de arminhos, touca de prata, barba longa, meios braços nús, e na mão direita uma pedra, como que atira com ella.

BOTILHER — Em campo vermelho duas copas de ouro cubertas, e um chefe endentado de ouro e azul. Os desta Familia procedem d'Allemanha.

BOTILHUDO — Tem as mesmas armas dos Botilheres.

BOTO — Tem o escudo franchado de ouro e vermelho: sobre o primeiro uma cabeça de Mouro toucada de prata, e cortada em sangue: no segundo uma torre de prata, com portas e frestas, lavrada de preto. Assim os contrarios. Timbre, uma cabeça das armas, cortada em sangue. Procede de Estevão Boto, a quem ElRei D. Affonso V deo estas armas no anno de 1462, alludindo ao feito que obrára, quando em uma torre de Ceuta matou dois Mouros.

BOVADILHA — Tem o escudo esquartelado. No primeiro em campo de prata, uma torre vermelha, lançando chammas pela porta e pelas ameyas. No segundo em campo vermelho uma ave branca, com as azas estendidas. Timbre, uma das torres. Tem o solar em Medina del Campo, em Castella, cujo chefe é o Conde de Chinchon.

BRAGANÇA — Tem as armas antigas da Casa de Bragança. Procede de Fernão Mendes de Bragança, Avô de Fernão Mendes, o Braganção, que foi Senhor de Bragança, em tempo d'ElRei D. Affonso Henriques. São antigos, e diz-se que trazem a sua origem de Inglaterra.

BRANDÃO — Em campo azul cinco brandões de ouro, accesos em aspa. Timbre, tres brandões do escudo em roquete, atados com torçal de ouro. Os que descendem de Duarte Brandão, a quem ElRei D. João II fez Senhor de Buarcos, tem em campo azul dois dragões de ouro, batalhantes, com os pescoços e caudas repassados uns pelos outros. Timbre, os mesmos dragões, em memoria de um desafio que teve perante Duarte V, Rei d'Inglaterra, ao qual servio nas guerras contra França, e havendo os dois Reis tido uma entrevista, comeo com elles á mesa. Foi Cavalleiro da Jarreteira, Capitão das Ilhas de Guernesey, e dos grandes Cavalleiros do seu tempo. Recolheo-se a este Reino em tempo d'ElRei D. João II, que o fez Senhor de Buarcos, como fica dito, e Administrador das Capellas d'ElRei D. Affonso V.

BRAVO — Em campo vermelho um leão de ouro commettendo a porta de um castello, com rio ao pé, e duas gralhas em cima da torre. É Familia Franceza, segundo uns, e segundo outros, Gallega.

BREDERODE — Escudo esquartelado: no primeiro em campo de ouro um leão rompente de vermelho e armado da mesma côr, tendo por cima um lambel de prata de quatro dentes: no segundo em campo de prata duas faxas de vermelho, cada uma dellas formada de duas fileiras de ameyas, ao todo oito,

sendo dellas quatro para cima e quatro para baixo. Assim os contrarios. Elmo de prata, guarnecido de ouro lizo e forro verde, com as pendentes de purpura rematadas em faxas de ouro; paquife de vermelho, ouro e prata. Esta Famillia que é de origem Hollandeza, existe hoje na Austria com o titulo de Conde: pertencem porém estas armas em Portugal aos descendentes de Luiz Pedro, Barão de Brederode, que neste Reino foi Capitão de Mar e Guerra.

BRITO — Em campo vermelho nove lisonjas em tres pallas, em cada uma um leão de purpura. Timbre, um leão das armas, com lisonja de prata. Tem o solar na Ribeira de Brito, junto ao rio Ave. Anda o principal de varios Morgados desta Familia nos Viscondes de Villa Nova da Cerveira.

BULHÃO ou **BULHÕES** — Tem em campo de prata uma cruz chã de vermelho, e em cada ponta tres bolotas verdes, com os casculhos de ouro. Timbre, uma aspa de vermelho, e a cada banda tres bolotas, como as das armas. Tem o solar na quinta de Bulhões, junto a Lisboa. É Familia Franceza, que veio a este Reino no tempo d'ElRei D. Affonso Henriques.

BUGIO — Em campo vermelho quatro pallas de xadrez de ouro e azul.

BUZIO — Tem as armas dos Bugios.

CABEÇA — Tem as armas dos Altamiranos, donde procede; por dar este appellido a Gonçalo Fernandes Altamirano ElRei D. Fernando III de Castella e Leão.

CABEDO — O escudo partido em palla. No primeiro partido em faxa primeiro tres flores de liz de ouro em roquete: segundo uma caldeira negra. No segundo em uma lança de ouro uma bandeira, ou pendão de duas pontas; a primeira de vermelho com uma lua de ouro; a segunda de prata com uma lua vermelha. Tem casa nas montanhas de Oviedo. Procede de um Cavalleiro Francez, que no tempo d'ElRei D. Pelaio tomou aos Mouros o seu pendão.

CABRAL — É Familia muito antiga, e no tempo dos primeiros Reis de Portugal occupárão lugares honrosos, e nelles permaneceo o Senhorio de Belmonte, e outras terras, com uma das maiores preeminencias do Mundo, qual a de não darem homenagem dos castellos que se lhes entregavão. Em campo de prata tem duas cabras passantes, armadas de purpura e preto. Timbre, uma das cabras do escudo. Procede de Ayres Cabral, em tempo d'ElRei D. Diniz. Ha outros, que procedem de Jorge Dias Cabral, que tem em campo vermelho quatro lanças de armas de ouro em palla, sobre ellas em faxa, um estoque de sua côr, com os cabos de ouro, e orla verde; quatro adagas da côr do estoque; quatro manoplas e quatro coxetes de prata entrecambados, e em chefe uma cruz de Christo. Timbre, meio cavallo ruço, bridado de ouro, com redeas e cabeçadas de vermelho, lançando sangue pela bocca, ou por quatro cotiladas que tem no pescoço; em memoria de vencer a um Cavalleiro da Jarreteira em Inglaterra. Deo-lhe estas armas ElRei D. João III.

CABREIRA — Em campo de ouro duas cabras negras, orla vermelha com arruellas de ouro.

CACENA — Em campo de prata um leão rompente, azul, armado de vermelho. Procede de Lucas Cacena, Gentil-homem Genovez, que veio a este Reino no tempo d'ElRei D. João III, e em Julho de 1530 registou estas armas no Livro da Nobreza.

CACERES — Em campo de ouro uma palmeira verde com tamaras de ouro, e uma estrella vermelha em chefe. Timbre, a mesma palmeira. É solar a Villa, ou Cidade de Caceres em Castella. Procede de Alvaro Gonçalves de Caceres, Castelhano, que veio a este Reino no tempo d'ElRei D. João III. Até aqui Fr. João Pacheco. *Villasboas* diz assim:

ElRei D. Affonso V deo estas armas a Alvaro Gonçalves de Caceres, que foi Lente de Chronicas em Castella, anno de 1459, o qual se passou a este Reino em seu tempo.

CALADO — Em campo de ouro quatro bandas vermelhas. Timbre, meio leão de ouro, bordado de vermelho. Forão estas armas dadas em 1537.

CALAÇA — Em campo azul um leão de ouro, com a lingua vermelha. Timbre, o mesmo.

CALÇAS — Em campo azul nove vieiras de prata, cada tres em faxa. Timbre, um chapeo azul, com uma vieira na dobra, e dois penachos do segundo.

CALDAS — Em campo de prata cinco cyprestes verdes em aspa. Timbre, um cypreste. É solar a Villa de Caldas, ou Caldellas, nas Asturias. Procede de Garcia Rodrigues de Caldas, que se passou a Portugal em tempo d'ElRei D. Fernando.

CALDEIRA — Em campo azul uma banda de prata, entre duas flores de liz de ouro; e sobre a banda tres caldeiras de preto, guarnecidas de ouro nas boccas. Timbre, um braço armado de prata, com uma caldeira na mão.

ÇALEMA — Em campo verde um castello de ouro, coberto, lavrado, e portas de preto; com bordadura azul de sete peixes çalemas de prata. Timbre, o mesmo castello das armas. Tem o solar na herdade chamada Çalema, no Alemtejo.

CALHEIROS — Em campo azul cinco vieiras de prata; e ao pé tres estrellas em faxa, de cinco pontas cada uma, e as vieiras estendidas de preto. Timbre, dois bordões de prata em aspa, com uma vieira das armas, atados com torçal azul, e forrados de azul. É seu solar a Freguezia de Calheiros, junto á Ponte de Lima. Procede de Nuno Soares, o velho, bisneto de D. Arnaldo de Baião.

CALVO — Tem o escudo esquartelado; no primeiro em vermelho cinco fuzelas de prata em aspa no, segundo cinco vieiras de prata; e sobre tudo um escudo de ouro com um leão rompente da sua côr. Timbre, o mesmo leão das armas. Solar a quinta de Calvas, na Freguezia de Santa Maria dos Gemeos; entre Douro e Minho.

CAMARA — Em campo verde uma torre de prata com ameyas e corucheo, que se remata em uma cruz de ouro, e dois lobos de sua propria côr, em pé, rompendo contra a torre. Timbre, um dos lobos. Procede de João Gonçalves Zarco, Cavalleiro da Casa do Infante D. Henrique, filho d'ElRei D. João I, por cuja ordem descobrio a Ilha da Madeira, e foi o primeiro, que entrou em uma lapa trilhada de lobos, a que chamão camara, donde lhe veio o appellido. São desta Familia os Condes de Atouguia, Ribeira Grande, Calheta, e outros. *Villasboas* diz assim: ElRei D. Affonso V, estando em Santarem no anno de 1460, deo estas armas ao sobredito João Gonçalves Zarco, com o appellido de *Camara de Lobos*, derivado de uma lapa trilhada de lobos, em que entrou primeiro quando sahio na Ilha, a que então deo este nome.

CAMELLO — Em campo de prata tres vieiras de azul, tocadas de ouro, em roquete. Timbre, um meio camello com manilhas azues nas ventas. Vem dos Cunhas por Martim Lourenço da Cunha, de quem foi filho D. Gonçalo Martim, o primeiro que se chamou e appellidou Camello. Os que procedem de Lopo Rodrigues Camello, tem em campo verde uma ribeira de prata em faxa, entre uma estrella e uma flor de liz de ouro em contrabanda; á parte direita um braço vestido de brocado, com esta letra *Rei*, o qual está tirando da ribeira outro braço vestido de azul. Timbre, o braço de brocado, com uma estrella das armas, que lhe sahe de entre os dedos. ElRei D. Sebastião deo estas armas ao dito Lopo Rodrigues Camello, seu Escrivão da Camara, no anno de 1576, al-

ludindo ao successo de que, vindo este Monarca de S. Marcos para Tentugal, quando foi para Coimbra, achou cahida a ponte por onde havia de passar, e intentando atravessar a valla, advertio-lhe Lopo Camello que o passo era fundo e perigoso; ao que ElRei lhe disse: *ora, passai primeiro.* Elle assim o fez lançando-se á vallá com o cavallo, e enterrou-se tanto no lodo que lhe não ficou de fóra senão o pescoço e um braço. O que vendo ElRei, gritou que lhe désse a mão, e lhe pegou della com tanta fôrça, que o tirou salvo para terra.

CAMINHA — Procede de Galliza. Tem em campo vermelho tres trancas de prata em banda, guarnecidas de ouro, com suas aldravas de ouro. Timbre, um braço, vestido de azul, com uma das aldravas na mão, em memoria de entrar um Cavalleiro de Caminha, aonde tem o seu solar, no castello de Penafiel, em Galliza, que estava em poder dos Mouros, quebrando as trancas, e aldravas da porta, que abrio aos Christãos. Deo-lhe estas armas ElRei D. Sancho II de Castella, em cujo tempo succedeo este caso. Os que procedem de João de Caminha, tem mais uma setta de ouro em chefe. Passou a Portugal no tempo d'ElRei D. Fernando, um descendente seu, chamado Fernão de Caminha.

CAMÕES — Em campo verde um pescoço de serpe de ouro, sahindo de entre duas rochas de prata, tocadas de vermelho. Timbre, o mesmo pescoço. Solar o castello de Camões em Galliza. Procede de Vasco Pires de Camões, que passou para este Reino no tempo d'ElRei D. Fernando, por seguir o seu partido contra D. Henrique II, Rei de Castella.

CAMPO — Tem o escudo enxaquetado de verde e branco.

CAMPOS — Em campo azul tres cabeças de leões de ouro em roquete armadas de vermelho, e cortadas em sangue. Timbre, uma das cabeças de leão, cortada em vermelho. Procéde de Gonçalo Vaz de Campos, que teve estas armas por ordem d'ElRei D. Affonso V em Portalegre.

CANELLAS — Tem o escudo partido em aspa. No primeiro em prata uma flor de liz azul. No segundo em verde um escudinho de prata com cinco pallas vermelhas. Assim os contrarios. Timbre, meio grifo azul, com azas e bico de prata, e no bico um dos escudinhos, pendurado por uma fita verde. Procede de João Pires Canellas, Cidadão de Lisboa. Solar a quinta de Canellas.

CANTO — Tem em campo vermelho um canto branco de esquadria, á maneira de esquina de torre, que se estende triangularmente com o agudo para cima. Timbre, o mesmo canto, com um pombo torcaz vigiando.

CÃO — Tem em campo verde duas columnas de prata sobre dois penhascos, e sobre cada uma uma cruz singela de azul. Timbre, as columnas em aspa, atadas com um torçal verde, em memoria de dois Padrões, que Diogo Cão, Cavalleiro da Casa do Infante D. Henrique, donde esta Familia procede, levantou na bocca do rio Zaire, e no Cabo do Padrão, duzentas legoas além do Congo, que descobrio por mandado d'ElRei D. João II.

CARCAMO ou **CARCOME** — Tem em campo azul um leão rompente, jaquetado de vermelho e prata; cabeça, mãos, pés de prata. Timbre, o mesmo leão. Seu solar o lugar de Carcamo ou Carcome, nas Asturias. Um Cavalleiro desta Familia se passou a este Reino no tempo d'ElRei D. Sebastião.

CARDENAS — Tem em campo de ouro dois lobos, e uma bordadura branca, com oito estrellas de ouro. Procede de Castella, aonde tem outras armas.

CARDIM — Tem em campo de ouro um cardo verde. Timbre, um leão de ouro rompente, com um cardo nas mãos.

CARDONA — Tem em campo branco tres cardos com alcachofras.

CARDOSO — Tem em campo vermelho dois cardos verdes floridos, com flor, e as raizes de prata, entre dois leões de ouro batalhantes, armados de vermelho. Timbre, uma cabeça de leão de ouro, sahindo-lhe pela bocca um cardo verde florido de prata. Solar a quinta de Cardoso, junto a Lamego.

CARMONA — Tem uma banda lançada por entre duas flores de liz, e sahindo pelas boccas de duas cabeças de serpes por ambas as partes.

CARNEIRO — Tem em campo vermelho uma banda azul, e de ouro, com tres flores de liz de ouro, entre dois carneiros de prata, passantes, armados de ouro. Timbre, um dos carneiros. Delles são os Condes da Ilha do Principe.

CAROLI — Em campo de ouro um crescente de lua vermelho com chefe, e sobre o mesmo campo tres faxas de preto. Procede de Simão Caroli, Florentino, morador na Ilha da Madeira. Passou-se-lhe carta em fórma em 7 de Outubro de 1534.

CARRASCO — Tem em campo de prata um carrasco verde, e em chefe uma lua e estrella de azul. Timbre, o mesmo carrasco.

CARREIRO — Em campo de prata uma banda azul com um leão de ouro entre dois pinheiros verdes floridos de ouro. Timbre, o leão, com um ramo de pinheiro nas mãos. Outros em campo vermelho um castello sobre uma rocha. (*Villasboas.*)

CARRIGEIRO ou **CARREGUEIRO** (28)—Escudo esquartelado; ao primeiro de verde e uma aguia de ouro estendida, e ao segundo de vermelho e uma flor de liz de ouro; assim os contrarios. Timbre, a mesma aguia das armas, com uma flor de liz vermelha no peito. Os Carujos usão das mesmas armas.

CARRILHO — Tem em campo azul cinco flores de liz de ouro em aspa. Timbre, uma raposa de ouro, armada de azul. Os de Castella tem outras armas.

CARVALHAES — Tem o escudo vermelho, partido em palla. No primeiro um carvalho verde: no segundo uma torre de prata sobre um pé de agoa. Timbre, a torre, com um ramo de carvalho em cima.

CARVALHAL — Tem em campo vermelho um castello de prata, com frestas, e juntas de preto. Timbre, um Mouro, nascente, armado e toucado do segundo, atravessado com uma lança, e uma lua de prata atada no braço esquerdo com um cordel vermelho. Solar a quinta do Carvalhal, nos Coutos de Alcobaça. Procede de Diogo Carvalhal Bemfeito, em tempo de D. João III.

CARVALHO — Tem em campo azul uma estrella de ouro, entre uma quaderna de crescentes de prata. Timbre, um cisne de prata, com uma estrella de ouro no peito, armado de ouro. Solar o antigo Morgado de Carvalho em terra de Coimbra, instituido por Domingos Feirol de Carvalho, de quem foi bisneto D. Gil Fernandes de Carvalho, Mestre da Ordem de Santiago, no tempo d'El-Rei D. Affonso IV. Delles ha outros Morgados.

CARVALHOSA — Tem em campo azul um molho de palhas de ouro, com espigas do mesmo, entre quatro torres de prata, lavradas. Timbre, dois braços armados, que sahem do elmo, com o molho de palhas nas mãos. Solar a quinta de Carvalhosa, no Concelho de Santa Cruz de Riba Tamega.

CARVAJAL — Tem o campo de ouro, atravessado de uma banda preta; e na parte de cima um lobo, sahindo de uma cova.

CARVOEIRO — Tem em campo de prata doze sobreiros verdes, cada quatro em faxa, com tres pallas de vermelho, que os apartão. Timbre, uma aspa do mesmo, carregada de sete landes de ouro. Solar na terra de Carvoeiro, termo de Barcellos.

(28) Na Nobiliarchia de Villasboas está *Carregueiro.*

CARUJOS — Veja-se **CARRIGEIRO.**

CASADO — Tem em campo vermelho tres bandas de prata, e sobre cada uma tres molhos de trigo de sua côr com espigas. Procede de Lopo Dias de Quesada, Cavalleiro Castelhano, que soccorreo a ElRei D. Affonso VII com vinte e nove carretas de trigo, as quaes foi buscar ás terras dos inimigos, estando para levantar o sitio da Villa de Quesada, que tinhão os Mouros, por falta de mantimento. Em Portugal se corrompeo Quesada em Casado.

CASAL — Tem em campo de ouro cinco flores de liz vermelhas em aspa. Timbre, uma flor de liz com um cardo de ouro sobre a folha do meio. Outros tem uma aspa de ouro com duas flores de liz vermelhas sobre a cabeça das pontas della. Solar, a quinta do Casal, junto a Rates. *(Villasboas.)*

CASTANHEDA — Tem em campo vermelho tres faxas de prata, cubertas de arminho ao direito. Timbre, dois ramos de castanheiro, postos em aspa, com ouriços de ouro. Procede do Conde D. Guterre de Castanheda. Veio esta Familia a Portugal no tempo d'ElRéi D. Affonso V.

CASTELBRANCO — Tem em campo azul um leão de ouro rompente, armado de vermelho. Timbre, o mesmo leão. Procede de Gil Rodrigues de Castelbranco, Senhor de Tormom, e das Fortalezas de Castiel e Adamus em Aragão. É Familia antiga e illustre. Della são os Condes de Villa Nova, Sabugal e Pombeiro.

CASTILHO — Tem em campo verde um castello de prata, entre dois lebreos do mesmo, prezos com cadêas de ouro; e na torre do meio uma flor de liz de ouro. Timbre, um lebreo com sua colleira. Solar, Castilho Pedroso, nas Asturias. Passou a este Reino esta Familia no tempo d'ElRei D. João III.

CASTILHOS de Castella, ou **CRASTOS** Burgalezes — Qualquer destas duas gerações estrangeiras trazem por armas no escudo em campo verde um castello de prata com as portas e frestas, e lavrado de preto, e uma bordadura de prata cheia de manilhas pretas. Timbre, o mesmo castello das armas.

CASTRO — Tem em campo de ouro treze arruellas de azul em treze pallas. Timbre, um meio leão de ouro, com sete arruellas de azul no peito. Procede de D. Alvaro Pires de Castro, neto de D. Pedro Fernandes de Castro, que se passou a este Reino em tempo d'ElRei D. Affonso IV, o qual era descendente de D. Ruy Fernandes de Castro, Ricohomem d'ElRei de Castella, D. Affonso VII, que tomou a Villa de Castro Xerez, e foi Senhor della. Ha outros, que procedem do mesmo por D. Alvaro Pires de Castro, filho do outro, e irmão de Dona Ignez de Castro, segunda mulher d'ElRei D. Pedro I, Condestavel primeiro deste Reino, que tem em campo vermelho seis arruellas brancas em duas pallas. Timbre, um caranguejo de prata, realçado, e arulejado de azul, com os dentes grandes pegados em uma truta. Ha outros, que vem de D. Alvaro Pires de Castro, filho do grande D. João de Castro, que trazem por timbre nas seis arruellas a roda de navalhas de Santa Catharina, em memoria da jornada, que fez ao Mar Roxo, aonde o armou Cavalleiro D. Estevão da Gama á vista do monte Sinai, em que estão collocadas as reliquias de Santa Catharina. Todos tem a mesma origem; e desta Familia são os Marquezes de Cascaes, os Condes de Unhão, Mesquitela, os Senhores de Penela e Penedono.

CAVALCANTI — Tem em escudo ovado uma asna azul, coticada de negro, sendo o campo do fundo de prata, e o de cima vermelho, semeado de flores de prata de quatro folhas. Timbre, um cavallo volante com azas, as mãos levantadas, os pés assentados sobre o elmo, entre chammas. Procede de Filippe Cavalcanti, Florentino, que passou a este Reino no anno de 1558.

CAVALLEIRO — Tem em campo vermelho um leão de ouro e chefe azul, com tres flores de liz de ouro.

CAVALLO — Tem as armas dos Cavalleiros.

CAYADO DE GAMBOA — Tem em campo vermelho um elmo, guarnecido de ouro, entre um lobo da sua côr, armado de ouro, e um lebreo de prata, com colleira de azul, guarnecida de ouro e um chefe de ouro, com tres folhas de golfão. Timbre, o lebreo. Procede de Nuno Cayado de Gamboa, que se passou a este Reino no anno de 1526. Tambem vemos descriptas assim as armas de Gamboa. Em campo de ouro tres folhas de golfão azues em roquete, com as hastes para cima. Timbre, uma das folhas das armas; paquife de ouro.

CERNACHE — Tem em campo vermelho cinco pallas de ouro, e uma bordadura azul, cheia de vieiras de prata. Timbre, um leão vermelho, com uma das vieiras na espadoa.

CERQUEIRA — Tem em campo vermelho um leão de ouro, com uma colleira, guarnecida de ouro; e um leão rompente, armado de azul. Timbre, o mesmo leão.

CERRABODES — Tem em campo de ouro uma aguia preta, estendida, armada de azul, e sobre ella duas columnas de prata em aspa, e os capiteis de vermelho. Timbre, um coto de aguia preto, com um pé de ouro.

CERVEIRA — Tem em campo de prata duas cervas de purpura, passantes, e uma bordadura, cheia de escudinhos das armas do Reino. Solar a quinta da Cerveira em S. Paio da Pousada, junto a Braga.

CESAR — Tem o escudo, partido em faxa. No primeiro seis fustas em agoa, em duas pallas, com remos de ouro, e cada uma com dois pendões de vermelho, um na popa, outro na proa. No segundo cinco vieiras de ouro realçadas de negro em campo vermelho. Timbre, uma das fustas. Procede de Vasco Fernandes Cesar, que desbaratou com um só navio seis fustas de Mouros, em tempo d'ElRei D. Manoel.

CHACIM — Tem em campo de prata com arminhos tres barras vermelhas em banda. Timbre, um javali da sua cor, faxado de arminhos. Solar a Villa de Chacim na Comarca da Torre de Moncorvo. É Familia antiga e aparentada com os Reis de Leão e de Portugal.

CHAMMAS — Tem o escudo esquartelado. No primeiro em campo vermelho um castello de ouro, ardendo em chammas. No segundo em campo de ouro um leão de purpura, e orla de prata.

CHAMPALIMAUD — O escudo dividido em dois; na parte superior em campo vermelho um sol de ouro, e na parte inferior em campo de prata, tres flores verdes postas ao natural. Timbre, uma estrella de seis pernas. Esta Familia é originaria de França.

CHANOCAS — Tem o escudo partido em palla; ao primeiro de ouro e um braço de leão, vermelho junto das unhas do mesmo; e ao segundo de azul e outro braço estrellado do primeiro. Timbre, dois braços de leão vermelhos em aspa, e uma estrella de ouro entre elles, atados com um torçal de ouro.

CHAVES — Tem em campo de prata cinco chaves de ouro em aspa, atadas com um torçal vermelho. Timbre, duas chaves em aspa, atadas com o mesmo torçal. Solar a Villa de Chaves. Procede de Alvaro Gonçalves Chaves, Secretario d'ElRei D. Affonso V.

CID — Tem em campo azul cinco vieiras de ouro. Timbre, dois bordões de Santiago vermelhos em aspa, faxados de ouro, e atados com torçal de prata; e entre elles uma vieira das armas.

CIRNE — Tem em campo de prata um cisne de sua côr sobre agoa; e um chefe azul com sete estrellas de ouro, de oito pontas em faxa. Timbre, o cisne. São desta Familia os Senhores de Agrella. É antiga.

CISNEIROS — Tem o escudo partido em palla. No primeiro partido em faxa de vermelho tres cisnes de prata em roquete, com colleiras e armados de ouro. No segundo em vermelho cinco flores de liz de prata, e tres pallas de vermelho. Timbre, um dos cisnes das armas. Antes tinhão quinze escaques de ouro, e vermelho. Procede do Conde D. Pedro Gonçalves, Senhor de Cisneiros em Barcellona, Pagem da lança d'ElRei D. Affonso VI de Leão.

COBO — Tem em campo azul cinco leões de ouro.

COELHO — Tem em campo de ouro um leão de purpura, faxado de tres faxas; empequetado de ouro e azul, e armado de vermelho; bordadura com sete coelhos de prata malhados de preto. Timbre, o leão, com um coelho nas unhas. Procede de D. Egas Moniz, Aio d'ElRei D. Affonso Henriques, que descendia d'ElRei D. Ramiro III de Leão. Delle descende Soeiro Viegas, que tendo por alcunha o Coelho, delle se chamárão os que forão seus descendentes, Coelhos. Desta Familia são os Senhores de Felgueiras e Vieira, Entre Douro e Minho; a Casa de Montalvo em Castella, e muitos Principes da Europa, pela filha do Condestavel Nuno Alvares Pereira, da parte de sua Mãi D. Leonor Alvim. Nicoláo Coelho, que foi á India com Vasco da Gama, teve por armas, que lhe deo ElRei D. Manoel, em campo vermelho um leão de ouro rompente, entre duas columnas de prata, que assentão sobre dois montes verdes, e em cada uma um escudinho azul com as Quinas de Portugal, e ao pé do escudo uma náo em o mar. Timbre, meio leão de ouro, com uma das columnas nas mãos. Os Coelhos Aranhas tem em campo de prata barra vermelha, pontos negros.

COGOMINHO — Tem cinco chaves Mouriscas de prata em campo vermelho, assentadas em aspa. Timbre, duas chaves do escudo em aspa, atadas com um torçal vermelho. Procede de Pedro Alvares Cogominho, que entregou a ElRei D. Affonso Henriques as chaves das cinco portas de Evora, em cuja tomada se achou com Geraldo sem pavor. Desta Familia é o Morgado da Torre dos Coelheiros, e outros de Evora.

COLAÇO — Tem em campo de prata uma banda azul, entre dois pinheiros verdes, com raizes; e sobre a banda um leão de ouro.

CONTREIRAS — Tem escudo de prata em tres pallas de azul. Timbre, uma aspa de azul.

CORDEIRO — Tem em campo verde cinco cordeiros de prata, andantes. Timbre, um dos cordeiros.

CORDOVIL — Tem em cámpo vermelho uma oliveira verde, com raizes de prata e azeitonas de ouro; e ao pé della posto um lebreo de prata, com uma colleira azul, guarnecida de ouro. Timbre, o lebreo das armas.

CORESMA ou **QUARESMA** — Tem as armas dos Peçanhas.

CORONEL — Tem em campo azul cinco aguias de ouro em aspa; coroada a do meio com corôa de ouro. Procede de Pedro Coronel, genro de D. Paio Guterre, em tempo do Conde D. Henrique.

CORREA — Tem o campo de ouro fretado de correas vermelhas, repassadas umas por outras. Timbre, dois braços armados em aspa, atados com uma fivella vermelha. Alguns trazem este escudo no peito de uma aguia negra, posta em campo vermelho, com o bico e pés dourados. Timbre, outra aguia dos peitos acima, tambem com o bico dourado. Procede esta Familia ultima de Pedro Paes Correa, casado com D. Dordia Paes, filha de Pedro Mendes de Aguiar. Os da primeira Familia, donde é esta segunda tambem, são do tempo do Conde D. Henrique, em que vivia o grande D. Paio Correa, Mestre da Ordem de Santiago. Dos Correas Baharens fallámos na palavra Baharem. Os

Correas de Bellas trazem as armas dos Atouguias, por estarem na Varonia deste appellido, como descendentes de Rodrigo Affonso de Atouguia, Senhor de Bellas, etc.

CORRELAS ou **CORELHAS** — Em campo vermelho uma torre de prata lavrada de preto, entre dois lebreos do mesmo, que querem subir a ella, cada um com sua colleira de azul guarnecida de ouro, e dentro na torre uma meia donzella, com cabellos de ouro, vestida d'azul. Timbre, um dos lebreos das armas. Procede de D. Barbatuesta, Cavalleiro Aragonez, no tempo d'ElRei D. Pedro I.

CORTE REAL — Tem as armas dos Costas, ás quaes ajunta uma cruz simples, vermelha em chefe, em campo de prata sobre as seis costas do escudo, assentadas em palla em campo vermelho. Timbre, um braço armado com uma lança de ouro, o ferro da sua côr, com bandeira de prata de duas pontas, com torçaes de ouro. Procede de Vasco Annes Côrte Real, o qual foi o primeiro, que na tomada de Ceuta subio os muros, e arvorou o pendão por ElRei D. João I.

CORVEIRA, CORVACHO, CORVINO, CORVO, CURVO — Tem todos estes, tres corvos em roquete. Timbre, um dos corvos. Descendem de Mem Corvo, Portuguez antigo, primeiro fundador do Castello da Torre de Moncorvo, do qual se derivou o nome á Villa.

COSMETAGIO ou **COMESTAGIO** — Em campo vermelho um braço armado com uma espada nua na mão com os braços de ouro, e nella enfiado um coronel de ouro. Timbre, uma estrella d'ouro a modo de cometa, com a ponta que tem sobre o elmo, mais alta e mais comprida que as outras. — Procede de Heronymo Franqui Comestagio, de Genova, a quem ElRei Philippe deo estas armas no anno de 1584.

COSTA — Tem em campo vermelho seis costas de prata, postas em tres faxas. Timbre, duas costas em aspas, atadas com uma fita vermelha. Seu solar a Villa da Costa na Comarca da Esgueira. É Familia do tempo d'ElRei D. Affonso Henriques. Della são o Conde de Soure, o Armeiro Mór, o Senhor de Pancas, e outros Morgados.

COTRIM — Tem o escudo enxaquetado de azul e ouro, de seis peças em faxa. Timbre, tres penachos azues, com chaparia de ouro, em roquete. Procede de Jaimes Cotrim, Monteiro Mór do Infante D. Henrique.

COTTA — Tem em campo branco uma cotta de armas, manchada de sangue, com uma letra ao redor, que diz: *Sine sanguine non est victoria.* Timbre, uma cotta, na mesma fórma. É Familia Milaneza, da qual assistião em Milão dois Cavalleiros á coroação da Corôa de ferro do Imperador, por especial privilegio. Já no tempo d'ElRei D. Diniz se achava neste Reino.

COVA — Tem em campo de ouro uma serpe da sua côr, que sahe de uma cova, e uma bordadura azul, cheia de aspas de ouro. Timbre, uma meia serpe. É Familia Castelhana.

COUCEIRO — Tem tres couceiras entre dois leões.

COURO — Tem em campo de prata, gotado de sangue uma serpe de sua côr, ferida nos peitos, envolta em duas grevas, e copete de azul, postas em aspa, mordendo em uma dellas. Timbre, um meio braço, vestido de azul, e na mão sua manopla, e um pescoço de serpe das armas, cortado em sangue.

COUTINHO — Tem as mesmas armas dos Fonsecas, de que é ramo, por Garcia Rodrigues, Ricohomem no tempo d'ElRei D. Affonso Henriques, o qual tomou o appellido de Coutinho, por ser Senhor do Couto de Leomil. É Familia illustre, que teve os Officios de Marichal e Meirinho Mór; o Condado do Redondo e o de Marialva, que acabou em D. Guimar Coutinho, casada com o Infante D. Fernando, filho d'El-

Rei D. Manoel. Della foi o grande Magriço, Alvaro Gonçalves Coutinho.

COUTO — Tem em campo vermelho um castello de ouro, fundado sobre ondas, a primeira de prata, a segunda azul, e assim os mais. Timbre, o castello. Outros trazem em campo de prata serpe verde, picando em uma perna, e correndo sangue. As primeiras forão dadas a Alvaro de Couto de Benambar no anno de 1536.

CRASTO — Veja-se **CASTILHOS.**

CRIADO — Tem em campo azul duas bandas de ouro; e por orla oito aspas de ouro em campo roxo.

CUNHA — Tem em campo de ouro nove cunhas de azul de ferro firmadas, postas em tres pallas. Timbre, um meio grifo de ouro, acunhado de azul, com azas acunhadas de ouro. Procede de D. Guterre, companheiro do Conde D. Henrique. Solar a terra de Cunha a velha, no termo de Guimarães. São desta Familia os Condes de Pontevel e Povolide, os Senhores de Taboa, e outros Morgados; e em Castella muitos Grandes e Titulos

ÇUNIGA ou **CUNIGA** (29) — Tem em campo de prata uma barra negra, bordadura vermelha, com uma corda de ouro, que a cerca, e nella uns OO.

DALTA — Veja-se **ALTE.**

DANTAS — Veja-se **ANTAS**

DALTERO — Tem o campo escaqueado de ouro e vermelho, de quatro peças em faxa. Timbre, um meio leão rompente de vermelho enxaquetado de ouro.

DELAPENHA — Em campo verde uma aguia de preto estendida, picada e armada de ouro posta sobre um monte de rocha, e sobre os peitos della um bezante de ouro, e nelle uma cruz vermelha florida de Calatrava. Timbre, uma meia aguia de preto, picada de ouro e armada.

DELGADO — Tem em campo vermelho um limoeiro verde, com raizes e limões de ouro, e um galgo de prata com colleira azul, prezo ao pé do limoeiro. Timbre, meio galgo de prata, que sahe do elmo, com colleira azul, e um ramo de limoeiro na bocca, com limões, de ouro. Já havia esta Familia no tempo d'ElRei D. Affonso Henriques.

DIAS — Veja-se **FIDALGO.**

DOCEM — Tem em campo vermelho um leão de ouro, armado de prata, e uma bordadura de azul, cheia de vieiras de prata. Timbre, o leão das armas, com uma vieira vermelha na espadoa. É Familia antiga, cuja memoria persevera na Torre de Pedro Docem, indo do Porto para Matosinhos.

DOLIVA — Veja-se **OLIVA.**

DORTINS — Em campo de ouro seis tortãos de vermelho em palla. Timbre, uma cabeça de drago de ouro armado do mesmo, com um tortão das armas na testa.

DRAGÃO — Tem em campo de ouro uma aguia vermelha estendida.

DRAGO — Tem em campo vermelho dois dragos de prata, passantes, com as cabeças viradas em fugida. Timbre, um drago.

DURMÃO — Tem em campo de ouro tres faxas vermelhas, ondadas. Timbre, meio salvagem, vestido de pelles, os cabellos compridos, braços nús, apontando com a mão direita adiante. Procede dos Condes de Durmont, em Escossia.

DUTRE — Tem em campo azul tres besantes de ouro em roquete; em cada um tres gotas negras em contra roquete. Timbre, um abutre da sua côr, armado de ouro. Procede de Jos Dutre, Cavalleiro Flamengo, que foi criado da Infanta D. Beatriz, Mãi d'ElRei D. Manoel, e povoou a Ilha do Fayal.

EÇA — Tem as quinas de Portugal, cercado o escudo com um cordão de S. Francisco. Timbre, uma aguia azul, aberta, estendidas as azas, ramada de

(29) Na Nobiliarchia de Villasboas está *Çuniga;* porém n'outras obras encontramos *Cuniga.* Esta duvida só os interessados a poderão dicidir.

Vocabulario de Physica

OU

Definições dos termos de que se faz uso nesta Sciencia.

A

Aberração — Nome que se dá ao desarranjo apparente dos astros que é devido á ligeireza da luz.

Em termos d'optica, a aberração é a dispersão dos raios de luz que, partindo d'um objecto e atravessando um vidro d'oculo, em lugar de se irem reunir n'um mesmo ponto no foco, se espalhão n'uma pequena extensão, e formão por consequencia uma imagem um pouco confusa.

Ha duas causas d'aberração: a primeira é a esphericidade dos vidros ou dos espelhos; a segunda é a diversa refrangibilidade dos raios. — A primeira provém de que um vidro circular, tal como aquelles com que se fazem os oculos e os microscopios, não póde reunir n'um só ponto todos os raios de luz que atravessão os seus differentes pontos. — A segunda provém da decomposição de um feixe de raios que, atravessando um meio diaphano, se divide em differentes côres.

Absorpção — Funcção commum a todos os seres viventes, e a alguns corpos inorganicos. — Nos primeiros, esta funcção se opera exercendo sobre os corpos exteriores ou sobre a sua propria substancia, uma acção pela qual elles soffrem uma sorte de modificação tal, que, depois de passarem ao estado liquido, penetrão no seu interior, onde, depois de novas modificações, se assimilão. — Nos corpos inorganicos a absorpção é a faculdade que tem certos liquidos e solidos de se unirem aos gazes e aos fluidos tomando parte do seu estado. Assim a agoa se apossa dos gazes acidos, *hydrochlorico*, *hydro-sulfurico*, *amoniaco*, etc.; a *cal*, o *silex*, a *alumínia*, etc., tomão mais ou menos agoa, etc.

Accensão — Expressão pela qual os antigos chymicos designavão a inflammação espontanea da mistura de muitas substancias.

Achromatismo (sem côr) — Em optica, um composto de lentes concavas e convexas de differentes densidades, que corrige, nos objectivos dos oculos e microscopios aperfeiçoados, a differente refrangibilidade dos raios nocivos á clareza da imagem.

Acustica — Parte da physica que se occupa na theoria dos sons.

Aeriformes (fluidos) — Corpos fundidos no calorico, e que passárão ao estado gazozo.

Aerolitos, *meteorolitos*, ou pedras meteoricas — São pedras compostas de substancias metallicas e terreas, tendo um aspecto *sui generis*, um pezo especifico que varia de

3,352 até 4,281. — A crusta parece conter nikel; silice, etc. — Estas pedras cahem ordinariamente da atmosphera, do seio do meteóro luminoso.

Aeromancia — Arte de advinhar pelo estado do ar, e pela inspecção dos meteóros.

Aerometro — Instrumento inventado pelo Dr. Hal para fazer as correcções necessarias, quando se quer determinar o volume medio de um gaz.

Aerophobia — Estado de certos doentes que tem horror ao ar.

Aerostatos — Maquinas de papel ou de tafetá de fórma ovoide; as primeiras cheias d'ar dilatado pelo calorico, e as segundas de gaz hydrogeneo.—Estas maquinas, estando cheias de um fluido elastico mais leve do que o ar, se elevão na atmosphera, etc.

Affinidade — Os Chymicos a dividem em *affinidade d'aggregação* ou *cohesão*, e em *affinidade chymica* ou de *composição*.

Affinidade d'aggregação — Força que tende a unir as moleculas integrantes dos corpos, e a conservar esta união.

Affinidade chymica — Força que tende a unir e a conservar o estado d'união e de combinação das moleculas constituintes ou de naturezas differentes; e pela qual o novo corpo tem propriedades differentes das moleculas constituintes. — Assim, o acido sulfurico é muito acido, e a cal muito acre; todavia o sulfato de cal, que é o producto desta união, é insipido, etc.

Agente — Corpo susceptivel de dar lugar a uma acção chymica.

Aggregação — Reunião de muitas partes que formão um todo.

Aggregado — Moleculas similares unidas pela cohesão.

Agulha de marear — Instrumento contendo uma agulha magnetica propria para indicar os pontos cardeaes.

Alavanca — Dá-se este nome ás varas inflexiveis destinadas a vencer uma resistencia, e cuja força motriz é tanto mais consideravel, quanto mais affastada está do ponto d'apoio: ha-as de tres sortes.

Alcarazas — Vasos d'argila muito porosos, fabricados em Hespanha para refrescar a agoa. Os de Estremoz possuem esta propriedade em gráo superior.

Alcoolometro — Instrumento para conhecer a quantidade d'alcool absoluto contido em cem partes d'uma mistura d'agoa e deste licor.

Amalgama — União dos metaes com o mercurio.

Amplitude — E' a extensão d'um movimento ou de um arco de circulo descripto pelo pendulo.

Analyse — E' por este nome que se designão as diversas operações proprias para separar e conhecer os principios constituintes dos corpos.

Analectricos — Corpos não susceptiveis de se tornarem electricos pela fricção.

Anemometro — Instrumento para conhecer a força e a ligeireza do vento.

Anemoscopio — Instrumento para determinar a direcção do vento.

Angiscopio — Especie de microscopio simples.

Apparelhos — Instrumentos e utensilios usados nos gabinetes de physica e laboratorios de chymica para executar diversas operações.

Ar atmospherico — Massa gazoza que rodêa por todos os lados o globo terrestre, se eleva a uma altura desconhecida, e penetra nos abysmos os mais profundos; é o resultado d'uma mistura de 0,79 d'azote, 0,21 oxigeneo, e 0,01 d'acido carbonico.

Arco — Porção da circumferencia de um circulo.

Arco-Iris — Arco que apparece na atmosphera com as cores do espectro, que são devidas á decomposição que a luz branca experimenta penetrando em cada um dos globulos d'agoa de que se compõe uma nuvem.

Areometro—Instrumento graduado de maneira que, mergulhando-o em certos liquidos, fazem conhecer o seu pezo especifico.

Atmometro — Tal é o nome que se deu ao instrumento inventado por Mr. Leslie para determinar a quantidade d'humidade que se exhala de um corpo molhado, n'um tempo dado.

Atmosphera — Massa gazoza que envolve o globo, e que é formada de todos os corpos susceptiveis de ficarem no estado de gaz, no gráo de pressão e de temperatura debaixo do qual nós vivemos, n'um estado de mistura com o ar que lhe serve de vehiculo.

Atomos — Ultimas moleculas dos corpos, isto é reduzidas ao menor volume que se póde imaginar.

Attracção do iman — Faculdade que possue o iman de se pegar ao ferro pelo simples contacto.

Attracção molecular — Força que obra no ponto de contacto, e logo que as moleculas se tocão por assim dizer. — Toma o nome de *cohesão d'affinidade*, segundo tem lugar sobre moleculas homogeneas ou de natureza differente.

Attracção newtoniana ou *planetar* — Não tem lugar senão entre grandes massas, e a sua força está na razão directa das mesmas massas e do quadrado das distancias.

Attrito — Fricção mutua de dois corpos.

Axe — (Vide *Eixo*).

Azote — Gaz que entra na composição do ar por 0,79. — E' improprio á respiração e á combustão.

B

Balança electrica — E' propriamente fallando uma especie de electrometro.

Balança hydrostatica — Instrumento para determinar a densidade.

Balança de torção — Para dar a prova da attracção mutua dos corpos.

Banho electrico — Estado de uma pessoa isolada que communica, por meio d'uma corrente, com o conductor da maquina electrica posta em acção.

Barometro—Instrumento que indica a variação da pressão atmospherica pelo abaixamento ou elevação de uma columna de mercurio contida n'um tubo graduado, cujo pezo é igual ao da massa d'ar que envolve o globo. — Deve-se este instrumento a Toricelli, alumno de Galileo.

Baroscopio — O mesmo que barometro.

Bateria electrica — Reunião de muitas botelhas de Leyde que se põe em communicação.

Botelha de Leyde — Frasco de vidro cujo exterior é guarnecido até

3 quartos, d'uma folha d'estanho batido, e o interior está cheio, até á mesma altura, de folhas de ouro, prata ou cobre; mergulha-se uma varinha metallica que atravessa a rolha, e se termina por uma bola do mesmo metal.

Botelha de Ingenhoux — E' uma pequena botelha de Leyde, que se cobre de verniz, a fim de a garantir da humidade.

Bussola — Vêde *agulha de marear*.

C

Calor — Sensação que nos faz experimentar o calorico, procurando pôr-se em equilibrio com o nosso corpo.

Calorico — Fluido invisivel e imponderavel que tende a fazer passar os corpos solidos ao estado liquido, e estes ao estado gazozo, operando sobre as moleculas um effeito repulsivo.

Calorico especifico — O que é necessario para elevar um pezo igual dos corpos d'um mesmo numero de gráos debaixo da mesma pressão.

Calorico latente — Aquelle que, fazendo parte dos corpos, não é susceptivel de se determinar pelos nossos instrumentos.

Calorimetro — Instrumento por meio do qual se conhece o calor especifico dos corpos que se tem exposto á mesma temperatura que o calorico, que desenvolvem alguns outros pela combustão, etc.

Camera escura — Instrumento por meio do qual se vêem na parede as imagens invertidas, e que se podem ver direitas, vendo-as por um espelho situado horisontalmente.

Camera lucida — Nome que se dá a um prisma de vidro quadrangular por meio do qual se vê sobre um papelão situado horisontalmente a imagem dos objectos ambientes, de maneira que se podem desenhar.

Capillaridade — Movimento de ascensão attribuido a uma attracção á qual se dá o nome de capillaridade.

Centro — Ponto em que terminão todos os raios d'um circulo, ou d'uma esphera; ponto d'onde parte a força motriz.

Centro das forças parallelas — E' o ponto fixo pelo qual o resultante de duas forças parallelas passa, e sobre o qual ella volta quando acontece que estas duas forças mudão de direcção voltando á roda dos seus pontos d'applicação.

Centro de gravidade — Nome que se dá ao centro das forças parallelas quando se examina n'um corpo ou n'um systema de corpos, cujas moleculas são sollicitadas por forças que fazem entre si angulos inappreciaveis em razão da grandeza excessiva do raio terrestre.

Centro de movimento — Chama-assim o ponto á roda do qual um corpo executa os seus movimentos.

Chamma — Combustão viva das substancias gazozas com calor e luz.

Chromatica — Escala de musica que se compõe de dezeseis tons.

Chronometros — Instrumentos que servem para medir o tempo; taes são os relogios, etc.

Clepsydros — Relogios de que se servião antigamente para medir o tempo pela duração do corrimento da agua ou da arêa.

Cohesão — (Vêde Affinidade de aggregação).

Combustão — Combinação do oxigeneo do ar atmospherico com um

corpo combustivel que opera um desenvolvimento de calorico, e muitas vezes de luz ao mesmo tempo.

Commoção — Especie de estremecimento doloroso que nos faz experimentar uma descarga electrica.

Compensadores — Instrumentos que servem de corrigir as variações de comprimento dos pendulos que occasiona a elevação de temperatura.

Compressão — Força que tende a approximar as molleculas dos corpos.

Concavo — Diz-se da superficie interior d'um corpo ôco, sobre tudo se elle é circular.

Condensadores — Instrumentos taes como o vidro fulminante, a botelha de Leyde, etc., nos quaes se accumula o fluido electrico.

Condensação—Resultado da compressão ou d'uma subtracção de calorico.

Conductibilidade — Propriedade de que gozão certos corpos de dar passagem ao calorico e ao fluido electrico.

Cone — Em physica, *cone de luz* é um feixe ou reunião de raios de luz que, partindo d'um ponto qualquer d'um objecto visivel, vão, divergindo, cahir sobre a superficie d'um vidro d'um espelho ou da pupilla, de fórma que estes differentes corpos se tornão a base deste cone de luz.

Configuração — Esta palavra emprega-se particularmente em physica e em chymica, fallando das partes tenues e insensiveis que escapão á vista, *a configuração dos cristaes salinos.*

Consequentes (pontos) — E' assim que se chamão os polos no comprimento de uma agulha ou barra magnetica.

Contractibilidade — Approximação das molleculas dos corpos por subtracção de calorico.

Convergente — Os raios de luz convergentes são aquelles que, passando d'um meio para outro d'uma densidade differente, se quebrão approximando-se um do outro de tal sorte que se se prolongassem, se encontrarião n'um ponto do foco.

Convexo — Diz-se da superficie exterior de um corpo redondo em opposição á superficie anterior que é concava. — Os vidros convexos dos dois lados chamão-se lentes.

Corpos — Tal é o nome que se dá a tudo quanto é susceptivel d'obedecer ás leis da attracção. — Chamão-se *corpos ponderaveis* aquelles de que se póde determinar o pezo, e *imponderaveis* os que, como o calorico, luz, etc., não tem pezo algum.

Correntes electricas — Circulação duplicada de dois fluidos electricos d'um polo a outro, a saber, o fluido positivo circulando deste polo para o polo negativo e a do fluido negativo para o polo positivo, etc.

Cristallisação — Arranjo symetrico que tomão certos corpos.

Cristallomancia — Arte de ler o que ha de acontecer pelo exame das figuras que se fórmão sobre as superficies metallicas bem polidas.

Cuba hydro-pneumatica — Caixa cheia d'agoa destinada para recolher os gazes.

Cuba hydrargirio-pneumatica — Pia de marmore cheia de mercurio empregada para recolher os gazes soluveis na agoa.

Cursor — Instrumento de corrediças que serve para facilitar certas experiencias.

D

Declinação — Angulo que descreve a agulha magnetica com o meridiano.

Deliquescencia—Propriedade que tem certos corpos de se liquificarem absorvendo a agoa que se acha no ar.

Densidade — Designação dada á relação que existe entre os pezos dos corpos debaixo do mesmo volume.

Descarga electrica — União de dois fluidos, positivo e negativo, que dá lugar a uma explosão mais ou menos forte, etc.

Diametro — Chama-se assim a linha que atravessa um circulo passando pelo seu centro.

Diapasão — Instrumento metallico que, pela vibração, produz um som que serve de ponto de comparação em musica.

Diffracção — Desviamento que soffrem os raios luminosos na sua marcha.

Dilatabilidade—Affastamento das molleculas produzido pelo calorico ou por uma diminuição da pressão atmospherica.

Dioptrica — Parte da Physica que tem por objecto o estudo das propriedades da luz refractada ou dos effeitos que tem lugar quando ella atravessa meios que tem densidades differentes.

Dispersão — Divisão que soffre o fluido luminoso quando atravessa o prisma.

Divergente — O que se affasta de um centro commum.

Divisibilidade — Reducção dos corpos a particulas mais ou menos raras.

Duçtibilidade — Propriedade de que gozão muitos corpos de poderem estender-se por um meio qualquer; as suas molleculas escorregão umas sobre as outras tirando-se do seu lugar.

Dureza — Resistencia que oppõe as molleculas dos corpos á sua divisão ou á acção do choque.

Dynamometro—Instrumento para medir a força muscular comparativa do homem e dos animaes.

E

Ebullição — Passagem rapida de um liquido ao estado de vapor pela acção do calorico.

Echo — Reflexão dos sons por um corpo. — Dá-se tambem o mesmo nome ao lugar onde estas repetições se ouvem.

Echometro—Regoa graduada para medir a duração, os intervallos e as relações dos sons.

Ecran — Movel para resguardar do lume.

Elasticidade — Propriedade que possuem certos corpos de tornarem á sua fórma e volume primitivo, quando tem mudado por uma acção qualquer.

Elaterometro — Instrumento para medir approximativamente a densidade ou a rarefacção do ar que se acha debaixo do recipiente da maquina pneumatica.

Efflorescencia — Propriedade de que gozão muitos corpos de ceder ao ar toda ou parte da agoa que contém.

Eixo — Chama-se assim uma linha recta que se estende d'um ponto da circumferencia d'uma esphera a outra, passando pelo centro.

Electricidade — Nome generico que se dá á reunião dos phenomenos que apresentão certos corpos nos quaes se desenvolve, pelo contacto, a compressão, o calor ou a fricção, a faculdade d'attrahir ou repellir os corpos leves. — A maior parte das vezes este nome serve para designar o fluido electrico.

Electro-magnetismo — E' a electricidade produzindo effeitos magneticos.

Electrometro — Instrumentos por meio dos quaes se mede a electricidade com que os corpos são animados, e a natureza desta electricidade.

Electrophoro — Instrumento inventado por Wilck, que dá electricidade por influencia.

Electroscopio — O mesmo uso dos electrometros.

Elementos — Corpos ainda não decompostos.

Equador-magnetico—Grande circulo da esphera cujo plano é perpendicular ao plano do meridiano magnetico; a sua inclinação sobre o equador terrestre é de dez até doze gráos.

Eolipydos — Bollas metallicas ou de vidro, munidas d'um bico recurvado que termina n'uma sahida capillar.

Equilibrio — Repouso dos corpos operado pelo nivel das forças.

Equivalentes chimicos — Tal é o nome de que se servio Wallaston, para indicar o systema das proporções definidas nas quaes os corpos infinitamente pequenos se combinão, referindo-as todas a um corpo commum que se toma por unidade. Assim, o numero mais pequeno, ou o numero primeiro equivalente do oxigeneo, sendo exprimido por 1,00

Para hydrogeneo..... 0,125
fluor 0,575
carbone........ 0,750
phosphoro...... 1,500
azote.......... 1,750
enxofre........ 2,000
potassio........ 4,950, etc.

Esfregamento — Resistencia que oppõe ao movimento as asperezas de que as superficies dos corpos estão cheias.

Espaço — Extensão calculada ou indifinida.

Espectro solar — Imagem oblonga e colorida de luz decomposta, produzida sobre uma parede branca quando se faz cahir um raio solar sobre um prisma situado n'uma camara escura.

Espelhos — Vidro polido e estanhado por um lado, ou corpo metallico polido, cujas superficies são planas, concavas ou convexas, e as fórmas horisontaes, conicas, esphericas, etc. gozão da propriedade de reflectir os objectos.

Esphera d'actividade — E' o ponto onde cessa a acção sensivel d'uma força qualquer.

Espingarda de vento — Arma que lança a bala por meio do ar comprimido que toma a sua mola

Eudiometros — Instrumentos que servem para a analyse d'alguns gazes, e principalmente do ar atmospherico.

Evaporação — Conversão dos liquidos em vapores por meio do calorico ou do ar.

Excitador — Nome que se dá a um excitador destinado a operar as descargas electricas sem perigo algum.

Extensão — Espaço limitado ou

relativo que se póde applicar, mesmo pelo pensamento, a todos os corpos do Globo.

Extensibilidade—Propriedade de augmentar de volume.

F

Faiança—Louça de barro fino.

Fantasmagoria — E' a lanterna magica aperfeiçoada.

Fixidade—Propriedade de certos corpos de não se vaporizarem pela acção do calorico.

Flexibilidade—Faculdade de se dobrar.

Fint-Glass—Especie de cristal Inglez.

Fluidos—Synonymo de liquido.

Fluidos gazozos—Synonymo de gaz.

Fluidos elasticos—Idem.

Fluido electrico—Corpo imponderavel que não é conhecido senão pelos seus effeitos. Olha-se como composto de dois fluidos aos quaes se derão os nomes de *positivo* e *negativo*.

Fluido luminoso—Synonymo de luz.

Foco—Ponto onde se reunem os raios que as *lentes* e os *espelhos* recebem.

Fogo—Synonymo de calorico.

Fogo fatuo—E' assim que se chamão os jactos de chamma que se vêem de noite nos cemiterios e outros lugares onde se achão substancias animaes e vegetaes em decomposição.

Força centrifuga: ella tende a diminuir o pezo.

Força centipetra ou *central*—E' a força que junta com a ligeireza *lateral* ou *tangencial*, dá lugar ao curso dos astros.

Força electro-motriz—E' a que é devida á separação dos fluidos, positivo e negativo, por causas de tendencias particulares de que cada corpo goza.

Força motriz—A que tende a tirar o corpo do estado d'inercia ou de repouso.

Frangibilidade—Resistencia que oppõe as molleculas dos corpos quando se querem dilacerar.

Friabilidade—Facilidade que tem as molleculas de certas substancias de se separarem pela acção fraca d'uma força.

Fricção—(Veja-se esfregamento).

Frigorifico—Mistura de gelo ou neve com diversos saes, sobre tudo os hydro-chloratos de soda ou de cal, etc. destinada a diminuir a temperatura ou a congelar os licores que nella se mettem. Prepara-se um grande numero de misturas frigorificas como se poderá ver pela prática.

Frio—Sensação mais ou menos forte que se experimenta por uma subtracção maior ou menor de calorico.

Fulminante—Decomposição de certos corpos dos quaes um ou muitos principios passão ao estado gazozo tão rapidamente, que o choque, se opera contra o ar, dá lugar a um grande motim.

Fusão—Acto pelo qual os corpos solidos na temperatura ordinaria passão ao estado liquido pela acção do calorico.

Fuzil—Instrumento para obter lume.

G

Galactometro—Instrumento para conhecer o pezo especifico do leite e por conseguinte a sua qualidade

e a fraude dos vendedores; indicando a quantidade d'agoa que elles lhe deitão.

Galvanismo — Electricidade por contacto, descoberta por Galvani.

Gaz — Corpos reduzidos a vapores pelo calorico que lhes affasta as molleculas.

Gelo—Agoa solidificada por uma subtracção do calorico tal que a sua temperatura desce diversos gráos abaixo de zero. O gelo é incoloro, transparente, duro, tenaz, mais leve que a agoa, refractando fortemente a luz, e vaporisando-se ao ar livre.

Gleucometro — Instrumento para conhecer a quantidade de materia assucarada que contém o mosto.

Globo — Corpo espherico de vidro ou de metal. Chama-se *Globo terrestre* a terra, porque tem esta fórma, posto que um pouco achatada nos polos. Designão-se tambem pelo nome de *Globo terrestre* ou *celeste*, globulos de papelão, etc. sobre os quaes se achão representadas as diversas regiões da terra ou as constellações.

Globulo — Não obstante poderse dar a este nome diversas significações, emprega-se mais particularmente em physica e em chymica, para designar uma particula ou uma gota d'uma substancia.

Grao — Parte d'uma medida, d'uma qualidade, ou d'uma quantidade qualquer.

Gravidade — Causa em virtude da qual todos os corpos tendem a mover-se uns para os outros, não sendo impedidos por algum obstaculo ou outra força (veja-se attracção.)

Gravidade especifica — Synonymo de pezo especifico.

H

Harmonica — Instrumento de musica moderno.

Harmonia — Successão de sons á qual as leis da modulação dão lugar.

Helice — Linha traçada á roda de um cylindro em fórma de rosca.

Hemispherio — Meio Globo: chama-se assim a metade do Globo terrestre.

Horizonte — Grande circulo que corta a esphera em duas partes, uma superior e outra inferior. Tambem se chama assim o ponto onde o ceo e a terra parecem reunir-se.

Hydrogeneo — O mais leve dos gazes; um dos principios constituintes da agua e de uma classe de acidos chamados hydracidos.

Hydrometro —Vaso de vidro para conhecer o pezo especifico dos liquidos volateis corrosivos.

Hygrometros — Instrumentos para medir a humidade do ar e dos corpos.

Hygroscopio — Sorte d'hygrometro aperfeiçoado por Leslie.

I

Ignição — Estado dos corpos que se aquecem até se tornarem incandescentes.

Iman — Substancia ferruginosa conhecida pela propriedade de attrahir o ferro e o nickel, de lhes transmittir esta propriedade, e de ter polos que se dirigem para os polos da terra.

Impermeabilidade — Corpos atravéz dos quaes os liquidos não podem passar.

Impenetrabilidade — Propriedade dos corpos de não poderem occupar ao mesmo tempo o mesmo lugar.

Impulsão — Acção exercida por um corpo sobre outro, que depois se move ou tende a mover-se.

Incandescencia — Corpo aquecido a ponto de estar rubro e luminoso.

Incineração—Combustão dos corpos organicos para obter um residuo ao qual se dá o nome de *cinzas*.

Inclinação—Abaixamento do angulo d'uma agulha magnetica para o horizonte.

Inercia — Propriedade de que gozão os corpos de ficarem n'um estado de repouso, oppondo uma resistencia activa a todo o movimento.

Inflexão — Desvio dos raios luminosos na sua marcha.

Instrumentos — Meios mechanicos usados para diversas operações, etc.

Interferencias — E' por este nome que se designa a destruição dos raios luminosos e calorificos quando as suas vibrações cessão de concordar.

Isochronos — Movimentos que se operão ao mesmo tempo e em tempos iguaes.

Isoladores — Corpos que não são conductores de calorico.

L

Lagrimas batavicas — Gotas de vidro fundido que se deixão cahir na agoa, e que rebentão com explosão quando se quebrão.

Lampada de segurança de Davy. — Instrumento proprio a prevenir a inflammação dos gazes nas minas.

Lampada de gaz hydrogeneo — Instrumento pelo qual o gaz hydrogeneo se inflamma pondo-se em contacto com a esponja de platina.

Lanterna Magica —Instrumento com duas lentes, por meio do qual se representão em grande pequenos objectos.

Lente — Vidro convexo dos dois lados: tambem as ha concavas.

Liga—União de metaes pela fundição.

Luz — Fluido imponderavel que se suppõe emanar do sol e das estrellas fixas, e que se move em linha recta com uma ligeireza prodigiosa, e em fórma de raios, etc.

M

Machina d'Adwood—Destinada a demonstrar a lei d'acceleração da quéda dos corpos pezados.

Machina electrica — Instrumento que desenvolve o fluido electrico conhecido pelo nome de vitreo ou positivo.

Magnetismo — Em physica, é a reunião dos phenomenos devidos ao iman

Malleabilidade — Propriedade de certos corpos de se achatarem pela acção de um martello.

Manometro — Instrumento para medir a rarefacção do ar debaixo do recipiente da machina pneumatica, e a tensão do vapor na caldeira.

Manoscopio — Sorte de barómetro.

Massa — Quantidade especifica de materia dos corpos.

Materia — Tudo que affecta os nossos sentidos.

Megascopio —Modificação da ca-

mara escura. Ha duas sortes de megascopios, o lucernal e o solar.

Meteóros — Todos os phenomenos que se passão na atmosphera.

Meteorographia — Instrumento empregado nas observações meteorologicas.

Microgusticos—Chamão-se assim os instrumentos destinados a fazer ouvir os sons os mais fracos.

Micrometro — Instrumento para medir os objectos d'uma grande tenuidade. Empregão-se ordinariamente para medir os microscopios.

Microscopio — Instrumento simples ou composto que augmenta os objectos.

Mobilidade — Facilidade de sahir do estado de repouso.

Molleculas — Particulas dos corpos n'um estado de divisão extremo.

Molleza — Estado dos corpos cujas molleculas escorregão facilmente umas sobre outras.

Movimento —Transporte dos corpos d'um lugar a outro.

Myopia — Estado daquelles que, refractando mui fortemente a luz, não podem distinguir os objectos senão a pequena distancia.

N

Natureza —Em physica, designa-se por este nome a reunião dos seres que compõe o Universo e das leis que os regem.

Negativo — Fluido electrico que produz a resina pela fricção, etc.

O

Objectivo — Lente que concentra no seu foco os raios que recebe dos objectos.

Ocular — E' o vidro d'um curto foco por meio do qual o olho distingue mais em grosso a imagem produzida no foco do objectivo.

Oculos —Vidros circulares de superficie plana ou mais ou menos concava para fortificar a vista, e tornar a visão mais distincta.

Oculo de ver ao longe — Oculo que approxima os objectos affastados augmentando-os.

Odometro — Instrumento que indica o numero de passos que se dão marchando.

Opacos — Corpos que se não deixão atravessar pela luz.

Oscillação—Movimento d'um corpo suspenso a um ponto fixo, á roda do qual elle descreve um arco mais ou menos extenso.

Optica — Parte da physica que tem por objecto os phenomenos da visão, etc.

Orvalho — Gotinhas d'agoa em fórma de perolas que cobrem as plantas pela manhã no verão quando as manhãs são frescas; isto é, uma quantidade de particulas d'agoa subtilissimas que girão em um ar tranquillo e sereno, em fórma de vapores, as quaes, sendo condensadas pela frescura da noite, perdem pouco a pouco a sua agitação, unem-se muitas dellas, e cahem pela manhã em pequenas particulas insensiveis, como uma chuva mui subtil e miuda, que dura pouco, e se acha em gotas d'agoa como perolas em cima das plantas, etc., como acima fica dito.

P

Pachometro — Instrumento para medir a espessura dos vidros.

Pendulo — Pezo atado a um fio, a uma vara de ferro, etc.

Pezo — Força em virtude da qual todos os corpos tendem a dirigir-se para o centro do Globo pelo effeito da attracção.

Phosphorescencia — Luz sem calor que contraem certos corpos.

Photometro — Instrumento para medir a intensidade comparativa da luz.

Pilha galvanica — Differe da pilha de volta em que as chapas metallicas estão dispostas não umas sobre outras, mas ao lado umas das outras.

Pilha de volta — Chapas de zinco e de cobre soldadas servindo para desenvolver o fluido electrico por contacto. Cada chapa de zinco e de cobre reunidas tem o nome de par, etc.

Pistola de volta — Instrumento de physica cheio de gaz hydrogeneo e oxygeneo por meio dos quaes se póde lançar um projectil fazendo detonar estes gazes pela faisca electrica.

Pneumatica (Machina) — Instrumento para fazer um vacuo tirando o ar.

Polarização — Propriedade particular que possuem certos lados dos raios.

Polo — Extremidade de uma linha recta perpendicular a um plano circular, pelo eixo do qual ella passa.

Polyedro — Vidro com muitas facetas, plano d'um lado e convexo do outro, mas cuja convexidade é cheia de muitos planos. Este vidro multiplica a imagem d'um objecto que se examina atravéz da sua espessura.

Poros — Espaços entre as molleculas dos corpos.

Positivo (Fluido) — Desenvolvido do vidro pela fricção, é o que se chama vitreo.

Presbytas — Pessoas cujos olhos não refractão sufficientemente os raios luminosos.

Prisma — Corpo triangular de vidro ou de cristal, que refracta a luz, faz desviar os raios e os separa uns dos outros.

Projectil — Corpo destinado a ser lançado por uma força qualquer, notavelmente pela explosão da polvora.

Propriedades — Qualidades que pertencem a cada corpo em particular.

Pyro-electricos — Corpos susceptiveis de se electrisarem pelo calorico.

Pyrometros — Instrumentos para medir as altas temperaturas.

Pyrophoros — Substancia que se inflamma pelo contacto do ar.

Q

Quinta — As suas vibrações são para as do son fundamental como tres para dois.

R

Radical — Base dos corpos compostos.

Raio — Descarga do fluido electrico espalhado na atmosphera.

Raios luminosos — A luz é composta de sete raios de diversas côres. Achão-se situados na ordem seguinte e de cima para baixo: o encarnado, o alaranjado, o amarello, o verde, o azul, o indigo e o rôxo; o seu poder calorifico vai crescendo do rôxo para o encarnado; fóra o espectro, existem raios calo-

ricos mais quentes que elle, e depois do raio rôxo, sempre fóra o espectro, raios obscuros sem calor. Um grande numero de Physicos conhecêrão que a luz é composta de raios calorificos e chymicos.

Raios calorificos — O calorico radia e se espalha na razão inversa do quadrado da distancia, como a electricidade, a luz, e todas as acções centraes.

Rarefacção — Espaço maior que se faz occupar aos corpos. Sinonymo de dilatação.

Reagentes — Substancias empregadas nas analyses chymicas para conhecer os corpos por mudanças sensiveis que ellas lhe fazem soffrer.

Refractarios — Corpos não fusiveis ou que exigem uma mui alta temperatura para entrarem em fusão.

Reflexão — Volta da luz debaixo d'um angulo igual ao d'incidencia.

Refracção — Mudança de direcção que soffrem os raios luminosos quando cahem obliquamente d'um meio para outro cuja densidade não é a mesma, e que os approxima, ou os affasta da perpendicular, segundo que o meio é mais ou menos denso que o primeiro.

Relampago — Luz produzida pela faisca do raio.

Repouso — Estado d'inercia dos corpos.

Repulsão — Força em virtude da qual certos corpos ou as suas molleculas se repellem reciprocamente.

Repulsão Electrica — Ella se opera entre os corpos que contém o mesmo fluido.

Reservatorio commum — A terra é assim chamada, porque serve de reservatorio ao fluido electrico.

Resinosa (electricidade) — E' o fluido negativo.

Resistencia—Força necessaria para separar as molleculas dos corpos, e a que elles oppõem a pôr-se em movimento.

Resonancia — Communicação e conservação d'um movimento vibratorio.

Rotação — Movimento circular em virtude do qual um corpo volta sobre si mesmo.

S

Som — Serie de movimentos mui promptos e rapidos, distinctos e regulares, que são produzidos por um choque nas partes insensiveis d'um corpo elastico, etc. e que são percebidos pelo ouvido.

Sonometro—Instrumento que produz um som á união do qual se sobem todos os outros.

Statera — Balança que, pela flexibilidade da mola, indica o pezo dos corpos.

Syphões — Tubos recurvados que servem de transportar os liquidos d'um vaso para outro, fazendo o vacuo nestes tubos.

T

Telescopio—Instrumento que tem por objecto approximar, augmentando-os, os objectos situados longe de nós.

Temperatura atmospherica—Termo definido do calor sensivel indicado pela elevação ou abaixamento do thermometro.

Tenacidade — Propriedade que tem os fios metallicos de supportar pezos mais ou menos fortes sem quebrarem.

Tensão — Augmento de volumes dos gazes pela rarefacção.

Tensão electrica — Repulsão produzida pelo fluido electrico accumulado sobre um corpo.

Terça — Quando o som fundamental faz quatro vibrações, a terça faz cinco.

Thermometros—Instrumentos para medir o grão de calorico livre.

Thermoscopio e thermometro differencial—Instrumentos para tornar sensivel a differença de temperatura de dois meios.

Tons — Sons relativos e comparados.

Translucidos — Corpos que se não deixão atravessar senão fracamente pela luz.

Transparentes — Corpos que dão passagem á luz.

Trovão—Estrondo produzido por uma forte explosão electrica na atmosphera.

V

Vapores — liquidos passados ao estado de gaz, mas que tornão ao de fluido por um certo abaixamento de temperatura.

Vibração — Movimentos alternativos que se operão sobre as molleculas dos corpos; e que produzem, em certas circumstancias, diversos sons.

Vitrea (electricidade) — E' o fluido positivo.

Volateis — Corpos que se reduzem facilmente a vapores.

Volume — Extensão dos corpos ou espaço que elles occupão.

Z

Zona — Espaço do Globo terrestre contido entre os dois circulos parallelos ao equador.

Zimosimetro — Instrumento para conhecer o grão de fermentação d'um licor.

Fim do Vocabulario de Physica.

Errata.

A paginas 7 do Vocabulario de Physica leia-se:

Excitador — Nome que se dá a um instrumento que se compõe de um tubo de latão prezo a um tubo de vidro, guarnecido de uma cadêa de fio de latão pendente até á terra para tirar a faisca electrica sem perigo algum.

A paginas 8 leia-se: *Flint-Glass*, em lugar de *Fint-Glass*.

Advertencia.

Segundo a observação feita no N.° 9 do RECREIO, *deverão separar-se as ultimas 4 paginas dos N.°s 9 e 10 deste Jornal, assim como as do N.° 11, que contém o Vocabulario de Physica para se encadernar tudo junto, quer no fim do mesmo N.° 11, quer no do N.° 12 deste anno.*

N. B. O Vocabulario de Chymica, promettido em o N.° do RECREIO pertencente ao mez de Setembro ultimo, dar-se-ha juntamente com os do mesmo Jornal do anno de 1838.



Aos Senhores Assignantes.

As pessoas que subscrevêrão para o *RECREIO* nas lojas abaixo designadas, e quizerem continuar a sua assignatura, terão a bondade de a renovar por todo o mez de Dezembro deste anno, a fim de não soffrerem interrupção na remessa dos seus respectivos folhetos.

Os nossos leitores já tem tido tempo mais que sufficiente para ajuizarem dos melhoramentos que tem havido neste Jornal, tanto pelo que respeita ao papel e á boa escolha de artigos, como ao augmento e perfeição das estampas, que tanta honra fazem ao Sr. Antonio Carvalho de Lemos, que se tem constantemente encarregado dellas; e por isso não julga necessario o Redactor fazer novas promessas aos seus assignantes; lisongeando-se de que, assim como tem buscado desempenhar fielmente tudo aquillo a que se obrigou pelo novo prospecto annexo ao N.° 4 deste anno, assim tambem caprichará em tornar esta publicação cada vez mais interessante.

A assignatura é 1$440 réis por anno ou 12 Numeros, com as estampas em papel do costume; e sendo em papel velino de superior qualidade, 1$920 réis.

Subscreve-se em Lisboa, na loja de J. Henriques, rua Augusta N.° 1; José Maria Mendes, dita N.° 3; na rua dos Capellistas N.° 77 e 78; na loja de Bordalo, mesma rua N.° 20; Pedro José de Sant-Iago, rua do Ouro N.° 140; Francisco Xavier de Carvalho, ao Chiado defronte da rua de S. Francisco: — no Porto, na de José Garcia de Moraes, aos Passeios da Cordoaria; e José Joaquim Rodrigues dos Santos, rua dos Carrancas, N.° 2 e 3; e em Coimbra na da Imprensa da Universidade; declarando-se aos Senhores Assignantes das Provincias que continuarão a receber os seus folhetos, francos de porte, nas lojas aonde subscrevêrão.

Os Senhores Assignantes a quem faltarem alguns Numeros deste Jornal, podem manda-los receber, pelo preço de 120 réis, á rua dos Capellistas N.° 77 e 78.

O Redactor do *RECREIO*, para mostrar quanto está promplo a condescender com os desejos de um grande numero de Assignantes, que pertendem os seus figurinos illuminados, tem a honra de os prevenir que, de Janeiro de 1838 em diante, mandará colorir uma porção delles para esse fim, não exigindo, por accrescimo da assignatura em papel velino, mais do que 240 réis por anno, que é quanto justamente paga a quem se encarrega daquelle trabalho.

N. B. Devendo o Redactor deste Jornal regular, com alguma antecipação, a tiragem das estampas em papel velino e o numero de figurinos que deverá mandar illuminar, roga a todas as pessoas que desejarem umas ou outras, queirão declara-lo até o fim deste anno impreterivelmente, por isso que se não tirará maior numero do que aquelle que então houver de Subscriptores.

Vocabulario de Chymica.

OU

Definição dos termos de que se faz uso nesta Sciencia.

A

Absorpção — Se se faz passar o gaz acido hydrochlorico na agoa, esta agoa torna-se acidula, e diz-se então que se operou uma absorpção do gaz. Quando um gaz, combinando-se, perde as propriedades que tinha, neste estado diz-se que este gaz foi absorvido; porém não se emprega esta expressão, quando se não falla senão da condensação d'um gaz, pelo frio ou pela pressão.

Accensão — Termo de que os antigos chymicos fazião uso para denotar a inflammação repentina causada pela mistura de duas ou mais substancias.

Acetatos — Saes formados pela combinação d'uma base qualquer como o acido acetico.

Acidulos — Termo applicado á combinação natural d'alguns acidos com uma porção de base.

Aeriformes (fluidos) — São substancias fluidas combinadas com uma porção de calorico sufficiente para as fazer tomar a fórma gazoza.

Affinidade chymica — Faz-se uso desta palavra para designar a tendencia particular que tem differentes especies de materias para se unirem uma á outra, ou com porções de materia da sua propria especie.

Affinidade d'aggregação — Chama-se assim a força por meio da qual dois corpos da mesma especie tendem a combinar-se, e que dá lugar á formação d'um aggregado, sem resultar alguma outra mudança nas propriedades *chymicas* das substancias.

Affinidade de composição — Chama-se assim a força que determina a união de substancias d'especies *differentes*, e donde resulta um corpo cujas propriedades differem daquellas substancias antes da combinação — Esta especie de affinidade obra tanto mais energicamente quanto a natureza dos corpos entre que ella s'exerceo differe mais.

Agente — Chama-se assim toda a substancia que tem a propriedade de produzir uma acção chymica.

Agoa — E' o mais commum de todos os fluidos. E' composto de 85 partes d'oxygeneo, e de 15 partes d'hydrogeneo.

Agoa mãi — Designa-se assim a agoa que sobrenada na cristallisação dos saes, ou que fica depois de se terem formado todos os cristaes que uma substancia póde produzir. — Dá-se particularmente em Inglaterra o nome, de *bittern* á agoa mãi do sal marinho. Contém em geral sulfato de magnesia, e uma pequena porção de sulfato de soda.

Agoas mineraes — Applica-se esta denominação ás agoas naturaes

que estão impregnadas de mineraes e outras substancias; os mineraes tem-se, em geral, em dissolução pelos acidos carbonico, sulfurico ou hydrochlorico.

Aggregados—Dá-se este nome a substancias cujas partes estão unidas por cohesão, e não por attracção chymica.

Alambique — Deo-se algum tempo este nome a muitos apparelhos empregados pelos chymicos para as distillações; é nos *Elementos de Chymica* de Macquer que se acha a melhor descripção destes diversos instrumentos.

Argand (Lampada de) — Faz-se um grande uso em chymica desta especie de lampada estabelecida sobre o principio de um forno de vento. Produz assim um grande gráo de luz e de calor sem fumo.

Albumina — Nome pelo qual se designa a lympha susceptivel de se coagular. A Albumina é esta substancia animal particular que fórma o soro do sangue, a clara d'ovo e outros compostos.

Alcalis— São substancias particulares d'um sabor ardente e caustico, e que tem uma forte tendencia á combinação.—Pela sua união com os acidos, fórmão saes alcalinos sem causticidade.

Alcali volatil — E' por este epitheto que se destingue particularmente um dos alcalis conhecido hoje mais geralmente pelo nome de *ammonia.*

Alcool — Chama-se assim o espirito de vinho rectificado. O pezo especifico do alcool bem preparado não é senão de 0,836, sendo agoa = 1,000.

Alluvião—Por esta expressão se designão os depositos, o solo que foi formado por depositos produzidos pela destruição das montanhas, e a multidão das suas moleculas lavadas e arrastadas por torrentes de agoa.

Aluminium — E' a base pura da aluminia.

Amalgama—Chama-se assim uma combinação ou mistura de mercurio com qualquer outro metal.

Ammoniacaes (saes) — São o producto da união d'um acido com a ammonia ou *alcali volatil.*

Analyse — E' uma operação que consiste em reduzir uma substancia ás suas partes constituintes, a fim de poder examina-la.

Apparelho chymico — E' por este termo que se descrevem os utensilios de que se faz uso n'um laboratorio de chymica. Os principaes são alambiques, fornos, cadinhos, retortas, recipientes, cubas pneumaticas, thermómetros, etc.

Arcano duplicado — Nome antigo do sal que hoje se chama sulfato de potassa.

Arcômetro — Instrumento de vidro, com um pé graduado, tendo uma bola e servindo para fazer conhecer o peso especifico dos liquidos. E' um instrumento cuja escala está estabelecida em gráos centigrados, e de que se faz muito uso sobretudo em França.

Argila —Termo que empregavão os antigos para designar a aluminia ordinaria.

Argiloso —E' por este nome que se designão as terras que contém aluminia ou argila.

Aroma — Dá-se este nome distinctivo ao cheiro que s'eleva de certos vegetaes ou das suas infusões.

Arseniatos — Chamão-se assim os saes formados pela combinação de

uma base qualquer com o acido arcenico.

Assucar — E' uma substancia bem conhecida que se acha n'um grande numero de vegetaes, principalmente na canna do Brasil, etc. e em differentes partes das arvores ou plantas. — O assucar é composto d'oxygeneo, hydrogeneo e carbone.

Atmometro — Nome que se dá a um instrumento inventado pelo professor Leslie para medir a quantidade d'exhalação d'uma superficie humida n'um tempo dado.

Atmosphera — E' o termo que se emprega para exprimir o gráo de pressão addicional dada aos fluidos. Assim, quando, para impregnar agoa d'um gaz qualquer, eu produzo sobre este liquido uma pressão de 7 a 8 kilogrammas sobre 2 a 3 centimetros quadrados de superficie, figuro applicarlhe *uma* atmosphera, e será, se emprego 15 a 16 kilogrammas, um peso equivalente a *duas* atmospheras, etc. etc.

Attracção chymica — E' synonymo *d'affinidade*.

Azeite — E' uma substancia fluida bem conhecida; é formado d'hydrogeneo, d'oxygeneo e carbone.

Azote — Nome dado pelos chymicos francezes ao *nitrogeneo*, e que deve ser adoptado como o mais conveniente.

B

Ballão — E' assim que os chymicos francezes chamão os seus recipientes chymicos de fórma espherica.

Balsamo — Dá-se este nome a certas substancias resinosas que se obtem d'algumas arvores por incisões; taes como os balsamos do Canadá, de Copaíba, de Tolu, etc. etc.

Banhos — Tem-se chamado assim os vasos ou apparelhos por meio dos quaes o calor póde ser gradual e regularmente transmittido nas operações de distillação ou de digestão.

Banhos d'agoa ou *Banho-maria* — Dá-se este nome a vasos cheios d'agoa que se aquecem na ebullição, nos quaes se mettem outros vasos contendo naterias que devem distillar-se ou ser postas em digestão, com as vistas de manter o mesmo gráo de calor durante todo o tempo da operação.

Banhos d'arêa — São vasos cheios em parte d'arêa secca, nos quaes se situão as retortas que tem de passar por um gráo de calor superior ao da agoa fervente; nas grandes operações, servem-se, em lugar de vasos de capacidade, de chapas de ferro cobertas d'arêa, debaixo das quaes se põe o lume.

Barium — E' a base da terra chamada *barita*.

Barometro — Instrumento que indica a variação da pressão da atmosphera pela ascensão ao abaixamento d'uma columna de mercurio n'um tubo de vidro fixado a uma chapa graduada.

Base — Termo ordinario empregado em chymica para designar a terra, o alcali ou o metal combinado com um acido para formar um sal.

Benzoatos — Saes formados pela combinação de bases com o acido benzoico.

Betume — Termo generico que se applica a um grande numero de substancias inflammaveis.

Boratos — Saes formados pela combinação das bases com o acido borico.

Boro — E' o nome dado á base não decomposta do acido borico.

Botão — Chama-se assim a parte metallica que se acha no fundo d'um cadinho depois de ter operado a reducção d'uma mina metallica ou d'um oxido metallico.

C

Cadinhos — São vasos d'um uso indispensavel em chymica para as diversas operações de fusão por meio de calor. Fazem-se de terra cozida ou de metal de fórma de um cone invertido.

Cal — Antigo termo de que se servião para designar um oxido metallico.

Calcareo — Denominação que se applica á cré, ao marmore, e a todas as outras combinações de cal e d'acido carbonico.

Calcinação — Operação por meio da qual se applica o calor a substancias salinas, metallicas ou outras, para as despojar d'humidade, etc. e mante-las todavia debaixo da fórma pulverulenta.

Calcium — Basa não decomposta da cal.

Calibeadas ou *ferreas* — Agoas mineraes que estão impregnadas de ferro.

Calor de soldar — Designa-se assim o gráo de calor por meio do qual dois pedaços de ferro ou de platina podem unir-se, pela acção do martello.

Calorimetro — Instrumento por meio do qual se póde determinar a quantidade de calorico desenvolvido de qualquer substancia submettida á experiencia deste instrumento.

Calorico — Denominação pela qual se designa, em chymica, a materia do calor.

Calorico latente — Calorico que está unido chymicamente com uma substancia qualquer, tornando-se uma *parte* desta substancia.

Calorico livre — Calorico no estado isolado, ou que, estando ligado a outras substancias, não está *chymicamente* unido a ellas.

Camphoratos — Saes formados pela combinação das bases com o oxido camphorico.

Capillar — Termo para designar a ascensão da seve nos vegetaes, ou a ascensão dos fluidos em pequenissimos tubos. Movimento d'ascensão devido a uma especie particular de attracção, conhecida pelo nome de *attracção capillar.*

Caput-mortuum — O que fica n'uma retorta depois de uma distillação a secco.

Carbonatos — Saes formados pela combinação d'uma base com o oxido carbonico.

Carbone — E' a base do carvão.

Carburetos — Compostos de que o carbone faz uma das partes constituintes.

Carvão — Dá-se este nome ao que fica depois da combustão do páo em vaso fechado; é um oxido de carbone, e que contém geralmente uma pequena porção de saes e de terra. A materia carbonosa deste oxido póde converter-se, pela combustão, em gaz acido carbonico. — Dá-se tambem este nome ao residuo de qualquer distillação de materia animal ou vegetal secco.

Causticidade — Propriedade que tem certas substancias de queimar ou roer os corpos animaes a que se applicão. Esta propriedade explica-se melhor pela doutrina da affinidade chymica.

Cementação — Processo pelo qual

os metaes se purificão, ou experimentão mudanças nas suas qualidades pelo calor sem fusão; e por meio d'uma composição chamada *cemento* com que se cobrem. E' assim que deixando muito tempo ferro rodeado de pó de carvão, a um certo gráo de calor, se opera a conversão em aço.

Chloro — Substancia chamada antigamente *acido muriatico oxygenado.*

Chloruretos — Corpos compostos, formados pela união chymica d'uma substancia qualquer com o chloro.

Chromatos — Saes formados pela combinação das bases com o acido chromico.

Citratos — Saes que resultão da combinação d'uma base com o acido citrico.

Cohesão — Força inherente a todas as molleculas de todos os corpos, excepto a luz e o calorico, força que se oppõe a que os corpos cáião em pedaços.

Cohobação — Quando se põe de novo um liquido, passado pela distillação, sobre a materia donde tinha sido distillado, com as vistas de o tornar mais carregado desta materia, dá-se á nova distillação o nome de *cohobação.* — Este processo não é usado pelos chymicos modernos.

Colombatos — Saes formados pela combinação d'uma base com o acido colombico.

Combinação — Verdadeira união *chymica* de duas ou mais substancias, por opposição á simples mistura mechanica.

Combustivel—Susceptivel de combustão.

Combustão —Desenvolvimento simultaneo de calor e de luz, mais ou menos energico, que acompanha a combinação chymica. — Foi sobre esta hypothese de Lavoisier de que o calor e a luz erão devidos ambos ao gaz oxygeneo, contido no ar e outros corpos, que se estabeleceo a distincção dos corpos em *sustentos de combustão* e *combustiveis:* — esta classificação não é hoje admittida; porque uma substancia gosa muitas vezes das duas propriedades, sendo n'um caso *sustento de combustão em apparencia*, e n'outro caso, *combustivel*, porém em ambos os casos, a luz e o calor são devidos á mesma causa, e indicão sómente a energia e a rapidez com que a acção reciproca tem lugar.

Comminução, divisão, pulverisação — Reducção de corpos duros a pequenas molleculas; póde-se, por este meio mechanico, tornar as substancias mais pesadas capazes de fluctuar nos liquidos mais leves.

Concentração — E' o meio de augmentar o peso especifico dos corpos. — Applica-se ordinariamente esta expressão aos liquidos a que se dá força, evaporando uma porção da agoa que elles contém.

Condensação — Acto pelo qual se obrigão as partes constituintes d'um gaz ou d'um vapor a approximarem-se mais entre si, pela pressão ou pelo frio. — E' assim que o ar atmospherico póde ser condensado pela pressão, e o vapor aquoso, pela subtracção do seu calorico até se converter em agoa.

Corno (pedra de) —Deo-se o nome de pedra de corno ou *hornstein* a uma especie de pedra siliçosa, menos dura que o quartz.

Copella ou *copelha* — Vaso feito com cinzas d'ossos calcinados, misturadas com uma pequena porção

****

d'argila e d'agoa. — Servem-se destas copellas para a refinação do ouro e da prata, fundindo estes metaes com chumbo no processo chamado *copellação*.

Crescença. — Utensilio chymico adaptado e fixado ao collo d'uma retorta, para lhe augmentar o comprimento.

Cristal de rocha — E' o silex puro cristallizado.

Cristallisação — Operação da natureza, pela qual terras diversas dos metaes e das substancias metallicas passão do estado fluido ao estado solido, tomando certas figuras geometricas determinadas.

Cristallisação (agoa de cristallisação) — Chama-se agoa de cristallisação a porção deste liquido que se combina com os saes quando elles se cristallisão, e se tornão parte componente das substancias salinas.

Crysol — Vaso d'afinar metaes.

Cubas — Grandes vasos, geralmente de páo, destinados a fazer infusões, etc.

D

Deca — Expressão que designa dez vezes uma porção. — Assim decagramma quer dizer dez grammas.

Decantar — Acção de entornar um liquido que deixou deposito no fundo d'um vaso, inclinando-o.

Deci — Exprime na composição a decima parte de uma porção; assim um decilitro quer dizer a decima parte de um litro.

Decomposição — Separação, por meios chymicos, dos principios constituintes de corpos compostos.

Decrepitação — Decomposição repentina, com estallido e motim, de saes, quando se deitão n'um cadinho em braza ou no lume.

Deflagração — Combustão viva que tem lugar, quando se expõe nitrato de potassa a um forte calor, misturado com uma substancia inflammavel. — Attribue-se este effeito a que o oxygeneo se separa da sua combinação no nitrato de potassa para se transportar para o corpo inflammavel.

Deliquescencia de corpos salinos solidos — E' a tendencia que estes corpos tem a tornar-se humidos ou liquidos, por meio da agoa que elles absorvem do ar atmospherico, em virtude da sua grande affinidade para este liquido.

Depuração — Operação que consiste em separar no estado de pureza qualquer liquido das suas fezes ou sedimentos.

Desoxidação — Acto pelo qual uma substancia se apossa do oxygeneo da outra.

Desoxidar — E' despojar um corpo d'oxygeneo.

Detonação — E' uma explosão com estrondo; emprega-se mais ordinariamente este termo, para exprimir a explosão do nitrato de potassa, lançado sobre um carvão ardente.

Digestor de Papin — Apparelho destinado a reduzir promptamente a polpa ou geléa a substancias animaes ou vegetaes.

Digestão — Chama-se pór em digestão quando se deixa, para este effeito, uma substancia solida n'um liquido, como a applicação do calor.

Distillação — Processo por meio do qual se separão as partes volateis d'uma substancia, das que são mais fixas, mantendo-as umas e outras no estado de isolação.

Docimastica — Arte que consiste no ensaio dos metaes.

Ductilidade — Termo pelo qual se designa a propriedade de que gosão certos corpos de se poderem estender até um comprimento mais ou menos consideravel sem se quebrar.

Dulcificação — Usa-se deste termo para exprimir a combinação d'acidos mineraes com alcool.

E

Effervescencia — Movimento interior que se manifesta em certos corpos, e que resulta do desenvolvimento subito destes corpos, d'uma substancia gazoza.

Efflorescencia — Effeito que produz a acção do ar sobre cristaes salinos que, quando se deixão muito tempo expostos a elle, se tornão pulverulentos, em consequencia da perda da sua agoa de cristallisação.

Elasticidade — Propriedade dos corpos que a acção d'uma força qualquer exterior faz mudar de figura, e que, assim que esta força cessa d'obrar, tendem a tomar a fórma primitiva.

Elasticos fluidos — E' o nome que se dá algumas vezes aos vapores e aos gazes. — O vapor chama-se um fluido elastico; o gaz um fluido elastico *permanente*.

Electivas (attracções) — E' assim que Bergman e outros exprimirão o que nós chamamos hoje *affinidade chymica*. Quando os chymicos observárão, pela primeira vez, a faculdade d'uma substancia composta de decompôr outra, imaginárão que as molleculas de certos corpos tinhão *preferencia* para alguns outros corpos particulares; donde derão a esta propriedade da materia o nome d'attracção *electiva*.

Elementos — São as partes constituintes simples de corpos que não são susceptiveis de serem decompostos. — Chamão-se tambem muitas vezes *principios*.

Elutriação — Operação que consiste em misturar com agoa as minas metallicas e outras substancias pulverisadas, de maneira que as partes mais leves, podendo ficar em suspensão neste liquido e ser tiradas, sejão assim separadas das mais grosseiras. — E' o processo que se emprega na lavagem das minas, e por meio do qual se póde reduzir a maior parte das substancias metallicas a pó impalpavel.

Empyreuma — Cheiro particular e desagradavel que se faz sentir, quando materias vegetaes e animaes tem soffrido um certo gráo de calor em vasos fechados.

Eolipyla — Instrumento cujo uso é mui antigo, e que consiste n'um vaso de metal, em fórma de bola ou pera, provido d'um bico, ou canudo curvo com uma abertura muito estreita. — Aquecendo este vaso, depois de o ter posto meio d'agoa, o vapor deste liquido sahe produzindo um sopro violento, e trazendo comsigo uma corrente de ar capaz d'augmentar a intensidade do fogo sobre que se faz obrar o eolipyla.

Espatho — Nome que se dava antigamente a diversas pedras cristállisadas, taes como o espathefluor, o espatho adamantino, etc. — Estas pedras naturaes são hoje distinctas por nomes que indicão melhor a natureza de cada uma.

Espirito — Os antigos designavão por este termo todo o fluido volatil recolhido pela distillação.

Espirito de prova —Termo de que se servem, em Inglaterra, para indicar que espiritos ardentes tem a força de agoardente do commercio, ou são d'um peso especifico de 0,930, sendo o da agoa 1,000.

Essencias — São, em chymica e pharmacia, os oleos essenciaes obtidos por distillação das substancias vegetaes adoriferas.

Essenciaes (saes) — Substancias salinas que as plantas contém, e que, quando se faz a infusão destas plantas em agoa, são contidas em dissolução por este liquido. — Obtem-se depois por evaporação e esfriamento.

Estalactites — Chamão-se assim certas concreções pedregosas, ordinariamente calcareas, que se achão suspendidas nas abobadas de cavernas, em differentes fórmas, de vélas, tochas, canudos d'orgão, etc. — A formação destas diversas fórmas é devida á filtração da agoa carregada de terra calcarea atravéz das gretas das mesmas abobadas.

Esteatites — E' um mineral composto de silex, de ferro, de magnesia, etc. Este mineral é tambem conhecido pelos nomes de *cré de Briançon*, *cré de Hespanha*, e *pedra saponacea.*

Estratificação — Operação que consiste em situar corpos n'uma tal maneira entre si que possão obrar reciprocamente uns sobre os outros. E' assim, por exemplo, que, para converter o ferro em aço fundido, se põe alternativamente n'um cadinho uma camada de cemento, que é carvão, e uma camada de barras de ferro, e assim camada por camada.

Estroncium — Base não decomposta da terra chamada *estronciana.*

Evaporação — Conversão de fluidos em vapor, por meio do calor ou do ar. Este effeito não parece ser outra cousa mais do que uma dissolução de particulas aquosas, operarada por gráos na atmosphera, em virtude da attracção chymica do ar para a agoa.

Euchlorina — Deo-se este nome a um composto de chloro e oxygeneo, consistindo em 82 de chloro e 18 d'oxygeneo; poder-se-hia chamar este composto protoxido de chloro, visto que ha outros tres distinctos formados destas substancias gazosas, que contém cada um mais oxygeneo do que a euchlorina.

Eudiometro—Instrumento inventado pelo Dr. Priestly, para conhecer o gráo de pureza d'uma porção qualquer conhecida d'ar atmospherico chama-se a *eudiometria* a arte de determinar a proporção de gaz oxygeneo contido n'um ar.

Expressão — Distingue-se assim, em pharmacia, a operação pela qual se fazem escorrer os succos e os oleos das plantas por meio d'uma prensa. Servem-se tambem d'um termo similhante para distinguir os oleos expressos dos oleos *essenciaes*.

Exsiccação — Operação que tem por objecto tirar aos corpos a humidade que elles contém. Póde effectuar-se de duas maneiras pela exhalação de molleculas aquosas, ou por meio do calor ou do ar atmospherico, ou absorvendo a humidade com as substancias molles e esponjosas: é assim que os chymicos seccão, em ponto pequeno, as materias, espremendo-as entre duas folhas de papel pardo, e em maiores massas, estendendo as materias sobre um leito de carbonato de cal.

Extractos — Quando depois de se

terem tirado pelo alcool ou agoa, as partes soluveis de substancias vegetaes, se reduz a dissolução, pela evaporação, á consistencia de xarope, ou ao estado de pasta, este producto da evaporação designa-se pelo nome d'extracto.

F

Fermentação — Movimento particular espontaneo que se manifesta em todas as substancias vegetaes e animaes expostas durante um certo tempo, com o concurso de circumstancias favoraveis, a um gráo conveniente de temperatura.

Febrina — Substancia branca fibrosa que fica depois da lavagem completa do coalho do sangue. Esta substancia compõe-se principalmente de fibra muscular.

Figado — Tinha-se antigamente dado este nome a todas as combinações do enxofre com os alcalis e as terras, porque se parecião em geral, pela sua côr, com o figado dos animaes. Chamárão-se depois estas combinações sulfuretos, e é a sua denominação actual.

Filtração — Operação por meio da qual se purificão substancias liquidas separando as molleculas solidas, que ellas podem conter depositadas ou em suspensão. O filtro mais usado em chymica consiste n'uma folha de papel posta n'um funil depois de o ter dobrado convenientemente. — Mas para filtrar oleos, licôres espirituosos e outros de preço, o filtro que se emprega geralmente é um pouco d'algodão cardado que se faz entrar no tubo d'um funil de vidro.

Fixidade — Propriedade que tem certos corpos de supportar um grande gráo de calor sem se volatilizar: dá-se em chymica a estes corpos a denominação de corpos fixos.

Flores — Substancias solidas, seccas, reduzidas a pó pela sublimação. — E' assim que se obtem flores d'arsenico, de sal ammoniaco (hydrochlorato d'ammonia) d'enxofre, etc. que não são outra cousa mais do que arsenico, hydrochlorato d'ammonia e enxofre, não tendo soffrido alteração senão na sua apparencia.

Fluatos — Saes formados pela combinação d'uma base com o acido fluorico.

Fluidez — Termo que se applica a todas as substancias liquidas. Os solidos convertem-se em fluidos combinando-se com uma certa porção de calorico.

Fluxo — E' uma substancia que se mistura com minas metallicas ou outros corpos, para facilitar a fusão — E' assim que, pela mistura d'um alcali com silex, se fórma vidro.

Fornos — Utensilios e apparelhos de fórmas diversas, destinados ás operações que exigem calor.

Fornos de fusão — Estes fornos são estabelecidos para a fundição das minas e obter ferro, etc. — São construidos de maneira que o calor que produzem é muito augmentado pelo jogo dos folles que obrão poderosamente. A forja de um serralheiro é uma especie de forno de fusão.

Fornos de vento — São construidos de maneira que fazem um fogo forte sem que se lhes adaptem folles.

Fuliginosos — Certos vapores que se produzem nas operações chymicas, tendo a apparencia de fumo espesso.

Fulminação — Explosão acompa-

****

nhada de motim consideravel e rapido.

Fundição — Operação que consiste em pôr minas no estado de fusão para separar os metaes, que contém, do enxofre e arsenico com que estão misturados, e outras materias heterogeneas.

Fusão — Estado d'um corpo que, de solido que era na temperatura da atmosphera, se tornou fluido pela applicação do calor.

G

Gallatos — Saes formados pela combinação d'uma base com o acido gallico.

Galvanismo — Sciencia nova que offerece uma grande variedade de phenomenos resultantes de differentes conductores d'electricidade situados em diversas circumstancias de contacto, particularmente os nervos do corpo animal.

Ganga — Materia pedregoza que enche as cavidades e acompanha as minas nas veias metallicas.

Gaz — Todas as substancias solidas convertidas pelo calorico em fluidos elasticos permanentes; e distingue-se pela denominação de *gazoso* todo o corpo que tem a natureza e as propriedades de gaz.

Gazometro — E' o nome que se deo a diversos utensilios e apparelhos inventados para medir, recolher, conservar ou misturar os differentes gazes. Faz-se uso tambem de um apparelho desta especie para administrar remedios pneumaticos.

Gazometria — Sciencia da medida dos gazes; faz conhecer igualmente a natureza e as propriedades destes fluidos elasticos.

Gelatina — Geleia animal; esta geleia ou gelatina existe principalmente nos tendões e na pelle dos animaes.

Glucinium — Base pura da terra chamada glucina.

Gluten — Substancia vegetal que tem pouca similhança com a gelatina animal; é o gluten que, na flor da farinha, lhe dá a propriedade de fazer bom pão, e de formar uma massa viscosa; os outros cereaes contém uma quantidade muito menor desta substancia nutritiva.

Gommas — Exsudações mucilaginosas de certas arvores. — A gomma consiste em cal, carbone, oxygeneo, hydrogeneo e azote com um pouco d'acido sulfurico.

Gordura — Substancia animal oleosa concreta, composto *d'elaina* e *d'estearina*, segundo M. Chevreuil. A gordura rançosa e o sebo velho contém em geral uma porção d'acido cebacico.

Graduação — E' o meio de levar liquidos, pela evaporação, a um certo grão de consistencia, a fim de poder separar mais facilmente as substancias que elles contém em dissolução. — A graduação é tambem uma escala dividida em partes decimaes, ou qualquer outra regular.

Granulação — Processo que consiste em deitar um metal fundido em agoa para o reduzir a grãos ou granitos, para operar mais facilmente a dissolução. E' neste estado que os tintureiros mettem o estanho no acido conveniente antes de o dissolver.

Grão — O mais pequeno dos pezos de que se usa: o grão equivale, pouco mais ou menos, a meio decigramma.

Gravidade ou pezo — Proprieda-

de dos corpos, em virtude da qual se movem entre si proporcionalmente as suas *quantidades* respectivas de materia. E' em consequencia da gravidade ou pezo que os corpos tendem para a terra.

Gravidade ou pezo especifico — Esta differe da gravidade absoluta, em que ella é o pezo d'uma dada medida de qualquer corpo solido, ou fluido, comparado com o pezo da *mesma medida* d'agoa distillada. O pezo especifico se exprime geralmente em decimaes.

Grés — Especie de pedras de que se faz louça grosseira.

Grilhagem — Chama-se assim, em metallurgia, a operação preparatoria por meio da qual se desembaraça, dissipando-os, o enxofre, o arsenico, etc. das substancias com que um metal póde estar combinado.

H

Hecto — Designa cem vezes uma porção; assim hectolitro quer dizer cem vezes um litro ou cem litros.

Hepatico (gaz) — Chamava-se assim antigamente o hydrogeneo sulfurado, hoje gaz acido hydrosulfurico.

Hermeticamente — Emprega-se este termo para exprimir que o orificio d'um tubo de vidro está tão exactamente tapado, que o ar não póde ter accesso. — Como se tinha supposto antigamente que Mercurio era o inventor da chymica, tinha-se dito d'um tubo, de que se fechava a extremidade para as operações chymicas, que este tubo estava tapado hermetica ou chymicamente, o que se fazia ordinariamente fundindo a extremidade do tubo.

Hydratos — Substancias que tem formado com a agoa uma união tão intima, que se tornão solidas, e uma parte componente destas substancias. — Póde-se convenientemente dar o nome d'hydrato á cal temperada pela maneira ordinaria.

Hydriodatos — Compostos formados pela união de certas substancias com o acido hydriodico.

Hydrocarbonatos — Combinações de carvão com o hydrogeneo. Obtem-se distillando, do carvão molhado, gaz hydrocarbonatado.

Hydrogeneo — Substancia simples que constitue um dos elementos da agoa.

Hydrogeneo (gaz) — E' o hydrogeneo no estado d'união com uma grande porção de calorico. O gaz hydrogeneo é o mais leve de todos os gazes conhecidos, e é por esta razão que se faz uso delle para encher os aerostatos. — Chamava-se n'outro tempo *ar inflammavel.*

Hydrogeneos sulfurados — Combinação de certas bases com o hydrogeneo sulfurado.

Hydrometros — Instrumentos destinados a conhecer o pezo especifico dos licores espirituosos ou outros fluidos.

Hygrometros — Instrumentos que se empregão para determinar o gráo d'humidade do ar atmospherico.

Hyperoxigenado superoxigenado. — Servem-se desta denominação para designar as substancias combinadas com a maior quantidade possivel d'oxygeneo.

I

Incineração — Operação por meio da qual se queimão substancias vegetaes para obter as cinzas. Este

termo applica-se á queimadura das plantas que crescem á borda do mar para tirar o alcali mineral ou soda.

Inflammação — Phenomeno que tem lugar quando se misturão certas substancias. A mistura do oleo de terebentina com acido nitrico concentrado offerece um exemplo deste effeito chymico particular.

Infusão — Operação pela qual se obtem, por meio da agoa ou de outro qualquer licor, os saes, os succos, e outros principios ou partes vegetaes.

Intermedio — Corpo a que se tem recurso para operar a reunião de dois outros, o oleo, por exemplo, não póde unir-se á agoa senão quando tem sido, com antecedencia, combinado com um alcali; fórma então o sabão, e nesta operação, o alcali é considerado como o *intermedio* que dá lugar á união.

Ioduretos — Compostos formados por uma base com o *iodo*.

K

Kali — Nome dado pelos Arabes a um genero de plantas marinas que se queimão para se obter, depois de se ter feito a lexivia ás cinzas, o alcali mineral.

Kilo — Termo que na composição designa a cousa mil vezes, v. g. kilogramma quer dizer mil grammas.

L

Laboratorio — Lugar destinado para as operações chymicas e provido d'apparelhos e utensilios que lhe são proprios.

Laca — Dá-se este nome a certas cores que se obtem combinando a materia colorante da cochonilha ou d'alguns vegetaes, com a alumina pura, ou com oxidos d'estanho, de zinco, etc.

Lactatos — Saes formados pela combinação d'uma base com o acido lactico.

Lente — Vidro convexo d'ambos os lados, destinado a concentrar os raios do sol. Os Chymicos recorrem ao emprego da lente, para fundir substancias refractarias sobre que se não podem produzir estes effeitos pelos meios ordinarios do calor.

Liga — Combinação de dois metaes quaesquer, excepto o mercurio.

Liquefacção — Mudança d'estado d'um solido a liquido, operada pelas suas combinações com o calorico.

Lithargirio — Oxido de chumbo que parece estar no estado de vitrificação. Este oxido forma-se no processo de separar a prata do chumbo.

Litro — Medida de liquidos de um pouco mais de meia canada.

Lixiviação — Operação que consiste em dissolver um alcali ou um sal em agoa ou outro liquido, para mudar a agoa ou outros liquidos destas substancias.

Luto — Composição de que se usa para cobrir as retortas, para as impedir de se quebrarem quando se expõe a um forte calor. Faz-se tambem uso de luto para tapar as faltas que podem haver nas suas juncturas, nos diversos vasos que servem nas operações chymicas.

M

Maceração — Operação que consiste em manter um corpo solido n'um liquido, quando se quer amol-

lecer este corpo sem impregnar o liquido.

Magnesium — Base não decomposta da magnesia.

Malatos — Saes formados pela combinação d'uma base com o acido malico.

Malleabilidade—Propriedade que tem certos metaes de se estenderem e achatarem pela acção do martello sem se quebrarem; é devida provavelmente ao calorico latente.

Marciaes — Antigo termo para designar as preparações chymicas de ferro.

Matraz — Vaso redondo de collo mais ou menos longo de uso em chymica para fazer as digestões e macerações.

Matriz —Chama-se assim o leito em que se achão as minas metallicas, e em geral dá-se este nome a substancias pedregosas ou terreas que contém ou involvem outras que não são de natureza metallica.

Menstruo — Fluido em que um *corpo solido* se dissolve.

Metallurgia — Arte de tratar as minas, retirar os metaes e purifica-los.

Metro — Medida d'extensão. A decima millionesima parte do quarto do meridiano.

Millimetro — A millesima parte d'um metro.

Minas — Terras metallicas que contém differentes materias estranhas, taes como enxofre, arsenico, etc.

Mineral — Qualquer substancia de natureza metallica terrea ou salina, simples ou composta, se póde chamar mineral.

Mineralizadores — Epítheto que se dá ás substancias que estão combinadas com os metaes nas minas. — Taes são o enxofre, o arsenico, etc.

Mineralogia — Sciencia dos mineraes.

Minium — Chumbo no seu segundo gráo d'oxidação, isto é, no estado de deutoxido ou d'oxido vermelho. Chama-se tambem *chumbo vermelho.*

Mollecula — Ultima parte de materia que, não podendo ser decomposta por meio algum chymico, é considerada como principio ou elemento do corpo.

Molybdatos — Saes formados pela combinação de bases com o acido molybdico.

Mordentes — Substancias que tem uma affinidade para certas côres particulares.

Mucillagem — Materia glutinosa que existe em todos os vegetaes. — E' soluvel na agua, e não é atacada pelo alcool — E' composta de carbone, hydrogeneo e um pouco d'oxigeneo.

Mufla —Utensilio de terra cosida, da fórma d'um meio cylindro ôco, parecido com um barco coberto: emprega-se para cobrir as copelhas no forno d'ensaio, para impedir que o carvão cáia sobre o metal ou outra materia posta em experiencia.

Muriatos — Hoje *(hydrochloratos)* saes formados pela combinação d'uma base com o acydo hydrochlorico.

N

Natrão— E' um dos antigos nomes do alcali mineral ou soda.

Neutralizar — Effeito resultante da união de duas ou mais substancias a que se faz perder as suas pro-

****

priedades. Diz-se então que estas substancias estão neutralisadas.

Neutro (sal) — Substancia formada pela união d'um acido com um alcali, uma terra ou um metal, em proporções taes que a base e o acido se saturem reciprocamente.

Nitratos — Saes formados pela combinação d'uma base com o acido nitrico.

Nitrogeneo — Substancia simples chamada pelos chymicos francezes *azote*.

Nomenclatura chymica — Denominação methodica dos corpos, e indicativa das suas propriedades chymicas.

Todos os corpos, em chymica, estão divididos em dois ramos principaes, *corpos simples*, e *corpos compostos*. Os corpos simples ou elementos tem em geral uma etymologia grega ou latina; todavia alguns tem conservado uma denominação antiga e insignificante — Para designar um corpo composto reunem-se, abbreviando-os, os nomes destes elementos n'uma só denominação cuja terminação varia segundo a natureza do composto.

Composto acido — A sua denominação *acida*, seguida do nome do seu *radical* ou base acidificavel, termina em *ico* ou *oso*, segundo a maior energia do *principio acidificante*.

Se o oxigeneo não é o principio acidificante, o nome do radical é precedido da denominação abbreviada do principio acidificante, exemplos:

Acido sulfurico — Composto acido do *radical* enxofre e do *principio acidificante* oxigeneo.

Acido sulfuroso — Composto acido do radical enxofre e do *principio acidificante* oxigeneo, em menor quantidade do que no acido sulfurico.

Acido hydrosulfurico — Composto acido do radical enxofre e do *principio acidificante* hydrogeneo.

Acido hydriodico — Composto acido d'hydrogeneo e iodo.

Composto oxido — A sua denominação *oxido*, especificando a presença do oxigeneo sem acidificação, é precedida das abbreviaturas *proto*, *deuto*, *per*, indicativos da quantidade maior ou menor d'oxigeneo e seguida do nome da base oxidada, exemplos:

Protoxido de chumbo — Oxido de chumbo com a menor quantidade possivel d'oxigeneo.

Deutoxido de chumbo — Oxido de chumbo com mais oxigeneo que o protoxido.

Peroxido de chumbo — Oxido de chumbo com a maior quantidade possivel d'oxigeneo.

Composto sal — A sua denominação é formada do nome do *acido* terminado em *ato* ou *ito* (segundo este mesmo nome é em *ico*, ou *oso*) seguido do nome da base, exemplos:

Phosphato de cal — Sal formado d'acido phosphorico e de cal.

Phosphito de cal — Sal formado d'*acido phosphoroso* e de cal.

Quando a base de um sal é um oxido, conserva-se ao oxido a sua abbreviação especial, *proto*, *deuto*, *per*. *Protosulfato de ferro*, sal formado d'*acido sulfurico* e de *protoxido de ferro*. *Persulfato de ferro*, sal formado d'*acido sulfurico* e de *peroxido de ferro*.

Combinação (solida ou liquida nem acido, nem oxido, nem sal); a sua denominação, reunindo os nomes dos componentes, termina-se em *eto*, exemplos:

Sulfureto de phosphoro — Combinação d'enxofre e de phosphoro.

Phosphoreto d'antimonio —Combinação de phosphoro e antimonio.

Chlorureto de prata — Combinação de chloro e de prata.

Combinação (gazoza ou acida)— A sua denominação, reunindo os nomes dos componentes, termina em *ado*, exemplo:

Hydrogeneo carbonado—Combinação d'hydrogeneo e carbone.

O

Ocre — Deo-se este nome a diversas combinações de terras com o oxido ou carbonato de ferro.

Oxalatos — Saes formados pela combinação d'uma base com o acido oxalico.

Oxidação — Operação que dá lugar á combinação de qualquer substancia com o oxigeneo, mas n'um gráo sufficiente para produzir a acidez.

Oxido — Substancia combinada com o oxigeneo n'uma proporção que não basta para a pôr no estado d'acido.

Oxidar — Combinar o oxigeneo com um corpo sem o converter em acido.

Oxidos metallicos — Metaes combinados com o oxigeneo.

Oxigenação — Combinação com o oxigeneo.

Oxigenar —Unir uma substancia com o oxigeneo, qualquer que seja o producto.

Oxigeneo — Substancia simples formando a maior parte da agoa e uma porção do ar atmospherico.

Oxigeneo (gaz) — Ar vital, ou ar empyreo de Scheele, e o ar dephlogistico de Priestly.

Oxigeneo (gaz) — E' o oxigeneo posto em estado gazozo pelo calorico.

P

Partida — Separação do ouro por precipitação e por meio de reagentes, d'uma dissolução em que elle estava misturado com prata.

Pelicano — Alambique de vidro, d'uma só peça, com um capitel tubulado, donde sahem dous braços oppostos e recurvados, que entrão de novo na parte larga do vaso. Este instrumento, de que já se não usa, era destinado ás operações de cohobação.

Pellicula — Pequena crusta mui delgada que se fórma, á superficie das dissoluções salinas e outros licores, quando tem adquirido, pela evaporação, um certo gráo de força.

Phlogistico — Os chymicos antigos chamavão assim uma substancia imaginaria, que elles suppunhão ser uma combinação do fogo com alguma outra materia, e formar uma parte constituinte de todos os corpos inflammaveis, e de um grande numero d'outras substancias.

Phosphatos — Saes formados pela combinação d'uma base com o acido phosphoroso.

Phosphoretos — Compostos formados pela sua união com phosphoro.

Photometro — Instrumento imaginado para medir a intensidade comparativa da luz.

Pneumatica (cuba) — Vaso em parte cheio d'agua, ou de mercurio, destinado a recolher os gazes,

de sorte que se possão transportar d'um vaso para outro.

Potassium — E' a base metallica do alcali chamado potassa.

Precipitação — Processo chymico por meio do qual corpos dissolvidos, misturados ou suspendidos n'um liquido, se separão deste liquido, que posto assim em liberdade, elles abandonão dirigindo-se para o fundo do vaso.

Principios dos corpos — Esta expressão é synonyma de *elementos*.

Pulverisação —Operação que consiste em reduzir substancias duras a pó impalpavel.

Prussiatos hoje *hydrocyanatos* — Saes formados pela combinação de uma base com acido hydrocyanico.

Putrefacção — E' o ultimo grão de fermentação, pela qual os corpos organisados se decompõe.

Pyrites — Mineral que se acha em abundancia na natureza. — E' um sulfureto de ferro ou de cobre, com uma porção d'aluminia e de silex.

Pyrites marciaes — Especie de pyrites cuja base é o ferro.

Pyrometro — Instrumento inventado por *Wedgwood* para indicar os gráos de calor nos fornos e nos fogos intensos.

Pyrophoro — Substancia composta, que se accende pela admissão do ar atmospherico.

Pyroscopio — Instrumento inventado por *Leslie*, para medir a pulsão do ar, ou a intensidade do calor que dardeja continuamente do lume n'um quarto qualquer.

Q

Quartação —Termo que se applica, na refinação, a certas operações de partida.

Quartz — Nome dado a diversas terras siliçosas misturadas com uma pequena porção de cal ou d'aluminia. — Mr. *Kirwan* restringe a significação do termo quartz á especie de silex mais puro. — O cristal de rocha e a amethysta são especies de quartz.

R

Radicaes—Elementos dos corpos. *Radicaes compostos*. Quando a base d'um acido consiste em duas ou maior numero de substancias, diz-se que o acido é formado d'um radical composto.

Reagentes — Substancias que se juntão a aguas mineraes ou outros liquidos, para conhecer a sua natureza e composição.

Reagentes (papeis) — São papeis impregnados de certos reagentes chymicos, taes como o girasol, a curcuma, etc. para reconhecer a presença d'acidos ou d'alcalis.

Recipientes — São ballões, ordinariamente de vidro, adaptados ao collo ou ao bico das retortas, alambiques, e outros vasos distillatorios, para receber os liquidos que se obtem.

Rectificação — E' a operação de distillar segunda vez um liquido para o tornar mais puro ou mais concentrado.

Reducção — Operação por meio da qual restabelecem oxidos metallicos ao seu estado primitivo de metaes, o que se faz ordinariamente com carvão ou um fluxo.

Refinação — Processo que consiste em separar dos metaes perfeitos, por meio da copellação, outras substancias metallicas.

Refractarios — Metaes ou terras

que não são fusiveis, ou que exigem um grande gráo de calor para se fundirem.

Refrigerante —Toda a especie de utensilio que, contendo agoa fria, tem por objecto condensar o vapor ou gaz que se eleva na distillação.

Registros — Aberturas praticadas nas chaminés, ou outras partes de fornos chymicos, guarnecidas de portas corrediças; são destinados a regular a quantidade d'ar atmospherico admittida na chaminé, ou para fechar a communicação com a mesma chaminé.

Regulo — Substancia metallica pura despojada de todas as substancias estranhas.

Repulsão — E' o effeito que se oppõe a que as molleculas dos corpos estejão em contacto real. Este effeito resulta da acção do calorico que se chama poder repulsivo.

Residuo — O que fica n'uma retorta ou outro vaso depois d'uma distillação ou outra operação de que se obtiverão productos.

Resinas — Succos vegetaes tornados solidos pela evaporação. A propriedade caracteristica destes corpos é a sua solubilidade no alcool, quando a agoa não tem acção sobre elles.

Retorta —Vaso em fórma de pera, para a distillação.

Reverbero (forno de) — Forno composto como o forno ordinario, d'um cinzeiro e d'um fogão, porém tendo além disso um laboratorio por cima do fogão para pôr uma retorta, e terminado n'uma peça chamada cupola. Esta cupola tem por objecto o obrigar a chamma e o calor a rodear de todos os lados a retorta situada no forno, fazendo-a reflectir ou reverberar.

Revivificação—Syn.° de *reducção.*

Rosalgar — Oxido sulfurado vermelho d'arsenico.

S

Saccholactatos — Saes formados pela combinação d'uma base com o acido saccholatico.

Saes neutros—Substancias formadas pela combinação, até saturação, d'um acido com um alcali, uma terra ou outras bases salificaveis.

Saes triplos — Saes formados pela combinação d'um acido com duas bases ou radicaes.

Sal volatil—Carbonato d'ammonia.

Salificaveis (bases)—Todos os metaes, alcalis e terras que são susceptiveis de se combinarem com acidos e formar saes.

Salina — Toda a substancia que tem as propriedades d'um sal.

Saturação—Quando se empregna um fluido de qualquer outra substancia, de sorte que não possa embeber mais, diz-se saturado desta substancia.

Sebatos—Saes formados pela combinação d'uma base com o acido sebacico.

Sal duobus, *Sal polychresto* ou de *Glazer* — Nomes dados originariamente ao que hoje se chama sulfato de potassa.

Selenites — Sal existindo na agoa de nascente e que consiste em acido sulfurico e cal.

Semi-metal — Metaes que, sendo expostos ao fogo, não são nem malleaveis, nem ducteis, nem fixos.

Serpentino — Longo canudo em espiral, situado n'um vaso cheio d'agoa, para esfriar os liquidos durante a distillação.

Silicium — Base não decomposta

****

do cristal de rocha, ou da terra chamada silex.

Substancias simplices — Synonymos de *elementos*.

Sodium — Base metallica da soda.

Solubilidade — Caracter distinctivo da maior parte dos saes.

Solução ou *dissolução* — União perfeita d'uma substancia solida com um liquido.

Sublimação — Operação por meio da qual certas substancias volateis, elevadas pelo calor, se condensão depois pelo frio em fórma solida.

Sublimado — Nome d'algumas preparações mercuriaes.

Sulfatos — Saes formados pela combinação d'uma base com o acido sulfurico.

Sulfureto — Substancia que é sulfurada, quando se combina com o enxofre.

Sulfuretos — Combinações d'enxofre com as terras, alcalis e metaes.

Synthese — Quando se examina a composição d'um corpo, dividindo-o nas suas partes constituintes, este processo chama-se analyse, mas quando se quer provar a natureza d'uma substancia pela reunião dos seus principios, chama-se synthese esta operação.

T

Tartaratos — Saes formados pela combinação d'uma base com o acido tartrico.

Tinturas — Dissoluções de substancias nos menstruos espirituosos.

Temperatura — Gráo de calor que a quantidade absoluta de calorico livre occasiona a um corpo que se lhe expõe.

Tenacidade — Adherenaio d'uma substancia viscosa a outra, ou de molleculas homogeneas.

Terras siliçosas — Grande numero de substancias naturaes diversas, que são principalmente compostas de silex, taes como o quartz, etc.

Thermómetro — Instrumento destinado a medir o calor, e fundado sobre este principio que as expansões da materia são proporcionaes aos augmentos de temperatura. Ha-os de muitas sortes. O thermómetro de mercurio consiste n'um tubo de vidro ôco, hermeticamente fechado n'uma das suas extremidades, terminado na outra em uma bola. Enche-se esta bola de mercurio, e uma parte do tubo. Quando a bola está mergulhada n'um corpo quente, o mercurio se dilata e se eleva no tubo; mas se se mergulha a bola n'um corpo frio, o mercurio se contrahe, e desce no tubo. A subida do mercurio neste tubo mostra o augmento de temperatura, e o seu abaixamento, a sua diminuição; é pela quantidade que elle sobe ou desce que se determina a proporção d'um ou outro effeito.—Para facilitar a observação, o tubo é dividido n'um certo numero de partes iguaes chamadas gráos.

Os thermómetros *centigrados* de *Fahrenheit*, de *Réaumur*, não differem senão no numero em que o espaço entre a congelação e a ebullição está dividido.

Tinkal — Borax.

Trituração — Meio que se emprega em chymica para unir substancias pelo agitamento.

Tubulados. — Retortas ou outros vasos a que se applicão tubos.

Tutenagre — E' o mesmo que zinco.

U

União chymica — Quando se faz uma simples mistura de duas ou mais substancias, considerão-se como unidas mechanicamente, mas quando uma ou outra fórma uma parte componente do producto, ha então uma união chymica.

Ustullação—Preparação pela qual se separa o arsenico, o enxofre ou qualquer outra substancia de natureza volatil que acompanha o metal, e o mineralisa.

V

Vapôr — Exhalações que são susceptiveis de se condensarem e tornarem ao estado liquido na temperatura ordinaria da atmosphera.

Vazio — Espaço d'onde o ar atmospherico foi tirado por meios chymicos ou physicos.

Vidro — Dá-se este nome a alguns oxidos metallicos fundidos.

Vidro phosphorico — Substancia vitrea, insipida, insoluvel, que se obtem, fervendo acido phosphorico até á consistencia de xarope, e fundindo-a depois por um augmento de calor.

Vitriolos — Acido sulfurico.

Volatilidade — Propriedade que tem certos corpos para se dispôrem ao estado gazoso.

Volume — Espaço occupado por corpos gazosos ou outros.

W

Wolgram — Mina de tungstene que contém tambem oxidos de manganeze e de ferro.

Wouffle (apparelho de)—Apparelho que tem por objecto distillar, com pouca perda, os acidos mineraes, e outras substancias gazosas. Consiste n'uma serie de recipientes reunidos entre si por tubos.

Z

Zero — E' o ponto donde parte a escala de graduação de um thermómetro.

Fim do Vocabulario de Chymica.

Advertencia.

Segundo a observação feita no n.° 9 do ***RECREIO***, pertencente ao anno de 1837, deverão os encadernadores separar as ultimas quatro paginas de cada um dos 4 N.°s deste Jornal anteriores a este, e que contém o Vocabulario de Chymica, a fim de que o leitor o possa achar todo junto, quer no fim do N.° 5, quer no de N.° 12 deste anno.



Publicações Litterarias.

METHODO FACILLIMO PARA APRENDER A LER, TANTO A LETRA REDONDA COMO A MANUSCRIPTA, NO MAIS CURTO ESPAÇO DE TEMPO POSSIVEL.

2.ª Edição ornada de lindas estampas, e augmentada com algumas fabulas e varios proverbios. — Preço 100 réis.

O favoravel acolhimento que a primeira edição desta obra obteve, não póde deixar de lisongear sobremaneira seu author, que vio, com a maior satisfação, no curto espaço de seis mezes, extrahir, como por encanto, os tres mil exemplares de que ella se compunha; o que o animou a fazer nova tirada, de dez mil exemplares, com os accrescimos acima mencionados.

A mesma obra, que já se acha adoptada em todas as Casas d'asylo da infancia desvalida, e em grande numero de Aulas, tanto da Capital como das Provincias, contém, n'um volume de 96 paginas, impresso em bom papel e bonitos typos, os principios de leitura com alguns exercicios no fim de cada lição de syllabas; um grande numero de boas maximas, sentenças e pensamentos moraes para as creanças se exercitarem na leitura, tanto da letra redonda como da manuscripta; — a definição da Moral da Religião Christã, e da Moral em geral, muitas outras noções importantes, anecdotas, &c.

Vende-se, em Lisboa, na loja de J. Henriques, e nas mais do costume. — No Porto, na de José Garcia de Moraes, aos Passeios da Cordoaria, e José Joaquim Rodrigues dos Santos, rua dos Carrancas n.º 2 e 3; — em Coimbra, na loja de livros da Imprensa da Universidade.

MANUAL ENCYCLOPEDICO PARA USO DAS ESCÓLAS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

= *Preço* 480 *réis* =

Vende-se em todas as lojas aonde se acha o RECREIO.

Contém principios de Moral, Religião, Historia Natural, um Compendio de Grammatica Portugueza, de Arithmetica, Geographia, Historia de Portugal, Mythologia, noções sobre as Sciencias e as Artes, e outras muitas da maior utilidade.

Esta obra, primeira no seu genero que entre nós se tem publicado, é impressa em bom papel e bonitos typos, e adornada de grande numero de estampas.

Roga-se pois a todos os pais de familia, e ás pessoas encarregadas da educação da mocidade queirão examina-la, a fim de que, achando-a digna da sua approvação, a adoptem para uso dos seus educandos.


3 0000 093 560 864